

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Campus de Campo Grande

Tiaki Cintia Togura Faoro

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL: UM OLHAR SOBRE OS
ANOS INICIAIS DA LICENCIATURA EM DOURADOS

Dissertação apresentada à banca examinadora,
como requisito parcial para obtenção do título de
mestre em Educação Matemática, pela
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul –
UFMS.

Orientadora: Profa. Dra. Luzia Ap. de Souza

Campo Grande (MS)
2014

Tiaki Cintia Togura Faoro

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL: UM OLHAR SOBRE OS
ANOS INICIAIS DA LICENCIATURA EM DOURADOS

Dissertação apresentada à banca examinadora,
como requisito parcial para obtenção do título de
mestre em Educação Matemática, pela
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul –
UFMS.

Comissão examinadora

Profa. Dra. Luzia Aparecida de Souza
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Profa. Dra. Maria Ednéia Martins-Salandim
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Prof. Dr. José Luiz Magalhães de Freitas
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Campo Grande - MS
2014

AGRADEÇO....

Ao grupo HEMEP e IC-HEMEEP pelas contribuições e discussões que aconteciam em grupo sobre temas que me fizeram refletir e produzir esta pesquisa.

À minha pequena e grandiosa orientadora Luzia Aparecida de Souza, que muitas vezes me apoiou nos momentos difíceis que encontrei durante o mestrado, além, é claro, pelas ótimas orientações em todas as etapas desta pesquisa.

Aos professores depoentes: Abramo Loro Neto, Ana Maria Sampaio Domingues, Edmir Ribeiro Terra, Luiz Gonzaga Manzine, Odival Faccenda, Sidnei Azevedo, Valdir Brasil do Nascimento Junior e Luiz Antonio da Silva, pela colaboração e pela confiança em mim depositada.

Aos meus colegas de mestrado e, em especial, às minha amigas Cintia Melo e Edinalva Sakai que sempre me apoiaram em todos os momentos desses dois últimos anos.

E em especial à minha família, aos meus pais Takeshi Togura e Tereza Hemico Togura, aos meus queridos avós Yoshimichi Togura (*in memória*) e Mamoe Kushida Togura e minhas queridas irmãs Emi, Tiemi, Mieko e Miyuki.

Ao meu grande amor Caio Takeshi Togura Faoro, meu filho amado e companheiro. E ao meu esposo Rogério e minha sogra e amiga Bety, que sempre estiveram ao meu lado.

Obrigada a todos...

“Venho para somar. Somar ideias esforços. Recursos e dedicações. Para multiplicar as oportunidades de trabalho. Os bens e os empreendimentos. Para dividir as riquezas produzidas. Os benefícios colhidos. A glória e o sucesso das realizações.” Pedro Pedrossian (Governador do estado em 1971)

Resumo

Neste trabalho buscamos caracterizar o primeiro curso de formação de professores de Matemática da cidade de Dourados, de modo a caracterizar as movimentações que levaram à criação, implantação e estruturação do curso, os perfis do corpo docente e a estrutura física da Instituição. Utilizamos além das fontes escritas, entrevistas cedidas pelos primeiros professores do curso de habilitação e licenciatura em Matemática, com o objetivo de compreender o processo de implantação e do desenvolvimento do curso sob o olhar de cada entrevistado. Nos baseamos na metodologia da História Oral, que proporciona, por meio das entrevistas, a criação intencional de fontes que são fundamentais à investigação, sem desprezar nenhum outro tipo de fonte. A análise evidenciou três categorias: espaços e carências, corpo docente e organização curricular, que auxiliaram na compreensão do curso e apontaram para o movimento migratório como elemento articulador de políticas e educação na região da Grande Dourados.

Palavras-chave: História da Educação Matemática. História Oral. Formação de Professores de Matemática. Dourados / MS.

Abstract

In this work we describe the first training course for Mathematics's teachers of the Dourados city, in order to characterize the changes that led to the creation, implementation and structuring the course, faculty profiles and the physical structure of the institution. We use beyond the written sources, interviews granted by the first teachers of the course and qualification degree in mathematics, with the goal of understanding the process of implantation and development of the course from the perspective of each respondent. We are based on the methodology of oral history, which provides, through interviews, the intentional creation of sources that are critical to the investigation, without neglecting any other type of source. Thus, through the analysis of categories, we observe the notes of each interview, as well as the reasons for the creation of courses and faculty. The analysis revealed three categories: spaces and needs, faculty and curriculum organization, which helped in understanding the course and pointed to the migratory movement as articulating element of education and policies in the Grande Dourados region.

Key words: History of Mathematics Education. Oral History. Teacher's Training. Dourados city.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Presidente Ernesto Geisel assina a Lei da divisão de Mato Grosso em Brasília, em 11 de outubro de 1977	19
Figura 2 - Comemoração no centro de Campo Grande, após a assinatura da lei que dividiu o Estado de Mato Grosso uno.....	20
Figura 3 - Mato Grosso Uno.....	21
Figura 4 - Mato Grosso (verde) e Mato Grosso do Sul (amarelo).....	21
Figura 5 - Localização dos municípios pertencentes à região da Grande Dourados	32
Figura 6 - Inauguração do prédio do CPD, em 20 de dezembro de 1971	139
Figura 7 - Ligações de influência entre os municípios de MS - 1987	144
Figura 8 - Deslocamento dos professores das regiões marginais para o centro	152
Figura 9 – Estados e países de origem dos migrantes para o estado de MS.....	155
Figura 10 - Distribuição dos Centros Pedagógicos no estado de MS.....	157
Figura 11 - Localização geográfica dos estados de origem dos professores	158
Figura 12 - Mapeamento dos cursos de Formação de professores de Matemática nas décadas de 1970 e 1980.	165
Figura 13 - Migração interna no Brasil 1940/1950	181
Figura 14 - Migração interna no Brasil 1950/1960	181
Figura 15 - Migração interna no Brasil 1970/1980	182
Figura 16 - Principais Fluxos de Migração Intraestadual em Mato Grosso do Sul 1980/1991	183

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Tipo de arranjo familiar no estado de Mato Grosso do Sul 1970/1996	24
Tabela 2 - Escolaridade dos Chefes de família migrantes das microrregiões de MS - 1970 / 1996	24
Tabela 3 - Quantidade de professores atuantes na cidade de Dourados em 1966.....	27
Tabela 4 - Quantidade de professores atuantes na cidade de Ponta Porã e Fátima do Sul em 1966	28
Tabela 5 - Quantidade de professore atuantes em algumas cidades da região da Grande (Itaporã, Caarapó, Rio Brilhante, Naviraí e Maracajú) Dourados em 1966.....	28
Tabela 6 - Cursos de Licenciatura de Curta – 1º Grau/ 1978	29
Tabela 7 - Professores que se dispuseram a realizar a entrevista	50
Tabela 8 - Professores em exercício na região da Grande Dourados - 1971	140
Tabela 9 - População e Taxa de Crescimento Demográfico por Região de Mato Grosso do Sul 1970/1990.....	156
Tabela 10 - Primeira grade curricular do curso de Ciências com Habilitação em Matemática	166
Tabela 11- Primeira grade curricular do curso de Licenciatura em Matemática.....	172
Tabela 12 - Lista das Disciplinas Optativas	173
Tabela 13 – A Primeira grade com disciplinas semestrais	175
Tabela 14 - Grade Curricular utilizada a parti de 1993	177
Tabela 15 - Evolução do número de migrantes no Brasil 1940/1980	180

Lista de Gráficos:

Gráfico 1 - Pirâmide da faixa etária da população migrante no estado de Mato Grosso do Sul 70/80, 81/91 e 91/96.....	23
Gráfico 2 - População de Grande Dourados.....	141
Gráfico 3 - Extensão Territorial da Grande Dourados.....	141

Sumário

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 - O NASCIMENTO DE UM NOVO ESTADO E DESENVOLVIMENTO DE UMA ANTIGA CIDADE	18
1.1 Mato Grosso do Sul: em um novo caminho para o desenvolvimento	18
1.2 Focando...	22
CAPÍTULO 2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO METODOLÓGICA: ARTICULANDO LEITURAS, DELINEANDO UMA PERSPECTIVA	36
2.1 História, História da Educação Matemática e Formação de Professores	36
2.1 Faces da História Oral como ferramenta para a Historiografia	41
2.3 História Oral como metodologia de pesquisa.....	45
CAPÍTULO 3 - ENTRE-VISTAS: OLHARES E OPINIÕES.....	53
3.1 Luiz Gonzaga Manzine.....	53
3.2 Abramo Loro Neto	58
3.3 Edmir Ribeiro Terra.....	64
3.4 Odival Faccenda	68
3.5 Ana Maria Sampaio Domingues.....	77
3.6 Luiz Gonzaga Manzine e Odival Faccenda.....	83
3.7 Sidnei Azevedo de Souza	115
3.8 Luiz Antonio da Silva.....	120
3.9 Waldir Brasil do Nascimento Junior	131
4. FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA EM DOURADOS: UM PRIMEIRO OLHAR SOBRE A UFMS.....	135
4.1 Espaços e Carências: a urgência na estruturação do primeiro curso de formação de professores de matemática em Dourados	136
4.2 Corpo Docente: características, atuação e movimentos	153
4.3 Orientações para uma organização curricular	163
5. A MIGRAÇÃO COMO EIXO CONDUTOR: O NASCIMENTO DE UM CURSO DE MATEMÁTICA.....	180
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	187

APÊNDICE	192
A - Roteiro da entrevista.....	192
B - Unidades de Significado.....	194
C - Carta de Cessão	201
D - Transcrição da entrevista.....	210
ANEXO	223
A - Relatório Organizado pela UEMT.	223
B – Resolução 074/85 - COEPE.....	234
C – A primeira Grade Curricular do Curso de Licenciatura em Matemática da UFMS – Campo Grande 1981	235

INTRODUÇÃO

Durante a graduação em Licenciatura Plena em Matemática pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul em Dourados, pude desenvolver e apresentar o trabalho de conclusão de curso – TCC que envolvia Cálculo, Geometria e Biologia, intitulada “A geometria das abelhas” que foi defendida em novembro de 2010.

Resolvi fazer a seleção do mestrado em Educação Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e, na temática do TCC, propus uma carta de intenções. Ao ser aprovada, a professora Luzia Aparecida de Souza sugeriu-me o desenvolvimento de um trabalho historiográfico para compreender o processo de criação, implantação e desenvolvimento do curso formador de professores de Matemática de Dourados por meio da metodologia da História Oral. Aceitei a proposta devido ao meu interesse pelo tema sugerido, em buscar compreender o processo de formação de professores de minha cidade natal, utilizando a metodologia da História Oral e suas potencialidades.

A pesquisa está vinculada ao Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa- HEMEP- e visa contribuir para um mapeamento que, nos últimos dez anos no GH OEM – Grupo de História Oral e Educação Matemática, objetiva compreender os movimentos de implantação e efetivação de cursos formadores de professores que ensinam Matemática no país. O Grupo HEMEP é coordenado pela professora doutora Luzia Aparecida de Souza e apresenta uma parceria com o GH OEM no projeto de mapeamento no Mato Grosso do Sul em projeto aprovado pelo CNPq- Conselho Nacional de Pesquisa.

Esta nossa pesquisa insere-se, assim, no campo da História da Educação Matemática brasileira, sendo que, neste trabalho, estaremos nos referindo à constituição do curso de formação de professores de Matemática de Dourados - Mato Grosso do Sul, a partir de 1980. O objetivo principal deste trabalho é compreender o processo de criação e desenvolvimento do primeiro curso de formação de professores de Matemática de Dourados, por meio de documentos escritos e do registro dos depoimentos das pessoas que se envolveram neste processo.

Em meados da década de 1960, a cidade de Dourados passou por grandes mudanças como, por exemplo, o aumento da população, o crescimento econômico e a

preocupação com o desenvolvimento educacional da região. Com o passar do tempo, aumentou a procura por escolas para as crianças e, com isso, a necessidade de criar novas escolas. Essa, entretanto, não era uma necessidade simples de se suprir devido à falta de professores, em distintos níveis, na região.

Com a criação de novas escolas para as crianças, e a escassez de professores para lecionar nas distintas disciplinas da grade curricular do ensino básico, o governo resolveu qualificar¹ novos professores. Criaram os centros pedagógicos, inicialmente com os cursos de Letras e Estudos Sociais, posteriormente, outros cursos foram implantados como Ciências com Habilitação em Matemática e Licenciatura em História, Geografia, Matemática e entre outros, mas a responsabilidade de formar esses futuros professores, de quem seria?

Neste sentido, buscamos compreender os perfis desses docentes que foram responsáveis pela criação, implantação e desenvolvimento do curso de Matemática em Dourados/MS, bem como a estrutura física da instituição, a procura pelo curso, grade curricular e objetivo de sua criação. Assim, foi possível construir um cenário em que o curso de Matemática estava inserido, apontando indicativos a partir das fontes orais e escritas, fundamentadas na metodologia da História Oral.

No decorrer da pesquisa, desenvolvemos um trabalho na disciplina do mestrado, Fundamentos Históricos e Epistemológicos da Matemática, onde realizamos um breve estudo sobre o EBRAPEM², na tentativa de buscar trabalhos que discutissem sobre a história da formação de professores. Neste notamos que o Grupo História Oral e Educação Matemática – GHOEM se destacou com suas publicações no período de 2007 a 2011. Vale salientar que o GHOEM utiliza a metodologia da História Oral no desenvolvimento de projetos ligados ao mapeamento da formação de professores que ensinam Matemática pelo Brasil, mas este não é seu único projeto.

Dentro desta perspectiva de realizar o mapeamento da formação de professores de Matemática no Brasil, em uma rápida busca pelo significado da palavra “mapear” no

¹ Promover uma formação em nível superior em áreas distintas, em particular, discutiremos a formação de professores em Matemática.

² Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática. É Um evento realizado anualmente em diferentes instituições pelo Brasil, desde 1997.

dicionário Michaelis³, temos que mapear é “distribuir sobre uma superfície plana os contornos geográficos de determinada região”. Dentro do campo da historiografia da Educação Matemática, segundo Garnica (2010), realizar um mapeamento da formação de professores, significa buscar formas para compreender esse processo, afirmando que a ideia de realizar um mapeamento da formação de professores nos remete a criar um cenário plausível. Desta forma, iremos mapear a formação de professores de Dourados para compreendermos o processo de criação, implantação e efetivação do primeiro curso de formação de professores de Matemática oferecida pela UFMS do campus de Dourados. Nesse sentido, Garnica (2010) julga que o mapeamento possui uma composição rica de pluralidades, ao qual podemos analisar por meio das narrativas produzidas a partir dos depoimentos dos (ex) professores, indícios que podem nos ajudar a compreender “as infinitas e profundas entrelinhas dos registros escolares”. Contudo, este projeto de mapeamento é complexo e é pensado a longo prazo, não havendo uma perspectiva de encerramento.

Desta forma, estudamos algumas pesquisas já concluídas e que realizaram o mapeamento da formação de professores de Matemática no Brasil, valendo-se da metodologia da História Oral. Nos aproximamos, nesse sentido, de uma dissertação e três teses: Cury⁴ (2007), Cury (2011)⁵, Martins-Salandim⁶ (2012) e Fernandes (2011)⁷, respectivamente.

Cury (2007) desenvolveu sua dissertação, intitulada “Uma Narrativa sobre a Formação de Professores de Matemática em Goiás”, com o objetivo de contar, por meio de uma análise narrativa, uma história sobre o processo de institucionalização dos cursos de nível superior que formavam professores de Matemática no estado de Goiás. Para

³ Fonte: <http://uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=mapear>

⁴ Cury, F.G. Uma Narrativa sobre a Formação de Professores de Matemática em Goiás. Disponível em: http://www.ghoem.com/textos/h/dissertacao_cury.pdf. Acessado em: 19 maio de 2012.

⁵ Cury, F.G. Uma História de Formação de Professores de Matemática e das Instituições Formadoras do Estado do Tocantins. Disponível em: http://www.ghoem.com/textos/h/dissertacao_cury.pdf. Acessado em: 17 julho de 2012.

⁶ Martins-Salandim, M.E. A Interiorização dos Cursos de Matemática no Estado de São Paulo: Um Exame da Década de 1960. Disponível em: http://www.ghoem.com/textos/h/tese_martins_salandim.pdf. Acessado em: 9 de julho de 2012.

⁷ Fernandes, D.N. Sobre a Formação do Professor de Matemática no Maranhão: Cartas para uma Cartografia Possível. Disponível em: http://www.ghoem.com/textos/h/tese_dea_fernandes.pdf Acessado em: 9 de julho de 2012.

compreender esse processo, usou documentos escritos e, principalmente, depoimentos de (ex) professores e (ex) alunos que estavam, de uma forma ou outra, ligados ao desenvolvimento dos cursos. Cury buscou por informações sobre o processo inicial de formação dos professores de Matemática, o perfil docente e discente, as principais motivações que geraram a criação do curso, a procura pelo curso e as movimentações políticas. Tentando caracterizar um cenário em que o curso estava inserido, Cury valeu-se da história oral enquanto metodologia de pesquisa.

Cury⁸ (2011), em sua tese intitulada “Uma História da formação de professores de Matemática e das instituições formadoras do estado de Tocantins”, busca esboçar e analisar os primeiros cursos de formação de professores de Matemática no estado de Tocantins, por meio de documentos escritos e depoimentos das pessoas que participaram da implantação e do desenvolvimento dos cursos. Cury levantou informações acerca do perfil dos discentes e docentes dos primeiros cursos, da estrutura física das instituições de ensino, das questões políticas que permeavam a região em meados da década de 1980 e tentou identificar quando surgiram as primeiras discussões sobre a criação dos cursos de formação de professores de Matemática e com que objetivos foram criados e implantados no estado de Tocantins.

Martins-Salandim (2012), em sua tese “A Interiorização dos Cursos de Matemática no Estado de São Paulo: Um Exame da Década de 1960”, buscou analisar o processo de movimentação para a criação, implantação e desenvolvimento das instituições que ofereciam os cursos de formação de professores de Matemática nas cidades interioranas de São Paulo na década de 1960. Para desenvolver a pesquisa, apoiou-se em fontes orais e escritas. Neste sentido, a autora achou conveniente utilizar como metodologia de pesquisa, a História Oral que lhe permite utilizar as narrativas produzidas a partir das entrevistas, que foram realizadas com as pessoas que participaram direta ou indiretamente do processo de movimentação de implantação dos cursos. As análises dos dados foram realizadas em duas etapas, por meio das singularidades e da convergência dos dados que revelaram um processo de movimentação e de expansão dos cursos de Matemática pelo interior do estado de São Paulo complexo e, em seus termos, multifacetado.

⁸ Fernando Guedes Cury desenvolveu sua tese pela UNESP de Rio Claro – disponível em: www.ghoem.com

Fernandes (2011), por sua vez, buscou em sua tese “Sobre a Formação do Professor de Matemática no Maranhão: Cartas para uma Cartografia Possível”, implementar uma forma diferenciada, estruturando as discussões em cartas. Sua pesquisa buscou registrar os acontecimentos históricos que proporcionaram o desenvolvimento do processo de formação de professores de Matemática no estado do Maranhão, por meio de uma encenação de diálogos, sendo exposto por trocas de cartas com um personagem fictício. Baseou-se tanto em fontes orais quanto escritas, baseada na metodologia da História Oral que permitiu compreender o cenário em que os cursos de formação de professores de Matemática do Maranhão estavam inseridos.

Desta forma, a parceria⁹ tem sido muito produtiva, tanto pela possibilidade de participação em eventos específicos, quanto pela troca de experiências. Acredito que a minha pesquisa irá contribuir com o mapeamento dos cursos de formação de professores de Matemática do Brasil, com os estudos desenvolvidos no estado de Mato Grosso do Sul, focando a região da Grande Dourados¹⁰.

Estruturamos nossa dissertação em quatro capítulos, que apresentaremos a seguir, visando discutir nossa pesquisa articulando a busca por documentos, revisão de literatura, metodologia utilizada e as análises sobre as três temáticas que surgiram a partir dos depoimentos.

No primeiro capítulo realizamos um breve estudo histórico da criação do estado de Mato Grosso do Sul e levantamos algumas informações sobre o que estava acontecendo na região da Grande Dourados em meados da década de 1980 de modo a retratar as questões políticas, econômicas e educacionais daquela população. Buscamos articular as poucas informações que tivemos sobre o processo de criação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e sobre o surgimento da Universidade Federal da Grande Dourados, sendo esta instituição responsável pelo atual curso de Matemática cuja implantação iremos pesquisar.

⁹ Me refiro a participação nos grupos de pesquisas e, principalmente, ao curso de pós-graduação em Educação Matemática da UFMS.

¹⁰ Essa região compreende os municípios de Dourados, Itaporã, Maracaju, Rio Brillhante, Nova Alvorada do Sul, Douradina, Deodápolis, Glória de Dourados, Fátima do Sul, Vicentina, Caarapó, Juti, Jateí, Antônio João, Ponta Porã, Aral Moreira, Laguna Carapã, Amambai, Coronel Sapucaia, Paranhos, Sete Quedas, Tacuru, Japorã, Mundo Novo, Eldorado, Iguatemi, Itaquiraí, Naviraí, Ivinhema, Novo Horizonte do Sul, Taquarussu, Baitaporã, Anaurilândia, Bela Vista, Bataguassu, Nova Andradina e Angélica.

No segundo capítulo apresentamos algumas reflexões teóricas e metodológicas que fundamentaram o desenvolvimento de nossa pesquisa. Neste momento, além de delinear alguns pressupostos historiográficos, buscamos justificar nossa escolha pela metodologia da História Oral e apresentar seus procedimentos para a produção intencional de fontes.

O terceiro capítulo apresenta as entrevistas já estruturadas como textualização. Trata-se de nove narrativas de professores da instituição envolvida. Estas foram elaboradas a partir das transcrições das entrevistas (apresentadas em anexo)¹¹ e, apesar de já se constituírem como um documento distinto daquelas, colocam pesquisador e entrevistado sob as vistas dos leitores desta pesquisa.

No quarto capítulo realizamos uma análise da temática dessa investigação à luz dos documentos¹² mobilizados. Para estruturar essa análise, nos colocamos em um exercício de estudo de cada narrativa para identificar frases, parágrafos ou ideias significativas ao nosso objetivo. A partir desse movimento, foram indicadas possibilidades de categorias temáticas a partir das quais o curso, aqui em estudo, é narrado por esses professores. Desse modo, pretendemos compreender os processos de criação, implantação e desenvolvimento do curso de formação de professores de Matemática em Dourados.

Finalizamos a dissertação com algumas considerações sobre possíveis articulações das categorias apresentadas anteriormente. Trata-se de um olhar mais específico para o movimento migratório que marca as narrativas sobre a constituição de um curso de formação de professores de Matemática de Dourados.

¹¹ Estão disponíveis em apêndice as cartas de cessão, assinadas pelos entrevistados, que autorizam a mobilização dos documentos produzidos nessa pesquisa por outros pesquisadores.

¹² Estes documentos são oriundos do Centro de Documentação Regional (UFGD), Biblioteca Pública Municipal Anna Luiza Prado Bastos (Horto Floresta de Campo Grande), Arquivo Histórico de Campo Grande (ARCA), Arquivo da pró-reitoria da UFMS de Campo Grande, Arquivo institucional da UFGD e as textualizações produzidas a partir das situações de entrevistas.

CAPÍTULO 1 - O NASCIMENTO DE UM NOVO ESTADO E DESENVOLVIMENTO DE UMA ANTIGA CIDADE

O estado de Mato Grosso uno¹³ era composto por uma população migrante advinda de muitas regiões do país. Por questões políticas e sem a movimentação popular, houve o desmembramento do estado, dando origem ao estado de Mato Grosso do Sul.

1.1 Mato Grosso do Sul: em um novo caminho para o desenvolvimento

Na década de 1970, o estado de Mato Grosso uno, localizado na região centro-oeste do país, possuía aproximadamente 1,6 milhão de habitantes distribuídos em 1.260.482,87 km² de terra. Sua população era composta por uma grande diversidade cultural, social e econômica, advinda de várias regiões do Brasil e do exterior¹⁴. Segundo Bittar (2009), a região sul de Mato Grosso Uno era, em 1970, mais povoada que o restante do estado e a responsável por gerar um pouco mais de 70% da arrecadação de todo o estado. Desta forma, o norte do estado foi sustentado economicamente por muito tempo pela região sul.

Segundo Isaac de Barros¹⁵, o norte de Mato Grosso uno foi povoado principalmente pela população da região norte e nordeste do Brasil, que possuía uma cultura baseada na exploração de riquezas naturais. Já o sul do estado, povoado por sulistas, mineiros, goianos e paulistas, possuía uma cultura de explorar e produzir nos solos produtos para subsistência. Ambas as regiões foram povoadas por diferentes pessoas de distintas culturas, sendo possível distingui-las por meio de suas características. Os migrantes que se instalaram na região sul produziam muito mais economicamente, mesmo assim continuavam sendo desprezados politicamente pela região norte, contribuiu para que o ânimo divisionista aflorasse com grande intensidade por parte do sul do estado.

Foi por uma iniciativa do governo de Ernesto Geisel, então presidente do Brasil, que foi criada uma Lei Complementar propondo a criação de um novo estado, com a

¹³ Essa notação vem sendo comumente mobilizada para diferenciar o atual estado de Mato Grosso do antigo (UNO) que englobava, até 1977, o atual estado de Mato Grosso do Sul.

¹⁴ Paraguaio, boliviano, europeu, sírio-libanês e japonês.

¹⁵ Isaac de Barros é jornalista e advogado na cidade de Dourados/MS e se vê como historiador da região. Este concedeu-nos uma entrevista sobre essa história local no dia 13/12/2012 e esta segue anexo a este trabalho.

justificativa de que seria uma forma para melhorar as questões geográficas, políticas, econômicas e administrativas do Estado uno. Em 11 de outubro de 1977, o presidente Geisel assinou, em uma grande solenidade, a Lei Complementar nº 31 de 11 de outubro de 1977, permitindo a criação do estado de Mato Grosso do Sul por meio do desmembramento do Estado de Mato Grosso uno.

Figura 1 - Presidente Ernesto Geisel assina a Lei da divisão de Mato Grosso em Brasília, em 11 de outubro de 1977



FONTE: BITTAR, M. Mato Grosso do Sul a construção de um estado: Regionalismo e divisionismo no sul de Mato Grosso. Campo Grande: UFMS. V.1, p.373, 2009.a.

É interessante ressaltar que o desmembramento do estado não se deu por iniciativa popular, nem ao menos a população pode opinar sobre o futuro de seu estado, ficando surpresos com a aprovação do projeto, pois não houve nenhum tipo de divulgação sobre a criação do novo estado. A população foi informada sobre a divisão do estado por meio das movimentações na Rua 14 de Julho em Campo Grande, onde reuniram-se as pessoas ligadas ao governo que eram a favor da separação do estado, a fim de realizar uma grande passeata em comemoração à aprovação do projeto.

Figura 2 - Comemoração no centro de Campo Grande, após a assinatura da lei que dividiu o Estado de Mato Grosso uno



FONTE: BITTAR, M. Mato Grosso do Sul a construção de um estado: Regionalismo e divisionismo no sul de Mato Grosso. Campo grande: UFMS.V.1, p.374, 2009.a

Com a publicação do decreto de criação do estado de Mato Grosso do Sul em 1977¹⁶, os municípios pertencentes ao estado de Mato Grosso uno foram divididos de acordo com sua localização. A região que agora denominamos estado de Mato Grosso ficou com 38 municípios e aproximadamente 900.000 habitantes distribuídos em uma área total de 903.357,908 km² e o estado de Mato Grosso do Sul com 60 municípios possuía aproximadamente 1.400.000 habitantes distribuídos em 357.124,962 km².

¹⁶ A lei complementar que possibilitou o desmembramento do estado de Mato Grosso uno foi assinada em 1977, mas somente em 1979 que efetivamente o estado foi desmembrado e as repartições públicas divididas.

Figura 3 - Mato Grosso Uno**Figura 4 - Mato Grosso (verde) e Mato Grosso do Sul (amarelo)**

FONTE: http://cleomardiesel.blogspot.com.br/2011_01_01_archive.html

As fotos acima apresentam os estados de Mato Grosso uno na fig. 3 e na fig.4 o estado após a divisão. A cidade de Dourados está localizada no estado de Mato Grosso do Sul, sendo a segunda maior cidade do estado, possui uma grande importância a região, atualmente.

Iremos relatar brevemente algumas questões sociais, políticas e econômicas da região da Grande Dourados de modo a estruturar um primeiro cenário no qual se insere a instituição em estudo neste trabalho, qual seja a atual UFGD- Universidade Federal da Grande Dourados. A constituição desse cenário, segundo pensamos, fornece elementos tanto para a compreensão da criação de cursos específicos, quanto de sua manutenção ao longo das últimas décadas. O período aqui estudado engloba a fase em que a UFGD era ainda um campus da UFMS- Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

1.2 Focando...

Na década de 1960 houve um crescimento econômico no estado de Mato Grosso uno, principalmente na região sul, devido à migração dos sulistas e paulistas para o estado. Essa população buscava por melhores condições de sobrevivência e não possuíam, em sua maioria, nem o ensino primário. Eram trabalhadores braçais que se dedicavam ao cultivo e a criação de animais durante vários anos, proporcionando ao estado o desenvolvimento e o progresso econômico da região, tornando-se uma opção de destaque no mercado¹⁷ de terras.

Considerando os estudos realizados pelo Departamento de Geografia e Estatística do governo do estado de Mato Grosso em 1978, “As migrações internas e o trabalho rural em Mato Grosso”, entre os períodos de 1940 a 1950 aumentaram a população em 20,7% na década de 1950 e em 74,4% na década de 1960. Esses dados apontam um crescimento populacional considerável no estado de Mato Grosso uno. Com os dados deste documento, Mato Grosso *apud* Carli (2008), afirma que a migração proporcionou ao sul do estado possibilidade de se desenvolver.

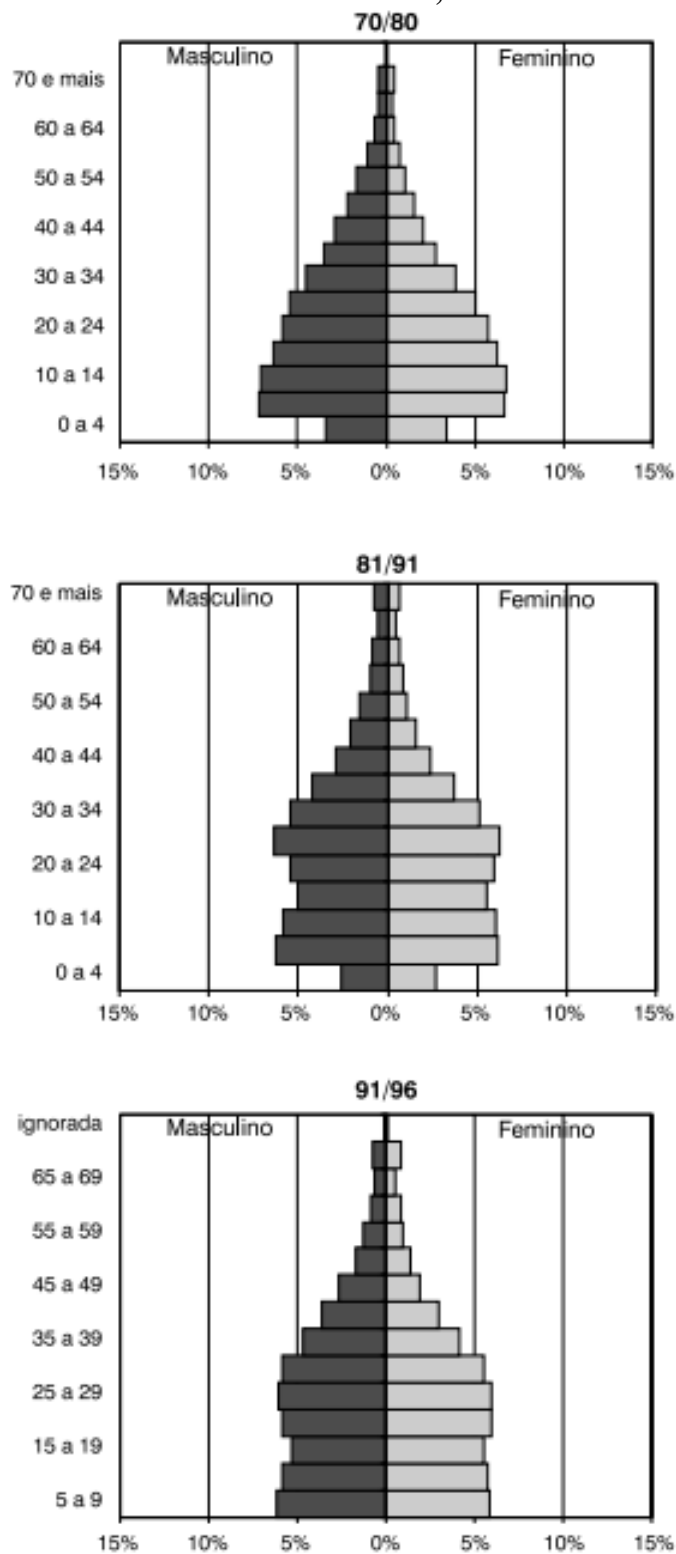
No campo específico de Mato Grosso, este ritmo de crescimento reflete tanto o componente a que denominamos aumento natural (vegetativo), quanto e principalmente a influência das correntes migratórias, visto Mato Grosso situar-se muito mais como área de atração do que de expulsão de população. [...] Algumas micro-regiões destacam-se pelo crescimento populacional mais acelerado. Verificou-se as frentes de colonização apresentando índices mais rápidos de crescimento do que as médias da micro-região ou do Estado. [...] Exemplo típico podem ser identificados na região da Grande Dourados. (p.122-123)

Este fluxo migratório possibilitou um aumento populacional predominantemente rural, devido à faixa de idade, “tipo de arranjo familiar”¹⁸ e o nível de escolaridade apontados nas tabelas abaixo. Nota-se claramente que existe uma forte presença da população migrante nas áreas rurais, sendo ela responsável pelo desenvolvimento da agricultura e da pecuária instalada no estado. No gráfico 1, mostraremos a faixa etária da população migrante, na tabela 1 apresentamos o tipo de arranjo familiar dos migrantes e na tabela 2, o nível de escolaridade dessa população.

¹⁷ Destaca-se a procura por terras para a utilização nos cultivos agrícolas.

¹⁸ Nesta categoria nos referimos ao grupo de indivíduos migrantes: indivíduos, casal sem filhos, casal com filho, chefes com filhos e outros.

Gráfico 1 - Pirâmide da faixa etária da população migrante no estado de Mato Grosso do Sul 70/80, 81/91 e 91/96



FONTE: CUNHA, J.M.P. da. A Migração no Centro-Oeste Brasileiro no Período 1970/1996: o esgotamento de um Processo de Ocupação. Campinas: Núcleo de estudos de ocupação/ UNICAMP. 2002.

Tabela 1 - Tipo de arranjo familiar no estado de Mato Grosso do Sul 1970/1996

Tipo de arranjo familiar	Mato Grosso do Sul ¹⁹		
	1970/1980	1981/1991	1991/1996
Individual	10,3	10,0	20,1
Casal sem filhos	10,2	11,5	18,6
Casal com filhos	57,7	53,6	30,5
Chefe com filhos	5,5	8,2	5,5
Outros	16,3	16,7	25,3

FONTE: Cunha, J.M.P da. A migração no Centro – Oeste Brasileiro no período 1970/96: o Esgotamento de um Processo de Ocupação. Campinas: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, 2002.

Tabela 2 - Escolaridade dos Chefes de família migrantes das microrregiões de MS - 1970 / 1996

Microrregiões	Sem Instrução			Primário Incompleto			Ginásio Incompleto		
	70/80	81/91	91/96	70/80	81/91	91/96	70/80	81/91	91/96
Baixo Pantanal	21,4	9,7	3,0	13,1	7,7	6,4	28,4	21,8	15,0
Aquidauana	3,8	12,8	14,2	23,5	23,0	14,7	22,5	28,7	29,8
Alto Taquari	26,4	18,1	11,1	26,6	19,6	21,2	31,1	34,4	36,4
Campo Grande	20,9	8,2	5,6	16,4	11,2	11,7	27,9	29,8	27,2
Cassilândia	38,5	14,8	11,2	19,3	19,2	18,4	24,7	34,9	36,2
Paranaíba	33,5	18,9	12,1	27,6	21,1	22,5	28,5	38,0	34,5
Três Lagoas	33,8	16,1	10,4	23,0	23,7	21,0	28,5	34,2	35,7
Nova Andradina	39,9	21,7	13,0	28,2	25,9	20,1	22,3	31,0	36,9
Bodoquena	28,0	15,8	9,6	22,4	17,9	12,3	26,1	32,0	22,5
Dourados	26,2	10,3	9,9	24,4	16,4	17,8	30,7	36,2	29,7

¹⁹ O denominador das taxas expressas na tabela são médias geométricas da população do período em destaque.

Iguatemi	39,6	23,6	18,9	31,4	27,7	28,0	21,9	31,1	31,1
Total	29,9	13,7	9,5	24,0	17,7	16,9	26,9	31,9	29,9

(Continuação)

Microrregiões	2º Grau Incompleto			2º Grau Completo ou mais			Alfabetização de adultos		Menos de um ano	Não determinado		
	70/80	81/91	91/96	70/80	81/91	91/96	70/80	81/91	91/96	70/80	81/91	91/96
Baixo Pantanal	15,6	18,4	17,7	20,8	42,4	56,4	0,8	0,0	0,2	-	0,0	1,3
Aquidauana	7,3	16,4	13,3	12,8	19,2	26,1	0,2	0,0	1,7	-	0,0	0,3
Alto Taquari	6,2	10,9	11,6	9,2	16,8	18,8	0,5	0,2	0,5	-	0,0	0,4
Campo Grande	11,5	15,2	15,9	22,9	35,3	38,3	0,3	0,3	0,4	-	0,0	0,8
Cassilândia	5,7	14,3	13,0	11,8	16,7	20,5	0,0	0,0	0,1	-	0,0	0,6
Paranaíba	3,6	11,3	12,7	6,7	9,9	16,9	0,0	0,5	0,9	-	0,2	0,4
Três Lagoas	5,8	10,6	11,9	8,0	14,6	19,5	1,0	0,7	0,7	-	0,0	0,8
Nova Andradina	3,2	6,2	11,4	6,1	14,4	16,5	0,3	0,8	1,5	-	0,0	0,5
Bodoquena	10,1	13,1	13,5	13,4	20,9	41,9	0,0	0,4	0,1	-	0,0	0,1
Dourados	7,5	11,3	13,5	10,9	25,6	28,0	0,3	0,1	0,5	-	0,1	0,5
Iguatemi	2,8	7,7	10,0	3,5	9,4	10,6	0,7	0,5	0,8	-	0,0	0,6
Total	7,1	12,3	13,8	11,6	24,0	28,7	0,5	0,3	0,6	-	0,0	0,7

FONTE: Cunha, J.M.P da. A migração no Centro – Oeste Brasileiro no período 1970/96: o Esgotamento de um Processo de Ocupação. Campinas: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, 2002.

A partir dos gráficos, é possível observar que a faixa etária da população migrante no período de 1970/1980 é predominantemente composta por “jovens adultos”²⁰ e crianças, sendo essas características de migrantes que possuem família (esposa e filhos/casal com filhos).

Em análise realizada por Cunha (2002) no que tange ao perfil socioeconômico, no caso das áreas de fronteiras (MT/MS foco da pesquisa), os imigrantes apresentaram baixos níveis de escolaridade (ver tabela 2) e renda, e sua inserção produtiva, de maneira geral, dava-se via agricultura. Na década de 1980, o nível de escolaridade da população de Mato Grosso do Sul sofre uma considerável mudança, em relação à década anterior. A taxa de “sem instrução” diminui e, conseqüentemente, aumenta o nível de escolaridade da população. Em Dourados, por exemplo, a taxa de estudantes com o 2º Grau completo ou nível superior passa de 10,9 para 25,6.

Nesses períodos, de 1940/1970, a região de MT/MS recebeu uma grande quantidade de migrantes devido aos incentivos do governo ao criar projetos que viabilizassem o povoamento e a ocupação das terras férteis / produtivas do estado. O estado de Mato Grosso do Sul foi uma das regiões, segundo Cunha (2002), amplamente beneficiada pela “marcha modernizadora do oeste”, que provocou um intenso direcionamento dos fluxos migratórios para as áreas mais promissoras. Reduzindo o fluxo de migrantes em 1980 devido à redução dos projetos/recursos destinados ao povoamento do estado.

Segundo Carli (2008) “constata-se com isso que as terras desenvolvidas pelos governantes federais, estaduais e municipais, serviram de iscas para atraírem esses migrantes”, gerando um aumento populacional com pessoas dispostas a trabalhar persistentemente em atividades que exigem esforço físico. Em meados de 1980, surgiu uma maior procura por educação, entretanto, a falta de mão de obra qualificada na região era muito grande, pois os migrantes que chegavam à região sul eram agricultores que não possuíam nenhum tipo de instrução. Eram famílias humildes que tiravam o sustento nas plantações e na criação de animais.

Podemos observar que o governo do estado buscou solucionar alguns problemas das necessidades básicas que a região estava enfrentando. Por meio do relatório produzido pela Secretaria de Educação e Cultura da Universidade Estadual de Mato Grosso de 1966, sabe-se que:

(...) a partir de 1966, o governo do Estado de Mato Grosso, deu início a um processo de reestruturação e de criação de novas entidades administrativas que viessem atender as exigências e a solicitações de uma sociedade em período de transição, de mudança de sua estrutura sócio-econômica. (...) consciente do

²⁰ Com idade máxima de 40 anos.

extraordinário desenvolvimentista, criou a Universidade Estadual de Mato Grosso, objetivando atender as reais necessidades e as exigências de nosso desenvolvimento sócio – econômico. Assim, através da Lei n 2.972, de 02 de janeiro de 1970, que dispõe sobre a reestruturação e as diretrizes do Ensino Superior do Estado de Mato Grosso, dentre os vários centros integrantes da UEMT, foi criado o Centro Pedagógico de Dourados (...) (p.1-2)

Para a escolha dos cursos a serem implantados no centro pedagógico foi realizada uma pesquisa a fim de buscar quantos e quais eram os profissionais, na época, que a cidade necessitava.

Mediante a necessidade apontada para a contratação de professores, foi feita uma pesquisa quantitativa para saber quantos professores estavam atuando na cidade de Dourados e nas regiões próximas. Observe abaixo as tabelas²¹ referentes à pesquisa realizada em meados de 1966:

Tabela 3 - Quantidade de professores atuantes na cidade de Dourados²² em 1966

Disciplinas	Licenciatura curta	Licenciatura Específica	CADES	Curso Superior ²³	Sem nenhuma formação	Total
Ciências	1	1	1	1	2	6
Matemática	2	1	-	3	6	12
Desenho	2	-	1	1	2	6
Física	-	-	1	1	1	3
Química	-	1	1	-	-	2
Biologia	-	1	-	-	-	1
Total	5	4	4	6	11	30

FONTE: CDR - Centro de Documentação Regional de Dourados / UFGD.

Observa-se que os professores, atuantes em escolas de primeiro e segundo graus de Dourados, destacavam-se, em sua maioria, por terem um curso superior desvinculado do magistério (exemplo, advogados que davam aulas de Matemática) ou por atuar na educação sem

²¹ Tabela retirada do Relatório produzido pela Universidade Estadual de Mato Grosso 1966, encontrado no Centro de Documentação Regional- Dourados/MS.

²² Zona Rural e Urbana.

²³ Formação em nível superior em distintas áreas do conhecimento, exceto na licenciatura.

formação alguma para tanto. A quantidade de professores formados em Matemática equivale a um quarto da totalidade de professores do município nessa área.

Observando, ainda, a área de Matemática, percebe-se o quanto o número de professores atuantes e sem formação é expressivo na região da Grande Dourados. As tabelas a seguir evidenciam esses números, bem como a presença da CADES - Campanha para o Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (instituída pelo decreto 34.638 de 14/11/1953) na formação Matemática dos professores atuantes na região. A CADES objetivava elevar o nível do ensino secundário, dedicando-se, numa época em que haviam poucas faculdades, a ofertar cursos de um mês de duração a professores leigos.

Tabela 4 - Quantidade de professores atuantes na cidade de Ponta Porã e Fátima do Sul em 1966

Disciplinas	Licenciatura curta	Licenciatura específica	CADES	Curso superior	Sem nenhuma formação	Total
Ciências	1	2	7	4	29	43
Matemática	-	2	2	7	34	45
Desenho	2	-	2	4	14	22
Física	-	-	1	1	3	5
Química	-	1	1	2	2	6
Biologia	-	1	-	-	-	1
Total	3	6	13	18	82	122

FONTE: CDR - Centro de Documentação Regional de Dourados / UFGD.

Tabela 5 - Quantidade de professores atuantes em algumas cidades da região da Grande (Itaporã, Caarapó, Rio Brilhante, Naviraí e Maracajú) Dourados em 1966

Disciplinas	Licenciatura curta	Licenciatura específica	CADES	Curso superior	Sem nenhuma formação	Total
Ciências	-	-	3	-	7	10
Matemática	-	-	1	2	12	15
Desenho	-	-	-	-	5	5
Física	-	-	-	-	1	1
Química	-	-	-	-	-	-
Biologia	-	-	-	-	-	-

Total	-	-	4	2	25	31
--------------	---	---	---	---	----	----

FONTES: CDR - Centro de Documentação Regional de Dourados / UFGD.

Considerando os indicativos de demanda, inicialmente, em 1970, foi criado o Centro Pedagógico de Dourados, em seguida, incorporado a Universidade Estadual de Mato Grosso. Neste Centro foi implantado o curso de Licenciatura curta em Letras e o de Estudos Sociais para capacitar alguns professores da região da Grande Dourados. Com o passar do tempo, foram implantados os cursos de Licenciatura curta em Ciências (1975), Agronomia (1978) e Pedagogia (1979) na então Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT²⁴).

Com a indicação do CFE, proposta pelo conselheiro Newton Sucupira, foi criada a Licenciatura Curta no Brasil em meados de 1964. Surgiu em meio a grande escassez de profissionais da educação, com caráter experimental e como solução emergencial. Com a Lei nº 5692/71, os cursos de formação de professores em superior sofreram algumas alterações, reforçaram a ideia de formar professores polivalentes, ou seja, segundo Ferreira (1983), as “licenciaturas curtas, com duração de três anos deveriam cobrir todos os campos de conhecimento gerais no ciclo ginásial. Formariam um tipo de professor polivalente capaz de desdobrar-se para lecionar várias disciplinas”.

O curso de Licenciatura Curta foi proposto para ser desenvolvido por um curto tempo e, somente, para as regiões interioranas do Brasil, mas não foi o que realmente aconteceu, esse curso foi implantado em várias universidades por todo o país e permaneceu durante muito tempo.

Tabela 6 - Cursos de Licenciatura de Curta – 1º Grau/ 1978

Região	Modalidade	Federal	Estadual	Municipal	Particular	Total
Norte	Ciências	3	-	-	-	3
	Estudos Sociais	2	-	-	-	2
	Letras	2	-	-	-	2
Nordeste	Ciências	4	2	6	7	19
	Estudos Sociais	1	3	6	6	16
	Letras	-	3	4	3	10
Centro-Oeste	Ciências	1	1	1	2	5
	Estudos	-	-	1	2	3

²⁴ A Universidade Estadual de Mato Grosso deixou de existir após o desmembramento do estado de Mato Grosso Uno em 1979, tornando-se ao sul do estado UFMS e ao norte UFMT.

	Sociais					
	Letras	-	-	-	1	1
Sudeste	Ciências	3	5	9	56	73
	Estudos Sociais	1	3	5	55	64
	Letras	1	3	1	24	29
Sul	Ciências	-	4	6	13	23
	Estudos Sociais	1	3	5	15	24
	Letras	1	2	1	19	14
Total de Ciências	123 instituições					
Total de Estudos Sociais	109 instituições					
Total de Letras	56 instituições					
TOTAL	288					

FONTE: FERREIRA, E.F. **Licenciatura de Curta Duração: Solução Emergencial ou Definitiva?** Disponível em: http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/3/licenciatura_de_curta_duracao.pdf. Acessado em: 09/12/2013.

Observando a tabela acima, é possível notar que existiam no país 288 cursos de Licenciatura Curta em três áreas: Ciências, Estudos Sociais e Letras. Sendo que, 58 instituições estavam localizadas nas capitais, e as 235 restantes estavam localizados nos municípios do interior do país. Segundo Ferreira (1983) dentre as instituições em pleno desenvolvimento no país, “67% são mantidos por instituições particulares, o que demonstra que o setor privado foi chamado a participar da solução da crise universitária, absorvendo os excedentes das instituições oficiais ao baixo investimento para implementação de cursos na área de educação.”(p.162)

Na tentativa de esclarecer a diferença entre a Licenciatura Curta da Plena, foi publicado no parecer nº 895/71, do extinto CFE esclarecendo que a Licenciatura Curta possuía uma carga horária entre 1200 a 1500 horas e a Licenciatura Plena em torno de 2200 a 2500 horas. Sendo definitivamente extinta pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996, passando a ser somente desenvolvida como Licenciatura Plena.

As mudanças ocorreram em todos os cursos do Brasil, não sendo diferente nos cursos da UEMT de Dourados. Além dessas mudanças, em 1979, o estado deixou de ser território de Mato Grosso, tornando-se Mato Grosso do Sul. Assim, a partir de 1979, através da Lei Federal nº6.674, a Universidade Estadual de Mato Grosso localizadas na região sul do estado passou a ser denominada Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. De tal modo que, as instituições

presentes na região norte do estado de Mato Grosso uno foram federalizadas por meio da Lei Federal nº6.674 de 5 de junho de 1979, tornando-se a atual Universidade Federal de Mato Grosso- UFMT.

Com o decorrer dos anos, foram implantados outros cursos como: Licenciatura e Bacharelado em Geografia (1983), Habilitação em Matemática no curso de Ciências (1984), Bacharelado em Ciências Contábeis (1986), Licenciatura Plena em Matemática (1987), Ciências Biológicas (1991), Mestrado em Agronomia (1994), Análise de Sistemas (1996), Mestrado em História (1999), Medicina (2000), Administração (2000), Direito (2000), Mestrado em Entomologia (2002), Mestrado em Geografia (2002) e doutorado em Agronomia (2003).

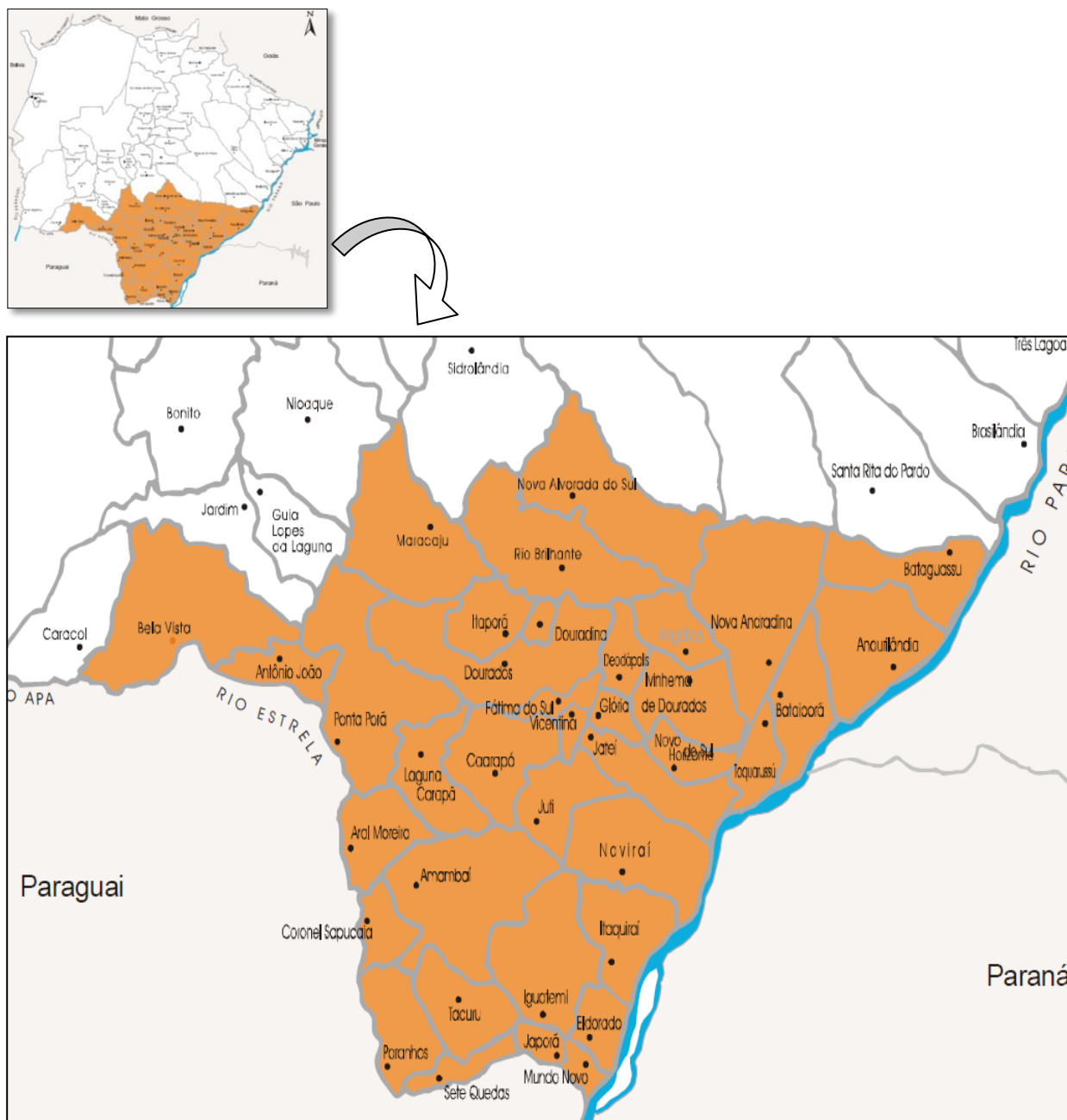
Para a escolha destes novos cursos, a Comissão Permanente de Vestibular -COPEVE da UFMS da Grande Dourados realizou uma pesquisa em conjunto com as escolas de Ensino Médio da Grande Dourados, antes da mudança para UFGD. No ano de 2005, através da Lei Federal nº 11.153 a UFMS - Campus de Dourados passou a ser denominada Universidade Federal da Grande Dourados- UFGD. Os demais campi²⁵ da UFMS, permaneceram com a mesma administração. Os cursos que estavam implantados na antiga instituição de Dourados permaneceram, e houve a implantação de vários outros cursos²⁶. Dispuseram 26 novos cursos a serem implantados no decorrer de cinco anos, segundo o Projeto de Criação e Implantação da UFGD (2004)²⁷. Observem no mapa os municípios que pertencem à região da Grande Dourados:

²⁵ Os demais campi são das cidades de Corumbá, Três Lagoas e Campo Grande, que atualmente pertencem à UFMS.

²⁶ Engenharia de Alimentos, Odontologia, Psicologia, Recursos Florestais e Engenharia. Florestal, Zootecnia, Ciências Sociais, Educação Física, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Serviço Social, Educação Artística, Engenharia Cartográfica, Farmácia, Nutrição, Veterinária, Arquitetura e Urbanismo, Comunicação Social, Jornalismo, Marketing e Propaganda, Engenharia Sanitária, Eng. de Computadores, Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Engenharia, Eletrônica, Comércio Exterior e Física.

²⁷ Brasil. Projeto de Criação e Implantação. Disponível em: <http://www.ufgd.edu.br/sobre/projeto-criacao-ufgd.pdf>. Acesso em: 19 de dezembro de 2012.

Figura 5 - Localização dos municípios pertencentes à região da Grande Dourados



FONTE: Projeto de criação da UFGD.

Notamos no mapa da página anterior que, a região da Grande Dourados é composta por uma grande quantidade de cidades e uma vasta área territorial localizada no extremo sul do estado de Mato Grosso do Sul. Dentre as 37 cidades pertencentes à região da Grande Dourados, o município de Dourados se destaca pela grande importância econômica, política e educacional

para as cidades circunvizinhas, sendo denominado como uma cidade polo. Nesse cenário, nos dedicaremos à compreensão acerca da implantação e expansão da Licenciatura em Matemática que ocorria em uma Dourados distinta da atual.

Segundo Isaac de Barros²⁸, na década de 1980 a cidade de Dourados era pacata e bucólica. Era uma típica cidade do interior, tranquila, onde todos se conheciam. Tinha uma pequena população de aproximadamente 106 mil²⁹ habitantes.

É interessante observar que o crescimento populacional de Dourados é, também, decorrência de uma população migrante advinda principalmente da região sul do Brasil. Os migrantes tinham como objetivo buscar novas terras para a prática da agricultura, pois, em sua maioria, eram produtores rurais que trouxeram suas famílias para se instalarem na região sul do estado de Mato Grosso. Segundo Moro (2006), “Em decorrência dessa migração populacional de trabalhadores houve um acréscimo da mão de obra rural e urbana que possibilitou, em parte, um ‘crescimento significativo da economia’, sobretudo nas culturas agrícolas (...)” (p.357).

Como evidenciado nas tabelas anterior, nas décadas de 1970 e nas que a antecederam, a região da Grande Dourados necessitava de instituições para proporcionar a formação educacional em todos os níveis de ensino. Apesar do grande número de migrantes que vieram para Dourados (geralmente em busca de terras, como afirmado anteriormente), a quantidade de mão de obra qualificada era insuficiente para abastecer as necessidades da região, pois a população migrante, em sua maioria, era rural.

Com o aumento da população na região de Grande Dourados, aumentou também a procura pela educação básica. Assim, para suprir as necessidades dessas escolas, o governo buscou qualificar a população da região, criando os Centros Pedagógicos e oferecendo cursos de formação de professores.

Em meados de 1980, a cidade possuía duas Instituições de formação em nível superior. A SOCIGRAN³⁰- Sociedade Civil de Educação da Grande Dourados e a UFMS, composta por alguns cursos³¹ que atraíam estudantes de municípios próximos a Dourados. As famílias que não possuíam condições financeiras para que os filhos continuassem seus estudos fora do estado,

²⁸ Entrevista realizada no dia 13 de dezembro de 2012, em Dourados.

²⁹ Gressler, L.A., Swensson, L.J. Aspectos Históricos do Povoamento e da Colonização do Estado de Mato Grosso do Sul. Estado, 1988.

³⁰ Sendo a atual UNIGRAN (Centro Universitário da Grande Dourados).

³¹ Direito, Biologia e Administração; Licenciatura curta em Letras e Estudos Sociais, Licenciatura curta em Ciências, Agronomia, Pedagogia, Licenciatura e Bacharelado em Geografia, habilitação em Matemática no curso de Ciências, Bacharelado em Ciências contábeis e Licenciatura Plena em Matemática, respectivamente.

sentiram-se aliviadas com a instalação das universidades, segundo os depoimentos dos professores e os breves contextos históricos das instituições apresentados nos respectivos sites. Assim, puderam proporcionar aos seus filhos a possibilidade de escolher algum curso de formação em nível superior oferecido pela UFMS ou pela SOCIGRAN. Em particular, o primeiro curso de formação de professores em Matemática na região da Grande Dourados foi implantado na UFMS em 1984 como Habilitação em Matemática no curso de Ciências e, em 1987, como um curso de Licenciatura Plena em Matemática também na UFMS.

Após a instalação da universidade, podemos notar e diferenciar, por meio de estudos históricos³² da época, a mudança dos objetivos do movimento migratório no estado. Antes da instalação das universidades, a população migrante chegou ao sul do estado à procura de terras férteis, com o intuito de cultivar cereais. Com o aumento da população do estado, era necessária a criação de escolas para seus filhos, bem como contratação de profissionais de diversas áreas, não somente a agrícola. Percebe-se, na historiografia local, a Grande Dourados constituir-se-ia pólo de referência para as cidades vizinhas, especificamente em termos educacionais. Assim, em meados de 1971, foram criados e construídos os centros pedagógicos localizados na Rua João Rosa Góes na cidade de Dourados, para qualificar os futuros professores. Inicialmente foram implantados os cursos de licenciatura curta em Letras e Estudos Sociais. Com o passar do tempo, aumentou o número dos cursos oferecidos pela instituição e a quantidade vagas para os docentes.

Na década de 1980, o estado de Mato Grosso do Sul possuía poucas instituições de nível superior. Em relação aos cursos públicos de Matemática, inicialmente eram oferecidos nas cidades de Corumbá (a partir de 1976) como Habilitação, em Campo Grande (a partir de 1981) como Licenciatura, (a partir de 1984) em Dourados como Habilitação e em 1987 como Licenciatura em Matemática. Esses cursos, geralmente, eram criados para suprir as necessidades de sua região. Assim, os poucos professores que se formavam eram direcionados a suprir as necessidades das escolas da educação básica.

Antes da construção das rodovias (que sucedeu em 1974) que ligam a cidade de Dourados à capital Campo Grande, distantes aproximadamente 230 km, era difícil realizar essa trajetória com frequência. Existiam poucos alunos que tinham condições financeiras de morar na capital para terminar seus estudos no nível superior. Houve então, a necessidade de criar novos cursos para suprir as necessidades básicas da educação em Dourados. Em meados das décadas de

³² Washington Alves da Silva, Hildebrando Campestrini (2011) e Isaac de Barro (este em sua entrevista concedida nesta pesquisa) ressaltam mudanças nos objetivos da migração.

1980 e 1990 a economia de Dourados cresceu muito, tornando-se um grande produtor de grãos, segundo o projeto de criação da UFGD. Era necessário acompanhar o desenvolvimento e as necessidades da região, então, foram criados cursos mais específicos da área, como os de licenciatura plena. Além desses cursos de licenciatura, foram criados novos cursos na instituição, desta forma, houve a necessidade de mão de obra qualificada, sendo necessária a contratação de novos professores, contratados ou concursados. Assim, os editais eram divulgados nas instituições e publicados em jornais da época.

Como a capital do estado oferecia uma melhor infraestrutura e mais opções culturais, os professores mais qualificados preferiam ficar no campus da capital a ir para o interior do estado. Ressalta-se, ainda, que a quantidade de professores que se formava era muito aquém das necessidades da região da capital.

Neste sentido, o curso de Ciências com Habilitação em Matemática de Dourados recebeu professores migrantes de outros estados para compor o corpo docente, pois não existia outro curso de Matemática nas cidades mais próximas a Dourados. Em virtude de nossa inquietação em querer saber quem e de onde vieram esses professores, bem como as influências que estes traziam para a implementação e estruturação dos cursos de habilitação e licenciatura em Matemática em Dourados, se estruturou esta pesquisa.

CAPÍTULO 2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO METODOLÓGICA: ARTICULANDO LEITURAS, DELINEANDO UMA PERSPECTIVA

Nossa pesquisa inscreve-se no campo da História da Educação Matemática e, dentro deste campo, buscamos caracterizar a implementação e estruturação de propostas formativas de professores de Matemática em Dourados, especificamente nos cursos de Habilitação e Licenciatura da UFMS/UFGD.

Como assinalado anteriormente, esta pesquisa visa contribuir para a compreensão do movimento de formação de professores que ensinam Matemática no país.

Abaixo, busca-se articular leituras realizadas individualmente ou em grupo, nas reuniões semanais do Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa – HEMEP. Nessa articulação pretendemos costurar alguns pressupostos teóricos (na tentativa de desenvolver um olhar historiográfico) com encaminhamentos procedimentais para a realização dessa pesquisa.

2.1 História, História da Educação Matemática e Formação de Professores

É comum falar e escutar a palavra “História”, visto que desde a infância essa palavra faz parte do nosso cotidiano. O significado desta palavra sempre me pareceu tão simples e óbvio: estudar o passado. Nas perspectivas assinaladas por dicionários de língua portuguesa estão presentes os significados: narrar um fato notável ocorrido, relatar um acontecimento do passado, estudar as origens e progresso da ciência, fazer uma biografia de uma personalidade ou simplesmente um livro de história. Em levantamento feito pela Profa. Luzia Aparecida de Souza (orientadora dessa pesquisa) em turma de dezessete mestrados da UFMS em 2012, não foram diferentes os significados apresentados pelos alunos no primeiro dia de aula. Fatos, evolução, origens, passado são constructos presentes em nossas falas como fruto de nossa experiência com a historiografia. Essa, por sua vez, envolve longos anos de formação no ensino básico em que são privilegiados nomes de reis, heróis e anti-heróis; fatos e datas.

Foi no mestrado, na preparação para estruturação do projeto dessa pesquisa que outros atores e regiões, não centrais, apresentaram-se não somente como participantes da história (fluxo de vida), mas como temas fundamentais ao desenvolvimento da historiografia (estudo da história).

Para tanto, foi necessário ampliar a noção temporal e questionar a perspectiva evolutiva trazida para o mestrado e, nesse sentido, um autor da década de 1920, trouxe relevantes contribuições. Segundo Marc Bloch (2001), história (no sentido de historiografia) é o estudo dos homens no tempo, ao que acrescentamos: vivendo em comunidade. É também este autor que discute a ideia de que o princípio não justifica a continuidade, no sentido de que é arriscado trabalhar com perspectivas deterministas entre acontecimentos. O passado não é foco de estudo, mas é fruto de construção do presente. São as questões atuais, como a que propomos, que mobilizam estudos, nos permitem reconhecer indícios como fontes e, a partir das perguntas que conseguimos elaborar, extraem informações dessas fontes. Desse modo, o passado se apresenta como algo que se transforma e modifica por meio dos conhecimentos e interesses do nosso presente.

Antonio Miguel³³ relatou durante uma banca de qualificação (FERNANDES, SALANDIM, GARNICA, 2011) que a história dentro da Educação Matemática “é uma prática social interpretativa e problematizadora, e não deveria ser propriamente vista como uma ciência do passado, mas, como aquela que procuraria estabelecer um diálogo do presente com o passado, no qual o presente tomaria e conservaria a iniciativa”.

Visto que a história é, segundo Albuquerque (2007), formada por várias forças e influenciada por inúmeras situações, não é coerente se debruçar no estudo da origem das coisas, dos acontecimentos, por ao menos duas razões: sempre existirá um acontecimento anterior que pode ter influências e a própria coisa ou acontecimento ser constituído a partir de questões feitas no presente (o que leva, por exemplo em (SOUZA, 2011), ao reconhecimento de diferentes Movimentos sob a nomenclatura Matemática Moderna). Assim, Albuquerque (2007) afirma que a própria origem não é única, mas composta por situações que se encontram e se cruzam para dar forma às suas reivindicações.

Para se compreender o que é História, Albuquerque (2007) apresenta, em sua obra “História: a arte inventar o passado”, uma explicação relacionando as características, singulares ou não, da vida social com a História.

A vida social e a História teriam, para Foucault, as mesmas características que definem o que seria uma atividade de jogo. A História seria movimento, seria ação criativa, invenção constante de novos lances, mesmo que seus sujeitos

³³ Professor e pesquisador, Antonio Miguel participou de uma banca de qualificação de um membro do grupo GHOEM e, nesta, elaborou e autorizou aos professores Déa Nunes Fernandes, Maria Ednéia Martins Salandim e Antonio Vicente Marafioti Garnica a utilização de um texto de sua autoria que não foi publicado.

estejam limitados por regras, por normas, tenham que obedecer a regulamentos. A História é possível porque os homens, mesmo limitados por um dado contexto, por um conjunto de regras e prescrições, mesmo atuando em um espaço e um tempo delimitado, são capazes de driblar a potência do mesmo e a imposição de repetição e criar o diferente, a novidade, de produzirem a surpresa e o inesperado. A História, como jogo, faz-se de risco e habilidade, de variação e mudança, de limite e invenção, de regras imanentes e de restrições voluntárias. (p.173)

É impossível um pesquisador ser neutro ao contar ou a construir uma nova história. Nessa direção, Cury (2011) argumenta pela inexistência de uma assepsia no campo científico. Cabe ressaltar que esse tipo de argumentação se põe, ainda nos dias atuais, por não ser consensual nas comunidades científicas de diferentes áreas. Em particular, na historiografia, o reconhecimento dessa não neutralidade foi um exercício árduo se considerarmos a força do movimento que buscou a implementação de uma história dita científica.

Esse movimento defendia uma historiografia em que o pesquisador deveria desempenhar um papel neutro, mantendo-se de forma imparcial ao ponto de o objeto descrito mostrar-se tal como ele era, sem possíveis interferências do pesquisador que o investigava. Para tanto, era necessário que o historiador fosse ao passado e se desligasse do presente, mantendo uma postura objetiva e contribuindo para a escrita dessa história que enfatiza os “grandes acontecimentos e nomes ilustres. Esse pressuposto trazia consigo algumas limitações em relação às fontes legitimadas na/pela historiografia: fontes orais, cartas pessoais, entre outros, tiveram sua admissão cerceada nessa área. O trabalho com oralidade, de modo específico, ganha espaço na História a partir de sua aproximação com as Ciências Sociais.

Os documentos utilizados nas pesquisas dos historiadores eram vistos como verdadeiros e, portanto, sem brecha para questionamento. Já com Bloch (2001), os documentos são vestígios se assim percebidos pelo investigador e, desse modo, são alterados num processo de autoria da leitura. Os documentos não falam, só respondem o que lhes é perguntado.

Esse e outros posicionamentos participam significativamente das discussões na historiografia a partir da criação da Escola dos Annales (fundada por Marc Bloch e Lucien Febvre). A ampliação das fontes admitidas na historiografia, bem como a aproximação da História com as Ciências Sociais trariam necessidades quanto à mudança de perspectiva metodológica e um contexto para novos posicionamentos frente à objetividade, à neutralidade, à verdade histórica.

A partir daí, abriu-se um leque com várias opções e formas de realizar pesquisa. Na interlocução entre História e Educação Matemática, por exemplo, tem-se atualmente estudos voltados ao cotidiano escolar, livros didáticos, currículo e disciplinas, questões políticas e sociais, escola rural, estudo de gêneros, etnia e gerações, entre muitos outros.

Atualmente, podem ser encontradas diversas pesquisas relacionadas com a História da Educação Matemática na formação de professores. Nessas pesquisas, ressalta-se a marca, ainda aparentemente necessária, dos argumentos em relação ao reconhecimento da subjetividade do pesquisador, da ampliação de fontes, da relativização da ideia de verdade.

Os trabalhos do GHOEM e, mais recentemente, do Grupo HEMEP articulam essas discussões em uma frente que busca investigar o movimento de implantação e efetivação de cursos formadores de professores que ensinam Matemática no país. A história oral (metodologia mobilizada nesses grupos) neste contexto, assume um papel importante para a formação de professores segundo Garnica (2006):

A História Oral como metodologia de pesquisa qualitativa pode, nesse aspecto, desempenhar papel fundamental por focar sujeitos concretos e próximos ao contexto dos estudantes (o que permite ao estudante perceber que as práticas tratadas não estão no âmbito de uma abstração que lhe é distante e alheia). Concebendo como elementos de abstração as teorias pedagógicas, os métodos didáticos, os aspectos filosóficos, políticos e axiológicos da Educação e da Educação Matemática, as atividades em História Oral e Educação Matemática poderão articular, por exemplo, as disciplinas classicamente conhecidas como “disciplinas pedagógicas” às situações concretas, visando a buscar, ao longo da formação inicial, a tão decantada articulação teoria prática. Além disso, a História Oral permite uma reconfiguração da concepção clássica de História (incluindo nisso, a desestabilização da História como “estudo do passado” e instrumento de heroificação) (p. 159).

Valente (2010) dedicou-se a compreender, a partir de Roger Chartier, que as linguagens que utilizamos para nos expressar ou comunicar sofrem mudanças no decorrer do tempo. Este observou que não é possível realizar uma pesquisa histórica a fim de resgatar o passado, pois não temos como revivê-lo tal como ocorreu.

Segundo Miguel e Miorim (2004) é necessário um diálogo entre a História e a Educação Matemática em todos os níveis de educação institucional. Por suas experiências em ministrar aulas nos cursos de licenciatura, propuseram algumas aulas de História da Matemática voltadas para a formação de professores, mas ficaram insatisfeitos com os resultados obtidos, pois embora o objetivo fosse auxiliar a formação dos futuros professores por meio da História da Matemática,

puderam notar que os alunos somente se entusiasmaram e aprenderam conteúdos da História da Matemática, os “feitos e fatos importantes”.

Entendemos que o entusiasmo e o envolvimento deles estavam muito mais associados aos novos conhecimentos obtidos, através do estudo da própria História da Matemática, do que com a percepção da relevância pedagógica de tal estudo para o exercício da profissão docente. (MIGUEL; MIORIM, 2004, p.153)

Considerando os poucos trabalhos citados anteriormente, já é possível notar a diversidade temática e as possibilidades formativas (em ensino e pesquisa) da História da Educação Matemática. Segundo Garnica e Souza (2012)³⁴

[...] a História da Educação Matemática visa a compreender as alterações e permanências nas práticas relativas ao ensino e à aprendizagem de Matemática; a estudar como as comunidades se organizavam no que diz respeito à necessidade de produzir, usar e compartilhar conhecimentos matemáticos e como, afinal de contas, as práticas do passado podem – se é que podem – nos ajudar a compreender, projetar, propor e avaliar as práticas do presente. (p. 22)

A História da Educação Matemática permite compreender/construir cenários educacionais em que outros homens, em outros tempos, viviam em outras comunidades. Desse modo, ao estudar qualquer temática nessa área, é importante a busca pela caracterização temporal quanto à situação política, social e cultural. Essa busca não possui o fim de estabelecer comparações com estruturas atuais da educação, visto que as condições e forças atuantes em cada época são distintas, mas compreender o poder de organização e as variáveis envolvidas no movimento educacional ao longo do tempo.

Os indícios e construções são realizados em diferentes linguagens, mas a palavra, no âmbito acadêmico, tem especial papel. Segundo Albuquerque (2007), o homem existe em estado de palavra, pois é narrativo, é construção daqueles que com ele convivem. Em sua percepção, nós somente existimos no mundo (ou seja, frente ao outro) por causa das palavras que nos descrevem e registram nossas ações. São as histórias, registradas por meio das palavras, que são construídas no sentido de produção ou significação pelo leitor. As palavras nos falam e dizem muito, mas sempre acompanhadas de tons e mediadas num contexto. Segundo Barros (2009),

Estar no estado de palavra é como estar em estado interessante, é estar em estado de prontidão para o nascimento de algo, para o parto de novos temas, de novos problemas, de novas abordagens, de novos conceitos. Estar em estado de palavra é estar grávido de possibilidades de dizer e de fazer ver e compreender, é estar no cio por novos acoplamentos, por novas conexões entre aquilo que se conhece e aquilo que se busca conhecer, é estar preparado para gestar novos objetivos,

³⁴ Trata-se de livro publicado em 2013 com data de 2012.

novos prenúncios do gozo causado pela descoberta de sentido ainda não produzido, pelo ineditismo de uma interpretação, pela leitura de um documento desconhecido, pela tese nova que se vai apresentar perante os pares. Estar no estado de palavra é sentir prazer de criar, de inventar, de enredar, de tramar, de dizer de maneira nova, de fazer ver de outro ângulo, aquele assunto já tão desgastado, já tão laspeado que chega a estar áspero. (apud ALBUQUERQUE, 2011, p. 260)

Situações passadas deixam algumas marcas em nosso presente e estas convivem com os imaginários construídos e divulgados cotidianamente. No caso da história da educação Matemática, por exemplo, muitas construções discursivas, algumas contraditórias, perpassam o cotidiano escolar. Um exemplo são as frequentes afirmações de que “antigamente os alunos eram melhores e aprendiam o conteúdo” e “o ensino de antigamente era melhor”. Esses constructos devem ser discutidos dentro do contexto de sua produção. Segundo Valente (2010), a importância de inserção da História da Educação Matemática como disciplina nos cursos de formação de professores é, assim, justificada:

(...) a História da Educação Matemática tem como objetivo criticar essas representações do passado, que têm fundo ficcional, memorialístico e a-histórico. Desconstruir essas representações de outros tempos da educação Matemática, alterar a relação que os professores de Matemática têm com os seus antepassados profissionais, em benefício de novas representações mais alicerçadas na crítica aos documentos e fontes das práticas pedagógicas realizadas noutros tempos é tarefa que justifica a inclusão da história da educação Matemática na formação de professores. (p. 134)

Esses referenciais nos ajudaram a compreender e fundamentar, por meio do discurso Historiográfico, a nossa pesquisa ligada à História da Educação Matemática.

2.1 Faces da História Oral como ferramenta para a Historiografia

Nos últimos tempos, surgiram algumas mudanças para se realizar uma pesquisa historiográfica, possibilitando a interdisciplinaridade e a utilização de vários tipos de fontes. A diversidade de fontes mobilizada em uma operação historiográfica provoca a necessidade de ampliação das perspectivas metodológicas admitidas nessa operação. No caso dessa pesquisa, a História Oral vem sendo utilizada como uma metodologia para o exercício historiográfico proposto, ou seja, um recurso que nos tem auxiliado no registro de experiências profissionais por meio da entrevista e análise de documentos escritos. Ou seja, a utilização dessa metodologia não serve somente aos interesses específicos dessa investigação, mas aponta um caminho para criação e divulgação de fontes.

A História Oral chegou ao Brasil em 1990, tendo se consolidado nos Estados Unidos e, apesar de ser muito discutida em seminários por historiadores brasileiros e estrangeiros, a sua aceitação no Brasil não foi muito rápida. Segundo Meihy (2005), a História Oral não teve uma aceitação muito rápida, pois o país não possuía uma tradição, dentro das universidades, em desenvolver projetos que registrem e utilizem os depoimentos da população local em pesquisas acadêmicas. Uma das marcas reconhecidas por este autor na Historiografia atual é a interdisciplinaridade, e esta vem contribuindo, tal como o fez no início da Escola dos Annales, para ampliação das perspectivas envolvendo fontes e métodos.

Neste sentido, a História Oral não assume somente o papel de viabilizar o uso de fontes orais que posteriormente são textualizadas, mas contribui para mostrar que não existe uma história verdadeira ao trabalhar com uma multiplicidade de olhares que a nós, pesquisadores, cabe registrar e interpretar.

Trata-se de entender a História Oral na perspectiva de, face à impossibilidade de constituir “A” história, (re)constituir algumas de suas várias versões, aos olhos de atores sociais que vivenciaram certos contextos e situações, considerando como elementos essenciais, nesse processo, as memórias desses atores – via-de-regra negligenciados – sem desprestigiar, no entanto, os dados “oficiais”, sem negar a importância de fontes primárias, de arquivos, de monumentos, dos tantos registros possíveis. Não havendo uma história “verdadeira”, trata-se de procurar pela verdade das histórias, (re)constituindo as como versões, analisando como se impõem os regimes de verdade que cada uma dessas versões cria e faz valer. Historiadores orais são, portanto, criadores de registros; constroem, com o auxílio de seus depoentes colaboradores, documentos que são, na trama dessas concepções que alinhabei, “enunciações em perspectiva”. Documentos cuja função é preservar a voz do depoente – muitas vezes alternativa e dissonante – que o constitui como sujeito e que nos permitem (re)traçar um cenário, um entrecruzamento do quem, do onde, do quando e do porquê (GARNICA, 2005, p.6).

Considerando que o texto de Garnica é de 2004, ressaltamos a necessidade de uma atualização que se mostraria necessária nas discussões posteriores àquele momento. A História Oral não visa constituir versões da história, como apontado no início da citação, mas versões históricas. Essa diferenciação marca a postura de que não existe uma história a priori sobre a qual as outras são produzidas e aproximadas, existem versões ou, ainda, existem histórias. Desse modo, ao admitir a pluralidade resultante do processo criativo de versões, busca-se um afastamento da noção de verdade e história singulares.

A História Oral está intrinsecamente ligada à memória. Este, segundo Delgado (2006), é a principal fonte dos depoimentos orais, um cabedal infinito no qual múltiplas variáveis dialogam entre si. Podemos relacionar vários assuntos em nossa memória, o tempo nos protege das

lembranças desagradáveis e traumáticas nos fazendo esquecer ou ocultando para que, inconscientemente, nos tranquilizemos. De um modo ou de outro, segundo a autora, as lembranças podem ser relembradas por estímulos externos materiais ou situacionais.

No caso da história oral, o estímulo à lembrança pode ser feito a partir de um estudo documental prévio. Um recorte de jornal, uma foto da época, documentos profissionais de determinado professor, a ata de uma reunião específica, entre outros, são documentos que podem ajudar no processo de rememoração. No caso específico dessa pesquisa, essa prática não foi implementada, por conta da extrema dificuldade em localizar documentos da época investigada, optando por um processo inverso em que os professores entrevistados poderiam, mobilizando suas memórias, dar indícios para localização dos documentos escritos e pictográficos.

A memória foi motivo de desconfiança durante muito tempo. Hoje, a memória e a História Oral estão sendo muito utilizadas, ganharam força e um grau de importância dentro das pesquisas acadêmicas. Em virtude dessa grande mobilização em diferentes pesquisas, a História Oral assume diferenciações, marcando, em princípio, três faces: a técnica, a disciplina e a metodologia. Muitos pesquisadores que utilizam a História Oral como uma técnica, e consideram uma importante forma de registrar os depoimentos (os tipos de aparelhos), de transcrição e de forma de conservação dos arquivos. É interessante salientar que a entrevista é utilizada para complementar outros tipos de fontes e, assim, atender as necessidades da pesquisa. Os que consideram a História Oral como disciplina, focam na busca por conceitos próprios, procedimentos metodológicos e técnicas específicas de pesquisa. Segundo Cury (2011), existem algumas ideias e direcionamentos da História Oral como disciplina que são semelhantes à História Oral como metodologia:

- ✓ O testemunho oral apresenta o núcleo da investigação, nunca sua parte acessória;
- ✓ O uso sistemático do testemunho oral possibilita à História Oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não têm como ser entendidos ou elucidados de outra forma;
- ✓ Na História Oral existe a geração de documentos (entrevistas) que possuem uma característica singular: são o resultado do diálogo entre entrevistador e entrevistado, entre sujeito e objeto de estudo;
- ✓ A pesquisa com fontes orais apóia-se em pontos de vista individuais, expressos nas entrevistas;
- ✓ A história do tempo presente, perspectiva temporal por excelência da História Oral, é legitimada como objeto da pesquisa e da reflexão históricas;
- ✓ Na História Oral o objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos depoentes;
- ✓ O fato de a História Oral ser largamente praticada fora do mundo acadêmico, entre grupos e comunidades interessados em recuperar e reconstruir

sua própria memória, tem gerado tensões, pois as perspectivas, os objetos e os modos de trabalho de acadêmicos e não-acadêmicos podem diferir muito;

✓ Tanto a narrativa quanto a forma de construção e organização do discurso são valorizadas pelo historiador. (p.27 – 28)

Uma das diferenças entre a História Oral como metodologia e como disciplina, é que na perspectiva metodológica existe uma ordem nos procedimentos de trabalho, a quantidade necessária de entrevistas (conforme os assuntos se tornem repetitivos), a forma de realizar a transcrição e como serão utilizadas para relacionar a teoria e a prática dos conhecimentos obtidos (análise). Embora haja discussões conceituais próprias do método, estas não se fecham no mesmo, estando abertas à articulação com outras teorias fundantes da própria história, ou da sociologia, ou da antropologia, entre outras. Ao ser abordada como metodologia, segundo SOUZA (2011), a história oral mostra-se com articulação coerente entre fundamentação teórica (geralmente advinda da área de interesse do pesquisador) e procedimentos de pesquisa.

Um direcionamento comum, independente da abordagem à história oral, é a construção de fontes a partir da oralidade. Segundo Garnica e Souza (2012),

A história oral cria fontes que diversas tramas qualitativas de pesquisa permitem explorar. Assim, pode-se usar a história oral concebendo-a apenas como uma técnica de constituir fontes a partir da oralidade. Essa, entretanto, não é a perspectiva que defendemos. Para nós, a história oral é metodologia de pesquisa que envolve a criação de fontes a partir da oralidade e compromete-se com análises coerentes e sua fundamentação (que pode envolver ou não procedimentos usados em outros tipos de pesquisas). O diferencial é essa “criação intencional” de fontes a partir da oralidade e a fundamentação que se estrutura para essa ação. Essa mesma fundamentação orienta, inclusive, práticas de análise na pesquisa. Assim, nosso pressuposto indicam, sim, como construir fontes, mas também por que construí-las e como valer-se delas. (p. 97)

As fontes criadas nesse exercício e sua apresentação no trabalho não finalizam a operação historiográfica, mas momentos iniciais que devem ser seguidos de uma perspectiva analítica do pesquisador. Bolívar, Domingo e Fernandez (2002) ressaltam essa perspectiva ao apontar para a necessidade do pesquisador ir além daquilo que está sendo dito pelos entrevistados ou por qualquer outra fonte.

Para realizar a nossa pesquisa, mobilizamos as possibilidades e propriedades da História Oral como metodologia de pesquisa qualitativa. Essa metodologia auxilia no registro e divulgação de informações que, embora perpassem o cotidiano das pessoas entrevistadas (elas possuem voz em seus respectivos ambientes, micros ou macros), que ainda não transitavam no

ambiente acadêmico, ou seja, os entrevistados relatavam suas experiências, estando ou não nas instituições.

As entrevistas, estruturadas a partir da perspectiva da História Oral, podem ser orientadas por interesses distintos (um tema, ou um interesse na história de vida do interlocutor) e, em cada caso, estes serão marcados por um tipo de roteiro. Na Educação Matemática tem sido comuns entrevistas com (ex) professores, (ex) alunos, (ex) reitores, (ex) inspetores, (ex) diretores, (ex) administradores, (ex) pesquisadores e pessoas excluídas do processo educacional. Em nossa pesquisa, em particular, foram entrevistadas pessoas ligadas à criação, implantação e desenvolvimento do curso de formação de professores de Matemática na região da Grande Dourados, oferecido primeiramente pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e, posteriormente, pela Universidade Federal da Grande Dourados.

2.3 História Oral como metodologia de pesquisa

A História Oral como metodologia de pesquisa qualitativa vem sendo utilizada em várias áreas e, com todas as especificidades devidas, se concretiza como uma metodologia de pesquisa no campo da Educação Matemática. Também em nosso caso, essa metodologia é mobilizada para desenvolver esta pesquisa de cunho historiográfico, buscando alcançar o nosso objetivo de caracterizar a formação de professores de Matemática da cidade de Dourados na década de 1980.

Segundo Garnica (2003), algumas potencialidades dessa metodologia para a área da Educação Matemática são:

É interessante notar, aqui, a apropriação criativa que a Educação Matemática tem feito da História Oral como fundante metodológico. Talvez pela familiaridade que os educadores matemáticos tenham com metodologias qualitativas, muitas vezes a História Oral (em suas modalidades) vem apoiar não um levantamento histórico em sentido estrito, mas compreensões mais gerais: elementos que formarão (ou auxiliarão a percepção de) um panorama mais amplo, (...) “composição do cenário ou paisagem”.(p.8)

A história oral não é, portanto, um tipo específico de história, mas uma metodologia que pode ser mobilizada mesmo no caso da temática de investigação não ser de cunho historiográfico (SOUZA, 2011).

Segundo Garnica (2005), a metodologia não é somente um conjunto de procedimentos que devemos seguir para desenvolver uma pesquisa, é a relação dos procedimentos e nossos conhecimentos:

Um método sempre traz, em si, a noção de eficácia. Trata-se de engendrar um mecanismo que, de modo julgado eficaz, nos dê pistas para compreender determinada situação, resolver determinado problema, responder a determinada questão ou encaminhar determinados entraves. A eficácia, porém, será julgada segundo os pressupostos teóricos e vivências do pesquisador, e esse é o motivo principal de não se poder apartar uma metodologia de uma concepção de mundo e dos fundamentos teórico-filosóficos do pesquisador. Uma metodologia, porém – e portanto – não é um conjunto de métodos que possa ser tratado de um modo meramente procedimental. Isso pretende significar que os limites das metodologias e de seus pressupostos teóricos devem ser séria e continuamente testados, confrontados, avaliados.(p.6-7)

É importante salientar que a metodologia não é somente a realização das tarefas, ou seja, que não basta somente realizar os procedimentos que são propostos pela História Oral. A metodologia nos chama, nos confronta com os nossos conhecimentos e os procedimentos, nos testa para verificar se está sendo válida ou não a utilização desta metodologia de pesquisa para alcançar os objetivos da pesquisa, se esta se adéqua à teoria que se mostrou mais consistente para avançar em relação à fontes produzidas.

A fonte oral, segundo Meihy e Holanda (2011), é qualquer tipo de registro que guarda vestígios de manifestações da oralidade humana e sua criação é o foco principal da metodologia História Oral. Conforme Meihy (2002), “A história oral se apresenta como forma de captação de experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida. Quanto mais elas os contarem a seu modo, mais eficiente será seu depoimento.” (p. 51).

Por ser uma oportunidade do entrevistado narrar suas experiências, o momento da entrevista, em si, já enriquece muito a pesquisa, pois nos coloca em situação de entender construções e legitimações sociais e de perceber na prática a existência de uma multiplicidade de histórias consistentes. Segundo Cury (2007), narrar algo nos possibilita criar uma versão a partir dos nossos conhecimentos:

(...) narrar é contar uma história, narrar-se é contar nossa historia ou uma historia da qual também somos, fomos ou nos sentimos personagens. As narrativas, então, oferecem em si a possibilidade de uma análise, se concebermos análise como um processo de produção de significados a partir de uma retro-alimentação que se iniciaria quando o ouvinte/leitor/apreciador de um texto se apropria deste texto, de algum modo, tecendo significados que são seus, mesmo que produzidos de forma compartilhada, e constrói uma trama narrativa própria que serão ouvidas/lidas/vistas por um terceiro que retorna ao início do processo.(p.20)

Segundo Bolívar, Domingo e Fernandez (2002) narrar algo ou narrar a si mesmo, não significa narrar em épocas distintas, ou narrar da mesma forma em todas as épocas. Narrar nós mesmos em distintas temporalidades é narrar-nos e também as temporalidades. Em qualquer caso, são produções do presente, construções que, por serem temporais, se alteram, pois também se altera o narrador.

Neste sentido, o entrevistado busca narrar durante seu depoimento, suas lembranças e seu olhar sobre o processo de formação de professores de Matemática da região da Grande Dourados. Para compreendermos esse processo, nos lançamos na busca pelos depoimentos das pessoas que participaram e se propuseram a ceder as entrevistas. De acordo com Goldenberg (2003), na tentativa de compreender esse processo de formação de professores, o relato de:

[...] cada indivíduo é uma síntese individualizada e ativa de uma sociedade, uma reapropriação singular do universo social e histórico que o envolve. Se cada indivíduo singulariza em seus atos a universalidade de uma estrutura social, é possível “ler uma sociedade através de uma biografia” [...]. (p. 36)

Sendo assim, acreditamos ser possível compreender por meio dos vários depoimentos dos (ex) professores e (ex) alunos, a importância do entrecruzamento das fontes escritas para a criação de uma versão histórica plausível, e não a verdadeira história sobre a formação de professores, visto ser impossível regatar o passado como realmente aconteceu, sem desprestigiar qualquer outro tipo de fonte. (GARNICA, 2005)

Falando sobre um processo que envolveu muitas pessoas durante vários anos, no caso o processo de formação de professores de Matemática da região da Grande Dourados, muitas opiniões podem surgir, ser ouvidas e compreendidas. As fontes são importantes para compreendermos esse processo, tendo o cuidado de não julgar as fontes orais e escritas como sendo opostas. Segundo Albuquerque (2007), devemos compreender como sendo uma fonte:

O oral não deve ser oposto dicotomicamente ao escrito, como duas realidades distintas e distantes, mas como formas plurais que se contaminam permanentemente, pois haverá sempre um traço de oralidade riscando a escritura e as falas sempre carregarão pedaços de textos (p.230).

Cada tipo de fonte possui suas singularidades e potencialidades. Nossa metodologia não descarta a articulação de outras fontes, pelo contrário, a estimula. Dentro de nossa pesquisa foram mobilizadas mais fortemente dois tipos de fontes: as fontes escritas e as orais. As fontes escritas são responsáveis por conter principalmente os assuntos burocráticos do curso como carga horária, corpo docente, disciplinas, contratação e transferências. As fontes orais (entrevistas) são ricas em

experiências profissionais, opiniões sobre os processos de criação, implantação e desenvolvimentos dos cursos. Com essas fontes sendo analisadas juntamente, julgamos possível caracterizar um cenário em que o curso de formação de professores de Matemática (Habitação e Licenciatura pela UFMS de Dourados) estava inserido na época, bem como seu processo de criação, implantação e desenvolvimento.

Esta multiplicidade de fontes potencializa a construção de versões plausíveis a uma certa comunidade. Observando o quão rico são essas fontes, é possível, segundo Thompson (1992), explorar os inúmeros pontos de vista de uma realidade complexa e multifacetada, por meio da História Oral e construirmos versões históricas de situações que foram multifacetadas com o passar do tempo, e hoje podemos compreender um pouco do passado a partir do nosso presente.

Neste sentido, iniciamos a nossa pesquisa buscando por fontes que pudessem nos ajudar a compreender o processo de criação, implantação e de estruturação do curso de formação de professores de Matemática, como atas de reuniões, resoluções, nomes de possíveis interlocutores e qualquer outro tipo de documento. Referimos-nos como fontes escritas os livros, revistas, jornais, folhetos, livros de atas, livros das resoluções e pesquisas já concluídas, que pudessem nos auxiliar no entendimento e exploração de nossa questão de pesquisa. Em um primeiro momento, encontramos muitas dificuldades em encontrar os documentos escritos, inicialmente pudemos encontrar poucas fontes no Centro de Documentação Regional que pertence ao campus da Universidade Federal da Grande Dourados. Os documentos encontrados no Centro de Documentação Regional de Dourados foram, por exemplo, a primeira ata de reunião da instituição (UEMT), alguns relatórios de outros cursos, documento de contratação de uma professora, trabalhos realizados sobre a instituição e alguns livros de autores da região.

Essa dificuldade de encontrar as fontes se deve a dois motivos: primeiramente, a cultura da população em não guardar os documentos de instituições escolares e, depois, o fato da universidade de Dourados (UFMS) ter passado por mudanças administrativas significativas (passando de Universidade Federal de Mato Grosso do Sul para Universidade Federal da Grande Dourados), o que levou ao extravio de muitos documentos.

Em relação às entrevistas, estas constituem-se como as principais fontes dessa investigação, dada a utilização da metodologia da História Oral, criamos intencionalmente as fontes a partir dos depoimentos. Desta forma, podemos ter acesso aos inúmeros olhares de todos os depoentes, onde cada depoimento possui uma riqueza ímpar de informações, sendo de grande

importância na compreensão deste processo de formação de professores de Matemática na região da Grande Dourados.

Os nomes dos professores que integraram os cursos em estudo foram encontrados com a colaboração do professor Irio Valdir Kichow³⁵. Visto que o curso de Matemática é recente, com apenas 28 anos de implantação, foi possível encontrar quase todos os professores responsáveis pela criação e implantação do curso. Ainda hoje alguns são docentes e permanecem em Dourados.

Tive acesso aos e-mails, números de telefones e endereços dos professores. Iniciei os primeiros contatos com os professores, dando preferência aos e-mails, por acreditar ser uma abordagem menos invasiva e um modo de poder apresentar tanto a pesquisadora, quanto a pesquisa a ser desenvolvida, expondo o interesse em registrar uma entrevista com eles.

A primeira entrevista foi realizada com o professor Luiz Gonzaga Manzine, por já o conhecer por conta de um trabalho de Cálculo realizado no início do mestrado. O professor Manzine ministra aulas de Cálculo na graduação da UFGD e foi interlocutor nesse trabalho. Os demais professores foram contatados a partir da lista fornecida pelo professor Irio, embora também tivessem seus nomes mencionados na entrevista com Manzine e com outros entrevistados na sequência. A lista oferecida tinha nove nomes e, destes, oito professores aceitaram colaborar com a pesquisa. Desses oito, cinco tiveram disponibilidade no ano de 2012 para realização da entrevista e três foram realizados no ano de 2013. Segue neste texto, em anexo, a transcrição da entrevista realizada com Issac de Barros. Essa entrevista foi realizada com o intuito de gerar documentação acerca da história de Dourados e região, fundamentando esta e outras pesquisas sobre uma época até então pouco estudada.

Para realizar as entrevistas, nos informamos primeiramente sobre o histórico do professor, do curso, da cidade e da instituição. Assim, pudemos organizar um roteiro a ser utilizado nas entrevistas.

Além disso, a partir de leituras e discussões no Grupo HEMEP e no Grupo de Iniciação Científica a este ligado, discutimos sobre cuidados técnicos e relevantes na realização das entrevistas. Estes cuidados passaram pela qualidade da gravação, buscando ambiente adequado para sua realização (não posicionar o gravador onde haja corrente de ar, nem diretamente sobre

³⁵ O professor Irio Valdir Kichow é efetivo da UFGD, lotado na FACET – Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia em Dourados- MS e, na época, coordenador do Curso de Licenciatura em Matemática da UFGD. O conheci em 2009 quando eu ainda era aluna de graduação pela UEMS. Possibilitando o contato inicial para a realização da pesquisa.

os móveis, manter o gravador perto do entrevistado, entre outros), pelo necessário teste e observação dos gravadores antes e durante a entrevista (para que não corramos o risco deste ser desligado), renovação constante de pilhas/carregamento de baterias, manter atenção para que o momento da entrevista se constitua como um diálogo fluente e interessado. Cuidados na condução da entrevista também são fundamentais: perguntas diretas levam a respostas diretas; mais de uma pergunta na mesma frase do pesquisador, em geral, pode levar o entrevistado a responder somente uma delas; não interromper o entrevistado durante sua fala são alguns cuidados possíveis e desejáveis.

Com as entrevistas marcadas e os cuidados de como proceder durante a entrevista já bem discutida durante as reuniões do grupo de pesquisa, tomamos o cuidado de levar não somente o gravador para registrar a entrevista como também, o notebook para termos uma segunda gravação em caso de falha inesperada do gravador.

Assim, com os cuidados já discutidos, nos propomos a realizar entrevistas com os oito professores cujo retorno quanto à sua participação na pesquisa foi positivo. Estes (ex) professores e (ex) alunos do curso que pretendemos estudar possuem seus nomes listados na tabela abaixo.

Tabela 7 - Professores que se dispuseram a realizar a entrevista

Nome	Data da entrevista
Luiz Gonzaga Manzine	23-07-2012
Abramo Loro Neto	06-08-2012
Edmir Terra	24-09-2012
Odival Faccenda	30-10-2012
Ana Maria Sampaio Domingues	05-11-2012
* Luiz Gonzaga Manzine e Odival Faccenda	25-11-2012
Sidnei Azevedo de Souza	06-03-2013
Luiz Antonio da Silva	08-04-2013
Waldir Brasil do Nascimento Junior	08-04-2013

A entrevista do dia 25 de novembro de 2012 listada na tabela acima, foi realizada por sugestão do professor Manzine que, conhecendo muito o professor Faccenda, considerou que, por conta das dificuldades de lembrança da época em estudo, seria mais produtivo fazerem uma segunda entrevista, dessa vez em conjunto. Essa segunda entrevista foi realizada na casa do professor Manzine e quando esta pesquisadora chegou no local, estava em andamento uma conversa entre os dois sobre o curso estudado. Ambos autorizaram a gravação dessa conversa que antecedeu a entrevista.

As entrevistas foram transcritas, ou seja, registradas na forma escrita, buscando explicitar todas as interjeições e repetições próprias do entrevistado, os barulhos e interrupções. Além de ser um exercício fundamental à divulgação das entrevistas para outros pesquisadores, este é um momento importante de familiarização com o momento da entrevista, de modo a se ter elementos para o exercício de textualização que segue.

A textualização é um exercício de caráter mais analítico, pois coloca o pesquisador na direção de interpretar o dito e construir uma narrativa mais fluente (a partir de reordenações, encadeamentos de ideias apresentadas em diferentes momentos da entrevista) na direção de produzir um texto que, segundo ele, o interlocutor diria. Esse exercício traz consigo duas posições: a de dispor esse texto analítico no corpo dos trabalhos acadêmicos e a de encaminhar esse texto ao entrevistado para identificar se há um reconhecimento deste quanto a algo que ele efetivamente quis dizer.

Neste último processo de tratamento dos depoimentos, negociadas as devidas alterações na textualização e transcrição da entrevista, o entrevistado recebe uma carta de cessão com as informações sobre a entrevista. E a carta de cessão permite aos pesquisadores, o direito sobre todos os registros produzidos a partir desta entrevista.

Quando entregamos os documentos³⁶, alguns professores nos perguntaram, “por que entregamos esses documentos?”, achei interessante o questionamento dos professores, pois, como os mesmos relataram o seu ponto de vista, possivelmente, compreenderíamos integralmente sua falas, mas, devido à multiplicidade de personalidades e opiniões, podemos compreender as falas dos professores de maneiras diferentes daquela que o entrevistado pretendia dizer. Essa devolutiva, por tanto, além, de ser um cuidado ético fundamental, coloca-se na direção de aproximar o entrevistador da fala do entrevistado.

³⁶ Referimos-nos as transcrições, textualizações e a carta de cessão.

Os professores Luiz Gonzaga Manzine e Odival Faccenda solicitaram algumas alterações como, acrescentar informações para complementar o assunto discutido, os nomes completos das pessoas citadas durante a entrevista, mas, não propuseram a retirada de nenhum trecho da entrevista. Os demais professores não solicitaram nenhuma alteração.

É nossa intenção, neste trabalho, utilizar as entrevistas para tentar compreender, por meio de suas lembranças, suas experiências como professores, a cidade de Dourados nesta época e o processo de criação, implantação e desenvolvimento do curso de formação de professores de Matemática no período de 1980 a 2000 da cidade de Dourados, bem como as influências que este processo sofreu a partir das experiências formativas desses professores em seus estados de origem.

Para tanto, não tive muita dificuldade para encontrar os professores Luis Gonzaga Manzine, Odival Faccenda, Ana Maria Sampaio Domingues, Abramo Loro Neto e Sidnei Avezedo de Souza, pois, amigos em comum nos apresentaram e, mesmo que essa apresentação não fosse pessoalmente, fui muito bem acolhida pelos professores. Houve uma certa dificuldade de comunicação com os professores Waldir Brasil do Nascimento Junior e Edmir Terra. No caso do professor Luis Antonio da Silva, tive a grande ajuda do professor Sidnei em que ele pode conversar e explicar o objetivo da pesquisa, ao mesmo tempo em que concordou em ceder a entrevista.

No decorrer das entrevistas, muitos assuntos foram surgindo e se distanciando das questões a serem discutidas. Neste sentido, senti dificuldades em focar e guiar a conversa com os professores, pois alguns assuntos importantes passaram. Mas, acredito que, apesar disto, as entrevistas possuem inúmeros disparadores aqui discutidos e por discutir em outras investigações.

CAPÍTULO 3 - ENTRE-VISTAS: OLHARES E OPINIÕES

3.1 Luiz Gonzaga Manzine



Luiz Gonzaga Manzine, casado com a Telma, nascido em 26 de março de 1951 em Matão – SP. Atualmente reside na cidade de Dourados-MS e é professor efetivo da FACET/ Universidade Federal da Grande Dourados, à qual pertence o curso de Licenciatura em Matemática.

Antes de realizar a entrevista, eu já o conhecia. Fomos apresentados pela minha amiga Cintia Melo dos Santos, quando ele nos ajudou com algumas atividades de Cálculo. Marcamos a data de nossa entrevista por telefone para ser realizada em sua residência.

Sou oriundo da cidade de Matão – SP, membro da família Manzine. Fui criado até os 11 anos na zona rural de Matão e depois de um tempo me mudei para a fazenda Monte Alto localizado no município de Américo Brasiliense e depois para a cidade de Américo Brasiliense-SP. Fiz o curso fundamental em Américo Brasiliense e o médio na cidade de Araraquara-SP, todos no período noturno.

Por ser muito aplicado e sempre me sair muito bem nas disciplinas escolares, principalmente em Matemática, e por ajudar muitas pessoas com os conteúdos escolares, todos

falavam que eu deveria ser um professor de Matemática. Fiz o curso e nunca me arrependi, pois eu gosto muito mesmo, adoro dar aula, pra mim é um negócio espetacular. Além disso, eu fiz o curso porque muitas pessoas que eu conhecia me motivaram a fazer Matemática, e nesta época quase não havia curso superior.

Eu era de uma família pobre, mas devido o apoio que eu tive das pessoas próximas a mim, fiz a minha faculdade e acabou dando tudo certo. Minha família não era contra que eu continuasse estudando, mas, na época tive que trabalhar aos sábados no clube Americano Futebol Clube para poder me alimentar e pagar as passagens, pois eu morava em Américo Brasiliense e a faculdade ficava em Araraquara, que fica aproximadamente a 19 km de distância.

Então, em 1973, ingressei na Faculdade de Filosofia de Ciências e Letras de Araraquara para fazer Licenciatura em Matemática que era um curso integral, terminei em 1976. Atualmente a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Araraquara é a UNESP³⁷.

Após ter feito o curso de Matemática pela UNESP, tentei fazer o mestrado em Matemática Pura oferecida pela USP³⁸ de São Carlos, mas não me dei muito bem lá. Daí, fui dar aulas na UNESP de Araraquara em 1979 ou 1980, não me recordo ao certo, e paralelamente as aulas, fazia o mestrado pela USP de São Carlos como aluno especial, mas depois de um certo tempo o curso de Matemática da UNESP de Araraquara fechou. Com a possibilidade de ser contratado pela UNESP na área de estatística fui fazer o mestrado em Estatística Experimental na ESALQ³⁹-USP, em Piracicaba- SP.

Em meados de 1988, vim até Campo Grande para prestar concurso, pois eu estudei com algumas pessoas que vieram pra cá, assim me incentivaram também a prestar concurso por aqui, principalmente um amigo que eu tenho em Aquidauana, o Ticão⁴⁰, que me deu uma força danada para vir. No dia em que prestei o concurso o professor José Luiz Magalhães⁴¹ estava na sala, mas não como banca, mas nós já nos conhecíamos, pois, estudamos juntos em Araraquara de 1973 a 1976. Fui chamado em 1989 para lecionar no curso de Matemática. Mas, inicialmente eu prestei o concurso para o campus de Corumbá, aí depois surgiu uma vaga aqui em Dourados, me ligaram

³⁷ Universidade Estadual Paulista.

³⁸ Universidade de São Paulo.

³⁹ Escola Superior de Agricultura de “Luiz de Queiroz” da Universidade de São Paulo.

⁴⁰ Antonio Luiz Delachiavia mais conhecido como Ticão.

⁴¹ Possui graduação em Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1976), mestrado em Matemática pela Universidade de São Paulo (1982) e doutorado em Didática da Matemática - Université de Montpellier II (Scien. et Tech Du Languedoc) (1993). Atualmente é professor efetivo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS, Brasil.

para oferecer esta vaga, na qual meu amigo Ticão de Aquidauana achou que eu deveria vir, aí eu vim e estou em Dourados até hoje.

Em janeiro de 1990 comecei a lecionar no curso de Matemática, pois devido a uma grande greve que ocorreu em 1989, o ano letivo se prolongou até 1990 sem interrupções. Assim lecionei duas disciplinas em janeiro 1990 para terminar o segundo semestre de 1989.

Em 1991, tentei pela terceira vez fazer o mestrado na UFMG⁴² em Belo Horizonte, mas também não deu certo, no entanto, em 1998 iniciei o mestrado oferecido pela UNESP- Botucatu em um convênio com a UFMS. Logo em seguida, de 2001 a 2004 fiz o doutorado pela UNESP na área da Matemática Aplicada, no campo de Energia, que é oferecido em Botucatu.

Mas antes de fazer meu doutorado, eu lecionei algumas disciplinas como Análise Matemática, Cálculo Diferencial e Integral e Álgebra Linear. Basicamente foram essas disciplinas que eu trabalhei na época da UFMS. Agora, na estruturação da proposta curricular praticamente não participei porque já estava pronta. Mas propusemos algumas coisas, como o número de horas e o conteúdo das disciplinas no sentido de adaptar melhor as condições de aula, porque não era possível trabalhar tantos conteúdos que estavam sendo propostos pela grade. Tínhamos somente a lousa, xerox e retro projetor como tecnologias para nos ajudar durante as aulas, e a nossa biblioteca sempre foi insuficiente, a situação era precária, a biblioteca não era lá grande coisa.

Na época em que eu cheguei a Dourados, o curso de Ciências com Habilitação em Matemática já tinha sido discutido e encerrado para as novas turmas. Assim, eu não participei das negociações do curso que acabou, mas me recordo de alguns professores como o Odival Faccenda⁴³ que é meu referencial como professor, Waldir Brasil do Nascimento Junior⁴⁴, Edmir Ribeiro Terra⁴⁵, Adailton José Alves da Cruz⁴⁶, Luiz Antonio da Silva⁴⁷, Arno Langué⁴⁸, Vera Faria e a Ana Maria Sampaio Domingues⁴⁹.

⁴² Universidade Federal de Minas Gerais.

⁴³ Professor aposentado pela UFMS- Campus Dourados e atualmente leciona na UEMS- Dourados, possui Licenciatura em Matemática pela Faculdade de Educação Ciências e Letras em Porto Alegre - RS.

⁴⁴ Atualmente trabalha como concursado na Polícia Federal em MS, licenciado em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- Campo Grande.

⁴⁵ Atualmente é efetivo da UFGD e licenciado em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- Campo Grande.

⁴⁶ Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal da Grande Dourados e licenciado em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

⁴⁷ Aposentado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Dourados e licenciado em Física pela USP - São Carlos.

⁴⁸ Aposentado pela UFGD e licenciado em Física pela Universidade Federal de Santa Maria- RS.

Mas posso dizer que os professores Valdir e o Faccenda eram os mentores políticos e trabalhavam muito, político não no sentido de política partidária lógica, mas em uma política educacional, eles eram “os cabeças” para as discussões e tomadas de decisões do curso, mas principalmente o professor Faccenda, pois o professor Faccenda era uma das mentes mais brilhantes, aliás, é uma das mentes mais brilhantes que eu conheço em Dourados, MS.

É interessante que desde o início do curso de Matemática, a procura pelo curso sempre foi escassa. Nas áreas de licenciatura, é, nenhum curso, é preciso frisar isso tá, História, Geografia e Letras a sua procura é um pouquinho a mais que a média. E os alunos em sua maioria, advinham das regiões próximas da cidade, sempre foram acostumados a chegarem para início da aula e quando acabava a aula iam embora. Assim o diálogo com os nossos alunos infelizmente era muito pouco. Visto que o CEUD não tinha muita estrutura, pois não tinha um restaurante, mas tinha uma cantina, porém não oferecia nenhuma condição para que os alunos tivessem uma alimentação adequada.

Os alunos que se formavam no curso de Licenciatura Matemática, posso dizer que 99% ia dar aula, só dar aula. Não tinham pra onde ir, não tinham mesmo, um ou outro que escapou naquela época, por exemplo, o Sidnei Azevedo que está na UFGD e o Aguinaldo Lenine Alves que hoje está na UEMS⁵⁰, com mestrado e doutorado, respectivamente.

Mesmo que nós estejamos formando professores de Matemática aqui em Dourados, a maioria dos professores que está aqui na faculdade é de fora do estado, e até hoje o processo de migração é constante, principalmente dos estados de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Uma das coisas que eu me recordo da faculdade e que me marcou muito foi a metodologia utilizada pelos meus professores. Eu procuro principalmente me espelhar em um professor chamado Marcos Antonio Villa, da USP de São Carlos, com o qual eu tive aula na graduação. O meu objetivo sempre foi dar aula do mesmo jeito que esse cara dava, chamar a atenção do jeito que esse cara conseguia chamar e, é interessante essa experiência é importante salutar que, ele não fazia chamada, a aula começava com 40, 50 alunos, todos os alunos matriculados, e a aula terminava com todo mundo dentro da sala. O professor ministrou as disciplinas de Cálculo, Equações Diferenciais e Desenho Geométrico. O interesse era o mesmo por parte dos alunos, o professor conseguia prender a atenção de todos devido a sua didática que

⁴⁹ Aposentada pela UFMS- Dourados e licenciada em Matemática pela antiga Universidade do Estado da Guanabara - RJ.

⁵⁰ Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul- Dourados.

era simplesmente fora do comum. Eu guardo uma relíquia que este professor me deu quando eu vim para Dourados, um caderno de Cálculo Diferencial e Integral dele, é realmente jóia rara.

Aquele caderno pode ser transformado em livro, quem sabe um dia a gente transforma aquele caderno em livro, aquele caderno vale a pena ser organizado para ser um livro, simplesmente espetacular, eu acho que eu sempre quis reproduzir as aulas daquela maneira, lógico que com algumas nuances minhas, umas coisas minhas, principalmente depois de 20 anos de universidade, lógico que eu tenho minha experiência própria, mas esse professor me marcou muito, realmente pra mim ele foi, se existe ou existir um professor padrão, é ele, pra mim foi padrão. Esse cara foi fantástico.

3.2 Abramo Loro Neto



Sou, Abramo Loro Neto, professor aposentado pela UFMS- Campus Dourados. Sou casado com Telma Valle de Louro e moro com minha família em Dourados.

Inicialmente, o professor Irio Valdir Kichow me passou seu telefone e o endereço. Foi por meio de uma ligação que me apresentei e, no mesmo momento, se disponibilizou para registrar seu depoimento. Marcamos uma entrevista em sua residência, mas ele não pode me atender na primeira data marcada, remarcamos outra data em sua residência e realizamos esta entrevista no dia 6 agosto de 2012.

Eu nasci em Três de Maio no Rio Grande do Sul, em 14 de agosto de 1945 e, meus pais eram José Loro e Ladewiga Mazurkievitz Loro. Nós somos de uma família de doze irmãos, um falecido e o resto ainda estão vivos e eu sou o segundo dos irmãos. Iniciei meus estudos em uma escola normal rural no interior do município de Três de Maio - RS. Fiz o ginásio logo em seguida e depois fui servir o exército em 1964. Saindo do exército, cursei o curso científico no colégio SEPÉ de Tiabajú⁵¹, em Santo Ângelo, Rio Grande do Sul.

⁵¹ O Colégio Cenecista Sepé Tiaraju, de Santo Ângelo, que leva o nome do lendário índio guarani - herói missioneiro foi fundado em 1952, com o nome de Ginásio Sepé Tiaraju.

Em 1970, fiz o vestibular para o curso de Física na Universidade Federal de Santa Maria, pois quando eu estava fazendo o colegial eu tinha um professor doutor em Física que me fez sentir o gosto pela disciplina, ao qual me levou à escolha desta disciplina e não Matemática. Apesar da Matemática ser a principal ferramenta da Física, igual ao carpinteiro que usa a sua serra e a sua machadinha para trabalhar a madeira.

Neste mesmo ano nos mudamos para Dourados, que ainda pertencia ao estado de Mato Grosso. Durante meu curso universitário, participei de diversos projetos Rondon⁵² em Boa Vista-Roraima, pois a universidade Federal de Santa Maria tinha um campus avançado neste estado, eu prestava serviço na área de educação, na área de serviço e na área agropecuária em uma fazenda experimental de lá.

E constatados que os funcionários dos governos do território⁵³ não possuíam curso de segundo grau, pois não havia nenhum curso noturno de segundo grau no território. Assim, criamos um projeto em conjunto com a universidade do Acre que pudesse proporcionar um curso supletivo de segundo grau para a população. Eu dei várias aulas de Física e de Matemática para esse curso de supletivo.

Minha família chegou a Dourados na expectativa de encontrar as terras, que muitas pessoas diziam ser férteis e baratas. Pois a região que nós morávamos era composta por pequenas propriedades, as chamadas colônias, iguais às colônias que foram criadas aqui em 1950, a colônia federal da Grande Dourados, só que aqui os lotes eram de 30 hectares e lá eram lotes de 25 hectares, então as propriedades eram menores e mais caras. A região da Grande Dourados ainda era inexplorada, havia a pecuária na região, mas a agricultura só existia nas colônias, nas terras de mata. Com as novas tecnologias, que começaram a ser introduzidas no campo, como os fertilizantes e as maquinarias, houve aqui uma invasão bastante grande, vamos dizer assim, de descendentes do Rio Grande do Sul, chamados de gaúchos, paranaenses e os catarinenses, mas, aqui já era povoado por muitos paulistas e mineiros. Com o tempo, as grandes fazendas que trabalhavam com a pecuária se transformaram com a vinda desse pessoal do sul, começaram a

⁵² O projeto Rondon foi criado em 1966 com o objetivo de levar os estudantes a conhecer à realidade brasileira e, proporcionar também uma oportunidade de colaborar com o desenvolvimento da população que vive em regiões isoladas. Uma das universidades que fazia parte deste projeto era a Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, sendo a primeira a instalar um Campus Avançado em Boa Vista – Roraima entre 1969 e 1985. Durante o período em que estava em funcionamento, enviou em torno de 3,5 mil alunos e 450 professores da UFSM, mas em 1989, esse projeto foi desativado e em 2005 ele começou novamente a atender a população.

⁵³ Neste período de 1970, Boa vista era um território Federal, foi elevado a estado pela Constituição de 1988 e nomeado como Roraima.

trabalhar com a agricultura, plantando soja, arroz, trigo e milho, sendo a região sul uma das principais produtoras de grãos do Brasil.

Em Dourados eu comecei a trabalhar no ensino do primeiro ao segundo grau, em 1974, no Colégio Estadual João Paulo dos Reis Veloso. Nesta escola lecionei por muito tempo as disciplinas como física para o segundo grau, química no segundo grau, e aulas do primeiro e segundo graus de Matemática.

Em 1975, abriu o curso de ciências de curta duração no Centro Pedagógico de Dourados - CPD, que era filiada ao campus avançado Universidade Estadual de Mato Grosso – UEMT. Fui trabalhar com a disciplina de física dentro do curso de ciências curta, ingressando assim na universidade Estadual de Mato Grosso. Em 1979 com a divisão do estado, a UEMT passou a UFMS, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Após alguns anos, em 2006, a UFMS⁵⁴ passou a ser chamada de Universidade Federal da Grande Dourados- UFGD, e assim acabei me aposentando pela UFGD.

Como eu estou há alguns anos em Dourados, eu presenciei a criação, implantação e as mudanças dentro da instituição que hoje é a UFGD. Inicialmente, o centro pedagógico de Dourados era para ser o curso de Agronomia, pouca gente sabe que haviam até colocado uma placa do curso de Agronomia no prédio (CPD), mas devido a questões políticas e a grande escassez de professores qualificados para assumirem as vagas, em 1971 foram criados os Centros Pedagógicos inicialmente com o curso de Letras (no qual minha esposa Telma Valle de Louro foi uma das primeiras professoras da língua portuguesa) e o curso de Ciências Sociais curta iniciou uma nova era da educação em Dourados. Esses cursos foram a sementinha plantada para iniciar a formação de professores que queriam trabalhar aqui na região da Grande Dourados, pois existia muita gente que possuía somente o segundo grau e estava dando aulas de Química, Física, Matemática e de Português. Tal era o nível de escassez de professores aqui na região, que até a capital Campo Grande estava passando pelos mesmos problemas, a falta de professores qualificados.

Em 1975, foi criado o curso de Ciências de curta duração, após nove anos, foi implantado ao curso de Ciências curta a Habilitação em Matemática e Biologia. Posteriormente, com a criação dos cursos de licenciatura plena em Biologia e Matemática, o curso de Ciências curta acabou.

⁵⁴ Somente a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul de Dourados passou a ser denominada com sendo Universidade Federal da Grande Dourados, os demais Campus permaneceram como sendo a UFMS.

Em virtude da tradição dos cursos de Letras e Estudos Sociais terem iniciado em Dourados, com o intuito de formarem professores capacitados para atuarem no magistério, houve um aperfeiçoamento cada vez melhor dos professores para atuarem nas redes municipais e estaduais, então, no meu ponto de vista, Dourados é um centro atrativo da parte educativa, como é hoje um polo bastante grande na área da educação, onde temos as instituições particulares, uma estadual e uma federal, com aproximadamente 30.000 mil alunos universitários. Com a criação desses cursos, vieram professores de vários estados do Brasil, como São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Essa migração é interessante porque vieram vários professores de distintas universidades, todo mundo trouxe uma bagagem, vamos dizer assim, existia uma grande diversidade da cultura, do conhecimento e das tradições, sempre achei muito bom! Porque essa interação sempre traz coisas boas!

Os concursos públicos para professores eram divulgados boca a boca ou por meio da publicação dos editais em jornais da época. A velocidade da divulgação era muito diferente do que temos hoje, antes era muito demorado e precário. Além disso, havia a resistência das pessoas em vir para o interior do estado, preferiam ir para a capital. Atualmente, não existe tanto preconceito em relação à localidade, visto que Dourados cresceu muito nesses 20 anos.

A corpo docente do curso de Ciências com Habilitação em Matemática era composta pela professora Ana Maria Sampaio Domingues, Vera Messias Faria Neto e o professor Arno Lange, que eu me lembro, eles foram uns dos responsáveis para a estruturação da grade curricular do curso de Ciências curta. Não existia muita diferença entre o curso de Habilitação com a Licenciatura, podemos ressaltar que na Habilitação eles iniciavam o curso tendo aulas de Biologia e Química, certas disciplinas que no curso de Matemática não tinha muita relação e as pessoas que se formavam na Licenciatura tinham disciplinas mais voltadas para a Matemática.

Não podemos negar que tínhamos algumas influências do curso de Campo Grande e não podemos negar que seguíamos as normas do currículo mínimo estabelecido pelo MEC. Apesar disso, conseguimos inserir algumas outras disciplinas sugeridas pelos professores que faziam parte do corpo docente, como a professora Ana Maria Domingues que era do estado do Rio de Janeiro. Essa professora entrou na instituição em 1975 na criação do curso de Ciências curta e até participou da criação do próprio curso de Matemática.

Com o curso aberto e disponível para a sociedade, a procura era razoavelmente boa, não faltava aluno, mas, ao final do curso, tinha bastante desistência, porque os alunos vinham com certa dificuldade, resultando em uma grande quantidade de reprovação. Eles não tinham aquela

persistência e nós éramos muito rígidos. Os alunos tinham que cumprir aquele mínimo necessário para se tornarem professores. E vamos dizer que nos orgulhávamos muito dos nossos alunos que concluíram o curso.

Gostaria de fazer um comentário, mas não falando mal do curso de Campo Grande, entretanto nós nos saímos melhor nas avaliações do MEC, mesmo que a maioria dos professores de Campo Grande fosse doutor. E nós aqui não tínhamos nenhum doutor, o máximo era o mestrado. Mas, com a organização do curso e o bom desempenho dos alunos possibilitou obter uma boa avaliação perante o MEC.

Com o passar do tempo, a grade curricular passou por algumas mudanças, mas nada que seja tão diferente ao que temos hoje. Em relação ao estágio, acredito que ainda também seja bem semelhante ao que temos atualmente nas universidades. Quando eu fiz lá em Santa Maria, antes um professor de Matemática ia acompanhar as aulas de estágio, mas com a falta de professores nem sempre eles iam acompanhar a aula. Sempre chamava a atenção durante ou depois da aula para as falhas, isso porque o professor é o responsável pelo desenvolvimento e o aprendizado de nossa meninada.

Nós tínhamos uma biblioteca que não era muito boa, mas como eu tinha bastante livro, acabava emprestando para os alunos. Era um grande obstáculo que a gente tinha, não pela falta de pedido dos professores, pois as licitações eram enormes de livros, mas comprava-se muito pouco título e poucos exemplares. Então era muito pouco investimento tornando a biblioteca em condições precárias e com o mínimo exigido pelo MEC. Daí muitos professores colaboravam com os empréstimos de seus livros aos alunos, pois nós vestíamos a camiseta por amor e não só pelo honorário que a gente recebia.

É doloroso pensar que nós que somos a massa pensante, nós temos que entrar em greve para conseguir recursos e melhorias no ensino, não somente melhorias salariais, mas também como melhores condições de trabalho. E continua até hoje, todas as universidades, não é só a nossa universidade, é todo o país, se fala muito da educação, saúde etc..., mas só durante a campanha eleitoral, depois somos relegados à própria sorte. É uma situação muito difícil. Eu sempre ouvi falar que nós, como massa pensante, devemos descobrir um outro meio de pressionar os governos para conseguirmos os recursos destinados à educação, não somente por meio das greves, pois com a paralisação aumenta o desestímulo por parte dos alunos ao retornar à faculdade, é desestimulante para o professor repor as suas aulas. Isso eu falo por mim, quando

voltamos desanimados os alunos percebem, então nunca essa reposição estará dentro da normalidade do ano letivo, vamos dizer assim, sem greve, sem interrupção.

Antes de me aposentar eu fiz um curso de especialização em metodologia de ensino superior na Universidade Estadual de Londrina-UEL. E cursei o mestrado em Meteorologia Agrícola, porque o curso de mestrado em física que eu estava planejando fazer na Universidade Federal de Viçosa/ES, não foi aprovado pelo MEC. Mudei de área e fiz o curso de meteorologia, pois eu ministrava aulas de física no curso de Agronomia da UFMS. E não fiz doutorado porque eu queria fazer nesta mesma área, aí ficou difícil e acabei me aposentando sem ter feito o meu doutorado.

De tudo que eu vi e passei, posso dizer que foi muito proveitoso a implantação do curso de formação de professores de Matemática aqui na cidade de Dourados. Tanto para os professores como para os alunos, pois os professores ficaram bem mais preparados para entrar em uma sala de aula e os alunos não encontraram tanta dificuldade na disciplina, devido à boa qualificação dos professores, mas, devido à falta de professores, tinha muito engenheiro dando aula, eu tive vários professores de agronomia dando aula de Física. Muitos trabalhavam como agrônomos durante o dia e durante a noite ministram aula de Física e/ou Matemática. E ainda tem a coragem de dizer que: “Graças que eu aprendi Física e Matemática, agora eu sou professor!” Agora nós professores dizemos: “Quer dizer que ele não fez o estágio e pode ser professor!?” Mesmo sendo autodidata nunca será como um profissional formado, habilitado, com todas as competências que o cargo requer!

3.3 Edmir Ribeiro Terra



Professor Edmir Ribeiro Terra, casado com Leila Bocorny e pai de dois filhos, atualmente reside na cidade de Caarapó – MS e é Professor efetivo da Universidade Federal da Grande Dourados desde 1989.

Meu nome é Edmir Ribeiro Terra, sou casado e pai de dois filhos. Moro na cidade de Caarapó, que fica aproximadamente 56 km da cidade de Dourados.

Iniciei, em 1977, minha formação acadêmica no curso de Engenharia por 3 anos e meio, mas o não conclui. Resolvi fazer matemática, porque eu me identifiquei muito fazendo estágio lá nas escolas Vespasiano Martins e mais algumas escolas em Campo Grande e escolhi, então, ser professor de matemática. Comecei o curso em 1982 e vim a me formar em 1986 em Campo Grande. Eu trabalhava durante o dia e o curso de matemática era no período noturno, no bloco da CCET⁵⁵, realizado inicialmente com a matrícula de 30 alunos e finalizando com 5 alunos.

Na busca por um emprego após a graduação, fiz um concurso público em Corumbá em 1987, não consegui passar, mas no mesmo ano prestei concurso em Dourados e tive uma resposta positiva, vindo a passar no concurso e sendo chamado somente em maio de 1989.

No início de minha carreira trabalhei com várias disciplinas, como geometria plana, estatística, fundamentos de cálculo e matemática financeira. Depois de dois anos que eu entrei

⁵⁵ Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas - CCET.

como professor efetivo na UFMS, acredito que em 1991, o curso de ciências era com Habilitação⁵⁶ em Ciências e Matemática acabou.

O curso de habilitação oferecia em torno de 50 vagas, sendo que eram 25 para cada área. Com a implantação das Licenciaturas em Matemática e Biologia, oferecidas separadamente, os alunos prestavam o vestibular para ingressar em seu curso. Na Licenciatura Matemática, inicialmente eram ofertadas em torno de 30 vagas e depois 40 vagas e hoje nós estamos na casa dos 50 ingressantes por ano na licenciatura em matemática, apesar disso, ainda estamos formando em torno de oito alunos, durante todos esses anos a nossa maior turma de formandos foi de 18 alunos. Existem vários motivos que podemos citar por termos poucos alunos formados, visto que as pessoas precisam trabalhar e, ao mesmo tempo, fazer a faculdade pela manhã, porque tem pouca base, enfim, por uma série de coisas que há uma grande dificuldade dessas pessoas de terminarem o curso, daí podemos notar que o rendimento não passa dos 40% dos ingressantes para terminar o curso.

Durante todos esses anos lecionando em várias disciplinas, observei que durante a aula exijo muito a participação, o esforço do aluno e levo uma lista de exercícios de problemas da disciplina que estou ministrando. Procuro fazer com que a matemática seja atraente, que as pessoas não passem a amar, mas que pelo menos gostem da matemática. Geralmente, no início da minha disciplina, os alunos já entram odiando a matemática, mas depois saem gostando, eu já acho que é um avanço, mas gostaria que saíssem amando a matemática, mas isso raramente acontece.

Como eu estou desde 1989, eu participei de 6 a 8 alterações da estrutura curricular, essas alterações ocorrem porque, quando o ministério regulamenta o curso, baixa as diretrizes (nós tivemos aí os PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais, depois nós tivemos algumas portarias em relação à quantidade de horas de estágio) e tudo isso afetou, afeta e continua afetando o desempenho dos cursos. Essa alteração proposta pelos governos nos obriga a reestruturar a grade curricular do curso em função dessas normativas e nós temos que nos adequar. Por exemplo, nós tínhamos 400 horas de estágio e agora estamos com 800 horas, e 400 delas são integralizadas na universidade e 400 fora da universidade e, enfim, nós temos aí algumas modificações nos últimos 3 anos. O REUNI é outro exemplo, que é uma disciplina ampla que envolve todos os cursos, o que você vê na matemática, você vê no curso de engenharia de produção, no curso de biologia,

⁵⁶ Neste tipo de curso o estudante estudava dois anos de ciências que envolvia a biologia, física e matemática, e no terceiro e quarto ano ele optava para qual das carreiras ele iria seguir.

no curso de psicologia e daí você tem que ser um pouco eclético no que se refere a essas disciplinas. Então a estrutura do curso sempre muda e está sempre em discussão, sempre mudando, sempre alterando em função das visitas dos avaliadores da CAPES e do MEC e também das novas estruturas e normativas, e a gente participa na tentativa de contribuir com algumas sugestões, mas percebe-se que há uma grande diferença que nós temos hoje e que tínhamos aí há 10 anos atrás por exemplo, que não é muito tempo.

Eu não estava trabalhando na Universidade quando implantaram, estava em Rio Claro/SP no curso de ciências com habilitação em matemática e as licenciaturas. Mas é interessante deixar bem claro o processo de implantação de um curso. Primeiramente acontece a autorização, por exemplo, temos um curso de física que está autorizado, mas ele não está implantado, então vem primeiro a autorização que sai do conselho universitário; partindo da autorização a universidade deve ter condições mínimas para que o curso comece a funcionar, depois inicia a implantação, aí entre a autorização e a implantação vai um certo tempo e uma certa distância. Do curso de licenciatura eu participei da autorização e da implantação, já no curso de ciência com habilitação em matemática e biologia participei apenas no final dele, digamos assim, porque as turmas foram sendo absorvidas para as licenciaturas, e aí então, no final, a gente não participa com muita alegria, mas o começo de uma nova estrutura de um curso que eu participei da criação, da autorização e da implantação do curso de matemática. Então, a gente já faz parte da história do curso de licenciatura em matemática, porque cada um vai construindo e colocando seu tijolo nesta estrutura que está funcionando até hoje.

O curso de licenciatura em matemática foi criado em Campo Grande e autorizado pelos colegiados. Houve uma discussão em relação à escolha do curso a ser implantado, matemática ou física, tanto é que o curso de Física já está autorizado, já está criado e autorizado na universidade, mas não está implantado. As influências políticas afetam as diretrizes gerais dos cursos, então você percebe que atualmente nas grandes áreas como a licenciatura indígena tem uma forte influência política pela criação de uma faculdade indígena por conta da nossa região, realmente, quando se fala em índio em Brasília, há uma comoção muito grande. Vamos dizer assim, a política de estado entra somente na estrutura das universidades, mas a política de governo em que cada governo tem uma política, nós temos que nos adequar, mas, assim, no que se refere à essência do curso a política não influencia, por exemplo, nós já tivemos aqui professores doutores que fizeram prova e não foram aprovados, tivemos aí 8, 9, 10 professores que fizeram concurso e não entraram, porque eles não estavam dentro do perfil, não era falta de inteligência, não era

falta de título, era a falta de um perfil que se adequasse às nossas necessidades. Então, as pessoas vinham fazer concurso achando que tinham o título e por isso podiam entrar, e não é bem assim, eu participei de algumas bancas também, quando até então não tínhamos doutores não é, eu só fiz o mestrado então por isso a gente consegue fazer uma avaliação em que a política não influencia diretamente como algumas pessoas ainda pensam.

3.4 Odival Faccenda



Sou Odival Faccenda, nasci em Sarandi-RS e atualmente sou professor efetivo da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - Dourados.

Soube da importante participação do professor Odival Faccenda na estruturação e desenvolvimento do curso de Matemática por meio do professor Irio Valdir Kichow. E, em uma conversa informal com uma amiga da família, Maristela Míssio, ela comentou ser amiga do professor. Foi por meio de um telefonema dela, que tive o primeiro contato com o professor. Com a sua autorização, a Maristela me passou o seu número de telefone e, assim, pude entrar em contato e marcar a entrevista nas dependências da UEMS.

Eu fiz a minha graduação em Licenciatura Plena em Matemática pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras em Porto Alegre, na qual eu ingressei em 1974 e terminei em 1978. Em julho de 1979 entrei no mestrado de Estatística oferecido pela UNICAMP, depois fiz doutorado em Engenharia Agrícola na UNESP de Botucatu de 1993 a 1996. Depois de um tempo, fiz meu pós-doutorado no curso em Educação oferecido pela UNICAMP em 2010.

Decidi fazer Matemática, pois eu tinha/tenho vocação e eu sempre gostei de Matemática. Inicialmente, eu fui professor de Educação Física no Ensino Médio. Como eu era de uma família pobre, eu tinha que trabalhar para ajudar financeiramente a minha família, então, depois que

terminei os meus estudos eu consegui um emprego como professor de Educação Física. Consegui o emprego devido o gosto pelo esporte e ter uma ótima condição física, mas eu não tinha curso superior e dei aula de Educação Física por três anos. Com o dinheirinho que eu ganhava conseguia me manter.

Sempre tive facilidades com a Matemática e dificuldades com o Português, eu acho que isso também me levou a optar pela Matemática. A docência está no sangue, pois eu sempre quis ser professor e nunca pensei em ser algo diferente, eu sempre quis ser professor. E com o tempo, me criou essa vontade paralela de ser pesquisador e não só professor, me instigava em ver as coisas e só passar para os outros, e isso outros podiam ler e adquirir. Eu queria ser um pesquisador e mostrar o processo da construção do conhecimento, propriamente dito, porque a construção do conhecimento que me instigava não era por livro, era mais que isso, era com a prática. As práticas te trazem as teorias que possam te conduzir nesse processo, então isso me parecia que vinha com a pesquisa, e ser professor eu sempre quis ser. Eu brigo quando me dizem que eu sou um pesquisador renomado, eu falo que “de pesquisador eu não tenho nada, eu sou mesmo é professor, eu gosto de ser professor!”.

Essa foi a questão que me levou a ser professor, mas é de berço, isso é nato, quer dizer, não sei se é de berço, pois eu não tive histórico na família de professores, porém os meus irmãos são professores. O que levou os vários a serem professores eu não sei te dizer, tem um professor de Educação Física e duas irmãs de Pedagogia. Meus irmãos foram professores, mas só dois que não foram professores. Você viu que na família tinha professores e porque isso me ocorreu, não sei, talvez fosse a forma mais fácil de você sair da agricultura e conseguir um meio de sustento. Independente dessas questões, eu sempre gostei de dar aula, mas tenho que fazer um estudo para ver realmente o que aconteceu.

Antes de ingressar na docência do ensino superior, trabalhei na educação básica em Porto Alegre por seis anos em diferentes escolas públicas e particulares. O Morros como era chamada uma das escolas públicas em que eu lecionei, enfrentava uma situação de extrema pobreza e, de certa forma, foi o que me desencantou em ser professor do ensino básico. Então resolvi fazer mestrado, porque eu não ia dar conta de trabalhar naquelas condições de extrema pobreza, pois os alunos não tinham nenhuma motivação para estudar. Tive outra experiência que me marcou muito, foi um caso que aconteceu com uma turma de quinta série onde eu reprovei todos os alunos num determinado ano, eu nem deveria falar isso, mas vou deixar registrado porque foi um fato que ocorreu e que me desestimulou muito, então resolvi sair da educação

básica e fui fazer a minha carreira acadêmica, me mudei para Campinas com o objetivo de fazer o mestrado.

Logo depois que eu terminei o meu mestrado, voltei ao Rio Grande do Sul e fui lecionar nos cursos de graduação da Universidade Regional Integrada de Erechim – URI por seis anos. Nesta universidade eu coordenava um projeto de nível nacional, trabalhávamos com técnicas de ensino e aprendizagem em Matemática para auxiliar os futuros professores e os professores de todas as escolas próximas ao município de Erechim. Eram encontros semanais com a duração de quatro horas, eram realizados nas dependências das escolas e contávamos com a participação dos professores e dos nossos alunos estagiários para desenvolvermos algumas atividades que julgávamos interessantes para serem utilizadas nas aulas. Eu pude aprender e desenvolver muito os meus conhecimentos participando deste projeto.

E, depois disso, vou contar uma breve história que acontece na URI, na época em que eu era coordenador, chefe de departamento e diretor dos professores, enfim, eu exercia uma certa liderança lá na universidade e, um dia, como diretor da associação dos professores, me solicitaram pra enviar um projeto ao conselho da URI para pedir o afastamento e liberação dos professores para fazerem o doutorado com o salário integral. A minha luta começou com esse projeto, pois eu também tinha um interesse em fazer o doutorado, mas o projeto foi reprovado no conselho e aí eu disse para o reitor “tudo bem, mas vocês irão me perder e eu vou fazer um concurso que me permitam fazer carreira”, e aí, de fato, depois de um mês eu tive a oportunidade de fazer um concurso em Mato Grosso do Sul para a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, fiz o concurso e passei, e até hoje eles me perderam e, junto comigo, o projeto que eu coordenava, pois os outros não deram conta de tocar o projeto.

Tudo isso aconteceu tão rápido, mas no final deu tudo certo. Por acaso uma pessoa que trabalhava aqui em Mato Grosso do Sul com educação Matemática no ensino básico me procurou em Erechim para saber do projeto, e também logo me informei se havia algum concurso aberto no estado. Como ela estava voltando naquele mesmo dia disse que quando chegasse iria me enviar um e-mail com as informações sobre o concurso. No dia seguinte ela me confirmou e imediatamente fiz a minha inscrição para o concurso.

Logo quando eu cheguei, eu me lembro de que a primeira turma de licenciatura curta em Ciências com Habilitação em Matemática precisava fazer uma disciplina chamada Variáveis Complexas, mas o professor que tinha na época não se sentia seguro em ministrar essa disciplina.

Para que a turma pudesse se formar, deveriam fazer essa disciplina, então eu resolvi ministrar essas aulas.

Como eu cheguei em 1987, sendo o primeiro ano do curso de Licenciatura Plena em Matemática, eu tive uma participação intensa. Pois eles sonhavam com a chegada de uma pessoa com mestrado e que pudesse dar um suporte a mais para o curso, porque eles não tinham esse suporte para garantir uma qualidade que uma universidade federal sempre pregava e almejava. Então, eles depositaram em mim muita confiança e fui muito bem recebido com todas as portas abertas, por isso que eu não quero sair de Dourados, porque eu fui muito bem acolhido pelas pessoas, as pessoas foram muito simpáticas comigo, e eu diria o seguinte: eu me identifiquei muito com esse grupo e que, hoje, Dourados tem essa força no ensino superior.

Eu posso afirmar que com o nível que eu cheguei me dei bem e gostei, porque eu vivi aqui alguns anos e sei que todo professor que vinha prestar concurso para Dourados, com mestrado ou doutorado, de alguma coisa desse tipo não ficava aqui nem três meses e era transferido para Campo Grande. Eu tive várias oportunidades de ir para Campo Grande e não fui por opção, mas os outros não ficavam, iam embora. Então por isso que Dourados sempre teve o problema de fixar professores com titulação, porque era muito isolado dos grandes centros. Esse foi o problema inicial de Dourados, hoje isso parece que já passou por cima, não tem mais, mas na época ninguém queria trabalhar aqui, e o mesmo problema que nós enfrentávamos aqui, Aquidauana e Três Lagoas também enfrentavam, talvez Três Lagoas menos porque ficava próximo de São Paulo, mas Aquidauana tinha o mesmo problema que nós. Eu até me lembro, quando nós íamos nas reuniões de área em Campo Grande, e isso nós tínhamos que fazer uma vez por semana, havia uma divisão, nós e Corumbá, Campo Grande e Três Lagoas, era sempre bem dividido e as situações eram bem diferentes, porque nem nós nem eles conseguíamos ter professores qualificados e manter um curso de alto nível e isso era ruim.

A licenciatura curta e a Licenciatura Plena em Matemática, já existiam quando eu cheguei aqui, mas eu sei que o centro pedagógico de Dourados foi criado para os cursos de Agronomia, Ciências, Geografia, Matemática, Letras e Pedagogia. A implantação do curso de Matemática, eu acredito que foi uma imposição gerada por meio de um decreto do governo e o curso de ciências foi criado no lugar da licenciatura em Matemática e da Biologia. Então isso veio com um decreto, criou-se as licenciaturas curtas e, rapidamente, elas preencheram aquela lacuna que diziam que tinha, eu vejo que isso foi uma estratégia. Não sei dizer como, mas, enfim, talvez tenha sido desnecessárias as medidas que o governo tomou com as licenciaturas, acontece

que baixaram esse decreto aí e não resolveu muita coisa. Já se passaram seis ou sete anos que acabaram com as licenciaturas curtas, mas criaram agora as licenciaturas plenas, onde Ciências passou a ser dividida em Matemática e Biologia. Eu não sei ao certo, mas seria interessante os historiadores fazerem uma pesquisa bem detalhada sobre isso.

Eu acredito que houve uma influência política na criação inicial do curso de Matemática. E para o desenvolvimento da educação da Grande Dourados, eu acho que quem influenciou muito politicamente foi o nosso ex-reitor falecido, Luiz Antonio Alvarez Gonçalves⁵⁷.

As pessoas que chegaram à cidade tiveram, de algum modo, uma importância marcante para o desenvolvimento da educação. Os professores Manzine e o Everaldo que eram pessoas com a cabeça aberta, o próprio Claudio, que não era propriamente da Matemática, mas era das Ciências, chegaram de fora e conseguiram mudar, por exemplo, a concepção de educação, pois eles conseguiram trazer aqui uma concepção moderna de qualificação, capacitação e pesquisa que ajudou a desenvolver não só as licenciaturas, mas também os outros cursos, e foi na época que eu estava como chefe de departamento. Foi nesta época que começou o projeto de mestrado em Etnologia que hoje é um curso de doutorado, e que foi o primeiro doutorado aqui em Dourados. Pra tu veres como aquele grupo que veio foi importante no curso.

Na Matemática tivemos o Flamarion⁵⁸ que teve uma passagem relativamente curta, mas que possibilitou a abertura de porções de caminhos, que às vezes fica muito difícil e as forças ficam desiguais para você abrir alguma coisa. Flamarion abriu caminhos para a Matemática em Dourados. Eu tive um papel importante dentro da Matemática, mas a Matemática aqui vai ter sempre um marco, o antes do Flamarion e depois do Flamarion. Ele realmente representou aqui em Dourados uma força muito grande em termos de quebrar os paradigmas dentro da Matemática, dentro da Educação Matemática. Ele era um mestre bem matemático, eu fiz um caminho inverso, ele era da Engenharia e veio para a Matemática e eu era da Matemática e fui para a Engenharia. Ele parecia ser muito mais educacional, infelizmente ele faleceu e nós o perdemos, e essa pessoa possibilitou quebrar os ranços aqui, ele era uma pessoa muito positiva. Teve uma época que se fosse necessário ele dava cinco disciplinas, se tinha um curso de extensão que era importante e ninguém queria pegar, ele pegava. Eu me lembro que em um ano eu tive que dar cinco disciplinas, pois tinha um professor que ficou doente e tínhamos que assumir as

⁵⁷ Luiz Antônio Álvares Gonçalves, era natural de São Paulo, foi reitor e vice-reitor da UEMS. Foi prefeito da cidade de Dourados. É graduado em Direito pela UEL.

⁵⁸ Professor Flamarion Taborda foi um Engenheiro que buscou se especializar na área da Matemática, era efetivo da UFMS.

disciplinas dele. Então, quando havia cooperação de todo o grupo, a gente dividia, mas quando não tem, temos que dividir com os voluntários. E aí chegou o Flamarion com essa vontade, nossa foi maravilhoso porque aí quem queria fazer a capacitação não deixou de fazer.

As grades curriculares eram postas constantemente em revisão, porque houve uma transição muito forte da habilitação para a licenciatura plena. As primeiras grades curriculares da graduação eram muito rígidas e não estariam atingindo o objetivo do curso, por isso foi levantada por Dourados e Corumbá que a grade deveria ser reformulada. Existe uma grande diferença na composição do corpo docente das cidades de Campo Grande, Dourados, Corumbá e Três Lagoas. Sendo que Campo Grande e Três Lagoas possuíam mais mestres e doutores, em Corumbá e Dourados somente um mestre e graduados. Então, em nosso ponto de vista, deveria haver uma reformulação na grade curricular do curso de Matemática de Corumbá e Dourados. Essas reuniões eram compostas por uma comissão de cada instituição e duravam, algumas vezes, o dia inteiro, mas essas reuniões pedagógicas eram quase quinzenalmente, semanalmente, dependendo da semana, eram realizadas em Campo Grande com essas condições, porque o curso era o mesmo.

As condições estruturais entre os campi⁵⁹ eram bem diferentes, no campus de Dourados nós tínhamos como recursos uma sala de informática e uma biblioteca. Eu utilizava a sala de informática para que os alunos praticassem os conteúdos de Cálculo Numérico. Na época eu mandava os alunos implementarem todos os programas de Cálculo Numérico para rodar naqueles computadores, coisas que hoje não se faz mais. Pra tu ver que tinha uma diferença e que tudo era possível, então a questão de recurso que a gente tinha basicamente era esse, fora isso era lousa e giz. A biblioteca que tínhamos era boa, nós não podíamos reclamar da biblioteca, os livros básicos e de consulta até pouco tempo ainda existiam na biblioteca. Nos últimos cinco anos eles melhoram o acervo, mas o acervo até então era o mesmo que tínhamos na época. Eu lembro que eu tinha uma tipografia extensa e eu pedi para que fossem comprados pela universidade e, com espanto, vieram todos os que eu pedi. Quando o professor Flamarion chegou, sendo o segundo mestre de Matemática da UFMS, ele também tinha uma lista extensa e todos os livros foram pedidos. Se tinha alguma coisa que eu me orgulhava era da nossa biblioteca de Matemática, se você precisasse de um livro da área, realmente nós tínhamos todos os livros clássicos. A biblioteca era boa, isso não podemos reclamar, em termos de acervo era muito boa, para a época estava acima da média. Tanto que eu me lembro, quando veio uma comissão da USP para o

⁵⁹ Das cidades de Aquidauana, Três Lagoas, Campo Grande e Dourados.

reconhecimento do curso de Matemática, e veio um professor que foi vendo se tinha tal livro, caso tiver o livro ele brincou “eu não vou ver mais os outros”, tá ele aqui, entendeu!? Vocês estão de parabéns, a biblioteca de vocês tem um acervo ótimo e daí eles mesmos doaram o acervo particular deles, porque eram duas pessoas de uma certa idade, doaram o acervo particular deles para a nossa biblioteca, porque eles se encantaram aqui e levaram um aluno⁶⁰ nosso para fazer mestrado lá na USP. Eles deram essa condição. Isso me marcou muito.

A partir de 1988, eu assumi um pouco o papel de liderança, talvez não tivesse essa liderança dentro do grupo de professores, daí eu ocupei por um bom tempo. Eu acredito que pude assumir devido eu ser o único com mestrado lá. Sempre fui de exercer um trabalho em grupo, gosto muito de trabalho em equipe, em alguns momentos você tem que exercer o papel de liderança, porque é assim que se organiza as coisas, não que isso seja um fator nato meu, mas eu acho que quando tem que exercer o ato de liderança tem que exercer.

Eu tenho uma meta que eu sempre gostei de perseguir e nunca abri mão, sempre defendi para todos os meus colegas a importância de fazer a capacitação, constantemente. Ela não pode ser deixada de lado, porque se ficarmos trabalhando sempre a mesma coisa ficaremos desatualizados, temos que lembrar que as coisas evoluem e tem um período de reciclagem. Eu priorizo mais o lado da capacitação do que propriamente da liderança, e exercer essa função ainda que isso se torne um vazio, você tem a obrigação de exercer se não você fica sem função.

É interessante que, desde o início, os cursos de Matemática pelo Brasil nunca tiveram uma procura exorbitante, e no curso de Dourados não é diferente. A procura nunca foi muito grande para a Matemática, mas nunca deixou de completar turmas, sempre teve uma demanda acima do mínimo, mas sempre ficava entre 1,5 e 2,5 a procura média pelas vagas.

O governo incentivava os alunos com algumas bolsas de monitoria, nós tínhamos uma bolsa de iniciação científica que se transformava em monitoria. Não era essa bolsa que temos hoje, era uma bolsa que era oferecida pela universidade. Uma das pessoas que eu lembro que estava e pegou essa bolsa foi o Rildo Pinheiro do Nascimento⁶¹, ele era um dos alunos mais carentes que eu vi chegar à universidade e seu pai era um agricultor que tinha poucas condições de manter os estudos do filho. Ele conseguiu a bolsa e pode concluir o curso de Matemática. Nós tínhamos outro tipo de bolsa, o CEZEC⁶², que funcionava do lado do CEUD⁶³. Todos os nossos

⁶⁰ Sidnei Azevedo foi o aluno da primeira turma, atualmente é efetivo da UFGD.

⁶¹ Atualmente é mestre e efetivo pela UEMS - Dourados.

⁶² É uma bolsa de estudos oferecida pelo Banco do Brasil aos alunos da graduação.

⁶³ Centro Universitário de Dourados.

alunos bolsistas acabaram fazendo um estágio de 4 horas no CEZEC, eram em torno de 10 a 12 alunos da Matemática, mas essa bolsa que o CEZEC pagava era muito pouco, o próprio Rildo migrou dessa bolsa para outra, e hoje é mestre. Eu sempre pego a vida dele como um exemplo fantástico de ser dado, pois essas bolsas que são dadas hoje e esses auxílios tem uma importância muito grande para algumas pessoas, se dependesse dele não teria como ele se manter aqui, o pai dele não tinha como mantê-lo. Por meio dessa bolsa que ele conseguiu, mesmo que o rendimento deles possa não ter sido algo a 100%, mas lutou e conseguiu superar, se tornando um cidadão integral na sociedade. Eu digo que certas iniciativas da universidade devem ser resgatadas com carinho, porque isso faz toda a diferença na vida de muitas pessoas. Tinha uma bolsa para monitoria, mas pagava-se muito pouco e até hoje continua pagando pouco, era em torno de 100 a 180 reais.

Foi uma coincidência, a gente não sabe como acontece, são coincidências da vida que às vezes são boas e às vezes não tão boas, mas, essa foi boa porque graças a minha saída eu pude dar continuidade na carreira acadêmica. Aqui também não foi fácil, tive que lutar muito dentro dos conselhos do próprio curso, mas depois de tanta luta, em 1993, eu consegui sair para fazer o doutorado com o salário e fazer com boas condições. Fiz o meu doutorado na área de Engenharia, mas um ano depois o presidente Fernando Henrique Cardoso mudou a lei da previdência, conseqüentemente eu tive que forçosamente pedir a aposentadoria compulsória em 1998, mas antes eu paguei tudo que deveria à UFMS por ter me aposentado logo depois que cheguei do doutorado.

No mesmo ano em que eu me aposentei, eu prestei o concurso público da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul em Dourados, assumi no final de 1998 e estou até hoje. Mas não quis mais voltar para a Matemática, porque toda a minha formação básica é na área de Matemática, mas no doutorado em diante me desiludi um pouco com os rumos da educação. Daí eu resolvi trabalhar no curso de Ciências da Computação, foi onde eu pude realizar um antigo sonho meu, ser um pesquisador e professor. Eu adoro ser professor, mas eu sempre tive um sonho de ser um pesquisador, mesmo não sabendo o que era ser um pesquisador.

Consegui me desenvolver razoavelmente bem dentro de uma pesquisa, me encaixando em grupos de pesquisa na parte de Matemática aplicada e estatística. Me dou bem com todo mundo do grupo de pesquisa e me sinto muito bem, pois me sinto útil dentro do grupo. Minha formação contribui bastante nesses grupos de pesquisa, então ali eu me sinto bem. Recentemente fui convidado trabalhar com o PROFMAT, aceitei a trabalhar na Matemática, hoje eu voltei em

convite da Maristela⁶⁴, do Vando⁶⁵ e do Aguinaldo⁶⁶. Aceitei voltar para a Matemática, mas sinto que está um pouco pesado para aguentar esse tranco, mas, tem uma história nesse processo.

⁶⁴ Maristela Missio, doutora em Matemática Aplicada e efetiva da UEMS.

⁶⁵ Vando Narcisio, doutor em Matemática e efetivo da UEMS.

⁶⁶ Aguinaldo Lenine Alves, doutor em Ciências e Tecnologias de Materiais e efetivo da UEMS.

3.5 Ana Maria Sampaio Domingues



Eu sou Ana Maria Sampaio Domingues, casada e mãe de dois filhos. Sou aposentada pela UFMS e atualmente dou aula particular de Matemática e trabalho na parte administrativa da Clínica Climed⁶⁷ em Dourados.

Inicialmente, o professor Irio Valdir Kichow me passou seu telefone e o endereço. Fui à sua residência, mas a sua secretária informou que estava trabalhando na Climed. Fui até a Climed para explicar o assunto de minha pesquisa e, no mesmo momento, ela concordou em realizar a entrevista. Marcamos por telefone a entrevista e a realizamos em sua residência.

Eu sou Ana Maria Sampaio Domingues, nasci em Carangola, no estado de Minas Gerais, em janeiro de 1949. Fiz toda a minha vida educacional na cidade do Rio de Janeiro, tendo feito a faculdade na antiga Universidade do Estado da Guanabara no curso de Licenciatura Plena em Matemática, tendo concluído em dezembro de 1971.

Cheguei a Dourados em 30 de dezembro de 1971, pois me casei com uma pessoa daqui da região de Dourados. Tendo feito curso de medicina na cidade do Rio de Janeiro nós nos conhecemos, casamos e estamos aqui até hoje, mas os membros da minha família - vamos dizer

⁶⁷ Clínica Médica de Dourados.

assim, talvez os costumes, muitas pessoas dizem que o sotaque também eu não perdi tanto- são todos cariocas.

Em janeiro de 1972 ingressei no Ensino da Matemática em Dourados na Educação Básica. Na Universidade Estadual do Mato Grosso, eu ingressei em fevereiro de 1975 para dar início ao curso de Licenciatura Curta em Ciências. Desde essa época, até agosto de 1991, eu sempre trabalhei na universidade dentro da sala de aula.

Como a região da Grande Dourados na década de 1980 não tinha mão de obra qualificada em qualquer área, as faculdades e as universidades tinham um papel de grande importância para o desenvolvimento da cidade. Para que fosse implantado um curso na cidade, em princípio, a gente sempre fazia um levantamento das necessidades da comunidade, por exemplo, nós dizíamos quantos professores estavam faltando, qual era a situação dos professores que estavam atuando na rede de ensino, então em cima disso a gente tinha a demanda, e esses eram, vamos dizer assim, os argumentos mais fortes para a gente conseguir os cursos, porque os cursos sempre foram criados aqui em Dourados por esses argumentos: a necessidade da comunidade. Como o município de Dourados estava crescendo e, assim, aumentando o número de escolas, e tinha muita falta de professor na área de Matemática, pôde ser criado e implantado o curso pela UFMS de Dourados.

Então, logo que abriu o curso de Habilitação em Matemática, eu acho que entraram dois professores novos para formação em Matemática, nós ficávamos sempre mais sobrecarregados de aula, dávamos de doze a dezesseis aulas semanais, de três a quatro matérias diferentes, para poder então criar o curso. Nem sempre nos semestres seguintes você dava as mesmas disciplinas que você tinha dado no semestre anterior, ou no ano seguinte. No mesmo ano você podia dar cálculo, VGA⁶⁸, Prática de Ensino e Complementos da Matemática Elementar. Então, fora isso, a gente seguia a legislação vigente na época, que aí tinha que fazer pedido, passar pelo Conselho de Ensino e Pesquisa, Conselho Diretor, então depois de tudo aprovado aqui, aí ia para a reunião do conselho de Ensino e Pesquisa, também já tendo passado antes por uma comissão de ensino pra ver se estava tudo em ordem para poder ir ao plenário, então eram as normas gerais de implantação de cursos. Agora, como curso na área de Licenciatura, nós já tínhamos o espaço físico, então não envolvia construção, envolvia mais corpo docente e livros. Os gastos que iríamos ter para sua implantação eram basicamente os livros e o corpo docente, que dependia do governo liberar a abertura de concurso ou não, contratação.

⁶⁸ Disciplina de Vetores e Geometria Analítica.

A procura pelo curso de Habilitação foi acabando no momento em que abria um curso mais amplo, por exemplo, abriu Habilitação em Matemática, não existia mais a licenciatura em Ciências. Então, você fazia a licenciatura em Ciências com Habilitação em Matemática, entendeu? Não abria mais vestibular pra Licenciatura em Ciências, aí quando abriu a Licenciatura em Matemática, acabou o curso de Ciências com Habilitação em Matemática, aí ele ficou, eu acho, um tempo como Habilitação em Biologia. Aí só ia caminhando aqueles alunos que ainda não tinham se formado, e dava até prazo para eles concluírem o curso, se não eles tinham que fazer a adaptação. Muitas vezes tinha a segunda chamada, porque, embora tivesse mais procura em outros cursos, os alunos que tentavam entrar no curso de Matemática eram eliminados porque tinham pouco conhecimento na Matemática, porque o critério de aprovação era diferente.

Há pouco tempo, conversando com uma professora que dá aula lá no curso de Matemática, ela me disse “Ana, você sabia que tirando zero na prova de Matemática entra?”, porque o governo hoje não quer vaga ociosa. Então não tem problema, ele quer fazer o curso, ele entra, antes não podia zerar disciplina nenhuma, hoje eles têm um sistema diferente de avaliação para o ingresso, agora a gente está vivendo um momento que a aprovação é pelo ENEM, por cota, alunos com notas muito mais elevadas não conseguem aprovação em determinados cursos e outros com desempenho bem menor entram, então cada época é uma época, então nessa época existia mais candidatos do que vagas, isso sim, mas não uma disputa acirrada como um curso de Direito, um curso de Medicina, um curso de Arquitetura, longe disso. Tanto é que a Unigran⁶⁹ fechou o curso de Matemática, porque estava dando prejuízo, as faculdades particulares, hoje em dia, quase não têm mais curso de licenciatura porque não tem procura. Hoje o magistério está vivendo, principalmente no interior, uma situação muito difícil. Eu vejo pelos meus alunos que vem aqui na aula particular, o nível dos professores que estão dando aula está caindo muito, e as dificuldades dos alunos aumentando.

Para formar esses profissionais, tentamos criar uma grade curricular coerente para formar profissionais qualificados, porém para a formulação das grades curriculares de instituições Federais, como por exemplo, os do curso de Ciências com Habilitação em Matemática e Licenciatura Plena em Matemática, nós professores apenas elaborávamos sugestões, pois além de existir o currículo mínimo quem decidia mesmo era o Conselho de Ensino e Pesquisa e a Pró Reitoria de Ensino, então nós dávamos sugestões e, também a legislação não dá tanta abertura,

⁶⁹ Centro Universitário da Grande Dourados criado na década de 1970 a fim de elevar o seu nível profissional, cultural e social. Atualmente é a mais importante faculdade particular da cidade de Dourados, abrangendo várias regiões circunvizinhas a esta.

você tem que ter as disciplinas profissionalizantes, então o Ministério da Educação normalmente não dava a emento das disciplinas, a gente seguia a orientação de cima, assim nós não tínhamos tanta liberdade. A Pró-Reitoria de Ensino estabelecia um calendário, então iam os professores dos vários centros nas reuniões que geralmente aconteciam em Campo Grande e discutiam a grade curricular com os outros campi da universidade, então cada Universidade dava sua sugestão e aí se chegava a um denominador comum.

As sugestões que nós dávamos eram quais as disciplinas optativas que nós iríamos oferecer em Dourados, pois algumas vezes nós não oferecíamos as mesmas disciplinas optativas que Campo Grande, mas as disciplinas obrigatórias elas eram as mesmas, tanto é que se o aluno fosse transferido de Dourados para Campo Grande não tinha que fazer adaptação, a grade era uma só.

Para nos qualificar no decorrer dos anos, eu fiz dois cursos de pós-graduação, sendo um em Metodologia do Ensino Superior, através da Universidade Estadual de Londrina, sendo ministrado em Dourados, e o curso de especialização em Matemática feito na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul em 1982, foram todos realizados em períodos de férias, sem afastamento e sem ônus nenhum para a universidade. Todas as despesas foram custeadas por mim.

Durante toda a minha carreira de docente pela Universidade, desde o curso de Ciências ao curso de Licenciatura em Matemática, ministrei as disciplinas como Prática de Ensino da Matemática, Complementos da Matemática Elementar, Geometria Analítica, Cálculo Diferencial Integral, mas o forte mesmo era trabalhar com os calouros fazendo uma revisão toda do ensino da Matemática e depois a Prática de Ensino. Acredito que pelo fato de eu ter feito Curso Normal, que na época tinha esse nome, eu sou uma pessoa que tenho muita paciência, tanto é que até hoje trabalho com aula particular de Matemática e os colegas achavam que eu tinha paciência pra trabalhar com os calouros, porque naquela época, nossos alunos, na grande maioria, eles tinham ficado muito tempo sem ir à escola, pelas circunstâncias da cidade, então eles estavam muito esquecidos e, com isso, a gente precisava fazer uma boa recuperação da Matemática básica e essa disciplina era Complementos da Matemática Elementar. O que eu nunca trabalhei mesmo foi na área de Desenho, porque eu tenho dificuldade de fazer traçado no quadro negro, então na área de Desenho, Geometria Descritiva, isso eu nunca dei, nesta parte que envolvia aquela aparelhagem de desenho eu fugia.

Em minhas aulas eu não utilizei os livros na qual eu estudei em minha graduação, pois na época que eu fiz a faculdade eram poucos livros que eram editados em português, eram muitos livros em espanhol, francês e inglês, porque eu ingressei na faculdade em 1968. Os alunos utilizavam os livros que estão na biblioteca e, durante as minhas aulas, gosto de trabalhar com a construção do conhecimento a partir dos conhecimentos que os alunos já possuem, assim vamos construindo os conteúdos passo a passo, sanando as dúvidas que forem encontrando durante a explicação, na qual utilizo alguns materiais que os alunos possam manusear e, assim, ajudava os alunos a compreenderem melhor o assunto trabalhado.

Na época só tinha retroprojeter, eu particularmente não usava muito isso não. Na aula de Matemática eu usava mais o quadro e o giz. Ainda na questão de Prática de Ensino, aí sim, às vezes usava retroprojeter, levava algum outro material didático confeccionado, às vezes pelos próprios alunos ou por mim, que hoje eu uso nas minhas aulas particulares.

Como a cidade era menor, você tinha muito mais contato com os alunos, o CEUD⁷⁰ era como se fosse uma família. Uma vez, eu estava de licença médica, tinha feito uma cirurgia, e no dia do mestre eu fui acordada com uma serenata dos alunos de Agronomia, porque era um grupo tão unido entre alunos e professores, que os alunos sabiam onde os professores moravam, era um ambiente muito bom para trabalhar, então era assim muita solidariedade, principalmente dos alunos da Agronomia que não tinham família na cidade então eles se apegavam muito aos professores, então, por isso, a gente conhecia as pessoas e manteve os contatos, como eu te disse eu já moro aqui há mais de 40 anos.

Passaram-se 28 anos da criação e implantação do curso de Ciências com Habilitação em Matemática e Biologia. Eu me recordo de alguns professores do curso de Ciências com Habilitação como a de Português que já é falecida, a Isaura Liga, tinha o professor de Biologia que também já é falecido Nelson Ortiz e as aulas de Didática e Psicologia eram ministradas pela professora Zonir⁷¹. No curso tínhamos só as disciplinas de Matemática, Física, Química, Desenho, Didática, Psicologia, Estatística e Português. Português era só no primeiro ano. No curso de Licenciatura Plena, eu me recordo dos professores Odival Faccenda, Manzine, Abramo Loro Neto, Arno Lange, Valdir Brasil, Edmir Terra, Luiz Antonio e Adailton.

Trabalhávamos muito para o desenvolvimento do curso, e para tentar melhor qualificar os professores que serão responsáveis pela educação dos nossos filhos. E o curso de Licenciatura

⁷⁰ Centro Universitário de Dourados que atualmente é a Universidade Federal da Grande Dourados.

⁷¹ Zonir Freitas Tetila, aposentada pela UFMS.

em Matemática foi responsável por formar professores de Matemática e quem já era professor, continuou professor, e estudou mais e partiu para o ensino superior, e outros aproveitaram o curso de Matemática e prestaram concursos públicos na Caixa Econômica, Banco do Brasil, ou, se não montaram seus próprios negócios, foram se espalhando. Quem era do começo e ficou no magistério até hoje que eu sei é a Maria Regina e o José Felício⁷², que estão envolvidos com a área de educação até hoje. Tem outro professor que dá aula na Unigran que se formou no curso de Licenciatura em Matemática, Pedro Paulo⁷³, ele dá aula na Unigran e no Imaculada⁷⁴.

⁷² José Antonio Felício, professora da UFMS.

⁷³ Pedro Paula da Silva, atualmente é professora de UNIGRAN

⁷⁴ Escola particular de educação básica da cidade de Dourados.

3.6 Luiz Gonzaga Manzine e Odival Faccenda



Nós, Luiz Gonzaga Manzine e Odival Faccenda, somos professores universitários, professor doutor e efetivo da FACET/UFMG e professor pós-doutor efetivo da UEMS, respectivamente. Atualmente, moramos na cidade de Dourados, desde o final da década de 1980, pois viemos para trabalhar como efetivos da UFMS no curso de Licenciatura em Matemática.

No dia 25 de novembro de 2012, realizamos a entrevista com os professores Odival Faccenda e Luis Manzine para uma conversa em conjunto, como sugestão do professor Manzine, seu amigo de longos tempos.

Manzine:

Nós fomos os primeiros a chegar.

Faccenda:

Não, não teve muita diferença, né professor! Eu cheguei em 1987 e você chegou em 1988.

Manzine:

Não! Porque eu comecei a dar aula em 1990.

Faccenda:

Então fez uma diferença aqui.

Manzine:

Dois a três anos, mais a diferença do panorama da cidade, que a cidade vivia na época não tinha muita diferença, pois as mudanças eram bem mais lentas, mas vou deixar você falar, porque você veio antes.

Faccenda:

A cidade de Dourados para os olhos era horrível! Porque era só aquela terra vermelha, as casas sujas e uma visão estranha, porque tu pensavas que isso aqui era terra de índio. Eu lembro muito bem que, quem reclamava muito da sujeira era minha mulher, eu como era do campo não reclamava tanto, mas dava sempre aquele impacto, um choque, por causa da terra vermelha! Dava impressão de sujeira e a cidade realmente ela não tinha muito asfalto e no começo para conviver como essa situação, foi difícil, um impacto muito forte, esse foi o primeiro impacto. Mas, a cidade de Dourados sempre foi uma cidade com vocação para o desenvolvimento, ainda que um desenvolvimento mais voltado para o campo, certo! Mas a cidade sempre sonhava com boas universidades e ter aqui uma estrutura de cidade polo e para tanto, tinha bons líderes que puderam concretizar esse sonho.

Manzine:

De ser uma cidade polo fora de Campo Grande, fora a capital.

Faccenda:

Era mais ou menos isso a questão, quando nós viemos, Dourados teve alguns impulsos antes disso, ela estava estagnada. O setor agropecuário deu impulso às universidades quando se instalaram aqui as agroindústrias, e mais recentemente, as usinas sucroalcooleiras que deram esse impulso muito significativo que hoje é a cidade de Dourados que conhecemos. Uma cidade média, já se aproximando de uma cidade grande, com sintomas de cidade grande. Mas, sem dúvida, a universidade se instalando nesse meio agroindustrial, de certa forma cultural baixa fez uma revolução na região e é isso que estamos vivendo hoje, na minha visão. O que tu achas professor dê a sua versão?

Manzine:

Eu não tenho muita coisa que acrescentar, só uma coisa, acrescento que com esse avanço que começa através da experiência da universidade, iniciou uma cultura de comércio diversificado, pois aqui temos somente comércio para atender as necessidades básicas, por exemplo, temos uma grande falta de mão de obra especializada e se precisarmos comprar algo em grande quantidade, por exemplo, comprar cem computadores para a instituição, não conseguimos encontrar na cidade alguém que entra na parada, porque nós não temos firmas de grande porte que possam fornecer e montar um laboratório com essa amplitude. Pois não temos quem venda esses equipamentos aqui na cidade. Tudo vem de fora, então, hoje a gente vê as necessidades de motivar a cidade em buscar o crescimento, essas necessidades que não são de cidades pequenas, que é exatamente de uma cidade média para grande, então!

Faccenda:

Outra coisa que aconteceu nesse meio tempo era justamente o suprimento de mão de obra, não se tinha mão de obra qualificada para executar um serviço que a cidade necessitava, por exemplo, na construção civil as grandes empresas tinham que buscar essa mão de obra qualificada fora, porque aqui não tinha mão de obra qualificada. Se tu pegasse para fazer um móvel, coisa básica, não tinha mão de obra qualificada, tinha que buscar fora, só que nesses quase vinte e cinco anos que estamos aqui, por exemplo, hoje, Dourados já tem uma mão de obra bem mais qualificada do que da época que a gente chegou aqui, na época nós estávamos construindo a casa lá da associação e aí o pedreiro que foi construir esta casa não conseguiu fazer o esquadro, ele tirou o esquadro seguindo a linha da fronteira que não era retangular, ele não fez um quadrado ele fez o retângulo atravessado, melhor Losângulo, ou seja, para você ter uma ideia ele não conseguia fechar o telhado, aí eles tiveram que cortar as telhas para ajustar a cobertura. Esse fato eu levo comigo. Para construir algo era complicado, não tínhamos mão de obra, e o que tínhamos era muito ruim.

Manzine:

Mas, ainda hoje muita coisa vem de fora, ainda!

Faccenda:

E vem muita gente de fora, também!

Manzine:

Verdade! Hoje existem as construtoras que buscam mão de obra de fora.

Faccenda:

Mas eu queria fechar a minha ideia Manzine, a cidade de Dourados se desenvolveu com a vinda das universidades, criaram uma estrutura universitária. Eu me lembro de que essa luta de tentar trazer uma universidade forte para Dourados foi intensa, sendo com o tempo concretizado. Apesar das dificuldades e escassez de mão de obra qualificada, o setor público nunca se preocupou em sanar essas dificuldades, por exemplo, o setor comercial não se preocupou em ter cursos técnicos fortes para formação da mão de obra básica. Então a cidade ficou com esse vácuo no processo de desenvolvimento da cidade, mas, hoje me parece que isto está melhorado, um tempo atrás era muito ruim.

Manzine:

Mas deixa-me só falar um pouquinho da estrutura, você falou no início de quando a gente chegou aqui, quando a gente começou em termo universitário, em termo acadêmico, assim em termo da universidade, a UFMS. O campus de Dourados tinha uma parte que funcionava aqui no centro, aproximadamente 90%, onde hoje é a reitoria e a outra parte é o campus II que funcionava a agronomia, na época você tinha somente uma opção de condução para ir até lá, a condução da universidade. Levavam o pessoal de manhã e trazia para o almoço, levava novamente e depois voltava para o centro. Inclusive eu dei aula nessa época, então, eu sabia que tinha que correr para pegar esse ônibus, senão não tinha como ir pra lá, era muito difícil para uma pessoa chegar. Para ir até a unidade que ficava no centro também era um sufoco danado, não tinha ônibus, tínhamos que ir a pé até lá. A locomoção entre as unidades da instituição era muito difícil, pois não tínhamos ônibus, não tinha estrutura nenhuma, não tinha estrutura nenhuma!

Faccenda:

É verdade!

Manzine:

Realmente, onde hoje é a reitoria, nessa época, não havia nada em volta, era tudo mato. Não havia nada.

Faccenda:

Imagina dali do CEUD até o parque Alvorada, lá em cima, era tudo uma mata só.

E isso não faz tanto tempo, aproximadamente 30 anos.

Manzine:

Não, faz menos.

Faccenda:

Não, faz mais.

Manzine:

Mais? Mais?

Faccenda:

Por que eu estou em Dourados há vinte e cinco anos e, quando eu vim já tava mais ou menos assim (que está muito semelhante como está hoje). Faz mais, quem me contou essa história é um senhor que é nativo daqui e ele têm entre 65 a 70 anos e ele me contou bem, como era ali e inclusive ele me mostrou as fotos.

Manzine:

Na época em que chegamos, já existia o colégio Imaculada Conceição⁷⁵, o supermercado Chama, uma pequena praça que hoje é o Parque dos Ipês, algumas casas ao lado do “Parque dos Ipês”, o INSS, os bairros do 2º e 3º plano, já tínhamos uma cidade estruturada, não como a estrutura de hoje, mas já tínhamos uma estrutura, por exemplo, a rua João Rosa Góes já era completamente urbanizada.

Faccenda:

Nossa memória não recupera toda a história, mas, devagarzinho a gente vai lembrando. Juntos consegui lembrar de muita coisa. A respeito da UFMS de Dourados, precisaríamos um pouquinho mais da história do Abramo⁷⁶, ele sabe muito bem como a UFMS veio pra cá. Se for possível conversar com ele você vai adorar. O Abramo vai poder te ajudar, porque ele tem uma memória de cão.

Manzine:

E o Abramo está desde quando era estadual, desde que era estadual isso aqui. Ele tá na raiz, ele tá na base, ele e a mulher dele foram os primeiros professores do antigo CEUD.

⁷⁵ É um Colégio religioso, Imaculada Conceição, criado em 1954 em Dourados e, atualmente um dos colégios particular da região.

⁷⁶ Professor que anteriormente já entrevistamos.

Faccenda:

O Abramo tem um uma participação muito grande na criação do curso de Agronomia lá do campus II.

Manzine:

Se o Abramo contar a história da UEMT/UFMS/UFMG, então você já sabe toda a história. Você tem o histórico perfeito ali. Mas se você quer saber sobre a história mesmo tem o Faccim. O filho dele conseguiu entrar na medicina. Mas isso é uma história a parte e daí conversamos em outro momento.

Faccenda:

Então, retomando o fio da conversa, isso aconteceu na divisão do estado, do sul do Mato Grosso com o Mato Grosso do Norte, na divisão do estado o estado do MT ia ficar com a universidade federal. Pois a universidade federal era a UNEMAT, aí como ia ser criado uma universidade aqui, os políticos na época, o governador, como era o governador que criou a universidade aqui?

Manzine:

Pedrossian!

Faccenda:

O Pedrossian, o Pedro Pedrossian, a maior característica dele era ser visionário. Ele foi o maior incentivador para a criação das universidades do Mato Grosso e aqui no MS, isso tem que se dito, porque ele era uma pessoa bem formada, ele começou trabalhando na ferrovia como engenheiro, depois ele passou a ser governador nos dois estados. Assumiu a função da política, sendo um cara visionário foi responsável pela criação da maioria das universidades instaladas na região. Então isto tem que ser dito e registrado. Falo e afirmo que ele tem muito mérito em tudo isso. Então, quando houve essa divisão do estado e a criação da UFMS, na mesma época eles criaram os campos em Dourados, Três Lagoas, Corumbá e Aquidauana também, então tudo isso devemos ao Pedrossian. Ele que deu o ponta pé inicial para que acontecesse a implantação das instituições, não tenha dúvida disso! Depois com o tempo, o Pedrossian saiu um pouco de cena, mas ficou em cena até a criação da UFMS e da UEMS, até a criação da UEMS ele tava em cena, o Pedrossian. A UEMS foi criada principalmente pela ajuda dele.

Manzine:

Acho que ele saiu e voltou, né?!

Faccenda:

É ele saiu e voltou, mas, na criação da UEMS eu me lembro que o reitor da UFMS que era o Celso Vitório Pierezan, veio aqui para uma reunião com o governador Pedrossian, nessa época eu acho que o governador era o André⁷⁷ (nessa época era o Pedro Pedrossian 1991 a 1995), não me lembro, bem, o governador da época, veio aqui porque tinha uma reunião no Hotel Afonsos onde eles iam decretar a implantação da UEMS, pois, anteriormente só haviam criado pela constituição de 1988. Para implantar a UEMS, os participantes da reunião deveriam aceitar um convênio entre o estado de MS e a UFMS para que fosse implantado a sede da Universidade Estadual no terreno da agronomia deveria ser utilizado em comum ou compartilhado com a UEMS. Antes de acontecer a reunião no Hotel Afonsos⁷⁸ no dia anterior, o reitor da UFMS fez uma reunião com todos os professores do CEUD numa sala de aula e nessa reunião, gostaria de frisar isso, o Biazoto e outros professores que faziam parte da oposição foram contra a criação da Estadual. Depois do reitor apresentar o projeto os demais que era da parte de contábeis, letras, matemática deram apoio a implantação da UEMS no terreno da UFMS. Nós demos apoio à criação da Universidade Estadual e aí o reitor disse se vocês me derem apoio eu vou ao evento de divulgação no Hotel Afonsos e assinar o comodato porque dependia disso a implantação, porque a instituição já estava criada, foi bem assim que aconteceu. E aí depois dessa reunião, eu lembro que em uma hora ele falou, acho que foi umas seis da tarde, ele foi numa solenidade no Hotel Afonsos e assinou o acordo com o governador, processo com o Pierezan e a Prefeitura aqui também tinha umas concessões para implantar e aí foi implantou a Estadual. Só que, implantada a estadual ela demorou pra se estruturar, porque tinha problemas políticos e tudo mais aí, eu não sei bem porque nesse período eu estava fora fazendo o doutorado, mas aí o primeiro concurso público para efetivar realmente o quadro docente da universidade foi feito em 1998.

Manzine:

Em 1998?

Faccenda:

Em 1998. Cinco anos depois que ela foi implantada. Em 1993 eu tava fora, por isso que ficou esse vácuo, eu fiquei quatro anos fora, eu perdi um pouco a história nesse intervalo que fiquei

⁷⁷ André Puccinelli, atual governador do estado de Mato Grosso do Sul, em 2013.

⁷⁸Esse hotel se localiza no centro de Dourados/MS.

fora. Mas, a partir de 1998 ela passou a ter autonomia, porque houve a criação do concurso público e foi dado um prazo para que o reitor fosse eleito, o mesmo deveria pertencer ao quadro docente. Então foi a onde a Leocádia⁷⁹ acabou o último mandato dela como posta pelo Estado, aí ela estava numa eleição que pelas normas transitórias ela podia concorrer, então depois ele termina o mandato posta pelo estado, ela concorre e ganha outro mandato pelo voto. E na outra eleição adiante foi eleito Luís Antônio Álvares Gonçalves como reitor, ta certo, esse já foi dentro do quadro de servidores concursados.

Manzine:

Primeiro foi aquela mulher que trabalhava no CEUD.

Faccenda:

Sim. Essa história eu não sei, estava fora de MS.

Manzine:

Como que ela chamava?

Faccenda:

Sandra.

Manzine e Faccenda:

Ela era do CEUD e psicóloga. Era essa mesma, só que não consigo lembrar o nome dela. Houve um impasse jurídico com ela, pois quando trocaram de governador, eles tiraram o mandato da Leocádia, a Leocádia entrou na justiça, ela ocupou um ano e ganhou na justiça e essa psicóloga teve que sair. Então, nesse meio tempo também teve um governador, Wilson Barbosa Martins⁸⁰, que por conta dessa briga política queria fechar a UEMS. E aí todos os professores fizeram uma grande manifestação e o governador não conseguiu fechar a UEMS. Wilson Barbosa Martins tinha colocado a Sandra como reitora da UEMS como indicação de confiança dele. Só que ele não podia, porque a Leocádia tinha entrado na gestão anterior e ela tinha direito exercer o mandato de quatro anos, como trocou o governador no meio do caminho, ela destituiu e colocou outra em seu lugar. Foram para os estatutos e regimento buscar uma solução, não podendo fazer

⁷⁹Leocádia Aglaê Petry Leme foi a primeira reitora da UEMS, ficou por 10 anos, assumindo em seu lugar o professor Luiz Antônio Álvares Gonçalves. Leocádia foi secretaria de educação do estado antes de assumir o cargo de reitora, no último governo de Pedro Pedrossian.

⁸⁰ Governador do estado de Mato Grosso do Sul, 1995 até 1999.

o que havia feito, teve que voltar atrás, mas, como ele teve que voltar atrás resolver fechar a universidade, entendeu? E aí nesse processo houve uma manifestação pública muito grande e ele voltou atrás do ato de fechar. E aí manteve a Leocádia, e em 1998 finalmente ela (UEMS) se estruturou com a abertura de concurso público para efetivar o seu quadro de funcionários e finalmente parece que se efetivou. Essa foi a história da UEMS.

Faccenda:

Aí temos uma outra história, Manzine me ajuda que é a história da UFGD agora. Bom a UFGD ela começou a nascer por conta da grande vontade de termos uma universidade federal em Dourados. Então eles queriam a “auilalá” que falavam, nem lembro que era essa “auilalá”, mas, tudo começou quando um grupo que era do sindicato, na época, se separou de Campo Grande. Separamos de Campo Grande pois, entendíamos que o sindicato não brigava por nossos interesses, porque nos começamos a ter uma autonomia sindical em Dourados.

Manzine:

O pessoal que era da UFMS/ADUFMS⁸¹ congregava todos os campos, então a de Campo Grande que administrava tudo e tínhamos que ficar a mercê deles, mas, eles faziam muitas coisas que nós batíamos de frente. Foi indo, foi indo até que a gente saiu.

Faccenda:

Veja só, a UFMS agora, eu falo em termo de sindicato.

Manzine:

Não.

Faccenda:

Eles eram oposição ao sindicato do ANDES⁸², eles eram oposição a UFMS. E o povo de Dourados, não. Apoiava o ANDES, né?! Então, isto foi o grande trunfo para nós conseguirmos nos separar, porque não podíamos nos separar. As normas do ANDES eram claras, não permitia a separação das unidades. Por exemplo, como nós fazíamos parte da UFMS/Dourados não podíamos ser de outra unidade sindical, porque já estávamos na UFMS. Em uma reunião em

⁸¹ Associação dos professores da UFMS.

⁸²Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior.

Pelotas, do Sindicato Nacional, que nós⁸³ entramos com a proposta de separação. Levamos lá no vazio de lideranças foi colocado em apreciações e aprovaram a nossa separação, apesar de ser contra as normas. Em Campo Grande, os responsáveis pelo sindicato fizeram algo, que eu não sei lhe falar, que conseguiram mudaram as normas lá do sindicato, eu sei que o lance foi meio duvidoso, mas, consegui se separar e criar o sindicato de Dourados, então esse foi o primeiro passo para a criação da UFGD. Aí depois disso, como tínhamos autonomia política sindical, o pessoal começou a brigar pelo projeto da universidade aqui, o projeto sempre existia e era antigo desejo. Esse projeto já havia sido encaminhado pelo Geraldo Resende e uns outros políticos que tinham encaminhado ao MEC esse projeto e esse projeto estava parado no MEC. Como Lula entrou e assinou com novas aberturas de novas universidades, nós tivemos o Deputado Geraldo Resende que era extremamente inteligente e oportunista, ele foi atrás e falou com esse cara aqui, e disse que o projeto estava lá, eu não sei o nome desse também, dessa questão, mais eu sei que Geraldo Resende, botou esse projeto para tramitar e como o Geraldo Resende era um político muito esperto, visando que teria muito ganho político foi lá e atravessou o projeto dele diante de um outro, diante de uma outra pauta tinha só que ele colocou na frente, para outra pauta que era prioridade e tinha que ser votado e foi aprovada a UFGD, porém, muito criticada em nível nacional, evidentemente uma universidade no meio do nada! Apesar dos boatos, a universidade esta aí, melhorando cada dia mais. Então, aconteceu assim e aí foi criada a UFGD. O plano geral dessas universidades de Dourados era justamente fazer com que aqui tivesse uma universidade pública federal e que o governo do estado passasse a UEMS para essa universidade, por isso que antes da UFGD foi criada a UEMS na sede da UFMS em Dourados, com o propósito de criar um universidade Federal independente de Campo Grande, isso foi uma proposta do Pedrossian naquela época, não foi dito, foi criada então aqui a Estadual para que oportunamente como ele fez na divisão do Estado, ele jogasse a estadual para o Governo Federal, pois ela já estava montada, certo, só que com o tempo mudou e as políticas vão mudando. Lula criou a Universidade no mesmo modo que ele queria a Universidade e criara a UFGD então ficaram as duas em Dourados... entendeu?

Manzine:

Verdade, e aí a Estadual já tinha uma certa consolidação também...

Faccenda:

⁸³Professores da UFMS de Dourados.

Realmente, a Estadual já tinha.

Manzine:

Então, ela já tinha e por isso que era difícil você passar para a federal.

Faccenda:

Exatamente.

Manzine:

Por isso nós temos as duas instituições.

Faccenda:

E aí eu me lembro que foi feita uma reunião no anfiteatro da UEMS com Biazoto e todo o povo da UEMS. Quando o Biazoto quis politicamente juntar o CEUD com a UEMS, ele lançou a proposta eu não sei se tinha intenção ou não, naquela época o Biazoto era forte politicamente, porque pertencia ao grupo do Tetila⁸⁴ que representava um grupo forte politicamente. Então, eles vieram nesse anfiteatro, e lançaram a ideia. Só que ali, ele não sentiu apoio, não teve vontade política, não teve apoio e naquele momento em diante não se falou mais em unir as duas universidades, enfim, ficaram as duas universidades e basicamente essa foi a história e aí paralelamente foi criada a UNIGRAN que era para ser universidade, não conseguiu passar em determinado momento da universidade, porque também não teve muita competência para fazer a coisa direito, tá certo. E aí ela se solidificou como uma faculdade, e teve a outra universidade privada que se instalou em Dourados.

Manzine:

A UNIDERP.

Faccenda:

Mas antes da UNIDERP, era outra faculdade, não era?

Manzine:

Não, antes era UNIDERP, agora passou para a Anhanguera.

Faccenda:

⁸⁴ Laerte Tetila foi prefeito da cidade de Dourados/MS em 2001 até 2008.

Mas antes não tinha outra?

Manzine:

A MACE...?

Faccenda:

MACE...MACE, mas quem era MACE?

Manzine:

Uma Universidade que tinha em Campo Grande.

Faccenda:

Mas não era de Campo Grande, antes era daqui. Era aquela universidade católica lá do pessoal de São Paulo, era que tinha O Objetivo lá em baixo eu inclusive trabalhei lá.

Faccenda:

Eu também não lembro, então começou com aquilo lá. Aí depois, eles tiveram problemas, porque eles tinham uma empresa em São Paulo e tiveram que sair de Dourados, vendeu para a MACE, acho que era MACE mesmo, MACE.

Faccenda:

E venderam a MACE para o Pedro Chaves. Que fica em frente do supermercado Chama e bem próximo da UFMS de Dourados, Unidade I.

Faccenda:

Sim, sim. Eles começaram lá no Objetivo, no andar de baixo do colégio Objetivo unidade II.

Manzine:

Ah, sim.

Faccenda:

Foi lá que comecei a trabalhar com eles, porque eu trabalhei com eles um certo tempo. E depois mudaram para a quadra que fica em frente do supermercado Chama e, ali começou uma faculdade e iniciaram implantação dos primeiros cursos.

Manzine:

E aí, depois de um tempo veio a UNIDERP.

Faccenda:

E depois, os donos tiveram que vender a faculdade, porque o pai faleceu, e eles tinham que voltar para tomar conta das outras empresas em São Paulo, e aí eles venderam, inclusive a casa deles que hoje é a casa do professor Valdizinho Brasil. E só fechando a história das universidades, daí foi rápido. Da Mace passou para a UNIDERP, que era de Rio Brillhante. E a UNIDERP construiu a estrutura que hoje é a Anhanguera. O Dom Bosco de Campo Grande tinha comprado um terreno que fica na frente daquele hotel que vai para cidade universitária, como chama lá?

Manzine:

O Dourados Park Hotel.

Faccenda:

Hoje tem o Cerrado Brasil construído, que fica ao lado do centro de convivência da prefeitura. Aquele loteamento que teve ali, era do colégio Dom Bosco, onde eles iriam construir uma instituição de ensino superior. Pois, numa entrevista com eles, sobre a demanda de cursos e eu falei a verdade para eles foi alguém tinha passado a informação que haveria mais de 10 candidatos por vaga. Eles achavam que tinha uma procura muito grande, daí eu falei a verdade, eles se assustaram porque não iria suprir a demanda nos cursos e iriam ficar no vazio. Essa é a história das universidades, você queria saber e nós te contamos tudo.

Agora do curso de licenciatura curta (Ciências com Habilitação em Matemática) o professor Manzine pode me ajudar. Eu não me lembro, mas você chegou a trabalhar no curso de licenciatura curta ou não ?

Manzine:

Não. Tava acabando quando eu cheguei.

Faccenda:

Quando tu chegou ainda tinha um pouco de resquício do curso.

Manzine:

Tinha, mas era Ciência e logo veio o curso de Matemática e Biologia, quase em seguida.

Faccenda:

Na verdade quem passou por essa transformação fui eu.

Manzine:

Verdade! Você passou, realmente...

Faccenda:

Quando eu vim aqui, foi o primeiro ano licenciatura plena...

Manzine:

Existia o curso de Ciência e não de Matemática. O curso de Ciência era de três anos.

Faccenda:

Quando eu cheguei aqui, foi o primeiro ano da licenciatura Plena de Matemática, era apenas de dois anos, então quando eu cheguei foi o primeiro ano de Licenciatura Plena de Matemática...

Manzine:

Durou apenas dois anos?

Faccenda:

Durou dois anos e nós tivemos duas turmas de Licença Plena, e aí foi criada a Matemática. Saiu o curso de Ciências e foi criada Biologia e Matemática. Então ela deve ter começado nessa época aí em 1987, você entendeu, começava na curta e aí você se formava na curta e aí acabou na curta e começava a Plena, a Plena de Matemática e Plena Biologia. Mas os caras que terminaram a curta tinha que fazer a Plena, não tinham? Então quando começou a curta no primeiro ano, a plena começou o primeiro ano de Matemática, mas já tinha feito as matérias básica da Matemática, só tinham que fazer as matérias da Plena. Por isso foram dois anos e a curta entrou. A curta e a Plena eram dois tipo de curso, você fazia Curta em Ciência, e a Plena você podia optar por Matemática ou Biologia, mas Plena de Biologia não foram oferecidas. Só foi oferecida em Matemática, entendeu como funcionou? É bem assim que funcionou, quando terminou a Curta, entrou no seu lugar Matemática e Biologia. Só que Plena continuou, porque aqueles que entraram em Ciência, eles tinham opção de terminar, iriam fazer a Plena em Matemática. Então a Matemática nesse vazio teve duas ou três Licenciatura Plena em Matemática. Eu não sei direito se são duas ou três turmas. Na época não entrou a Biologia, mas tinha Matemática, os estudantes já sabiam que eles deveriam fazer a Curta em Matemática...

Uma coisa me intrigava, o calculo do coeficiente da Matemática sempre ficava baixo e da biologia, mesmo sem aula, era alto. Então, todos os professores da Biologia puderam se afastar e fazer o doutorado e a Matemática não, aí foi uma briga muito intensa lá dentro da instituição, por que os caras da Matemática queria se afastar para estudar, particularmente eu era o que mais brigava, o que mais tinha interesse no afastamento. Quando entrou o Celso Pieresan de reitor e, ele sabia da distorção, ele disse “Faccenda fique tranquilo, quem quiser ir se capacitar eu vou liberar!”, aí que eu disse para todo o pessoal lá do curso, por isso que politicamente nós ganhamos também, eu disse se nós ganharmos, nós vamos poder sair! Dito e feito, nós ganhamos e ele liberou quem quisesse sair, ele ia contratar professores substituto, e fez, o Celso Pieresan fez.

Manzine:

Nós saímos, hoje isso é inviável, saiu eu, o Adailton e o Edmir por pelo menos um ano.

Faccenda:

Acabava o curso, por que tinha somente quatro ou cinco professores. Graças ao Pieresan, e um acordo que nós tivemos com ele, se não fosse isso não teria acontecido, pois essa questão aí é difícil, por que veja bem, a biologia não quis implantar a plena justamente para não ter aula, então, como eles não tinham aulas, eles podiam sair para continuar os estudos ou ficavam aí e davam as aulas disponíveis que eram poucas, com isso baixavam o numero médio de aulas por professor da mesma área.

Manzine:

Mas eles implantaram o que?

Faccenda:

A plena eles não implantaram, eles criaram depois o curso de Biologia. Essa foi a história política, difícil né, mas a gente teve que brigar muito, pois eles olhavam lá que nós tínhamos no planejamento, e aí na época quem chegou ali como oposição e que tinha conhecimento dentro da universidade era eu, por que eu vim de outra universidade onde eu já tinha trabalhado 5 ou 6 anos

na formação de professores da URI⁸⁵, então eu já tinha conhecimento como funcionava uma universidade.

Manzine:

Eu vou falar agora para ficar registrado, se esse cara⁸⁶ fosse o reitor da UFGD, a UFGD seria outra, e melhor.

Faccenda:

Da UFGD eu não digo, mas da UEMS se tivesse me posto no cargo com certeza a UEMS hoje ia ser uma outra universidade, uma universidade melhor.

Manzine:

O campus não seria mais nem lá.

Faccenda:

Não, certeza que não seria mais lá.

Manzine:

Dividir espaço com os outros.

Faccenda:

Certeza, o campus já estava acertado que iria ser atrás do Douradão⁸⁷, ali tem aquele Banco do Brasil, a rodoviária todos aqueles terrenos, já estava acertado que a UEMS seria ali.

Manzine:

Porque hoje o que acontece, a UEMS tá presa, ela não tem onde crescer.

Manzine:

Lógico, quem manda é a federal.

Faccenda:

E pense como seria bom ter uma universidade estadual na região onde tem mais operários, mais populosa e a facilidade no deslocamento para a universidade se fosse mais centralizada. Poderia

⁸⁵ Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), é uma instituição comunitária localizada na região Noroeste do Rio Grande do Sul – Santo Ângelo/RS.

⁸⁶ O professor Manzine se refere ao professor Odival Faccenda.

⁸⁷ Estádio de futebol de Dourados/MS.

ser uma universidade com uma proposta um pouco diferente, para atender os trabalhadores em cursos mais noturnos e mais técnicos.

Manzine:

Talvez até voltado para essa falta de mão de obra especializada.

Faccenda:

Sim, com certeza podia estar no projeto, mas não quiseram que fosse assim, então quando tu pensa em universidade para essas pessoas jovens que chegam formada com doutorado, só pensa em pesquisa, pesquisa, pesquisa, mas a universidade não é só pesquisa, também é, mas não é só pesquisa.

Manzine:

A pesquisa ela já é quase que o apogeu da coisa, porque se não tem na base um curso forte, uma iniciação científica forte, como é que você quer ter uma boa pesquisa, com que qualidade?

Faccenda:

E o que se divergia muito, é bom que tu registre isso, o que se divergia muito nas discussões da época, é o seguinte, que as pesquisas nós vamos fazer, também é importante saber, a pesquisa é complicada, se tu tiver lá dentro da USP, da Unicamp, da UFGD, é uma pesquisa que tu vai fazer porque a realidade é outra, agora se tu tiver aqui, aquilo que disse o Manzine, mas qual são as nossas carências, mas nós não temos mão de obra qualificada, para passar uma massa corrida num prédio, para fazer uma pintura, bom mas então nós temos que fazer aqui e preparar essa mão de obra para que ela evolua e depois comece a refinar e fazer uma pesquisa um pouco mais de ponta, mas, enquanto tu tiver uma base que não te dá respaldo para consumir essa pesquisa que tu vai fazer, tu vai fazer pesquisa para consumirem lá em São Paulo, no Japão, não. Nós precisamos cuidar da questão regional, do desenvolvimento regional, nós temos que tirar esses gargalos para poder colocar essa região numa condição de competitividade como os outros centros aí. Se tu vai fazer pesquisas mais aprofundadas, mais direcionadas, mas, até então tu tem que cuidar esses gargalos e isso que a universidade não tem se preocupado, acho que é um caminho, mas, infelizmente é um caminho com vácuos, com buracos e isso é ruim.

Manzine:

Exatamente por que a universidade tem um papel social, um papel social e forte. Ela tem que estar em contato com a sociedade e resolver realmente os problemas da sociedade, se ela não resolve os problemas da sociedade também, ela estará deixando de exercer o papel social dela.

Faccenda:

Você vai ver que quando essa política está dentro da faculdade ela aflora muito, porque tem aqueles professores que se dizem pesquisadores, e são eles que acham que a universidade só deve se preocupar com pesquisa. E acabou tudo o resto.

Manzine:

E tem gente que nem quer dar aula.

Faccenda:

Não querem nem dar aula, só pesquisa. Que é errado.

Manzine:

Porque eles são contratados principalmente para dar aula.

Faccenda:

No começo do curso de Matemática, os professores somente davam aula.

Manzine:

Só aula porque a maioria só tinha graduação, mas tinha sonhos. Discutia-se linhas de pesquisa, realização de encontros regionais de Matemática, de realização de olimpíadas de Matemática, etc...

Manzine:

Pois o primeiro professor com mestrado foi o professor Faccenda. Sendo professor de Estatística, e nem Matemática era.

Faccenda:

Eu era o único da matemática que fazia pesquisa.

Manzine:

Você e o Everaldo.

Faccenda:

E tem que falar a verdade, nem da Matemática ele era. Ele era da ciências contábeis, mas, era um cara bom.

Faccenda:

Então queria só dizer o seguinte, desse grupo novo que veio, se formou um grupo de oposição aos estacionários. Você entendeu, tinha os estacionários. Sabe, aqueles caras que vinham das escolas públicas estaduais, quando se criou o CEUD, veio o Abramo, a Zonir⁸⁸, a Otilia, eram todos da escola estadual de Dourados. Quando Pedrossian criou a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, ele também criou em Dourados o CEUD, Centro Universitário de Dourados, foi criado. E daí o pessoal pegou os professores que eram titulares da escola estadual e transformou, e passou esses professores titulares da UFMS. E daí nós chamávamos de titulares sem título. Porque foi uma jogada política, que os transformaram de meros professores estaduais em professores titulares, ganhando uma fortuna. Eram os ricos de Dourados. Porque um professor titular ganha em média uns 15 mil reais.

Manzine:

Para você ter uma ideia, hoje a federal tem entre 400 a 500 professores, eu acho que não temos nenhum titular. Nenhum! A UFGD não tem nenhum titular, pois para ser um professor titular é necessário alguns requisitos. Você sabe quantos professores tem condição, pelo menos na FACET que congrega mais de 50 professores, 2 caras com condições de pleitear a titularidade. Só dois, porque é superexigente esse tipo de titulação. Não é para qualquer um não.

Faccenda:

E na época, todos passaram como titular lá. E todos sem título.

Manzine:

E não foi só aqui no curso de Matemática, mas, também em todos os cursos da federal.

Faccenda:

E tu me diz aí Manzine, quando nós chegamos aqui, os novos formados querendo fazer carreira e querendo produzir, jogados lado a lado com os estacionários. Daí que vieram e deu um impulso muito grande, e conseguimos crescer e transcender para como está hoje. Graças a Deus! Eu queria ser como os estacionários, ganhar um salário de 15mil por mês e não precisar fazer nada, é

⁸⁸ Zonir Freitas Tetila esposa do ex-prefeito Laerte Tetila e foi professora de Geografia no CEUD.

tudo que você quer, igual os jogadores do Inter, ter um salário grande e não fazer nada e viver bem. No início, a realidade foi essa.

Manzine:

Eu queria fazer um registro um pouco fora, mas eu queria deixar registrado. Nós tivemos no início da criação do curso de Matemática, uma perda irreparável que causou uma perda muito grande para o curso de Matemática de Dourados, foi a perda do professor Flamarion Taborda. O professor Flamarion tinha sido contratado há 2 anos, foi fazer o doutorado em Recife, e faleceu com 29 anos. Isso atrasou o curso de Matemática, foi uma barbaridade.

Faccenda:

Com certeza, a Matemática seria outra se ainda ele estivesse aqui.

Manzine:

Seria, porque ele era uma pessoa de um dinamismo fantástico. De tão importante que ele era, hoje lá na FACALE tem um anfiteatro com o nome dele lá.

Faccenda:

O Flamarion foi em 1995, e ainda tivemos uma outra perda que também prejudicou o curso de Matemática, em 2007. Eram os professores Renato, Ronaldo, *Chateaubriand* e a professora Ivonelia. Mas foi 10 anos depois. Os quatro de educação Matemática. Uma grande perda. Eles estavam voltando de uma reunião com a educação Matemática de Campo Grande, e o *Chateaubriand* já tinha tudo certo para o mestrado em educação Matemática vir aqui em Dourados. E agora engavetaram tudo.

Manzine:

E o professor José Luiz Magalhães de Freitas ainda deve estar lá.

Faccenda:

Ele é fantástico. E o professor Zé Luiz é um grande amigo do ...

Manzine:

Do Adonias e o João Batista Garcia .

Faccenda:

Do João.

Manzine:

O João se aposentou e iria vir pra cá.

Faccenda:

É?!

Manzine:

Sim, o João Batista.

Faccenda:

Não veio?

Manzine:

Não. Acho que ele passou no concurso em Aquidauana, lá no Ticão.

Faccenda:

Mas como era o nome do outro lá da Educação? Os meus dois amigos, o Luis Calos Pais... O Luis era muito parceiro. Desde o começo era eu e ele na banca.

Manzine:

Quem eu gostaria de conhecer era a Bety⁸⁹. Eu não a conheço. Mas, eu acho que era casada com o Luis Carlos País.

Faccenda:

Depois ele se casou de novo. É esse mesmo. Eles eram muito amigos, ela era da estatística.

Manzine:

E o Zé Luiz é muito meu amigo.

Faccenda:

Ele está para se aposentar né?

⁸⁹ Elisabete Sousa Freitas atualmente é professora associada da UFMS de Campo Grande e licenciada em Matemática pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Presidente Prudente (1973), mestrado em Matemática pela Universidade de Brasília (1976) e doutorado em Matemática pela Associação Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (1992).

Manzine:

Deve tá. Agora ele deve ter uns 57 ou 58 anos.

Faccenda:

Mas eles são todos do grupo do Pieressan.

Manzine:

O Zé tá desde 1980 na UFMS. E o Zé terminou a faculdade lá em Araraquara em 1974, daí ele fez mestrado e doutorado tudo direto.

Faccenda:

A última vez que eu os vi foi no enterro dos professores.

Manzine:

E o Flamarion também foi uma grande perda.

Faccenda:

A história do Flamarion eu te contei em outra entrevista. Porque ele não era para ter passado no concurso, por causa do Tokuda⁹⁰. Esse cara tem que ver se está lá, porque esse cara estragou um pouco nosso curso, ele era da área de Cálculo e Análise, ele não deve estar na área da educação, ele era contra a educação. E quando era da educação ele fazia questão de reprovar na seleção. E ele planejou reprovar o Flamarion, e eu saquei que iria reprovar na prova de didática e você lembra dele, ele era tímido e na prova ele puxou um assunto, abaixou a cabeça e meio que se perdeu, e eu olhei para o Tokuda e vi que ele fez uma cara e ia reprovar ele e daí eu taquei, eu dei nove e meio na prova, risos, quando ele me viu queria me matar, ele me xingou num tanto que ele deu três, três e meio, sei lá, foi por aí. E daí ele ficou com seis e nove, passou por arredondamento, se não ele não tinha passado. Essa jogada nunca vou me esquecer.

Faccenda:

Esse nosso curso de Licenciatura Matemática foi implantado em Dourados para atender uma demanda aí de ensino básico.

Manzine:

⁹⁰ Alfredo Tsuguio Tokuda professor efetivo da UFMS de Campo Grande e licenciado em Matemática pela Universidade de Brasília em 1979.

Uma demanda de professores.

Faccenda:

De professores de ensino básico, esse foi o objetivo básico. E quando eu cheguei aqui já tinha o curso de Licenciatura curta. E em todas as universidades que se criam os cursos básicos para atender essas licenciaturas existem e para atender a demanda de professores da educação básica. Esse foi o objetivo fundamental.

Manzine:

As disciplinas que eram ofertadas no curso, tanto pedagógicas como específicas, não mudou, a não ser que tenha mudado só agora, porque as específicas continuam as mesmas.

Faccenda:

Eu não sei, mas, eu lembro que o currículo dos cursos da UFMS que eram homônimos, todos tinham que ter o mesmo currículo. A briga era muito grande entre os campus da federal que queriam um currículo mais flexível para atender as necessidades do ensino básico. E Campo Grande não, eles queriam formar estudantes para fazer o mestrado. Então, essa polarização existia, pois, não podíamos fazer um currículo diferente, então as mudança curriculares sempre eram uma guerra. E eu lembro que na época a área mudou a estrutura curricular, onde se colocou muitas disciplinas básicas nos currículo do primeiro ano, seguindo os conteúdo básicos do segundo grau. Como Geometria, Fundamentos da Matemática, e no primeiro ano os alunos só viam os conteúdos básicos. Mas nós tivemos essa mudança por uma pressão nossa. E Três Lagoas, Corumbá se unia com Campo Grande, conseguimos mudar, mas, foi por pouco tempo. Essa mudança ficou mais ou menos uns dois ou três anos, só que Campo Grande conseguiu reverter, e só que eles reverteram e olha só o que eles fizeram, colocaram um currículo que deve estar até hoje, flexibilizaram o conteúdo, eles colocaram Fundamentos dentro do Cálculo.

Manzine:

Depois, veja bem, hoje temos algumas mudanças em termos de disciplinas, a parte pedagógica eu não seria capaz de clarear muita coisa, não porque eu não tenho contato, mas, a parte da Matemática propriamente dita, antes de surgir a faculdade era melhor, era muito mais puxada. Mas, será que é melhor para um professor do ensino médio, bom aí eu não sei, era mais puxada porque se estudava mais Matemática, muito mais Matemática. E hoje tem uma mudança bastante forte, tanto é que em algumas disciplinas naquela época não tinha influência e hoje tem, as

Engenharias e outros cursos, a estrutura da universidade faz com que dentro do Cálculo Diferencial e Integral que era dado exclusivamente para a Matemática, hoje é dado para as Engenharias e Química, tudo junto, hoje já não se tem a diferenciação do que é matemático, engenheiro. Hoje já não se tem mais essa diferenciação. Então, a Matemática está vindo como se fosse tudo igual. O cara que vai dar aula para o ensino médio está misturado com quem vai ser Engenheiro Agrícola.

Faccenda:

O que é um equívoco muito grande, porque para as Engenharias tem mais receita do que fundamento.

Manzine:

Você entendeu? Essa foi uma mudança fundamental. Se pega todos os gatos e joga dentro de um saco, e salvasse quem puder. A Matemática em algumas disciplinas está sendo feita assim. Antigamente a quantidade de cursos oferecidos pelas instituições em nível superior era muito inferior ao que temos hoje.

Faccenda:

Mas professor ela está preocupada com a parte pedagógica, vamos falar sobre a parte pedagógica.

Manzine:

Mas dessa parte eu não me lembro.

Faccenda:

A parte pedagógica, vamos ser honestos. Se discute a parte pedagógica das disciplinas? Ou cada um faz a pedagogia que bem entende? Mas, a parte pedagógica é dentro da estrutura do MEC, essa não muda muito, essas disciplinas. As disciplinas básicas do MEC tem que atender as diretrizes do MEC, que diz quantas horas tem que ser pedagógicas. Essa orientação vem de lá. Agora aqui como se organizam dentro dos cursos, pedagogicamente, eu vou dizer pra você o seguinte, olha eu acho que não há uma discussão entre os professores para saber até onde minha disciplina casa com a sua. Então, existem as disciplinas com suas ementas atribuídas as aulas a um professor que as ministre e deu. E tem funcionado assim em quase 90% dos casos, salvam algumas iniciativas isoladas que isso muda. Alguns coordenadores um pouco mais comprometidos, que realmente procuram conversar com os professores e olha, nós estamos

precisando desse conteúdo, assim assado, dando uma orientação. Mas é que tem muito pouca iniciativa neste sentido. As aulas tem um amontoado de coisas e cada um dá seu amontoado. Eu vejo assim.

Manzine:

Antigamente, a cinco ou seis anos atrás, não é tão antigamente assim, nós não tínhamos muita influencia da Educação Matemática. Hoje, começa a ter uma influencia por conta de alguns professores que levam algumas coisas para os alunos, e eles ficam assombrados, porque quem não é da Educação Matemática, como eu não sou, agente vê a Matemática puxada, fechada, e o pessoal lá preferem a Matemática mais para o lado da Educação Matemática. Quando você dava uma disciplina optativa que era voltado exclusivamente para a Matemática, você não vê escrito, você vê uma mudança em termos assim, de levar o conhecimento, de como levar o conhecimento. Hoje, muitos professores quase não escrevem na lousa, entregam a apostila ou passam os conteúdos pelo data-show, essa é uma questão, escreve aí porque eu gostaria que fosse bastante discutido, porque, até que ponto isso é válido. Os alunos não escrevem, são meros assistentes. Assistem aula, só isso. Não escrevem, e isso deve ser discutido, e hoje deve ser muito discutido, hoje simplesmente dá uma apostila e projeta. O aluno vê e lê, mas não escreve muito. Não interage, e isso demanda um pouco mais de reflexão!

Faccenda:

Não era exigido a apresentação do TCC, só estágio. TCC é bem recente, entrou com força em 1997 e 1998, é ou não é professor.

Manzine:

Ah eu também não lembro.

Faccenda:

Mas é recente. Mas tem que ver certinho.

Manzine:

E era obrigatório, e hoje eu já nem sei se é mais obrigatório. Era uma disciplina obrigatória.

Faccenda:

Os professores vieram, em sua maioria, de outros estados. Geralmente era por concurso público da UFMS, mas, o que acontecia no desenvolvimento do concurso da UFMS era um fato estranho.

Porque eles abriam o curso de Matemática e no começo, e também eles não diziam se era para Dourados, Campo Grande e tal. Ou quem vinha de fora não sabia se era para Campo Grande ou Dourados, como era meu caso que eu não conhecia nada daqui. E então eu vim fazer o concurso, era em Campo Grande e eu fiquei sabendo que a vaga era para Dourados e eu vim assumir aqui. E logo que eu cheguei aqui eu recebi vários convites para ir a Campo Grande. Então quando abria concurso, e se inscrevia um cara com mestrado ou doutorado, Campo Grande puxava tudo, ou seja, os bons professores, ou teoricamente os mais qualificados, iriam para Campo Grande. E os menos capacitados ficavam nos outros centros. Em Dourados, eu fiquei por opção minha, era mais perto do Sul e eu gostei de Dourados e não quis ir para Campo Grande. Até hoje eu acho bom aqui, mas, o ambiente acadêmico aqui não me favoreceria. Entendeu? Que eu tinha vontade de fazer o doutorado e fazer pesquisa, de crescer na profissão. Infelizmente tenho que dizer a verdade, aqui não me favorecia, mas tinha um curso que dava orgulho para a gente, o curso de Agronomia. Eles faziam uma universidade que a gente sonhava, e nós morávamos no lado e tínhamos inveja do primo rico, mas queríamos chegar lá.

Manzine:

O primeiro mestrado a chegar na UFMS aqui, foi na Agronomia.

Faccenda:

É, primeiro mestrado e o primeiro doutorado. É o curso mais forte, cerca de 60% a 70% da produção UFMS era do curso da Agronomia.

Manzine:

Hoje eu acho que não é a mais forte, porque tem a Medicina. Politicamente ainda é o mais forte. Academicamente não. A Medicina é uma outra universidade.

Faccenda:

Se tu pensar em núcleo acadêmico a Agronomia tem um doutorado, e a excelência acadêmica ainda é deles. E Politicamente eu concordo com você. E em relação aos prédios, será que desocuparam o prédio da biblioteca, hoje os prédios são da UFGD não é mais de um curso ou de uma faculdade, apesar que, o prédio da biblioteca, segundo o Edigar " esse prédio é nosso!"

Manzine:

Antigamente, os centros dos núcleos de cada curso eram independentes. Agronomia por exemplo, tratavam os problemas do curso diretamente com Campo Grande, não tinha que passar pelo diretor do centro.

Faccenda:

Seja objetivo então, o recurso do núcleo era deles. O recurso da universidade de todos, era divididos por todos. Eles entravam no recurso da universidade, mas, o recurso produzido por produção era só deles. (Riso!) Mas, são coisas que no momento não vamos discutir.

Vou focar um pouco mais no curso de Matemática. Eu cheguei no curso em 1987, quando estávamos iniciando o curso. Atualmente eu não estou mais lá, mas, no curso que eu estou a decadência é total! Agora lá na Matemática eu não sei. Sai da UFMS/ Dourados há 15 anos e estou na Computação da UEMS desde então, mesmo tendo trabalhado esporadicamente em outros cursos, continuei na Computação. A decadência é muito grande no curso da Computação, você entendeu?! Mas o professor pode falar melhor da situação do curso de formação de professores de Matemática da UFMS/ Dourados, nesses últimos 15 anos.

Manzine:

Eu penso que existe sim, uma decadência no curso. E o pior da decadência, não é uma decadência por ser uma decadência, mas, hoje temos vários tipos de bolsa que tem a finalidade de ajudar os alunos financeiramente. Mesmo tendo bolsa, isso não está tendo os resultados esperados. Para você ter uma ideia, podemos citar vários tipos de bolsa que temos dentro da instituição como, bolsa permanência, bolsa alimentação, PIBIC e a própria iniciação científica, então, tem um monte de tipos de ajuda financeira que muitos alunos não se dão conta.

Faccenda:

Deixa eu fazer uma pergunta que talvez te ajuda professor! Na época em que eu estava na instituição, nós tínhamos uma dificuldade de manter os alunos em tempo integral na escola para estudar, como está isso hoje?

Manzine:

A mesma coisa.

Faccenda:

Na Matemática.

Manzine:

Não tinha neste contexto que você está falando, a gente não tem uma cultura de permanência de estudo na universidade e não tem ainda hoje essa cultura. Um exemplo, nós tentamos fazer um seminário, toda quarta feira, foi bom lembrar disso, toda quarta feira fazíamos seminário, e teve alguém aí que ficou me devendo.

Faccenda:

Fui eu.

(RISOS)

Manzine:

Esse seminário das quartas feiras era para tentar criar uma cultura entre os alunos a começarem a frequentar o ambiente da universidade com mais frequência, mas, não era o que acontecia. Então podemos nos questionar, cadê os bolsistas?

Manzine:

Que deveriam estar! Não era para estarem pelo menos os bolsistas? Mas a maioria não estava. Pois é, se tentou fazer alguma coisa que pudesse melhorar a convivência e a frequência desses alunos, sem sucesso. Esse ano eu dei uma parada lá, porque pegamos uma greve de 4 meses, desmontou tudo, mas ainda continua essa ajuda de custo. Um exemplo que não mudou foi a concorrência. A concorrência para entrar no curso de Matemática era um e hoje não mudou muito, não dá 2 por vaga. Não dá dois candidatos por vaga e antes também era assim. Então essa falta de cultura de permanência do aluno, apesar das inúmeras formas de incentivo que o aluno recebe. Mas eu não gosto de falar de piorar ou melhorar, sabe por quê? Porque nós estamos precisando de uma parada geral, para refletir o que queremos da educação de hoje. Mas segundo os parâmetros (você tem dois professores muito antigos aqui), as coisas não funcionam mais, de jeito nenhum. E segundo os novos, para nós não funciona. Mas como é que tem que ser, tem coisas que eu não concordo, mas que hoje tem que ser assim. Eu acho que hoje tem que haver uma mudança de como ver a educação. É fundamental isso, se não nós ficamos chovendo no molhado!. E só vamos ficar nervosos e não vai resolver nada.

Faccenda:

Mas eu vou te fazer outra pergunta para reforçar isso aí, primeiro eu vou contar a minha história, neste ano eu tive 60 alunos e 8 passaram, ok? Eu tinha três bolsas de iniciação científica aprovada na Fundect⁹¹, e ainda tenho. Abri o edital no segundo, terceiro e quarto ano, e não teve nenhum aluno para ocupar a vaga de uma bolsa de iniciação científica já aprovada. Nenhum aluno se candidatou para ocupar a vaga, ok?! e no primeiro ano, passaram 8 alunos comigo, mas feito um levantamento com os outros, me parece que não é muito diferente dos outros, e aí eu pergunto professor, e na Matemática?

Manzine:

Mesma coisa. Tá tudo a mesma coisa. Por isso que eu falo para você, tá geral, é geral, é geral. Por isso que eu falo para você, é duro falar, mas, os alunos não estudam mais, não escrevem mais, não leem mais, aí é que tá porque isso é necessário hoje, até que ponto isso é necessário hoje? Eles não substituiriam por algo que funciona, isso tem que se discuti e chegar e fala isso, de hoje em diante temos que mudar isso. Ninguém dá bola, eu dei aula, todo ano é a mesma coisa, de 70 alunos vai reprovar 60 alunos, tem que ter uma preocupação para discutir isso. Essa é a minha maior angústia, não existe ninguém interessado em discutir isso. Isso me chamou a atenção em um curso que eu fiz aí de especialização de Matlab, que os alunos são um raio para aprender aquilo e eu sou um lento, será que não está havendo um descompasso das coisas? As coisas para eles são diferentes, não são mais como nós pensamos. E a maioria da nossa idade ainda teima em ser igual. Será que nós não somos jurássicos e temos que parar? Entendeu, eu acho que essas coisas tem que ser discutida se não iremos ficar brigando sem nenhum resultado.

Faccenda:

Professor eu gostaria de fazer uma outra pergunta, posso professor?

Manzine:

Claro.

Faccenda:

A minha dúvida é, como tu tá chamando uma discussão para esses problemas eu também, e lá no íntimo me corroe, esses dias eu estava em uma reunião, sobre um tal de PROFMAT, já vamos dar nomes aos bois, para discutir o TCC e eu disse, opa.. isso tava me afligindo de um tanto, mas, existe nas orientações do curso que explica sobre a a dissertação, sobre o artigo. Convocado essa

⁹¹ Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul.

reunião, eu disse que queria discutir a fundo as normas e o que eles propunham para o TCC, pois eu estava preocupado, entendeu?! Porque eu gosto de fazer as coisas com um certo rigor, certo?! E fomos para a reunião, nessa reunião onde os professores deveriam discutir sobre o curso, o que me deixou espantado foi o quanto a secretária opinou sobre o curso. E ela disse "e professor não precisa fazer nada disso!" E para a minha surpresa, os professores me falaram que pode ser qualquer coisa. Você entendeu, eu estava com aquela angustia de chegar e ter um trabalho de equipe e chegar a um padrão, porque todo mundo segue um padrão e ninguém fica mal. Um padrão mínimo para ter uma respeitabilidade para aquilo, entendeu?! E eu fui lá e os caras ficaram bravos comigo, só porque eu queria discutir isso. Eles queriam ir embora e fazer qualquer coisa. Faz qualquer coisa, esse é o clima que vivemos hoje. Muito solitário, não temos um trabalho em equipe.

Manzine:

Espera um pouquinho, mas a angústia dele terminou, não porque eles não resolveram, mas de nervoso. (Risos!)

Faccenda:

Eles já sabem, quase eu tive um infarto lá. (Risos) Então é esse clima que nós estamos vivendo, eu e o professor Manzine. Cada um relatou suas experiências, mas que são muito próximas.

Manzine:

Mas não vamos entrar em detalhe sobre o PROFMAT.

Faccenda:

Eu citei porque a experiência com o PROFMAT é um exemplo bem próximo dos cursos de graduação. E tudo que ele falou eu assino embaixo, nós estamos fora do contexto atual. Nós não somos as pessoas mais indicadas para falar sobre isso.

Manzine:

Nós somos sim.

Faccenda:

Essa juventude que tá fazendo essa outra ciência.

Manzine:

Sabe o que é? Os novos não estão buscando novos caminhos, os novos estão embarcando tudo junto, aí é que tá. Eles só pensam em pesquisa e não querem saber em ensinar. Isso porque é um “cientificismo” e um “artiguismo” e não é a publicação de artigo, virou um “publicionismo”.

Faccenda:

Isso.

Manzine:

Por quê? Porque dá ponto, dá ponto, dá dinheiro.

Faccenda:

Falou bem professor e falou certo.

Manzine:

O que me chamou a atenção neste curso do Matlab foi o seguinte, eles aprendem de uma maneira super-rápida, mas, de que modo nós devemos encaixar esse novo modelo? Será que não tem um novo modelo de aprender mais rápido as coisas que a gente fazia antigamente? Será que se a gente fizer igual na Alemanha, de 6 aulas os alunos serem forçados a assistirem 2, 4 eles já não precisam ir às aulas. Ele tem nos computadores o que devem estudar. Quer dizer que na Alemanha a presença está sendo deixada de lado, porque os nossos alunos não frequentam mais as aulas. E quem controla presença é a Ana Maria Grecco e Edmir Terra, aí quinze alunos já reprovam por falta. Porque não vão à aula, e isso nós estamos descobrindo que não é um problema brasileiro, então, são os novos tempos que devem ser discutidos.

Faccenda:

E professor, com toda a sua fala eu percebi que na internet tem todas as aulas de Cálculo gravadas, entendeu. Aí eu posso assistir a uma aula gravada, mas daí você assistiu essa aula gravada, mais quem vai cobrar o conteúdo de ti, sou eu. E aí eu digo, pode até assistir a aula gravada, mas quem não assiste a minha aula já tá reprovado. E quem assiste passa. Eu acho a mídia é super importante, mais tem que tomar o cuidado porque pode tornar o cara preguiçoso, a aula presencial é para deixar o cara focado e ser determinado, você entendeu?

Manzine:

Mas eu vou mais além Faccenda, até quando você vai cobrar e é você que vai cobrar? Será que daqui uns anos ele não vai poder mandar e fazer a prova via internet. E a Educação a distância, aí

vem a parte cruel, o objetivo deste tipo de curso é para tem um número cada vez maior de aprovados, saiba conteúdo ou não. Essa é a grande sacada, em todos os níveis, se luta para encher as salas. Estão preocupados com os números que saem, mas não do jeito que saem. Discutimos e discutimos, mas no fim caí no financeiro. Infelizmente.

3.7 Sidnei Azevedo de Souza



Sou Sidnei Azevedo de Souza, casado, e efetivo na Universidade Federal da Grande Dourados. Atualmente sou o pró-reitor de administração da instituição.

O nosso primeiro contato foi em uma rápida conversa em sua sala, onde pude me apresentar e mostrar o meu interesse por uma entrevista, demonstrando uma grande consideração e disposição para colaborar com seu depoimento, marcamos uma data, 6 de março de 2013 para uma conversa.

Agradeço muito a colaboração do senhor Sidnei pela atenção e pelos vários documentos que me disponibilizou para o desenvolvimento de minha pesquisa.

Sou Sidnei Azevedo de Souza, sou filho de José Joaquim de Souza e Aparecida de Souza. Meus pais vieram para Dourados/MS, ainda crianças, o meu pai em 1947 e minha mãe em 1952. Nasci em 1967, assim, iniciei os meus estudos em 1974 em uma escola Municipal chamado Eurico Gaspar Dutra, no Distrito de Panambi/MS. E em 1976, eu estudei em uma escola do Município de Itaporã/MS, essa não me recordo do nome, mas era próximo do sítio em que eu morava. Voltei a estudar em 1977 no colégio onde iniciei meus estudos, em Panambi/MS, terminando o meu ensino fundamental, ensino Médio e cursei o magistério. Quando fui realizar a inscrição do vestibular em 1986, fui informado que iriam abrir a inscrição para o curso de

Licenciatura em Matemática, então, resolvi fazer a inscrição. Um dos motivos pela qual decidi cursar a Licenciatura Matemática foi por eu ter tido pouquíssimo contato em minha formação básica com professores formados na área de Matemática, eu cito aqui a única professora formada em Matemática que eu tive contato durante minha educação básica, que foi na minha sexta série, e talvez por ter gostado da forma como essa professora desenvolvia suas aulas, me despertou o interesse pela Matemática. E o outro motivo, era porque eu não possuía muito conhecimento Matemático, isso me inquietava.

Durante minha graduação, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul de Dourados, o curso deu a oportunidade para 45 alunos se tornarem licenciados em Matemática, mas, com o passar do tempo muitos desistiram.

Na época em que eu entrei na faculdade, o curso de Ciências com Habilitação em Matemática estava sendo extinto. Em meio a transição da Habilitação para a Licenciatura Matemática, muitos alunos permaneceram e frequentaram as mesmas disciplinas ofertadas no curso de Licenciatura Matemática. As disciplinas eram pelo sistema de créditos, assim, muitos alunos de diferentes cursos poderiam assistir as mesmas aulas, não me lembro ao certo, mas me parece que se formaram ao todo 8 alunos, dentre o curso de Habilitação e Licenciatura.

Enquanto eu fazia o curso de Licenciatura em Matemática, também lecionava na escola Estadual Presidente Vargas no ensino básico. Enquanto a maioria dos alunos que se formou pelo curso de Licenciatura em Matemática ia lecionar nas escolas de nível básico, eu tive a grande oportunidade de fazer logo depois que terminei a licenciatura, o curso de verão na USP de São Paulo. Como tive que deixar meu emprego na escola Presidente Vargas, para fazer o curso de verão, eu consegui receber uma bolsa para me dedicar aos estudos em São Paulo. Muito diferente de quando eu estudava na graduação, tinha que trabalhar para me sustentar, assim, durante toda a faculdade eu sobrevivi com o dinheiro das aulas que eu ministrava na escola de nível básico. Eu trabalhava e estudava ao mesmo tempo, aproveitando o tempo vago para estudar.

Depois que eu fui fazer o curso de verão na USP, que era a porta de entrada para fazer o mestrado, sendo que os melhores alunos desse curso de verão já entravam no curso de mestrado. Realizei duas disciplinas no curso de verão, mas como não gostei muito dessas disciplinas da área de Estatísticas, mas passei. Ainda na USP, vi que eles iriam ofertar um curso de especialização em Matemática, me matriculei neste curso. Tivemos uma entrevista e fui aceito. Durante 1992 e 1993 realizei esse curso, e ao final de 1993 vi um cartaz lá na USP com a divulgação do concurso que teria aqui em Dourados na área de Álgebra. Fui atrás para ver quais eram os documentos

necessários para a inscrição. Eu lembro que no último dia, na véspera do último dia eu peguei um avião lá em São Paulo para Campo Grande para fazer a inscrição do concurso que era na área de Álgebra. Então no final de novembro de 1993 realizei o concurso e fui chamado em 24 de janeiro de 1994, tomei posse em Campo Grande em 10 de fevereiro de 1994.

A primeira disciplina que eu ministrei foi Matemática para o curso Ciência Contábeis uma turma de 94 alunos, foi minha inauguração! Depois fui dar aula no curso de Matemática, Cálculo Diferencial Integral. Ainda era utilizada a mesma grade curricular do curso de Matemática de quando eu me formei e se eu não me engano, a grade curricular do curso de Matemática sofreu uma alteração só em 1994 e uma reestruturação em 2004.

Durante a minha graduação eu sempre participava como representante do conselho, na época o Conselho se chamava DCI, era um pouco confuso, pois era junto com História, Letras, Agronomia, Pedagogia,..., como eu participava dos encontros, sabia de algumas coisas, como um tal do currículo mínimo, não tinha um projeto pedagógico no curso na época, tinha a instalação do currículo mínimo nos cursos pela Lei Federal.

Somente em 2002 que foi discutido a respeito do primeiro projeto pedagógico do curso de Matemática. Um bom tempo depois de sua criação, antes era só uma matriz curricular e com algumas diretrizes.

O curso de Matemática de Dourados era dita como Licenciatura, mas as disciplinas propostas na grade currículo eram mais voltadas para um curso de Bacharel. Apesar disso, tínhamos duas disciplinas, por exemplo, que foi fundamental para a minha formação como professor, Prática de Ensino e a Disciplina de Estágio, que eram ministradas pela professora Ana Maria Sampaio, ela tinha uma dedicação muito grande, ela acompanhava a gente em todas as escolas e eu não tive nenhuma dificuldade de chegar em uma sala de aula e ministrar as minhas aulas de regência. Dentro do estágio, eu não tive dificuldade nenhuma, eu abria aqueles livros e aqueles conteúdos eu sabia, não tive dificuldade. Em 1991, no segundo semestre, antes de terminar o curso eu fui convidado pela escola Estadual Presidente Vargas a substituir um professor que saiu de licença. Eu sei que o curso, hoje, passou por algumas reformulações, e essa é a lembrança que eu tenho, que quando eu fui ministrar as aulas dentro do estágio eu não tive dificuldade. Apesar das disciplinas serem voltadas para a Matemática pura.

A partir de 1970, foram instalados os primeiros cursos em nível superior na cidade de Dourados. Nessa época, Dourados possuía uma economia voltada para a agropecuária, mas na década de 1970, teve a lavoura predominante o café, depois o trigo e a soja. Isso influenciou, por

exemplo, a instalação do campus de Dourados na época, o Centro Universitário de Dourados em 1978. Com a doação do terreno da Unidade II, sendo metade doado pela prefeitura e outra metade foi doado pelo professor Celso Pires do Amaral, foi possível a implantação do curso de Agronomia. Para a implantação deste curso, houve uma influência política, pois, este curso era para ser implantado em Campo Grande, mas, eu ouvi falar que se Dourados tivesse 90 hectares de terras disponíveis para a instituição, seria possível a implantação do curso de Agronomia em Dourados. Essas discussões sobre a implantação teve início ainda quando a instituição era a UNEMAT, onde, caso Dourados possuísse a quantidade de terras solicitadas, o curso iria para Dourados e não para Campo Grande. Nessa época, antes da implantação do curso de Agronomia, o centro pedagógico já possuía alguns cursos como Ciências, Letras e Estudos Sociais. E após a implantação do curso de Agronomia, vários outros cursos foram sendo implantados em Dourados.

Como eu havia dito, minha formação do Ensino Fundamental que foi de 1974 até 1984 onde eu tirei o Ensino Médio, que era magistério, tive um único professor de Matemática por todo esse tempo. Então eu acredito que faltava professor em toda a região. As primeiros professores que vieram aqui no estado eram oriundos do estado de São Paulo.

Muitos dos professores da universidade eram de outros estados, puderam ajudar no desenvolvimento do curso de Habilitação e Licenciatura em Matemática. Mesmo que, de início, a instituição não possuía uma infra estrutura exemplar, mas tínhamos alguns exemplares, pois antes da implantação do curso de Licenciatura em Matemática, já havia os cursos de Agronomia e Ciências no qual utilizavam um pouco da Matemática. Nós tínhamos as disciplinas de Fundamentos de Matemática que era ministrada pela Carolina, a disciplina de Cálculo com o professor Waldir Brasil e depois pelo professor Odival Faccenda. Também disciplina de Geometria, de Física e também Língua Portuguesa no meu primeiro ano.

Na época da universidade, havia a professora Ana Maria Sampaio Domingos, que eu à via sempre à frente do curso. Quando eu entrei aqui ela era a primeira coordenadora do curso, em 1987. A professora Ana Maria sempre estava na frente disso, então eu via que ela sempre estava se movimentando para realizar essas formações, preocupada com a formação dos professores da região. Eu sei também que nessa mesma época em 1986 e 1987 tinha turma especial de professor Matemática em Naviraí. A professora Vera Farias, eu lembro dela contando na sala de aula que eles se deslocavam para dar aulas de formação professores de Matemática em projetos não era exatamente um curso, mas era um curso de formação de professores que já estavam em serviço,

então, eu acho que existia a necessidade de professores na região, inclusive hoje, pois, quando o estado solta algumas lista de professores que atuam no ensino no estado, ensino fundamental e médio, os professores que mais faltam é Física, Química e Matemática no terceiro lugar até hoje, e depois Biologia e Artes que é uma área nova, também estão na lista que mais faltam no estado.

Essa falta de professores já era grande, então, a maioria dos meus professores da universidade é de outros estados do Brasil. Eu lembro que eu tive a disciplina de Língua Portuguesa com a professora Maria das Dores que já era efetiva daqui, ela era uma das professoras, mas, da Matemática tínhamos a professora Ana Maria, o professor Arno na época ele estava de licença e eu nunca tive aula com professor, pois, quando ele voltou eu estava no terceiro ou quarto ano e ele dava aula somente nos primeiro anos. O professor Luis Antonio que era da área de Física, mas, ele também ensinava algumas coisas da área de Matemática e ele também tem formação na área de Matemática. E aí já veio em agosto de 1987 que entraram os primeiros professores que vieram para o curso, que foram os professores Odival Faccenda e professor Waldir Brasil. Depois em 1989, os professores Luiz Manzine e Edmir Terra, eu não lembro se foi em 1989 que entrou um professor chamado Max que deu aula um ano e saiu logo em seguida. E além disso, nós tivemos professores temporários do estado, que davam aula no ensino médio que vieram dar aula como professor substituto.

Esses professores, em sua maioria, eram de outros estados. A professora Ana Maria ela já estava aqui, mas pelo sotaque dela, ela veio do Rio de Janeiro, o professor Manzine é de Araraquara / SP, os professores Edmir Terra, Adailton e Waldir Brasil eram de Campo Grande mesmo, eles se formaram pelas primeiras turmas lá de Campo Grande pela UFMS. O professor Adailton fez Matemática, mas, depois ele fez a especialização em computação e veio para cá dar aula, ele dava aulas de Matemática, mas ele passou a dar suas aula mais para informática. O professor Odival Faccenda, se eu não me engano, ele é gaúcho, mas ele estudou em São Paulo e acabou vindo direto para cá.

3.8 Luiz Antonio da Silva



Sou Luiz Antonio da Silva, casado, nasci em 21 de março de 1949 no estado de São Paulo, em Miguelópolis.

O nosso primeiro contato foi por telefone, sendo o senhor Luiz muito atencioso mesmo não me conhecendo, marcou uma data para realizarmos a nossa entrevista, dia 8 de abril de 2013, em sua residência.

Sou Luiz Antonio, professor aposentado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- UFMS no campus de Dourados. Sou filho de pais mineiros e em minha família somos compostos por mineiros e paulistas. A gente morava na fazenda Volta Grande. Conforme o rio estava cheio uns nasciam paulista e uns nasciam mineiro. Quando o rio estava cheio, nascia paulista, quando o rio estava baixo nascia mineiro. Então, em minha família uns são paulistas e outros são mineiros, somos em onze e meus pais pegaram mais dois para criar, então na verdade somos em treze irmãos. Eu fiz até a sétima série em Miguelópolis - SP, aí nós mudamos para Dourados. Meu pai comprou uma terra na região do Guaçu, beira do Rio Dourado, por volta de 1963. Aqui eu fiz até o segundo colegial, não pude continuar porque aqui não havia o terceiro colegial. Estudei na escola Presidente Vargas que existe até hoje, Escola Estadual Presidente Vargas. Voltei para o interior do estado de São Paulo, em Miguelópolis para fazer o terceiro

colegial. Um dia meu irmão, que era delegado de polícia em São Paulo - capital, me falou: vamos lá para São Paulo, pois eu moro lá na Mooca e lá tem um clube chamado Juventus. Até hoje ele não me levou.

Ainda em São Paulo, fiz o cursinho do Anglo e prestei dois vestibulares. No primeiro vestibular eu entrei para Física na USP⁹², naquela época a USP permitia que você fizesse dois cursos ao mesmo tempo, aí no ano seguinte eu prestei para Matemática, então eu fazia os cursos de Física e Matemática. As disciplinas do primeiro e o segundo ano são disciplinas básicas, e eram praticamente as mesmas, então fazia numa e dispensava noutras. No terceiro ano, mudaram a data da matrícula e lembro que eu vim para Dourados para passar as férias na fazenda do meu pai que ficava no Guaçu⁹³, que se localiza na beira do Rio Dourado. Quando eu voltei para fazer minha matrícula na Física, eu fiquei sabendo que a matrícula do curso de Matemática já tinha se encerrado, então encerrei minha carreira de matemático. Fui à secretaria tentar justificar e saber por que não coincidiam mais as datas da matrícula, não me responderam e me falaram que para fazer o curso de Matemática, bastava somente eu fazer um novo vestibular. Assim, achei melhor terminar o curso de Física. Terminei o curso em dezembro de 1973.

Optei em fazer o curso de Física depois que eu fiz um cursinho no Anglo em São Paulo. Lá havia um professor de Física chamado Emílio Gabriades, ele era grego, e era muito entusiasta da Física. Me tornei um fã dele. Ele era um professor maravilhoso. Eu também me lembro de um outro professor, “Cid Gelle”, um matemático, era de Botucatu. Por coincidência eu fui fazer o mestrado em Botucatu, mas, ele já não estava mais vivo. Quando eu fiz o cursinho no Anglo a estrutura docente era diferente, na época eu tinha um professor, o professor Frágoso de Física, eu acho que ele tinha uns 60 anos. Ali foi o meu despertar, o meu gosto pela Física.

Logo depois que terminei o curso de licenciatura em Física pelo Instituto de Física da USP, em dezembro de 1973, fui trabalhar na Universidade Estadual de Mato Grosso em Campo Grande. Eu morava em um apartamento em São Paulo com alguns amigos, quando recebemos algumas visitas de uns professores do departamento de Física da Universidade Estadual de Mato Grosso. Eu nem havia feito planos para a minha vida, pois, recentemente tinha me formado em Física, era exatamente naquele mês de dezembro de 1973. Esse professor me falou que a instituição de Mato Grosso iria promover uma seleção de professores para Campo Grande. Como os meus pais moravam em Dourados, pensei “ué de repente, né?” Aí eu vim fazer o concurso, fui

⁹² Universidade de São Paulo.

⁹³ Distrito do município de Dourados, Mato Grosso do Sul.

aprovado e me tornei professor da instituição que naquela época era a Universidade Estadual de Mato Grosso.

Quando eu cheguei em Campo Grande não havia esse negócio de dedicação exclusiva. Nesta época eu cheguei a dar aula em quatro instituições. Lecionava na UEMT no curso de Engenharia Civil e na FUCMAT⁹⁴. Na época o dono do Colégio Osvaldo Cruz de Campo Grande, resolveu abrir um cursinho, foram lá no departamento de Física e Matemática a UEMT, de Campo Grande, pedindo a colaboração dos professores. Nós fomos lá e iniciamos esse cursinho no Colégio Osvaldo Cruz, e ficamos lá por pouco tempo. Recordo-me que faltava professores de Física em Aquidauana. O Reitor que na época era o João Pereira da Rosa, me perguntou, “Oh Luiz você não pode dar umas aulas de Física lá em Aquidauana?” Eu lembro que as quartas feiras, eu saía de Campo Grande para dar aula no curso de Ciências lá em Aquidauana. Nessa época eu estava em quatro locais distintos. Nesse período também, existia em Campo Grande o curso Galeno, era um cursinho preparatório para o vestibular que eu também dei aula. Depois esse cursinho Galeno faliu. Me chamaram então para dar aula no Anglo – Mace em Campo Grande, fiquei um tempo por lá como professor nesse cursinho. Eu fui professor de cursinho por dez ou doze anos em paralelo com a universidade. Quando eu vim para Dourados em 1986, o professor Benê⁹⁵ do Colégio Objetivo que tinha sido coordenador do cursinho no Colégio Dom Bosco de Campo Grande e acabou vindo para Dourados antes de mim, criou o Colégio Objetivo aqui em Dourados. Depois de um certo tempo, ele me chamou “Luiz vem dar umas aulas de Física aqui no meu colégio!”. Fui lá para dar algumas aulas, mas, logo em seguida a Universidade acabou criando a dedicação exclusiva, aí eu falei para o Benê que agora temos que parar! Daí parei. Sai do cursinho e continuei só com a universidade. Naquela época a universidade já era Federal, mas ainda não havia muitos cursos.

Nessa época em Campo Grande, ainda não existia o curso de Física. Fui concursado para dar aula no curso de Engenharia Civil em Campo Grande. O detalhe que eu não esqueço até hoje, quando eu fazia o curso de Física foi quando surgiram as primeiras maquininhas de cálculos, porque no curso de Física moderna tinha uma parte de “radiação” que tinha tanto cálculo para fazer e, na época o curso de Física tinha adquirido aquelas maquininhas, era um novidade para a época. Quando eu vim para Campo Grande, fui dar aula de Física, no laboratório de Física. Eu tinha que ensinar a regra de cálculo, mas, eu nunca tinha visto aquela regra, tive que aprender a

⁹⁴ Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (FUCMAT), atualmente é a Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) de Campo Grande.

⁹⁵ O professor Benedito Cantelli, mais conhecido como professor Benê, dono do Colégio Objetivo de Dourados/MS.

mexer com uma régua de cálculo para ensinar os alunos a trabalharem com a régua, pois naquela época as contas eram feitas com a régua de cálculo, e na Física eles já estavam com as maquininhas nos laboratórios.

Trabalhei por um tempo na Universidade Federal de Campo Grande, mas, em novembro de 1985 minha mãe faleceu, tentei levar o meu pai para Campo Grande para que não ficasse sozinho em Dourados, porém, ele dizia que “não vou sair daqui não, já conheço o pessoal!”. Como meu pai não quis ir para Campo Grande, conversei com a minha mulher “e agora?! Deixar o velho lá em Dourados sozinho?!” Então resolvi, na época, falar com o reitor se era possível a minha transferência para Dourados. O reitor me falou, “ah Luiz! Não sei, só se o departamento liberar e lá eles aceitarem você, mas você que vai ter que correr atrás, aí vamos ver o que podemos fazer!”. Minha mulher também era professora da rede estadual de ensino. Como havia conversado com o reitor, fui até Dourados para falar com o pessoal aqui do departamento, na época era o curso de Ciências, o pessoal se mostrou interessado com a minha vinda a Dourados, assim, só faltava a liberação do departamento de Campo Grande. Falei com o secretário de educação do estado, na época era o Idenor Machado que coincidentemente era de Dourados, fui pedir a minha transferência para Dourados. Então, em janeiro de 1986, nos mudamos para Dourados.

Na instituição de Dourados lecionei nos cursos de Matemática e Agronomia. Assim, eu fui transferido de Campo Grande para o departamento de Ciências daqui. Tem um detalhe, que quando eu cheguei aqui, havia uma disciplina de Cálculo 3, em Campo Grande eu só dei aula de Física. E quando eu cheguei aqui me falaram, “Luiz, estamos precisando de alguém na área da Matemática!” Tudo bem, eu sempre gostei de Equações Diferenciais, a gente usava muito na Física, mas, Cálculo, eu nunca dei aula de Cálculo, não, não! Apesar disso resolvi pegar essa disciplina, foi até bom, gostei bastante de dar aula de Cálculo! Então, na vida eu acabei trabalhando na Física e na Matemática.

Na época em que eu estava na UFMS de Dourados, a instituição não possuía uma estrutura muito boa, existia uma grande falta de equipamento, não tínhamos nada de laboratório e uma infraestrutura que não colaborava com um bom desenvolvimento das aulas. Apesar disso, nós professores batalhamos para melhorar as condições dos departamentos.

Mesmo que eu tenha me mudado para Dourados, nem sonhava em vir para cá, apesar dos meus pais residirem aqui. Certa vez, o diretor do CEUD – Centro Universitário de Dourados, o senhor Milton José de Paula, foi um dos responsáveis que ajudou a criar no curso de Ciências.

Foi aí que o diretor de Campo Grande me designou para eu analisar as instalações da instituição de Dourados, para que eu pudesse observar as instalações da instituição, assim, o senhor Milton me levou no laboratório que eles tinham, era muito diferente ao que eu imaginava, eles tinham somente vidrinhos de todos os tamanhos. Cheio de vidro. Achei engraçado aquilo, meu Deus do céu! Como aqui vai ser um laboratório, cheio de vidro. Até aí tudo bem! Desta forma, fomos favoráveis a criação da Habilitação em Matemática e, voltamos para Campo Grande. Depois dessa minha ida a instituição, aconteceram muitas coisas, como o falecimento da minha mãe e a minha transferência para Dourados em fevereiro de 1986.

Muitas coisa também mudaram na instituição. Neste mesmo ano, foi encerrando o curso de Ciências com Habilitação em Matemático. Eu diria que essa transição de Habilitação para Licenciatura era um reflexo que estava acontecendo na universidade como um todo. Antes de vir para Dourados, nós fomos criadores do curso de Física em Campo Grande, então, nós somos os professores fundadores do curso de Física em Campo Grande. Lá eu fui coordenador do curso, chefe de departamento,... então, iniciamos com essa criação do curso de licenciatura em Campo Grande, isso foi se espalhando por todo o interior da universidade. Onde se havia esses cursos de Ciências, foram se tornando Habilitação e depois em Licenciatura em Matemática.

Eu acredito que o curso de Habilitação de Dourados durou por pouco tempo, devido as movimentações que estavam acontecendo dentro das instituições públicas do estado de Mato Grosso do Sul. Acho que foi uma consequência das universidades, com o tempo acabaram com os cursos de Ciências e foram criando as Habilitações, em seguida, foram substituídas pelas Licenciaturas, como por exemplo, o curso de Campo Grande que já nessa época, possuíam os cursos de Licenciatura em Matemática e em Física.

A vinda dos cursos de Habilitação e Licenciaturas as instituições do estado, na minha opinião, foi devido a falta de professores. A universidade sempre enfrentou problemas com a falta de professores, por exemplo, eu sou físico e comecei a lecionar em Dourados na disciplina de Cálculo 3, porque faltavam professores de Matemática, era muito difícil a contratação de profissionais com nível superior. Essa é uma realidade do mundo universitário, acho que é até hoje. Tínhamos os professores Abramo Loro Neto que era da Física, e depois vem a professora Ana Maria Domingues Sampaio que era professora de Matemática, o professor Arno Lange, que eram os mais velhos aqui. Depois vieram novos professores, os contratados. Temos como fruto de nossa instituição o professor Sidnei Azevedo que hoje é pró-reitor de administração, o professor Waldir Brasil do Nascimento Junior que hoje está na Polícia Rodoviária Federal, o

professor Odival Faccenda, Estatístico. Eu vou correr o risco de esquecer o nome de alguém, que me perdoe. Mas, eu falei os nomes dos professores Ana Maria, Arno, acho que não me esqueci de ninguém?!

Hoje com sessenta e quatro anos tenho o direito de esquecer as coisas. (Risos) Isso me faz lembrar-se de uma curiosidade, pois, hoje temos gravadores de diversos modelos para deixar registradas as falas, mas sabia que isso nos deixa mais a vontade de podermos esquecer e de não criar o hábito de anotar as informações importantes, na segurança que tudo está sendo gravado.

Como eu disse anteriormente, não me recordo das datas em que eu assumi a coordenação do curso de Licenciatura Matemática, mas daí é fácil! A gerência dos recursos humanos que fica na UFMS de Campo Grande, tem as fichas com todos os professores que passaram pela instituição, sendo que está registrado todos os cargos que os professores assumiram, como por exemplo, o cargo de chefe de departamento e/ou coordenação, pois as funções são gratificadas, ficando registrada no arquivo da instituição. No meu caso, todos os meus dados estão registrados na gerência de recursos humanos da UFMS, pois me aposentei quando ainda era a UFMS. Eu digo que a Federal é a minha paixão!

A minha paixão, a instituição, pôde aumentar e se fortalecer com a cooperação de alguns professores que estavam à frente na criação do curso de Licenciatura Matemática. Sinceramente, eu não lembro quem era o chefe de departamento na época. Assim, não existia somente uma pessoa responsável, mas um grupo de professores que buscava a criação do curso que caminha junto com as movimentações da universidade. Campo Grande criou primeiro o curso de licenciatura, praticamente para atender a Engenharia Civil, os Matemáticos, os Químicos e Físicos. Eu dava aula no curso de Engenharia Civil, mais tarde foi criado o curso de Matemática e depois foi criado o curso de Física. Essa onda foi para o interior do estado, num movimento natural. E mesmo porque, esse curso de Ciências era meio esquisito, pois era um curso rápido. Na época tinha um conflito de legislação, eu digo que foi uma coisa natural ter passado para Habilitação em Matemática, pois eu acredito que a criação do curso foi um reflexo de Campo Grande. Porque o núcleo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul era a reitoria que estava em Campo Grande, as novidades começavam no núcleo e depois vão se espalhando pelo estado.

Eu estava presente na criação do curso de Licenciatura em Matemática de Dourados, assim, pude ajudar a estruturar a grade curricular do curso. Basicamente fazíamos uma estrutura curricular conforme a disponibilidade do corpo docente que tínhamos, a gente adaptou ao máximo a nossa realidade do quando docente, mas, sem fugir do que havia na estrutura do curso

de Campo Grande, pois nos serviu de modelo. Nas disciplinas optativas foram sendo moldadas conforme o corpo docente que a gente tinha lá na época. A grade curricular era construída com a ajuda de todos os professores e ao final sendo de comum acordo entre as instituições, mas, não com toda essa flexibilidade, com esse livre arbítrio para se fazer o que quisesse, porque tudo isso tem que ser aprovado. Não me recordo dos detalhes, mas eu acredito que as disciplinas da Habilitação eram semestrais. Eu não lembro quando e porque mudou de anual para semestral, mas eu acho que as Licenciaturas já começaram semestrais, não posso te afirmar, mas é só consultar os documentos oficiais da universidade.

Eu lembro que nós tínhamos que dar as disciplinas de Equações Diferenciais, gostei muito desta disciplina, isso fez com que montássemos o elenco das optativas de acordo com o pessoal que tínhamos aqui. Era difícil ter alguma mudança na grade curricular, mas, no decorrer dos anos a minha experiência no mundo da Matemática aumentou, dava aula de Cálculo, de Álgebra, de Equações Diferenciais, justamente por não ter ninguém da área da Matemática, aí eu fui colaborando com a aula de Matemática.

Durante o desenvolvimento das aulas, tínhamos alguns recursos para nos auxiliar, mas houve principalmente uma mudança nos recursos de quando houve a federalização, tivemos um incentivo muito grande para melhorarmos o acervo bibliográfico. Nos finais dos semestres nós fazíamos uma relação de livros que poderiam nos ajudar a melhorar a disciplina, no intuito de aumentar a lista do acervo da biblioteca e com o passar do tempo, foi melhorando.

Existia uma grande união dos professores para melhorar o curso, apesar da procura pelo curso de Habilitação e a Licenciatura nunca ser grande. Hoje o Brasil tem uma escassez de profissionais, e além dessa dificuldade em encontrar professores, os mesmos encontram dificuldades em dar aula em certos colégios, sendo ameaçados, agredidos, insultados, muitos riscos. Eu acho que hoje, se me mandassem dar aula em uma periferia no clima que tem hoje, é difícil eu ir! Eu acho que nunca as Licenciaturas serão concorridas como os cursos de Medicina, de Engenharia, infelizmente! Sempre nos palanques em épocas de eleição, se fala muito em educação, saúde,..., mas, a prática é muito diferente, tanto que, veja bem, nós perdemos professores, que já estavam na universidade federal prestarem outros concurso, por exemplo, para a Polícia Federal por uma questão salarial. Hoje existem policiais que ganham mais que os professores, sem desmerecer os créditos dos policiais, mas, eu acho que os professores precisavam ser melhores remunerados, pois a educação é um todo! Eu não concordo, por exemplo, com o governo de Fernando Henrique, apesar de ele ser um professor, foi um desastre

para nós professores , não é? O ministro da educação, hoje falecido até, tinha sido o reitor da UNICAMP, uma universidade de peso, mas insistiram no tal do Ensino Técnico, ao qual eu discordo visceralmente! Eu acho que educação é um TODO! Quem vai preparar esses professores dos outros níveis de ensino devem ser os professores da universidade. Quando estávamos no governo do presidente Fernando Henrique, nós tivemos uma imensa dificuldade de contratação de professores! Foi uma das dificuldades, pois também congelaram os salários, foi terrível! Essa visão de ensino técnico, eu até acredito que precise de ensino técnico. Quando você vê os países de primeiro mundo, investindo em educação, pesquisa e acho muito bonito e é uma pena que muitos governantes tentem segurar algumas universidades. Acho que nós temos exemplo no mundo, Coréia, Japão,... enfim, Alemanha que investiram muito em educação e colhem seus frutos. Eu acho que isso é o futuro, ver a educação como um todo. Você tem que ver a criancinha que está sendo alfabetizada até o doutor que está saindo da universidade, e essa é a visão de um professor. Essa é a grande herança que você vai deixar para os seus filhos, a escola.

Assim, busquei fazer a minha parte. Na minha tentativa de ajudar vários estudantes e deixar registrados os meus pensamentos e conhecimentos resolvi publicar alguns livros no mesmo período em que eu estava em pleno exercício. Eram três livrinhos de exercícios resolvidos de Física e Matemática, principalmente na área de Equações Diferenciais. Eu aproveitei quando eu fui fazer o mestrado em Botucatu, tinha uma disciplina que envolvia Equações Diferenciais, e o professor ao invés de dar aula ele me punha para dar as aulas, me deu um livrinho de Equações Diferenciais e aplicada, para que eu estudasse e apresentasse para os meus colegas. E eu acabei dando toda a parte teórica desse curso e eu fui resolver a maioria dessas que tinha no livro e pensei, vou publicar isso! Aí eu aproveitei outras atividades de Física que eu tinha, publiquei pela editora Traços de Física. A expressão traços era para representar uma coisa muito pequena, mas que existe. Assim, eu coloquei Traços de Física justamente para traduzir que era uma colaboração muito pequena, mas, que eu estava deixando para alguém, porque quando chegam os professores novos eles são convidados a dar tais e tais disciplinas, eles passam períodos difíceis, porque para você passar de aluno para professor sem que alguém te auxilie é difícil. Eu sempre deixava os meus cadernos para o pessoal novo para se basear-se em alguma coisa. Então eu pensei, quer saber de uma coisa? Eu vou registrar isso, aí eu fiz Traços de Física eu acho que volume I e II, eu não sei se tem na biblioteca aqui, deve ter em Campo Grande, deve ter!

As questões do vestibular da parte de Física eram criadas por mim e um professor de Campo Grande. Eu fazia as questões e mandava para ele dar uma olhada e assim, entrava no

vestibular. Durante vários anos nós ficamos nisso. Quando eu me aposentei e me desliguei, aí foi em 2007, às pessoas ficavam me ligando “Oh Luiz, você não vai mais voltar?!”, sabe de uma coisa, eu vou pendurar alguma coisa na internet para ajudar todos. Aí eu comecei a fazer alguns vídeos relativos a Física e a Matemática. Devo ter em torno de 99 ou 100 vídeos que eu pendurei no You Tube, chama canal do PROFLAS é P-R-O-F- de professor e L-A-S de Luiz Antonio Silva. Recebi várias críticas. Há pessoas que batem pesado, eu nunca respondi a esses comentários, os vídeos tem mais de 350 mil acessos. De vez em quando eu olhava uns comentários, tinha gente que usou para vestibular, e tem assuntos lá que eram próprios de uma estrutura, por exemplo, tem uma parte lá que era Equações Diferenciais, aí não adianta um aluno do colegial né?! Aí ele vai achar aquilo complicado de mais e eles fazem um comentário que “ahr!”. Esses vídeos não são falados, eu não usei a voz no vídeo, eu usei quadro a quadro mostrando, aí uns pedem o áudio, pois, está sem áudio. Alias, eu não coloquei áudio eu tinha colocado um fundo musical, aí entra no problema de direitos autorais e aí eu tive que rever...a maioria deles eu tive que tirar o fundo musical! Eu nunca ganhei dinheiro com isso! Era só para deixar registrado, assim como os livros eram feitos com esse espírito de deixar registrada alguma coisa que materializasse a nossa paixão pela Física e pela Universidade Federal. A Universidade Federal foi a minha paixão federal.

Pude ajudar muitas pessoas com os meus conhecimentos em Física e Matemática. Durante anos, lecionei na UFMS de Campo Grande depois em Dourados, tive a oportunidade de fazer o mestrado em Energia no curso de Agronomia em Botucatu - São Paulo. Quando eu fui para Botucatu, queria fazer numa área que tivesse um pouco a ver com a Física e também queria trabalhar com Coletor Solar ou Biodigestor que engloba essa parte de energia. Na verdade, eu queria mesmo é trabalhar com Biodigestor. Fui para Botucatu para fazer o mestrado, mas a disciplina de Biodigestor que eu queria era vista no final do curso, mas, havia no início do curso uma disciplina de Coletores Solares, daí acabei fazendo essa disciplina. Então o meu mestrado foi na área de Energia no curso de Agronomia utilizando os Coletores Solares. Esse mestrado pude fazer depois de um bom tempo em que eu me formei e depois que fui para Dourados.

Eu fiquei na UFMS até me aposentar, eu tenho dificuldade de lembrar as datas. Se você me perguntar que ano eu me aposentei. Eu não lembro! Eu tenho uma queixa que não tem nada a ver com seu trabalho. Às vezes eu tenho saudades da UFMS, no tempo que eu era professor. Quando eu me aposentei, eu tinha algumas aulas que ainda estavam em andamento, pois não era no final do ano, assim, para não deixar meus alunos resolvi continuar até o final do ano. Assumi

como professor contratado, me pagavam R\$700 reais para sair daqui para dar aula na Agronomia, era muito longe. O que eles me pagavam não cobre nem o combustível que eu gasto, então, eu me aborreci. Eu continuei dando as minhas aulas lá na universidade, mas só porque eu tinha aposentado e continuei como professor contratado. A remuneração era ridícula! Não é?! Eu ficava pensando que qualidades eu perdi? E eu sei que não perdi nenhuma, mas agora eu ganhar isso, mas vou continuar em consideração a minha turma, eu vou terminar a minha turma e aí encerrei a carreira como professor contratado. Fui dar umas aulas na UNIGRAN, instituição particular. Se houvesse um incentivo para você continuar, eu teria continuado na universidade federal! Isso é uma cachaça, a sala de aula! (risos) Você entra em uma sala de aula, você esquece se do mundo, como o professor tem que dar muitas aulas às vezes ficam muito tempo esquecido do mundo dentro da sala de aula. Apesar disso, gostava muito da minha profissão.

Hoje, estou aposentado pela UFMS e ainda moro em Dourados. A cidade passou por várias mudanças e atualmente possui 200 mil habitantes. Quando eu cheguei, Dourados tinha muitos espaços vazios e era composta por uma pequena população. A UFMS foi por muito tempo a única instituição em nível superior na região da Grande Dourados. Apesar da nomenclatura ser CEUD, particularmente, eu nunca gostei do nome CEUD, porque CEUD não dava uma conotação de ser uma Universidade Federal. Como eu vinha da UFMS – Campo Grande, eu sempre tentei destacar UFMS- Dourados, Universidade Federal de Dourados. Como há um histórico por trás disso, eu reconheço, aos que lutaram pelo Centro Universitário de Dourados, sempre batiam no tal CEUD, CEUD, CEUD,...., tanto que, quando eu me tornei diretor aqui em Dourados, eu mandei escrever e colocar uma placa “Universidade Federal de Dourados”. Eu queria criar uma identificação para a Universidade, uma presença da Universidade Federal em Dourados, pois Centro Universitário não era traduzido como sendo uma universidade.

Essa minha atitude não tinha nada a ver com questões políticas, e dentro da instituição também não era possível observar muita influência política para a criação dos cursos, eu diria que isso era muito pouco. Muito pouco mesmo. Há, eu lembro que houve uma luta muito grande, aí houve até uma participação do governador na vinda do curso de Agronomia em Dourados, neste movimento tivemos uma grande força política, onde houve até a participação do governador batendo os pés, porque o reitor que era de Campo Grande, Dr João Pereira da Rosa, não era muito favorável a criação desse curso de Agronomia em Dourados. Aqui eu vejo uma grande movimentação política, e o governador acabou no palanque dizendo que o curso de Agronomia vinha para Dourados, porque essa polarização de interior capital sempre existiu e sempre vai

existir. Não é?! Então, a dificuldade de trazer o curso de Agronomia para Dourados era porque muitos alegavam que, “Lá não tem nada, não tem laboratório, não tem estrutura adequada e Campo Grande já ia ter o curso de veterinária, já tem o curso de Medicina e já possui uma estrutura”. Então na época o reitor defendia que o curso de Agronomia tivesse que ir para Campo Grande. Aí sim, entra uma movimentação política para trazer o curso de Agronomia para Dourados. Eu acho que esse foi o grande movimento político, mas nas Licenciaturas eu não vejo razão para que haja uma movimentação política para que elas fossem criadas, mas como uma consequência daquilo que você forma, você tem professor de Física, professor de Matemática, professor de Química,... de repente vai ter a condição necessária para implantar uma ou outra Habilitação ou Licenciatura, um movimento cíclico.

Neste caso eu poderia dizer que o curso de licenciatura e o curso de Habilitação em Matemática foram criados para sanar a falta de professores da região da Grande Dourados. Veja bem, durante muito tempo eu fui um dos poucos físicos que haviam no estado. E, até hoje deve ter muito poucos físicos. Há algum tempo nós criamos o curso de Física em Campo Grande, mas, já deve ter uma maior disponibilidade de profissionais. Durante muito tempo eu fui um dos poucos professores de física no estado. E então surge um interesse da própria Secretaria da Educação Estadual que as universidades criassem Licenciaturas para suprir o mercado de professores de Matemática, Física e Química.

Os professores que se formavam eram absorvidos pela própria instituição. Por exemplo, o professor Waldir Brasil do Nascimento Jr., fez em Campo Grande e veio a ser professor aqui em Dourados. Eu acho que o próprio professor Sidnei Azevedo ele também foi nosso aluno da primeira turma do curso de Licenciatura em Matemática, tem um outro professor que eu to tentando lembrar agora, o Edmir Ribeiro Terra também foi aluno em Campo Grande, e ele foi meu aluno no curso lá em Campo Grande e depois veio a se tornar professor aqui em Dourados. Então, além de estarem trabalhando no segundo grau, alguns deles foram absorvidos pela universidade federal.

Com o tempo, muitas coisas foram se perdendo em minha memória. Não me lembro das datas e detalhe dos acontecimentos. Sabe por que? A gente vai perdendo a visibilidade, não é? Você já ouviu em falar de iceberg, o iceberg ele flutua, é um pedaço de gelo, na verdade, ele flutua com 10% visível! E eu acho que quando a gente aposenta, você é como um iceberg! 10% de visibilidade e 90% ninguém vê! Eu diria que é até mais, eu diria que o professor que se aposenta ele deixa de ser iceberg e passa para líquido mesmo e vira chuva mesmo. (Risos!)

3.9 Waldir Brasil do Nascimento Junior



Sou Waldir Brasil do Nascimento Junior, nasci em Campo Grande tenho 50 anos e sou casado com Marileusa Ferreira da Silva.

Nosso primeiro contato por telefone, em julho de 2012, durante alguns meses tentamos agendar uma possível data para realizarmos a entrevista. Devido a demora, busquei outros meios para conversar com o senhor Waldir, felizmente, tínhamos amigos em comum, que esta por sua vez, pode intermediar nossa conversa e marcar uma data para conversarmos, 8 de abril de 2013 as 19 horas em sua residência.

Eu sou Waldir, conhecido como Inspetor Brasil, atualmente trabalho na Polícia Rodoviária Federal de Dourados. Morei por muitos anos em Campo Grande, cidade onde me formei no curso de Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em 1987.

Eu adoro a Matemática, gosto muito, e por eu ser um grande fã da Matemática, não resisti em fazer o curso! Como eu também sempre gostei de dar aula, resolvi fazer o curso que era oferecido pela UFMS- Campo Grande.

Durante a minha formação, dei aula na UNIDERP⁹⁶ e na escola MACE de Campo Grande por dois anos. O curso de Matemática que eu fazia era composto por professores que tinham o curso de mestrado e outros com doutorado. Então, eu posso te falar que o curso que eu fiz em

⁹⁶ Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal – UNIDERP.

Campo Grande era muito, muito puxado e era oferecida no período noturno. E para realizarmos algumas disciplinas, nós fazíamos em conjunto com o curso de Engenharia Civil e Engenharia Elétrica. Porque, quando nós iniciamos o curso nós éramos em trinta alunos, no segundo ano já passou para quinze, no terceiro ano passamos para cinco e no quarto ano eu formei sozinho!

Logo depois que eu me formei fui contratado pela FAPEC- Fundação de Apoio a Pesquisa da UFMS – campus de Dourados, para dar aula no curso de Matemática e Ciências Contábeis, no final de 1987. Também fiz uma especialização, mas quando decidi fazer o mestrado em Botucatu me chamaram para assumir o concurso público que eu havia prestado em 1988. Fui lotado no departamento de Ciências Exatas e Biológica.

Eu não me lembro do curso de Ciências com Habilitação em Matemática, pois quando eu cheguei em Dourados eu fui contratado para o curso de Licenciatura, assim, não me recorro da Habilitação. Me recorro que em 1990 foram criados os departamentos no CEUD, nós tínhamos dois departamentos, quer dizer dois Centros, um no curso de Humanas que estavam os cursos de Geografia, História, Letras e Pedagogia e, o outro Centro era na área de Exatas que eram os cursos de Matemática e Contábeis.

Estive presente desde o início do curso de Licenciatura em Matemática oferecida pela UFMS- Campus de Dourados, então eu pude participar da criação da primeira grade curricular. Como já existia o curso de Licenciatura Matemática pela UFMS de Campo Grande, nós praticamente puxamos a grade que era do curso de Campo Grande! Por isso então que eu senti a dificuldade do pessoal, por ser um curso puxado. Pois quando nós iniciamos em Dourados, os professores que faziam parte da grade docente eram graduados ou com especialização! Aí depois de dois anos, começaram a ser contratados professores mestres e hoje penso que só tem doutores! Ou melhor, 90% pelo menos!

A grade curricular era muito parecida, mas não eram as mesmas. Na verdade, curso de Dourados era Licenciatura, assim como era o curso de Campo Grande, porém o curso de Dourados era mais voltado para o Bacharel, pois dependíamos dos professores que tínhamos na grade docente. Apesar de que, quando tínhamos que estruturar a grade, a gente sempre fazia contato com os outros colegas de Campo Grande, então a grade lá era a mesma daqui!

No período em que eu estava como docente na instituição, assumi alguns cargos como chefe de departamento em 1990 a 1992 e coordenação do curso de 1992 a 1994. Eu lembro que quando eu fui coordenador tiveram duas mudanças no período de 1992 a 1994, e depois disso eu não posso falar mais nada para você, porque eu fique lá até 1996. Essas mudanças não foram

somente nas disciplinas optativas. Visto que inicialmente o curso de Licenciatura Matemática iniciou-se com disciplinas semestrais e depois de um certo tempo passou a ser anuais, em 1992 passou novamente a ser semestrais.

É interessante né, os cursos de licenciatura Matemática possuem uma vasta quantidade de desistentes. Eu acredito que, apesar do quadro inicial dos alunos serem completa, a evasão dentro do curso se deve a inúmeras situações, talvez o aluno pense que o curso é de um jeito e depois vê que não é bem assim, ou uma falta de formação mesmo, ou seja, que não tiveram uma excelente base! Hoje em dia o que acontece, eu senti muito dentro do curso de Matemática que os alunos que estão entrando na universidade para fazer o curso, fizeram o seu primeiro e segundo grau da pior maneira possível. Então você tem que fazer o que, você tem que trazer aqueles alunos na tentativa que eles caminhem e não desistam do curso. Eu lembro bem que em Cálculo I, quando eu dei aula nós tínhamos oitenta (80) alunos depois de um certo tempo, ficaram trinta (30) alunos e no segundo ano reprovaram 70%, mas enfim, apesar de tudo isso, eu posso dizer para você o seguinte, podem se formar poucos, mas posso destacar aqui um aluno que hoje possui um cargo muito importante dentro da instituição, o professor Sidnei Azevedo, ele foi um dos que se formaram pela primeira turma. Eu me lembro bem que ele tinha pouquíssima base, mas tinha muita garra e era determinado, estudou muito e se formou na UFMS de Dourados e logo depois foi fazer mestrado na USP- São Paulo. Isso foi uma coisa bacana que aconteceu durante minha passagem pela instituição.

E a procura pelo curso, que eu me lembre era que no primeiro ano a concorrência era três alunos por vaga, no segundo ano foi mais um pouco e no terceiro ano sempre ficou na faixa de 4 a 5 alunos por vaga. A gente notou que a maioria dos alunos que se formou aqui em Dourados assumiram a função de dar aula! Esses tempos atrás eu estive com a dona Terezinha, ela é professora da escola do segundo grau, já conversei também com vários outros colegas e ex-alunos que dão aula nas escolas aqui de primeiro e segundo grau! Continuo tendo contado com os professores, mesmo depois de ter saído desta profissão.

Além da grande dificuldade dos nossos alunos em compreender os conteúdos das disciplinas ministradas, nós professores não tínhamos, no início do curso, uma estrutura que nos ajudasse a ministrar as aulas. Isso só no começo, pois eu lembro bem que na parte de livros nós fizemos uma lista enorme de compra de livros, como Paulo Boulos, Geraldo Ávila, o livro de Análise do Eduardo Lage, eu acho que assim, foi uma conquista nossa! O curso nasceu aqui, como tudo que se inicia é difícil, mas graças a Deus o curso deslanchou!

Eu acredito que foi muito importante sua vinda para Dourados, pois, não havia professores Habilitados ou Licenciados a assumirem as aulas nas escolas de primeiro e segundo grau, então os alunos que estavam cursando Engenharia e Agronomia eram “professores”. Com vinda do curso de Matemática o pessoal que estava se formando, automaticamente assumiram essas vagas.

Com muito orgulho fiz parte do corpo docente que formaram vários professores que estão desde as escolas de ensino básico ao nível superior. Pude contribuir com os meus conhecimentos dentro dos cursos de Ciências Contábeis com a disciplina de Matemática, no curso de Matemática eu ministrei Cálculo I, Cálculo II e Cálculo III e no curso de Ciências Biológicas Matemática I.

Sinto muita falta do ambiente universitário, não encontrei nenhum outro lugar que se assemelhe a esse ambiente maravilhoso, que é a universidade! Isso foi bom, extremamente bom! Em termos de crescimento profissional foi excepcional. E os alunos que eu vejo daquele curso me tratam muito bem! Quando os encontro, eles me perguntam “Oh professor, o senhor não vai mais dar aula lá? Não tem como voltar?” e infelizmente eu não vou voltar! Quem sabe quando me aposentar da Polícia Federal. (Risos)

Quando eu volto em minhas lembranças sobre a cidade de Dourados a vinte e seis anos atrás, vem em minha mente uma cidade totalmente diferente ao que temos hoje. Quando cheguei aqui, levei um susto! Me lembro de quando eu cheguei, o prefeito era o Braz Melo, e a cidade tinha muitas ruas sem asfalto e quando ventava a cidade sumia em meio a tanta poeira. Mas, houve uma grande mudança na cidade a parti de 1990, a cidade estourou, cresceu bastante e hoje está ótima! Acredito que foram as novas empresas que aqui chegaram, e o mais importante era que nós tínhamos duas universidades, a UNIGRAN e a UFMS. Hoje temos quatro instituições, a UNIGRAN, a Anhanguera, a UFGD e a UEMS. E isso também fez com que a cidade tomasse um crescimento muito grande. E hoje Dourados é um grande centro universitário, uma cidade Universitária da região da Grande Dourados.

4. FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA EM DOURADOS: UM PRIMEIRO OLHAR SOBRE A UFMS

Neste capítulo iremos esboçar nossos movimentos analíticos em torno das narrativas construídas a partir de entrevistas com antigos professores da UFMS⁹⁷, campus de Dourados na década de 1980. Embora nos voltemos a uma primeira busca por unidades de significado, não temos o intuito de fragmentar os documentos por esta pesquisa produzidos. A intenção, no movimento que se põe, é identificar os elementos que parecem ser estruturantes do discurso de nossos interlocutores. Esses discursos foram apresentados integralmente no capítulo 3, de modo que o leitor possa identificar as relações por nós indicadas e outras que, nesse momento, nos escapam.

Buscamos, na constituição das narrativas, por documentos da instituição e na identificação desses elementos estruturantes, obter informações que nos ajudem a compreender e criar um novo cenário e que este nos auxilie na compreensão do processo de criação, implantação e desenvolvimento dos cursos de formação de professores de Matemática oferecidos pela UFMS na década de 1980 em Dourados.

Buscamos observar nas falas dos entrevistados, indícios que nos levem ao encontro do nosso objetivo, ou seja, que nos auxiliem em sua compreensão. Após a leitura das narrativas, buscamos identificar frases ou parágrafos que tocavam mais diretamente nossa questão de pesquisa (leitura vertical) e, em seguida, nos colocamos à busca de identificar as temáticas gerais que davam conta das unidades destacadas (leitura horizontal). Para facilitar a organização dessas unidades e a visualização, por parte do leitor, das primeiras relações estabelecidas, construímos uma tabela identificando as entrevistas, as unidades por elas geradas e a respectiva temática geral.

Elencamos três temáticas que nos parecem representar as unidades estruturantes das narrativas. São elas: “Espaços e Carências: a urgência na estruturação do primeiro curso de formação de professores de matemática em Dourados, Corpo Docente: características, atuação e movimentos e Orientações para uma organização curricular”.

A última temática, “Espaços e Carências: a urgência na estruturação do primeiro curso de formação de professores de matemática em Dourados”, é composta por informações que nos ajudam a compreender melhor a leitura do corpo docente sobre as condições de implementação (com tom forte na política) e efetivação dos cursos propostos.

⁹⁷ Atual UFGD.

Na temática “Corpo Docente: características, atuação e movimentos” foram elencadas unidades diversas que dizem da formação dos professores formadores, dos motivos de sua migração para o estado, de seu olhar acerca do estado e cidade para os quais migraram (destacando questões sociais, culturais e políticas), de sua relação com outros professores do curso, entre outros.

A temática “Orientações para uma organização curricular”, cujos elementos analíticos dependem, também, de nossa busca paralela pelos documentos da instituição, possui grande importância para entendermos um curso de formação de professores. A própria característica da migração torna interessante observar as inovações propostas na grade curricular, tanto do curso de Habilitação em Matemática quanto da Licenciatura em Matemática, de modo que possamos compreender quais instituições, fora do estado, tiveram influências na organização da formação de professores no sul de Mato Grosso e, a partir de 1977, Mato Grosso do Sul. Neste sentido, indicamos como uma possibilidade fundamental a análise da grade curricular desses cursos, bem como quais eram as disciplinas ministradas pelos professores que entrevistamos e sua experiência com cada uma delas.

Desse modo, emergem questões acerca das condições dos cursos estudados em dar suporte aos discentes para que estes pudessem usufruir da possibilidade de uma formação superior, como, por exemplo, bolsas de estudo, biblioteca, entre outros. Observando esse primeiro esboço apresentado, algumas questões já se mostram relevantes em termos de futura exploração. A seguir, buscamos delinear um olhar sobre essas questões.

4.1 Espaços e Carências: a urgência na estruturação do primeiro curso de formação de professores de matemática em Dourados

Em 11 de outubro de 1977 foi assinada pelo então presidente General Ernesto Giesel a Lei complementar de nº 31, desmembrando o estado de Mato Grosso uno e criando os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Durante muitos anos a população da região sul do estado de Mato Grosso uno reivindicava a separação do estado alegando sustentar financeiramente a população da região norte, uma vez que se fazia notório o grande empenho da população da região sul do estado na produção de grãos e gado gerando renda e, conseqüentemente, uma maior contribuição nas arrecadações de impostos. Bittar (2009a) reafirma,

[...] a “superioridade econômica” do sul do estado e insatisfação quanto ao escoamento de seus recursos financeiros por meio do pagamento de impostos. O divisionismo indicava que “mais de dois terços das rendas públicas” sustentavam a capital. “Sabe-se que existe Mato Grosso pelo talão de impostos”, registravam documentos da década de 1930 repetidos até a década de 1970. Em síntese: maior arrecadação, maior exportação, circulação de mercadorias, enquanto que “o centro e o norte rendiam menos dum terço” e absorviam mais de 65% da receita, só a capital. (p. 365)

Segundo Campestrini e Guimarães (1995), ao se falar sobre o estado de Mato Grosso Uno era comum usar os termos norte e sul para se referir ao estado. Mesmo sendo um só estado, existia uma dualidade cultural, econômica, geográfica⁹⁸ e histórica no que se refere às regiões norte e sul de Mato Grosso. O norte do Mato Grosso foi povoado por aventureiros vindos da Amazônia, Goiás e Brasília que buscavam riquezas (pedras preciosas), sem nenhum objetivo de povoar a região. Assim, à medida que as riquezas diminuam a população migrava na busca por outras regiões. Por outro lado, o sul do estado foi povoado pela população migrante que buscava produzir nas terras, buscando enriquecer por meio da pecuária e a agricultura, sendo ligados financeiramente aos estados de São Paulo e Paraná. Outro ponto dessa dualidade é a questão política da região, pois cada lado do estado, norte e sul, continha seus representantes políticos que decidiam seus próprios interesses locais.

Em meio a tantas diferenças entre as duas regiões, surgiram inúmeras discussões apontando para o desmembramento do estado de Mato Grosso Uno. No entanto a falta de um consenso fez com que estas discussões perdurassem por alguns anos. Segundo o artigo de Ribeiro (2009), “Longas discussões foram iniciadas em Brasília no governo Ernesto Geisel, em 1974, falando da fusão dos Estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, e a divisão de Mato Grosso”.

Podemos tomar como exemplo, a opinião do ex-deputado José Garcia Neto que foi publicado no artigo do historiador Onofre Ribeiro, “Três décadas de separação”. Apoiando a população da região norte, se posicionou contrário à divisão do estado, defendendo que, com ou sem o desmembramento do estado, a região norte se desenvolveria e caminharia com suas próprias pernas sem depender da região sul.

A posição contrária do governador de Mato Grosso, o engenheiro e ex-deputado federal José Garcia Neto, levou a Presidência da República a fazer ponte direta no tema divisão com o ex-governador de Mato Grosso (1967-1971) Pedro Pedrossian e lideranças sulistas. Cuiabá, apesar de sede do governo estadual, foi

⁹⁸ O sul é formado pelo planalto da serra de Maracaju (propícia para a agricultura) e pelas planícies da Vacaria e do rio Paraguai (excelente para a pecuária) e a região norte, em sua maioria é formada por planaltos e pela bacia amazônica, muito diferente da região sul.

mantida à margem.[...] Em maio de 1977 o presidente da República avisou o governador Garcia Neto que mandaria para o Congresso Nacional o projeto da Lei Complementar 31, [...] ambos haviam conversado e o presidente Geisel disse a Garcia Neto, que lhe indagou sobre a divisão noticiada pela imprensa: “não pensei sobre o assunto, mas quando pensar o senhor será o primeiro a saber”. Contudo, não foi!

Garcia pediu ao presidente um prazo para apresentar razões pelas quais não justificava dividir Mato Grosso.(p.1)

Já no ponto de vista do ex-presidente da República, General Ernesto Geisel, o desmembramento do estado de Mato Grosso Uno seria de grande valia, pois, era difícil organizar as movimentações dentro do estado devido à sua grande extensão territorial. Além de contribuir com o povoamento da região Centro-Oeste do país, concomitantemente, cuidaria das fronteiras secas que o Brasil possui com o Paraguai e a Bolívia. Em seu discurso de apresentação da Lei complementar nº 31 de 1977 apud Silva (2006), Ernesto Geisel proferiu brevemente seus anseios em relação à divisão do estado,

[...] Foi preocupação do meu governo abrir o caminho no sentido de uma melhor divisão territorial do País. Considero isso uma necessidade. Necessidade decorrente, em primeiro lugar, de uma disposição geográfica; decorrente também do desenvolvimento do País e sobretudo da ocupação, da utilização de novas áreas que até agora jazem apenas em estado potencial. Mas decorrente igualmente de uma necessidade de ordem política, tendo em vista um melhor equilíbrio da Federação nos dias de amanhã. [...]

No mesmo período de 1960 e 1970, houve um expressivo movimento populacional voltado ao estado de Mato Grosso Uno. O estado recebeu uma grande quantidade de migrantes vindos de várias regiões do país e de outros países, como Japão, Itália, Síria, Líbano, Paraguai e Portugal. Segundo o banco de dados do IBGE⁹⁹, havia aproximadamente 330.610 habitantes no estado de Mato Grosso Uno em 1960, após dez anos sua população dobrou para 612.877 habitantes. E com o passar do tempo essa população continuou aumentando, visto que os governos federal, municipal e estadual estimularam a vinda de várias pessoas, oferecendo terras férteis e baratas na região sul do estado, delimitando a extensão dos terrenos em torno de cinco¹⁰⁰ a trinta alqueires. Essa pequena porção de terra era vendida por um preço abaixo do mercado, pois o governo tinha como objetivo povoar toda a região territorial do estado, assim, quanto menor for o território para cada pessoa, maior será a quantidade de pequenas propriedades ocupadas na extensão territorial do estado.

⁹⁹ Banco de dados Agregados. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acessado em: 11 de agosto de 2013.

¹⁰⁰ Cinco e 30 alqueires equivalem a 121.000 m² / 726.000 m², respectivamente.

Devido a esse aumento populacional na região sul do estado de Mato Grosso Uno, foi necessário a implantação de cursos para qualificar a mão de obra da população. Isso se tornou possível somente em 1971, quando foi promulgada, pela Assembleia Legislativa em 2 de janeiro de 1970, a lei estadual nº 2.972 propondo a criação de Centros Pedagógicos nas cidades de Corumbá, Três Lagoas e Dourados. Esses Centros Pedagógicos eram ligados à UEMT – Universidade Estadual de Mato Grosso que após o desmembramento¹⁰¹ do estado, passou a ser denominada UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul para os centros localizados na região sul do estado e UFMT- Universidade Federal de Mato Grosso para os centros ao norte do estado.

Em Dourados, o Centro Pedagógico foi instalado em um prédio localizado na rua João Rosa Góes, esquina com as ruas Vieira de Matos, Ponta Grossa e Ivinhema, inaugurado em 1970 e denominado como Centro Pedagógico de Dourados (CPD).

Figura 6 - Inauguração do prédio do CPD, em 20 de dezembro de 1971¹⁰²



FONTE: Centro de Documentação Regional de Dourados.

Em 1971 foram implantados os primeiros cursos de Licenciatura Curta em Letras e Estudos Sociais. Pouco tempo depois, outros cursos como História e Ciências contábeis e em 1975 foi implantado o curso de Licenciatura Curta em Ciências e em 1978 o curso de Agronomia.

Segundo o Relatório, o curso de Ciências tinha como objetivo atender uma das maiores necessidades educacionais de toda a região da Grande Dourados, inclusive do estado. Para

¹⁰¹ Em 11 de outubro de 1977 se tornou um marco para a história regional de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, pois o então presidente da República, General Ernesto Geisel, assinou a lei complementar que determinou a divisão de Mato Grosso, criando o estado de Mato Grosso do Sul.

¹⁰² Vê-se à direita o então governador Pedro Pedrossian, e à esquerda, junto à bandeira do estado de Mato Grosso, o então reitor da UEMT, João Pereira da Rosa.

comprovar que a região da grande Dourados necessitava de profissionais qualificados nas áreas específicas, foi realizado um levantamento quantitativo e qualitativo dos profissionais que atuavam nas instituições de ensino básico dos municípios que fazem parte da região da Grande Dourados. No quadro abaixo, apresentaremos a quantidade de profissionais em exercício na região da Grande Dourados:

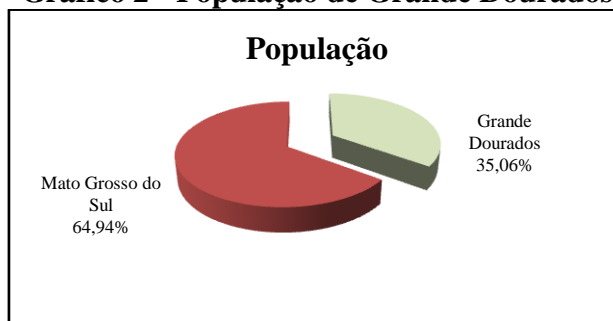
Tabela 8 - Professores em exercício na região da Grande Dourados - 1971

Disciplinas	Licen. Curta	Licen. Específica	CADES	Curso Superior	Sem Nenhuma Formação	Total
Ciências	2	3	11	5	38	59
Matemática	2	3	3	12	52	72
Desenho	4	-	3	5	21	33
Física	-	-	2	2	5	9
Química	-	2	2	2	2	8
Biologia	-	2	-	-	-	2
Total	8	10	21	26	118	183

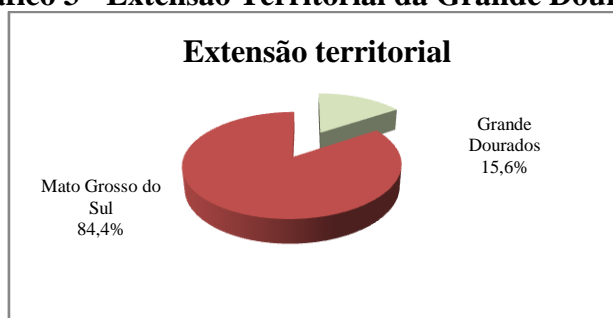
FONTE: Centro Regional de Documentação de Dourados (UFGD)

Os cursos foram escolhidos após a realização dessa pesquisa com a população da região da Grande Dourados, mostrando quais eram as principais necessidades educacionais para a região. Com a pesquisa, notamos a quantidade de profissionais sem graduação específica da área ou sem nenhuma formação atuando nas escolas de educação básica e, a quantidade de professores com formação específica, significativamente pequena em relação ao quadro geral de professores. Dos 183 professores atuantes no ensino básico da região da Grande Dourados em 1971, apenas 2,73% tinham formação em nível superior para atuarem como professor. Esses profissionais eram responsáveis pela educação básica de uma parte significativa do estado de MS.

Sendo o espaço geográfico da região da Grande Dourados correspondente a 55.944,59 km², com aproximadamente 480.203 habitantes, segundo o Censo de 1980. Da mesma forma, temos que a população da Grande Dourados é de 35,06 % de toda a população de MS.

Gráfico 2 - População de Grande Dourados

FONTE: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/102209/225391.pdf?sequence=1>

Gráfico 3 - Extensão Territorial da Grande Dourados

FONTE: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/102209/225391.pdf?sequence=1>

Devido à influência sobre vários municípios circunvizinhos, o crescimento e desenvolvimento econômico da região, segundo o relatório¹⁰³ produzido pelo Centro Pedagógico de Dourados em 1973, levada a uma maior necessidade de mão de obra qualificada.

O crescimento econômico traz a criação de novas necessidades, entre elas a de formação de mão de obra especializada ou semi-especializada. [...] a administração estadual, consciente de extraordinário papel que representa a educação no processo desenvolvimentista, criou a Universidade Estadual de Mato Grosso, objetivando atender as reais necessidades e as exigências do nosso desenvolvimento sócio-econômico. Assim, através da Lei n. 2.972, de 02 de janeiro de 1970, que dispõe sobre a reestruturação e as diretrizes do Ensino Superior do Estado de Mato Grosso, dentre os vários Centros integrantes da UEMT, foi criado o Centro Pedagógico de Dourados [...] (p. 2)

O curso de Matemática foi implantado na UFMS no campus de Dourados em 1984, inicialmente como Habilitação em Matemática no curso de Licenciatura Curta em Ciências, pela Resolução¹⁰⁴ n° 050/83 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, homologada pela Resolução 53/84 – COEPE. Sobre a implantação do curso, a citada Lei, resolve:

¹⁰³ Esse relatório foi organizado pelos professores do centro Pedagógico e assinado pelo diretor do centro de Dourados, Dr. Milton José de Paula.

¹⁰⁴ Este documento foi encontrado na sala da COC – prédio da reitoria de Campo Grande – UFMS.

Art. 1º - **Pronunciar-se favoravelmente pelo oferecimento da habilitação em Matemática, no curso de Ciências no Centro Universitário de Dourados.**

Art. 2º - A habilitação em Matemática será oferecida a partir do semestre subsequente àquele em que os alunos **ingressados via vestibular em 1984** completarem a Licenciatura em Ciências para o 1º Grau.

Art. 3º - A estrutura curricular para a habilitação em Matemática obedecerá o disposto na resolução n 25/83¹⁰⁵ – COEPE.

Art. 4º - Esta Resolução entra em vigor nesta data, revogada as disposições em contrário. (Grifo nosso, p.1)

Essa resolução foi assinada pelo então presidente Edgar Zardo¹⁰⁶, em Campo Grande no dia 22 de setembro de 1983, confirmando a implantação do curso de habilitação em Matemática na UFMS de Dourados.

Em Dourados o curso iniciou suas atividades em 1984 (sendo o último centro pedagógico a implantar o curso de habilitação em Matemática/Biologia) e contribuiu para a formação de vários professores. Na primeira turma foram selecionados 40 alunos, por meio de vestibular, para ingressarem no curso, sendo 20 para Matemática e 20 para Biologia. Apesar das vagas estarem completas, a procura pelo curso sempre permaneceu pequena.

Nos registros encontrados, não há evidências de que tenha havido fortes influências políticas na criação do curso de Habilitação em Matemática, mas uma movimentação no sentido de suprir as necessidades de mão de obra especializada mapeadas junto à população.

Durante a entrevista com o professor Luis Antonio da Silva, este afirmou que não houve participação política para a implantação dos cursos de Licenciaturas pelos campi da UFMS:

[...] nas Licenciaturas eu **não vejo razão para que haja uma movimentação política para que elas fossem criadas**, mas como uma consequência daquilo que você forma, você tem professor de Física, professor de Matemática, professor de Química,... de repente vai ter a condição necessária para implantar uma ou outra Habilitação ou Licenciatura, um movimento cíclico. [...] eu poderia dizer **que o curso de licenciatura e o curso de Habilitação em Matemática foram criados para sanar a falta de professores da região da Grande Dourados**. Veja bem, durante muito tempo eu fui um dos poucos físicos que havia no estado. E até hoje deve ter muito poucos físicos. Há algum tempo nós criamos o curso de Física em Campo Grande, [...] E então **surge um interesse da própria Secretaria da Educação Estadual que as universidades criassem Licenciaturas para suprir o mercado de professores de Matemática, Física e Química**. (Entrevista realizada em 08/04/2013)

¹⁰⁵ A estrutura está anexada no corpo de análise do Currículo.

¹⁰⁶ No ano de 1982, Edgar Zardo foi presidente do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Em meio às movimentações da implantação do curso de formação de professores em Matemática na UFMS de Dourados, o professor Luis Antonio da Silva foi encarregado por Gilberto Antônio Tellaroli, diretor do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia de Campo Grande, de avaliar a infraestrutura da instituição de Dourados para que o curso de Matemática fosse implantado. Segundo Luis Antonio em entrevista:

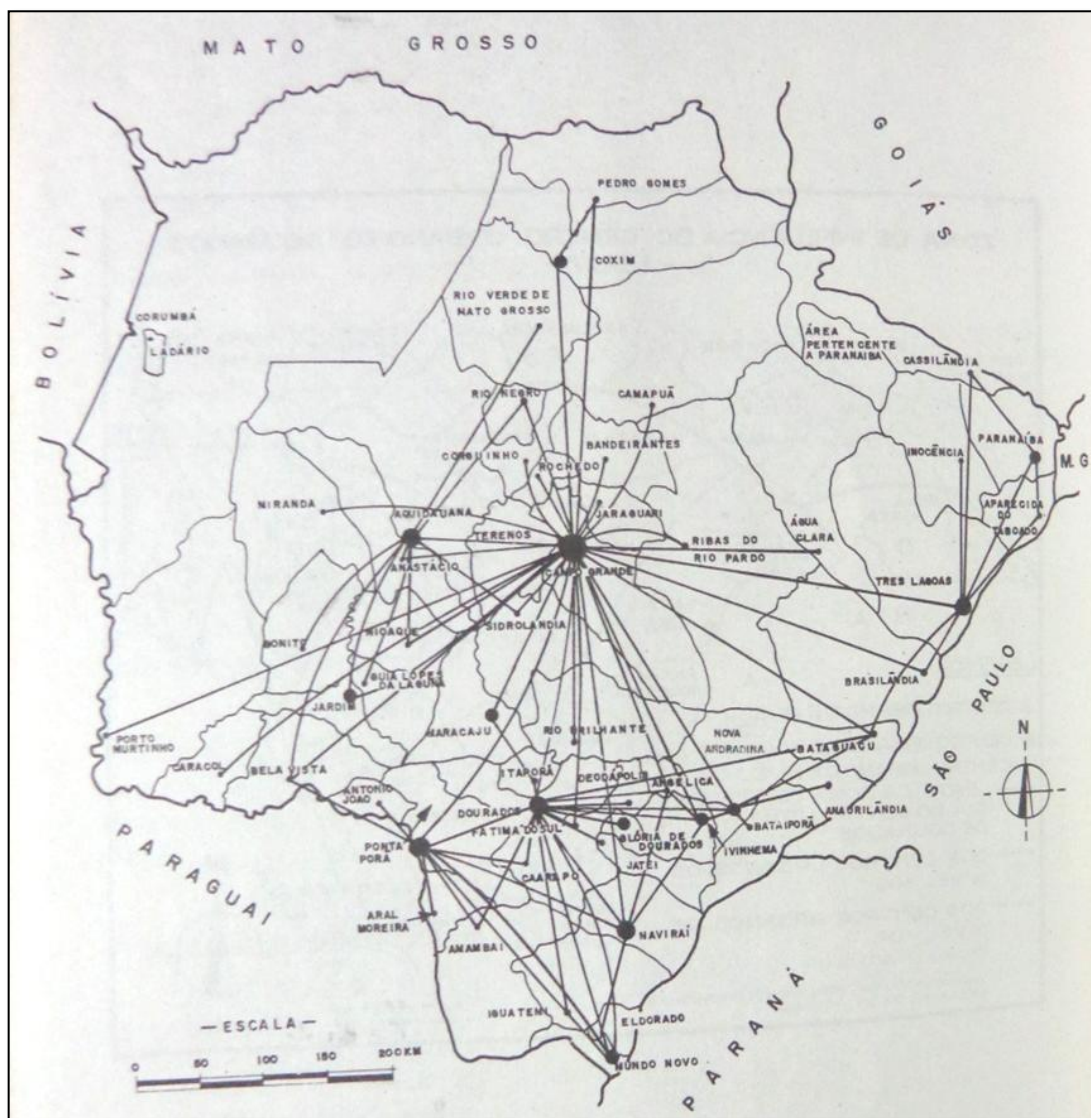
[...] o senhor Milton¹⁰⁷ me levou no laboratório que eles tinham, era muito diferente do que eu imaginava, eles tinham somente vidrinhos de todos os tamanhos. Cheio de vidro. Achei engraçado aquilo, meu Deus do céu! Como aqui vai ser um laboratório, cheio de vidro. Até aí tudo bem! Desta forma, fomos favoráveis à criação da Habilitação em Matemática e, voltamos para Campo Grande. (Entrevista realizada em 08/04/2013)

Nesse primeiro momento fica claro que o curso não possuía uma infraestrutura inicial que favorecesse um bom desenvolvimento na formação de professores. Mesmo assim, foi aprovada a sua implantação, pois Dourados se mostrou um município próspero pela forte presença da agricultura e da pecuária em sua região.

O centro regional de Dourados se destaca entre os municípios do estado, assim como de Campo Grande (capital administrativa), segundo Gressler e Swensson (1988), “pelo grande grau de fluxo que mantém com grande parte da população de outros municípios”. As condições de infraestrutura de Dourados, com o passar do tempo, se desenvolvem e conseqüentemente possibilitam melhores condições para sua população local e das cidades circunvizinhas.

¹⁰⁷ Milton José de Paula, diretor do CEUD – Centro Universitário de Dourados.

Figura 7 - Ligações de influência entre os municípios de MS - 1987



FONTE: Gressler, L.A., Swensson, L.J. Aspectos Históricos do Povoamento e da Colonização do Estado de Mato Grosso do Sul: Destaque especial ao município de Dourados. 1988.

Sendo Dourados o segundo município de maior influência no estado, contribuiu para o crescimento populacional e aquisição de avanços na infraestrutura do município. Nesse sentido, foram necessárias algumas iniciativas a fim de promover melhorias na estrutura do curso de Matemática. Inicialmente, os professores Ana Maria Sampaio Domingues e Edmir Ribeiro Terra criaram um projeto para a implantação de um laboratório em Matemática, para auxiliar os alunos

na construção de materiais manipuláveis. Segundo o Plano de Ação¹⁰⁸ 08/83, as justificativas utilizadas pelos professores foram,

Devido a [sic] inexistência de um laboratório de Matemática e a [sic] falta de habilidade de uma maioria dos discentes para montar materiais adequados ao conteúdo de ensino. Acreditamos que com o laboratório de Matemática, aumentará sensivelmente a qualidade de ensino do 1º e 2º graus bem como a capacidade de futuro licenciado a ter uma maior interação do concreto com a teoria. (p.1)

Além do laboratório de Matemática, a biblioteca que existia na instituição era precária. Para solucionar a falta de livros de apoio aos alunos, muitos professores cederam seus próprios livros. Na entrevista com o professor Abramo Loro Neto, essa ação é evidenciada,

Nós tínhamos uma biblioteca que não era muito boa, mas como eu tinha bastante livro acabava emprestando para os alunos. Era um grande obstáculo que a gente tinha, não pela falta de pedido dos professores, pois as licitações eram enormes para livros, mas compravam-se muitos poucos títulos e poucos exemplares. Então era muito pouco investimento tornando a biblioteca em condições precárias e com o mínimo exigido pelo MEC. Daí muito professores colaboravam com os empréstimos de seus livros aos alunos, pois nós vestíamos a camiseta por amor e não só pelo honorário que a gente recebia. (Entrevista realizada em 06/08/2012)

Depois de alguns anos, a qualidade da biblioteca melhorou. Quando o curso de Licenciatura em Matemática foi implantado, a universidade possuía alguns cursos que se utilizavam dos livros da área da Matemática. Com isso, a quantidade e qualidade dos livros melhoraram. O professor Odival Faccenda¹⁰⁹ diz ter orgulho da biblioteca.

A biblioteca que tínhamos era boa, nós não podíamos reclamar da biblioteca. Os livros básicos e de consulta até pouco tempo ainda existiam na biblioteca. Nos últimos cinco anos eles melhoram o acervo, mas o acervo até então era o mesmo que tínhamos na época. Eu lembro que eu tinha uma tipografia extensa e eu pedi para que fossem comprados pela universidade e, com espanto vieram todos o que eu pedi. Quando o professor Flamarion [Flamarion Elias Tabora] chegou, sendo o segundo mestre de matemática da UFMS, ele também tinha uma lista extensa e todos os livros foram pedidos. Se tinha alguma coisa que eu me orgulhava era da nossa biblioteca de matemática, se você precisasse um livro da área realmente nós tínhamos todos os livros clássicos. A biblioteca era boa, isso não podemos reclamar, em termos de acervo era muito boa, para a época estava acima da média. (Entrevista realizada em 25/11/2012)

¹⁰⁸ Documento encontrado na sala da COC – prédio da reitoria UFMS / Campo Grande em abril de 2013.

¹⁰⁹ Odival Faccenda iniciou sua carreira como docente na instituição foi em 1987, enquanto o professor Abramo Loro Neto iniciou em 1975.

Essa mudança de quantidade e qualidade do acervo da biblioteca e a melhoria em outros setores como alimentação, laboratórios e materiais de uso não foi muito fácil. Foi uma “batalha” em conjunto envolvendo discentes, colegiado do curso e conselho de departamento que buscavam por melhorias nas condições para uma melhor formação de professores.

De acordo com a CI - Comunicação Interna nº 077/85-DCI/CEUD de 03 de julho de 1985¹¹⁰, o chefe do Departamento de Ciências, Wilson Valentin Biasotto, encaminhou para o Diretor do CEUD, Antonio Dias Robaina, um relatório contendo a descrição da situação dos cursos existentes na instituição.

Em relação à situação do curso, temos a informar que o curso de Ciências com Habilitação em Matemática possui como deficiências fundamentais, os ementários existentes à falta de equipamentos laboratoriais (química, física, biologia), a necessidade de mais professores e quantidade de livros existentes na biblioteca, o espaço físico tanto para professores como para alunos, conhecimento insuficientes adquiridos pelos alunos no 2º grau em relação a área de ciências exatas. [...] a situação almejada para o curso seria: melhoria da biblioteca e o acervo, equipar os laboratórios de química e biologia, [...], construção de uma nova cantina, colocação de um sistema de refrigeração para as salas dos professores, contratação de professores na área, aquisição de uma microfilmadora e um micro computador, instalação de um terminal de computação ligado à administração central, [...] (p.2)

Existiam movimentações por parte dos professores e alunos na busca por melhorias na infraestrutura da instituição, pois era clara a falta de muitos equipamentos, materiais para o desenvolvimento das aulas, alimentação e transporte. Em relação às perguntas realizadas durante a entrevista, relacionadas aos materiais que eram disponibilizados pela instituição para o desenvolvimento das aulas, de forma geral as respostas podem ser representadas no depoimento do professor Luis Gonzaga Manzine: “tínhamos somente a lousa, xerox e retro projetor como tecnologias para nos ajudar durante as aulas, pelo menos tínhamos esses materiais” (Entrevista realizada em 23/07/2012).

Na visão dos professores entrevistados, em termos de infraestrutura, havia, ao menos, as condições mínimas para o funcionamento do curso, como os materiais básicos (lousa e giz) e uma cantina que, segundo o professor Manzine “não oferecia nenhuma condição para que os alunos tivessem uma alimentação adequada”.

¹¹⁰ Documento encontrado no Centro de Documentação Regional de Dourados.

Nesse sentido, foi enviado um relatório para o Diretor do CEUD, Antonio Dias Robaina¹¹¹, alegando que existia uma grande quantidade de alunos oriundos de municípios distantes de Dourados, que muitos dos alunos trabalhavam e que os horários da saída das aulas geralmente não proporcionavam tempo hábil para realizar uma alimentação adequada. Essa reivindicação teve o apoio de todos os representantes dos cursos da UFMS de Dourados e foi encaminhada para o diretor do CEUD.

Criados mediante a constatação das necessidades de uma comunidade, os cursos eram avaliados pelos professores quanto ao desenvolvimento, estruturação e proposta também considerando seu contexto de inserção. Segundo o Relatório Geral encontrado no Centro de Documentação Regional, organizado por professores das licenciaturas e disciplinas comuns de cursos de graduação em 1985,

Os cursos de Licenciatura Curta de Ciências foram criados para atender a exigência de uma determinada época. Atualmente os mesmos tem se mostrado pouco significativos em razão de englobarem interesses curriculares diversos (Biologia, Matemática, Física e Química). Este fato tem se mostrado como um dos geradores do alto índice de evasão ocorrida no curso. Sugere-se a criação do curso de Licenciatura Plena com habilitações específicas que atendam as exigências atuais de mercado de trabalho de cada região onde se encontram os Centros Universitários da UFMS. (p. 2)

Desse modo, seria conveniente a implantação dos cursos de Licenciatura Plena em Matemática, Física, Química e Biologia. A Resolução 074/85 do processo 6694/85, discutida na reunião¹¹² do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, resolve:

Art. 1º - Pronunciar-se favorável à extinção do Curso de Ciências: a) Licenciatura de 1º Grau e b) Habilitação em Matemática do Centro Universitário de Dourados, a partir de 1987.

Parágrafo único – Aos alunos que ingressaram e ingressarão até o ano de 1986 fica garantido o direito à conclusão da licenciatura de 1º Grau e a Habilitação em Matemática.

Art. 2º - Pronunciar-se favorável à implantação, a partir de 1987, do curso de Matemática, no Centro Universitário de Dourados/MS, no período diurno, com 20 (vinte) vagas anuais.

Art. 3º - O Curso adotará a estrutura curricular aprovada e regulamentada pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, através da Resolução 024/84 – COEPE para o Curso de Matemática (Licenciatura Plena).

¹¹¹ O documento encontrado no acervo da COC – UFMS/Campo Grande, identificou como sendo diretor do CEUD o Antonio Dias Robaina, datada em 21 de março de 1986.

¹¹² Essa reunião foi realizada no dia 19 de novembro de 1985 e, considerando o artigo 8º, item I das normas Regimentais Temporárias/UFMS e a Resolução nº 10/84 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, representado pelo então presidente em exercício, Hércules Maymone.

Art. 4º - Esta Resolução entra em vigor nesta data, revogada as disposições em contrário. (p. 1)

Assim, a partir de 1987 foi implantado o curso de Licenciatura Plena em Matemática na UFMS de Dourados, na tentativa de sanar a falta de professores de Matemática ainda existente na região. Waldir Brasil do Nascimento Junior, em entrevista, comenta sobre a procura e o papel dos recém-formados para a Licenciatura em Matemática durante o período em que esteve presente no curso (os dez anos iniciais do curso):

[...] a procura pelo curso, que eu me lembre, no primeiro ano a concorrência era três alunos por vaga, no segundo ano foi mais um pouco e no terceiro ano sempre ficou na faixa de 4 a 5 alunos por vaga. A gente notou que a maioria dos alunos que se formaram aqui em Dourados assumiram a função de dar aula! (Entrevista Realizada em 08/04/2013)

Podemos observar a importância educacional de Dourados devido à grande quantidade de alunos de outras regiões que buscam por uma formação nas universidades públicas e/ou privadas. Apesar de algumas cidades vizinhas de Dourados possuíram instituições em nível superior, existe uma boa procura pelos cursos de Dourados, desta forma, a prefeitura dos municípios circunvizinhos disponibilizam ônibus para que os estudantes possam usufruir dos cursos oferecidos pelas instituições de Dourados. Pelo Projeto de Criação e Implantação da UFGD (2004) fica clara a importância da cidade de Dourados para a formação dos vários profissionais que irão abastecer o mercado de trabalho da região.

A cidade de Dourados e seu entorno têm suas potencialidades econômicas representadas pela infra-estrutura já instalada, assentada numa malha rodoviária bem estruturada; pela alta produtividade agropecuária e agroindustrial; [...] **Assim, a expansão do ensino universitário público em Dourados poderá assumir sistematicamente a função, no contexto regional, de laboratório difusor de experiências de alta produtividade no País em termos agropecuários e agroindustriais.**

[...]o Instituto de Planejamento de Mato Grosso do Sul (IPLAN/MS), em 2000, por ocasião da elaboração de seu plano de desenvolvimento regional, dividiu o território estadual [...], mantendo, nesse conjunto, a denominação Região da Grande Dourados para o espaço geográfico cuja cidade-pólo é Dourados [...] **Uma comprovação dessa afirmação reside no próprio fluxo de acadêmicos que converge para o Campus de Dourados da UFMS,** que extrapola a “região da Grande Dourados”[...] (p. 20-21, grifo nosso)

Neste sentido, Dourados torna-se uma cidade polo com capacidade de auxiliar no desenvolvimento das cidades marginais do estado, favorecendo na formação em nível superior a inúmeros estudantes que deixam diariamente seus municípios para frequentar as instituições de Dourados, com o intuito de concluir o ensino superior.

Inicialmente o curso de Matemática de Dourados possuía um corpo docente com apenas professores graduados em cursos específicos como Física, Biologia, Química, Matemática e Português. Para conseguir montar um quadro de professores dispostos a ministrarem aulas no ensino superior no curso de Matemática, o estado tomou algumas decisões emergenciais, pois não havia profissionais qualificados para assumirem de última hora as vagas na Universidade, então, os professores Arno Lange e Ana Maria Sampaio Domingues foram contratados para ministrarem aulas na faculdade e se tornaram efetivos de maneira diferente. Devido ao tempo inexistente para a seleção de profissionais, o prefeito de Dourados o então João da Câmara¹¹³ ofereceu uma proposta de mudança de concurso dos professores, pois ambos eram concursados pelo município e teriam a oportunidade de se tornarem professores titulares e efetivos da UEMT do campus de Dourados. Com a confirmação da proposta e ambos cientes de que no decorrer dos anos seriam obrigados a realizarem algumas especializações para se atualizarem, em 1975 os professores se tornaram parte da instituição.

Com o passar do tempo outros professores foram contratados por meio do concurso público, em meados de 1988, o quadro docente do curso de Matemática era composto por apenas um professor mestre e os demais possuíam somente a graduação. Para que tivessem um bom desenvolvimento no curso era necessária a atualização dos conhecimentos dos professores, mas devido ao pequeno número de docentes era difícil a saída dos professores por um certo período para realizar esses cursos. Neste sentido, um grupo de professores que desejava realizar os cursos de especialização, busca organizar os horários do curso de Matemática relacionando com os professores de cada disciplina, tentando preencher os horários de forma que fosse possível a saída de alguns professores que seriam substituídos, naquele período, por professores que permaneciam na instituição. Em entrevista realizada em 2012 com o professor Odival Faccenda, nos deixou claro a forma como pôde organizar os horários, mas sem prejudicar ninguém.

Mas tinha essa divisão das pessoas que queriam progredir e outras não,
mas a gente chegou em uma época que, eu lembro bem porque fui eu quem fiz o

¹¹³ João da Câmara era douradense, seus pais eram o senhor João Candido da Câmara e Maria da Rosa Silveira Câmara. Casado com a senhora Regina Bianch Câmara. Exerceu seu mandato como prefeito em duas eleições, tomou posse em 31 de janeiro de 1967 a 31 de janeiro de 1971 e posteriormente em 31 de janeiro de 1973 a 31 de janeiro de 1977.

acordo, e ficou nos seguintes termos “então vocês não querem sair e também não querem pegar as disciplinas que os outros estão dando e são disciplinas do final do curso e não queriam assumir, então tu vai pegar essa e essa disciplinas do primeiro ano, Geometria Analítica e Matemática Básica, aí tu vai dar essas disciplinas, entendeu!? A Ana Sampaio Domingues só pegava essas disciplinas básicas e Orientação de Estágio e o Arno Lange só pegava Geometria I e II, entendeu!?, daí nós deixávamos essas disciplinas para eles e vocês ficam com essas disciplinas, por exemplo, eu, Flamarior Taborda e o Manzzini pegávamos qualquer disciplina, assim ficávamos com algumas disciplinas mais difíceis, mas se precisava dar aquelas disciplinas tu dava.” Então facilitou para aquelas pessoas que quisessem sair. E daí a gente quebrou esse paradigma de inércia e essas pessoas mais antigas foram se aposentando e o curso assumiu uma postura mais progressista de formação acadêmica e formação humana. (Entrevista realizada em 30/10/2012)

Outros fatores prejudicavam o desenvolvimento do curso de Licenciatura Matemática de Dourados. O principal fator foi a não fixação de professores em Dourados, devido à carência de estrutura do município em relação à capital Campo Grande. Muitos professores migrantes deixavam Dourados para se fixarem na capital. No caso do professor Odival Faccenda foi diferente, chegou a Dourados como mestre e não deixou o grupo de professores de Dourados, pois se identificou com o ambiente, mas recebeu vários convites para compor o grupo de professores de Campo Grande. No entanto, permaneceu e defendeu o curso de Matemática de Dourados, contribuindo para o seu desenvolvimento.

Eu posso afirmar que com o nível que eu cheguei me dei bem e gostei, porque eu vivi aqui alguns anos e sei que todo professor que vinha prestar concurso para Dourados, com mestrado ou doutorado, de alguma coisa desse tipo não ficava aqui nem três meses e era transferido para Campo Grande. Eu tive várias oportunidades de ir para Campo Grande e não fui por opção, mas os outros não ficavam. Então por isso que **Dourados sempre teve o problema de fixar professores com titulação, porque era muito isolado dos grandes centros**. Esse foi o problema inicial de Dourados, hoje isso parece que já passou por cima, mas na época ninguém queria trabalhar aqui e o mesmo problema que nós enfrentávamos aqui, Aquidauana e Três Lagoas também enfrentava esse problema, talvez Três Lagoas menos porque ficava próximo de São Paulo, mas Aquidauana tinha o mesmo problema que nós. Eu até me lembro quando nós íamos nas reuniões de área em Campo Grande e isso nós tínhamos que fazer uma vez por semana, havia uma divisão, nós e Corumbá, Campo Grande e Três Lagoas, era sempre bem dividido e as situações eram bem diferentes, porque nós não conseguíamos ter professores qualificados e manter um curso de alto nível e isso era ruim. (Entrevista realizada 30/10/2012, grifo nosso)

Apesar da falta de infraestrutura, os professores do curso de Matemática de Dourados não desistiram de querer formar os novos profissionais para atender as necessidades da região. Os poucos alunos que buscavam pelo curso de Matemática e que conseguiram concluir eram um

motivo de grande orgulho para os professores. Segundo o professor Abramo Loro Neto, “Nós vestíamos a camisa!”, afirmando a disposição dos professores em melhorar o curso oferecido para os futuros professores.

Em entrevista, os professores relataram seu ponto de vista em relação à cidade de Dourados e à permanência ou passagem dos professores no CEUD, por ser uma região marginal do estado e não possuir, na época, uma infraestrutura atrativa.

Durante alguns anos os professores Manzini e Faccenda tiveram oportunidades de serem transferidos para a capital, mas devido à amizade e companheirismo que sentiram pela instituição, permaneceram e colaboraram para o desenvolvimento do curso. Em entrevista, Faccenda comentou que se sentiu acolhido pelo corpo docente da época em que iniciou sua carreira em Dourados.

Pois, na visão dos professores, Dourados era uma cidade muito suja, não havia um bom comércio. Podemos citar como exemplo o ex-professor e atual policial Rodoviário Federal Waldir Brasil do Nascimento Junior, que morou boa parte de sua vida em Campo Grande, ao passar no concurso em Dourados se mudou e, devido à grande diferença estrutural das cidades, revelou que:

Quando eu cheguei aqui eu levei um susto, eu me lembro que o prefeito era o Brás Melo, tinha muita rua sem asfalto, muita poeira. Quando isso aqui ventava parecia, ou melhor a cidade desaparecia em meio a tanta poeira! Isso ficou até 1990 e depois disso deu um bum! A cidade estourou, cresceu bastante e hoje está ótima! (Entrevista realizada 08/04/2013)

Além da grande diferença física e estrutural das cidades, Dourados possuía uma grande escassez de mão de obra qualificada, nesse sentido era necessário qualificar a mão de obra da população, assim acreditamos ter sido de grande importância a implantação do CEUD para criar novas condições e infraestrutura para a Dourados e região. E para que os cursos fossem implantados era uma luta, como conta a Ana Maria Sampaio Domingues,

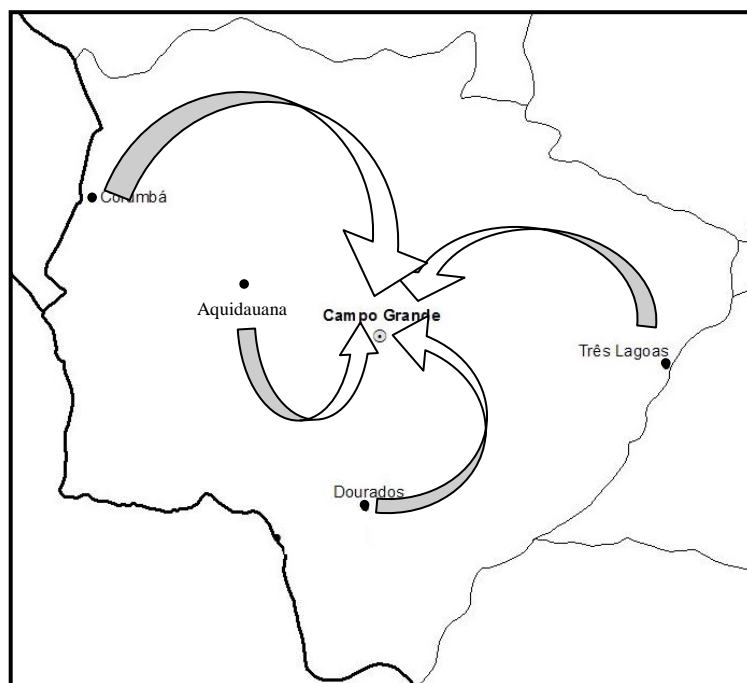
Como a cidade de Dourados na década de 1980 não tinha mão de obra qualificada em qualquer área, as faculdades e as universidades tinham um papel de grande importância para o desenvolvimento da cidade. Pois para que o fosse implantado um curso na cidade, nós fazíamos um levantamento das necessidades da comunidade, por exemplo, nós dizíamos quantos professores estava faltando, qual era a situação dos professores que estavam atuando na rede de ensino, então em cima desses dados nós tínhamos a demanda necessária, e esses era o argumento mais fortes para se conseguir os cursos, porque os cursos sempre foram criados aqui em Dourados com esses argumentos, a necessidade da comunidade. Como o município de Dourados estava crescendo, e assim

aumentando o número de escolas, e tinha muita falta de professor na área de matemática, pôde ser criado e implantado o curso pela UFMS de Dourados. (Entrevista realizada 05/11/2012)

As primeiras dificuldades enfrentadas após a implantação do curso de Matemática foi a não fixação dos professores. Para a constituição de um corpo docente capaz de desempenhar o papel de formador, existiam alguns empecilhos geográficos. A localização e a estrutura da cidade não agradavam aos professores que assumiam o concurso público. Devido à distância existente entre Dourados e Campo Grande, cerca de 240 km, muitos dos professores que assumiam o concurso em regiões marginais do estado de Mato Grosso do Sul, como por exemplo, Dourados e Corumbá não estavam dispostos a morarem em regiões distantes dos grandes centros, alegando a falta de uma estrutura atrativa à época.

Como os concursos da UFMS eram realizados todos em Campo Grande e, no edital de abertura do processo não possuía nenhuma indicação para qual campus seriam lotados, os professores com os maiores níveis de formação acabaram lotados em Campo Grande, os demais assumiam aulas nas regiões marginais do estado.

Figura 8 - Deslocamento dos professores das regiões marginais para o centro



FONTE: <http://www.mapasparacolorir.com.br/mapa-estado-mato-grosso-do-sul.php>

Essa influência provocada por Campo Grande em relação à migração interna é justificada pela melhor infraestrutura do município e da proximidade deste campo com a reitoria. A existência de vários campi espalhados pelo estado e desenvolvendo cursos na mesma área, levava a tomadas de decisões a serem votadas e discutidas entre todos os campi que possuíam os mesmos cursos. Para o curso de formação de professores de Matemática, as reuniões eram realizadas em Campo Grande. Inicialmente, a grade curricular do curso de Matemática da UFMS – Campo Grande servia de modelo. Na maioria das vezes, esta era adotada como grade curricular dos novos cursos que a UFMS implantava em outros campi, diferenciando-se somente por algumas disciplinas optativas, dependendo do interesse e da formação do corpo docente existente no curso.

O processo de migração interna não contribuiu para a formação de professores dos cursos localizados nas áreas marginais do estado, mas o processo de migração possibilitou a presença de vários professores que faziam parte do corpo docente e que, em sua maioria, eram oriundos das regiões sul e sudeste do país. Na tentativa de montar um corpo docente para o campus de Dourados, dos oito professores entrevistados, somente três são naturais do estado de Mato Grosso do Sul.

4.2 Corpo Docente: características, atuação e movimentos

A movimentação de docentes pela Universidade de Dourados ocorreu inicialmente meados de 1970 e 1980, tendo em vista a implantação dos primeiros cursos em nível superior a partir de 1971 nesta cidade. Com o passar do tempo foram aumentado as opções em formações específicas e, conseqüentemente, a quantidade de docentes presentes na instituição.

Neste sentido, ao analisarmos os depoimentos produzidos nesta pesquisa, observamos quem eram e de onde vieram os professores que fizeram parte do corpo docente no período de 1984 a 1994. Observamos a composição do corpo docente que foi responsável pela formação dos professores de Matemática do primeiro curso oferecido pela UFMS de Dourados: o curso de Ciências com Habilitação em Matemática e, posteriormente, o curso de Licenciatura Plena em Matemática.

Esses professores, em sua maioria, vieram de outras regiões do Brasil, como São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Dentre os oito professores que concederam entrevista, somente três são naturais do estado de Mato Grosso do Sul.

Esses três professores, Sidnei Azevedo de Souza, Waldir Brasil do Nascimento Júnior e Edmir Ribeiro Terra são todos licenciados em Matemática pela UFMS, visto que o curso de formação de professores de Matemática já havia sido implantado nos campi de Corumbá, Três Lagoas e em Campo Grande. Os professores Edmir Terra e Waldir Brasil graduaram-se no curso de Licenciatura Plena em Matemática no campus de Campo Grande e, durante o desenvolvimento do curso, lecionavam em instituições de educação básica. Após terem concluído o curso, assumiram o cargo como professores da Licenciatura em Matemática na UFMS no campus de Dourados por meio de contratos e, posteriormente, assumiram um concurso público na mesma instituição.

Um caso de muito orgulho para o curso de Matemática da UFMS de Dourados foi o ingresso, permanência e a conclusão do curso por parte do professor Sidnei Azevedo de Souza. Alguns professores relataram o grande esforço desse professor em concluir a Licenciatura. Um esforço válido e de referência, pois atualmente o professor Sidnei possui um cargo de grande importância dentro da instituição: Pró-reitor de Administração da UFGD. Depois de muitas dificuldades para concluir a educação básica, decidiu fazer o curso de Licenciatura em Matemática oferecido pela UFMS de Dourados, fazendo parte da primeira turma de formandos desse curso. Sua passagem pela Licenciatura foi lembrada por todos os depoentes. O professor Waldir Brasil do Nascimento Junior, relatou um pouco sobre a passagem do professor Sidnei pelo curso e o que lhe marcou durante os poucos anos em que fez parte do corpo docente.

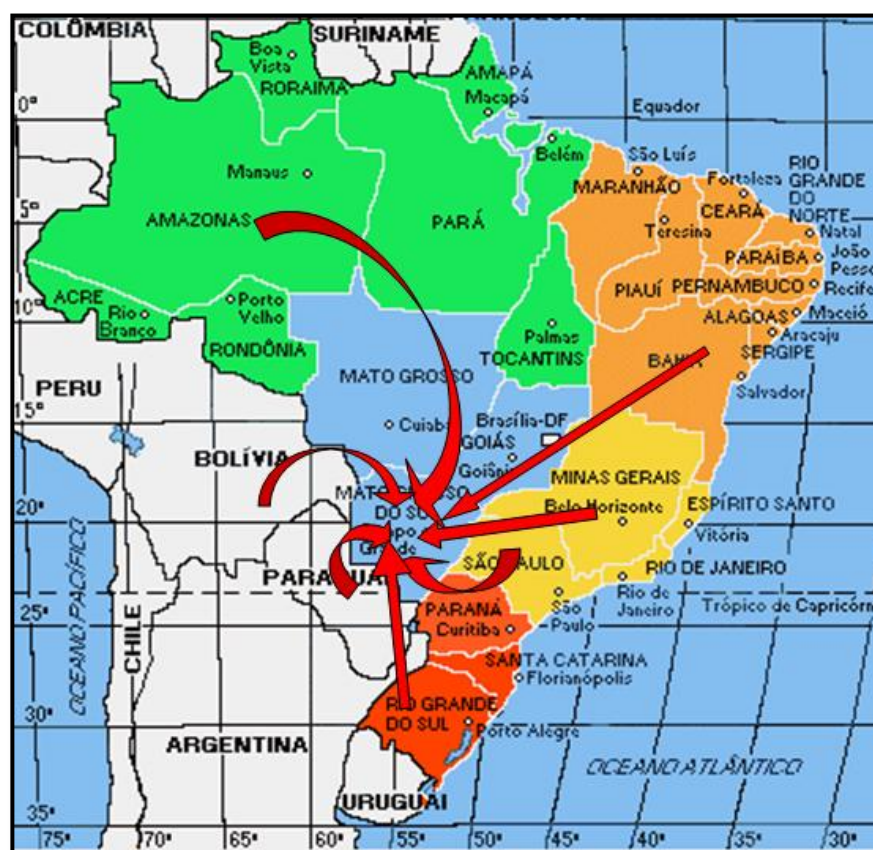
[...] posso destacar aqui um aluno que hoje possui um cargo muito importante dentro da instituição, o professor Sidnei, ele foi um dos que se formou pela primeira turma. Eu me lembro bem que ele tinha pouquíssima base, mas tinha muita garra e era determinado, estudou muito e se formou na UFMS de Dourados e logo depois foi fazer mestrado na USP- São Paulo. Isso foi uma coisa bacana que aconteceu durante minha passagem pela instituição. (Entrevista realizada 08/04/2013).

No geral, o corpo docente do curso de Matemática era muito restrito. Considerando a grande falta de professores com nível superior completo, com especialização e/ou pós-graduação por toda a região marginal do estado de Mato Grosso do Sul, muitos dos professores que pertenciam ao corpo docente do curso de Matemática eram de outras regiões. Esses professores buscavam em nossa região uma oportunidade de trabalho ou melhores condições de vida, segundo Carvalho (2013) “o termo ‘migração’, uma das modalidades possíveis da mobilidade populacional, refere-se à mudança de residência habitual entre duas unidades geográficas distintas e em um período de tempo estabelecido”, podendo ser justificada

por vários motivos: Econômica, natural, políticas, religioso e étnico. Na maioria das vezes, as migrações ocorrem por questões econômicas, por exemplo, a busca por terras férteis, como é o caso da região de MT/MS¹¹⁴.

Essa intensa movimentação da população pode ser observada no período de 1960 a 1970, quando houve um grande aumento populacional no estado. Várias pessoas chegaram ao estado na busca por melhores condições e dispostos a oferecer mão de obra para leigos¹¹⁵ e barata. Podemos destacar vários estados de origem da população migrante aos estados de Mato Grosso/Mato Grosso do Sul, pois toda a população migrante colaborou para o desenvolvimento de nossa região, como, por exemplo, disponibilizando mão de obra braçal, experiências profissionais e poder de liderança.

Figura 9 – Estados e países de origem dos migrantes para o estado de MS



FONTE: <http://www.coladaweb.com/mapas/mapa-do-brasil> e dados da pesquisa.

¹¹⁴ Esse termo MT/MS pode ser compreendido como sendo enquanto o estado ainda era MT ou MS, pois nesses dois momentos o estado abrigou e acolheu muitas pessoas que buscavam por terras férteis em nossa região.

¹¹⁵ Refiro-me à mão de obra que não possui formação em nível superior ou até mesmo educação básica. A maioria da população migrante buscava por trabalhos braçais e pela procura por terras férteis e baratas.

Apesar do estado de Mato Grosso do Sul ter sofrido um aumento populacional de 20,7 % entre 1940 a 1960, nos anos posteriores o índice de migrantes diminuiu devido à falta de incentivos financeiros cedidos pelo governo.

Tabela 9 - População e Taxa de Crescimento Demográfico por Região de Mato Grosso do Sul 1970/1990

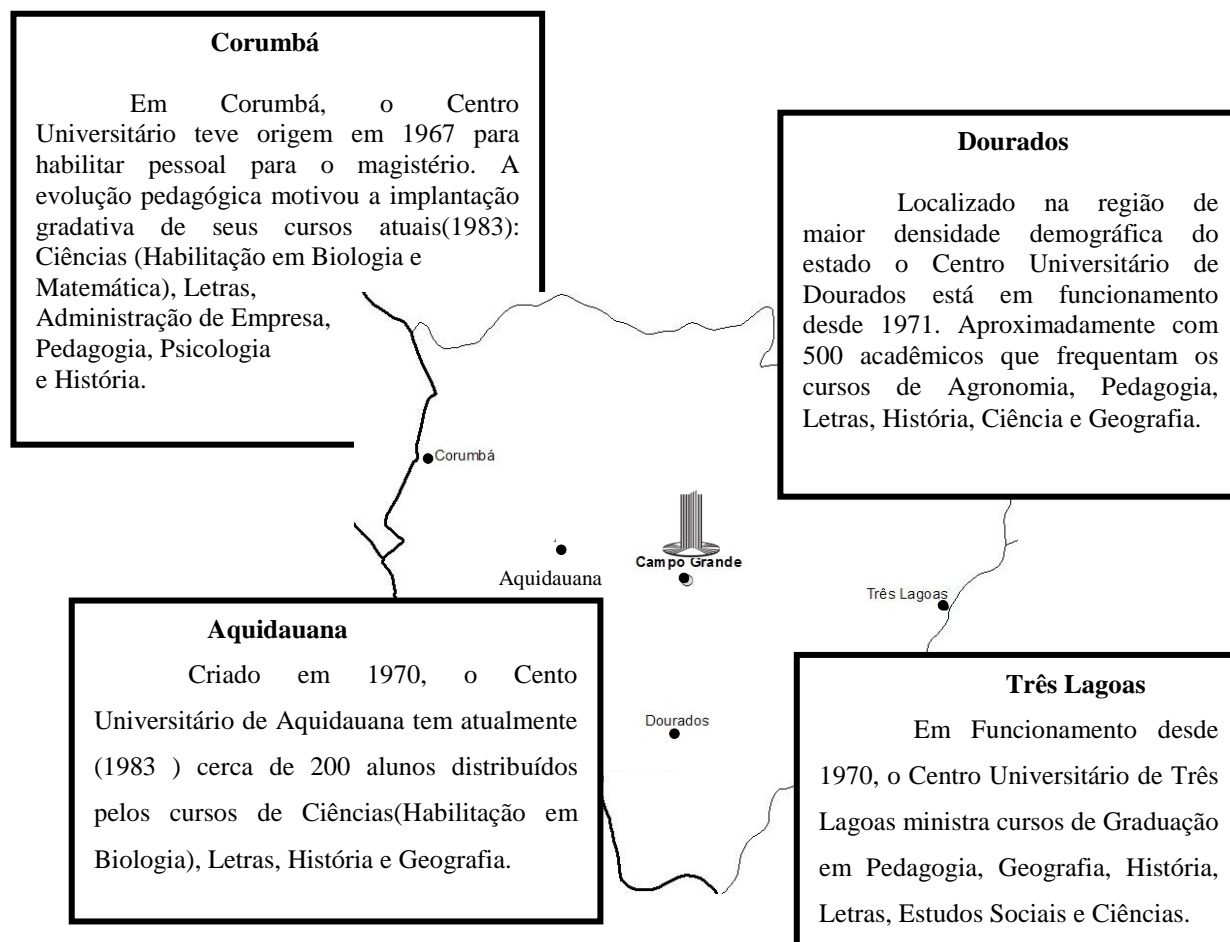
Microrregiões	População Total			Taxas de Crescimento (%a.a)	
	1970	1980	1991	1970/1980	1980/1991
Alto Taquari	56.949	76.720	90.250	3,02	1,49
Aquidauana	55.223	70.830	88.131	2,52	2,01
Baixo Pantanal	101.262	101.626	113.088	0,04	0,98
Bodoquena	57.783	70.795	86.183	2,05	1,80
Campo Grande	182.895	338.293	575.203	6,34	4,94
Cassilândia	15.046	21.635	37.160	3,70	5,04
Dourados	222.330	302.582	355.318	3,13	1,47
Iguatemi	139.057	209.870	203.588	4,20	-0,28
Nova Andradina	43.240	52.237	60.915	1,91	1,41
Paranaíba	51.779	61.770	65.037	1,78	0,47
Três Lagoas	72.644	86.661	103.868	1,78	1,66
Total	998.211	1.393.019	1.778.741	3,39	2,25

FONTE: CUNHA, J.M.P. da. A Migração no Centro-Oeste Brasileiro no Período 1970/1996: o esgotamento de um Processo de Ocupação. Campinas: Núcleo de estudos de ocupação/ UNICAMP. 2002.

Além disso, com o desenvolvimento da agricultura, a mão de obra da população foi substituída pelos maquinários. Conseqüentemente, a população rural acabou ficando sem

condições de permanecer na zona rural. Podemos notar um índice ainda considerando as duas décadas seguintes, quando as instituições em nível superior estavam sendo implantadas em Dourados, Aquidauana, Três Lagoas e Corumbá.

Figura 10 - Distribuição dos Centros Pedagógicos no estado de MS

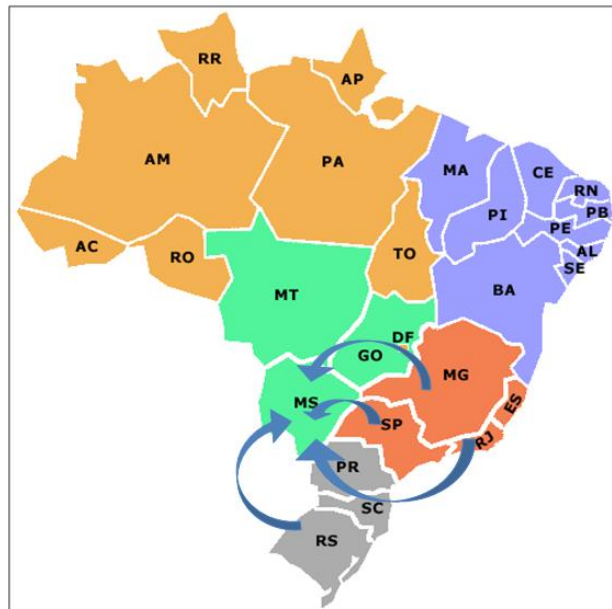


FONTE: Cento de Documentação Regional de Dourados e <http://www.picstopin.com>.

Os Centros Universitários puderam colaborar com a formação de vários profissionais, em particular, os cursos de Ciências (Habilitação em Biologia e Matemática) possibilitaram na formação de professores para o abastecimento de mão de obra especializada para as regiões marginais do estado.

Cada pessoa advinda de outras regiões trazia um pouco de cada cultura e conhecimento adquirido no decorrer de sua formação, possibilitando ao curso de Matemática de Dourados uma miscigenação de conhecimentos sociais, culturais e políticos.

Figura 11 - Localização geográfica dos estados de origem dos professores



FONTE: www.esporte.gov.br e dados da pesquisa.

Outros professores vieram à região por influência de seus amigos e/ou pessoas que não eram próximas, mas que divulgaram o concurso público organizado pela UFMS de Campo Grande. As vagas eram abertas e exigiam o curso em nível superior na área, mas não especificavam em qual região do estado os professores iriam assumir seus cargos. Isso ficou muito claro na fala do professor Odival Faccenda,

Geralmente era por concurso da UFMS, o que acontecia na UFMS era um fato estranho. Porque eles abriam o concurso para matemática e no começo eles não diziam se era para Dourados, Campo Grande [...] quem vinha de fora não sabia onde era Campo Grande ou Dourados, como era meu caso que eu não conhecia nada daqui. E então eu vim fazer o concurso, era em Campo Grande e eu fiquei sabendo que a vaga era para Dourados e eu vim assumir aqui, logo que eu cheguei aqui, eu recebi vários convites para ir a Campo Grande. Quando abria concurso e se inscrevia um cara com mestrado ou doutorado, Campo Grande puxava tudo, ou seja, os bons professores, ou teoricamente os mais qualificados, iriam para Campo Grande e os menos capacitados ficavam nos outros centros. Em Dourados, eu fiquei por opção minha, era mais perto do Sul e eu gostei de Dourados[...] (Entrevista realizada no dia 25 de novembro de 2012)

Faccenda atribui ao fato da reitoria estar localizada no campus de Campo Grande e a comissão organizadora do concurso público também, a tendência de que os professores mais qualificados, ou seja, que possuíam mestrado ou doutorado ficassem lotados nos campi mais centrais, como Campo Grande e Três Lagoas.

Apesar desse impasse um grupo de professores de Dourados se organizou/motivou para a criação e desenvolvimento do curso de Matemática. No período inicial do curso, o corpo docente era composto somente por um professor mestre, Odival Faccenda era mestre em Estatística, os demais professores possuíam graduação em áreas específicas como Física e Matemática.

Durante o desenvolvimento da pesquisa emergiram alguns nomes de professores que participam do processo de criação e desenvolvimento do curso de Matemática: Ana Maria Sampaio Domingues¹¹⁶, Edmir Ribeiro Terra¹¹⁷, Waldir Brasil do Nascimento Junior¹¹⁸, Abramo Loro Neto¹¹⁹, Luis Gonzaga Manzine¹²⁰, Odival Faccenda¹²¹ e Luis Antonio da Silva¹²², Messias Faria Neto, Arno Lange¹²³, Lauro Josepert Swensson¹²⁴, Lori Alice Gressler¹²⁵, Max Wolfring, Vera Lúcia Luciano Faria e Marcio Sinott¹²⁶.

A vinda destes professores proporcionou ao estado, uma possibilidade que motivou e proporcionou¹²⁷ a formação inicial de vários professores de Matemática, contribuindo também para a formação de profissionais¹²⁸ em outras áreas. Neste sentido, acredito ser interessante compreender como foram as movimentações dos profissionais responsáveis pela formação de vários professores que hoje estão dentro das salas de aula na educação básica, educando e ensinando.

Por meio da entrevista, que foi realizada individualmente, os professores puderam relatar como se deu o seu ingresso e sua participação no curso de Matemática da UFMS de Dourados. Inicialmente foram realizadas as entrevistas com os professores Abramo Loro Neto e Ana Maria Sampaio Domingues, pois foram os primeiros professores a serem contratados para lecionarem no Centro Pedagógico de Dourados pela UEMT e participaram da implantação da Habilitação e da Licenciatura em Matemática.

¹¹⁶ Natural de Minas Gerais, mas foi criada no estado do Rio de Janeiro.

¹¹⁷ Natural de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

¹¹⁸ Idem 4.

¹¹⁹ Natural do Rio Grande do Sul.

¹²⁰ Natural de Matão, São Paulo.

¹²¹ Natural do Rio Grande do Sul.

¹²² Natural de Miguelópolis, São Paulo.

¹²³ Natural do Rio Grande do Sul.

¹²⁴ Natural de São Paulo.

¹²⁵ Natural de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

¹²⁶ Não foram encontrados referencias dos três últimos nomes.

¹²⁷ Em meados de 1984 com a implantação do curso de Matemática em Dourados proporcionou a formação de mão de obra qualificada em nível superior. Atualmente, depois de algumas mudanças na grade curricular e no corpo docente este curso está sendo desenvolvido na FACET/UFMG.

¹²⁸ Como existia a escassez de professores, os professores de Matemática e Física lecionavam em outros cursos como Agronomia e Pedagogia. Neste trabalho iremos somente analisar o curso de formação de professores em Matemática.

A formação específica em nível superior e a instituição em que concluíram o curso de licenciatura são distintas. O professor Abramo é licenciado em Física pela Universidade de Santa Maria no Rio Grande do Sul e a professora Ana Maria é licenciada em Matemática pela Universidade do Estado da Guanabara no Rio de Janeiro. Ambos vieram à região da Grande Dourados por motivos familiares atualmente são aposentados pela UFMS de Dourados.

Em meados de 1970, a quantidade de professores com formação específica lecionando nas escolas de educação básica na região da Grande Dourados era muito pequena, sendo necessária a implantação de cursos para formar professores em áreas específicas para sanar a falta de docentes.

Devido à falta de professores por toda a região de Mato Grosso do Sul, o governo possibilitou a esses professores serem contratados para lecionarem na Universidade, pois como eram professores concursados do estado e lecionavam nas escolas do ensino básico em Dourados, o governo possibilitou a transferência do concurso da Educação básica para o ensino superior. Ambos foram selecionados por meio de seus currículos, após a construção de um relatório organizado pela UEMT que buscavam compreender quais as necessidades de formação em nível superior que a região da Grande Dourados necessitava em meados de 1970.

Desta forma, sendo os primeiros professores a compor o quadro de docentes da instituição, Ana Maria Sampaio Domingues e Abramo Loro Neto tiveram papéis importantes dentro do curso, estando sempre à frente das decisões e discussões, dos cursos de Matemática, Ciência e Agronomia. Eram participantes ativos nas tomadas de decisões da instituição, visto que nas atas¹²⁹ de muitas reuniões do conselho de extensão os nomes da professora Ana Maria e do professor Abramo Loro Neto sempre estavam presente.

Com a implantação do curso de Matemática, houve a necessidade de contratação de mais professores com formação em nível superior na área. Nesse período, em meados de 1986, o professor Luis Antonio da Silva conseguiu sua transferência para Dourados. Luis é licenciado em Física pela Universidade de São Paulo em 1973, estudou por muito tempo em São Paulo, pois na região de Dourados não havia o terceiro ano do ensino básico. Seus pais permaneceram em sua residência no Guaçu¹³⁰- MS, pois, haviam comprado terras na região para produzir cereais. Ao terminar sua faculdade alguns amigos informaram que a UFMS de Campo Grande estava precisando de professores de Física. Sem pensar muito, fez a inscrição e passou. Como ainda não

¹²⁹ As atas referentes ao curso de Matemática foram encontradas no acervo localizado no prédio da reitoria da universidade (UFMS- Campo Grande). Agradeço a senhora Erotildes Ferreira dos Santos Miranda, Chefe da Coordenadoria dos Órgãos Colegiados (COC) que me recebeu muito bem e autorizou a minha permanência dentro de sua sala para utilizar os documentos da instituição com fonte de pesquisa.

¹³⁰ Distrito do município de Dourados, Mato Grosso do Sul.

havia o curso de Física, assumiu aulas no curso de Engenharia Civil na UFMS de Campo Grande. Durante alguns anos, lecionou em várias instituições em Campo Grande, mas devido ao falecimento de sua mãe em 1985, resolveu pedir transferência do seu concurso para Dourados para ficar próximo de seu pai.

Como a escolha do professor Luis Antonio da Silva foi em migrar em sentido oposto ao convencional, rapidamente, em janeiro de 1986, recebeu a confirmação de sua transferência. Com sua mudança, agora fazendo parte do corpo docente da UFMS de Dourados, Luis pode estar presente no final do curso de Ciências com Habilitação em Matemática e participou da implantação do curso de Licenciatura Plena em Matemática. Muito disposto, colaborou com o desenvolvimento do curso ao assumir várias disciplinas na graduação em Matemática, apesar de ter sua formação em Física.

Aproximadamente dois anos depois, o corpo docente recebeu a colaboração de mais dois professores concursados, Luis Gonzaga Manzine e Odival Faccenda. São professores Licenciados em matemática pela Universidade de Araraquara – SP e pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Porto Alegre, respectivamente, os dois tinham experiência como professores em escolas de ensino básico e instituição em nível superior.

É interessante observar as movimentações desses professores que deixaram sua cidade natal na busca por melhores oportunidades de emprego. Mesmo não conhecendo o estado de Mato Grosso do Sul, se arriscaram ao realizar o concurso público organizado pela UFMS de Campo Grande, seguindo a sugestão de alguns conhecidos que moravam no estado.

Assumindo o concurso, tornaram se peças importantes para o desenvolvimento do curso, pois existia uma falta de liderança e isso prejudicava o andamento das atividades de formação e motivação para realizar o aperfeiçoamento profissional. Então, sendo o único mestre, o professor Odival Faccenda sentiu-se com o dever de estar a frente das reivindicações, como podemos observar no trecho de sua entrevista exposto abaixo:

A partir de 1988 eu assumi um pouco o papel de liderança, talvez não tinha essa liderança dentro do grupo de professores, daí eu ocupei por um bom tempo. Eu acredito que pude assumir devido eu ser o único com mestrado lá. Sempre fui de exercer um trabalho em grupo, gosto muito de trabalho em equipe, em alguns momentos você tem que exercer o papel de liderança porque é assim que se organiza as coisas, não que isso seja um fator nato meu, mas eu acho que quando tem que exercer o ato de liderança tem que exercer. (Entrevista realizada em 25/11/2012)

Uma das prioridades do Odival Faccenda, em relação à qualificação do corpo docente, era organizar o corpo docente existente de acordo com a grade curricular proposta, para que os professores pudessem realizar cursos de aperfeiçoamento, sem prejudicar o andamento da graduação. Apesar desse esforço, nem todos queriam realizar esses cursos de aperfeiçoamento.

[..] nunca abri mão, sempre defendi para todos os meus colegas a importância de fazer a capacitação, constantemente. Ela não pode ser deixada de lado, porque ficar trabalhando sempre a mesma coisa ficaremos desatualizados, temos que lembrar que as coisas evoluem e tem um período de reciclagem. (Entrevista realizada em 25/11/2012)

A situação do corpo docente naquele momento era muito limitada, sendo justificada por duas razões, tanto pela falta de profissionais qualificados como também por questões financeiras. Uma das medidas que o governo encontrou para diminuir as despesas dentro da universidade foi a redução de algumas disciplinas que possuíam ementas semelhantes, sendo ministradas em conjunto com distintos cursos. Assim, a quantidade de hora/aula ministrada pelos professores seria reduzida e a quantidade de alunos por sala se tornaria maior.

Foi discutido e decidido em uma reunião ordinária do conselho de Departamento do DCI/CEUD no dia 01 de outubro de 1986, a contratação de professores para ministrar aulas nos cursos da UFMS de Dourados, pois a medida adotada pelo governo (de diminuir os gastos da instituição) estava prejudicando o desenvolvimento dos cursos. Assim, após discussões entre os professores para buscar soluções e melhorar o desenvolvimento do curso, o chefe do DCI, Laerte Cecílio Tetila, publica na Resolução¹³¹ N° 043/86 – DCI/CEUD.¹³²

Essas medidas proporcionaram a publicação de novos concursos públicos para a contratação de professores para os campi da UFMS. Durante o desenvolvimento da pesquisa, podemos notar o quanto é forte a presença de professores oriundos de regiões como São Paulo e Rio Grande do Sul, tornando possível o desenvolvimento do curso, propiciando a formação de professores de Matemática na região da Grande Dourados.

A migração desta população proporcionou algumas situações que vem ao encontro de um desenvolvimento significativo para o curso de formação de professores de Matemática na região marginal no estado de Mato Grosso do Sul. Devido à escassez de professores na região da Grande Dourados, o governo de Pedro Pedrossian contribuiu com a implantação do curso de Matemática, possibilitando a formação de professores para abastecer o quadro docente da região.

¹³¹ Esta Resolução foi encontrada no arquivo localizado na sala da COC – prédio da reitoria da UFMS de Campo Grande, visto que em Abril de 2013.

¹³² No artigo 1º, 2º, 3º, 4º e 5º a aprovação da contratação de sete professores e a efetivação dos professores em exercício na instituição, sendo validada a partir desta data.

Proporcionando, a partir das distintas formações provenientes das diferentes instituições de nível superior que cada professor frequentou, um emaranhado de conhecimentos que estão imbricados na formação inicial de cada professor. Segundo Imbernón (2006), os professores devem refletir em suas práticas de ensino, pois os alunos observam e se constituem como professores quando iniciam sua vida como estudante e, principalmente, durante a formação inicial.

Por vezes o conhecimento e a experiência do professor, são apontados como parte de um modelo para os licenciados, ou seja, a formação inicial afeta a constituição do futuro professor em desenvolvimento no curso em nível superior. Além disso, Ponte (2002) retrata que a constituição do professor enquanto tal está em constante alteração, desde o início da educação básica e, principalmente, durante a formação inicial, sendo,

[...] a *formação pessoal, social e cultural dos futuros docentes*[..], muitas vezes, completamente ignorada. Parte-se do princípio que todo o estudante universitário teve oportunidade, pela sua formação escolar e não escolar anterior, de se desenvolver como pessoa e como cidadão o suficiente para poder vir a ser um bom professor, mas, na verdade, isso nem sempre acontece. A formação nestes campos pode favorecer o desenvolvimento de capacidades de reflexão, autonomia, cooperação e participação, a interiorização de valores deontológicos, as capacidades de percepção de princípios, de relação interpessoal e de abertura às diversas formas da cultura contemporânea, todos eles capacidades e valores essenciais ao exercício da profissão.(p.2)

Sendo assim, o futuro professor se constitui, significativamente, durante a formação inicial, adquirindo um suporte de grande importância para o desenvolvimento profissional. Essa discussão reforça a ideia de que as posturas e os métodos das instituições das quais são oriundos os professores contratados em Dourados participam da estruturação e implantação do curso de formação de professores de Matemática nesta cidade. Partimos do princípio de que isso ocorre ainda que não seja possível e simples identificar no hibridismo que marca a postura docente, que ação corresponde a que tipo de influência.

4.3 Orientações para uma organização curricular

Antes de frequentar a universidade, os estudantes passam por um longo processo de aprendizagem nas escolas, construindo a cada momento uma concepção do que é matemática. Para que durante a faculdade haja um aprofundamento dos conhecimentos já existentes e a mobilização de novos conhecimentos e formas de conhecer, faz-se necessário a organização dos conteúdos curriculares, ou seja, a construção/organização de uma grade curricular que possa auxiliar na formação dos futuros professores.

Nesse sentido, segundo o parecer do Conselho Nacional de Educação, Brasil (2001), nº 1.302/2001 é necessário que os conteúdos curriculares dos cursos de Matemática sejam estruturados a fim de contemplar, as seguintes orientações:

- a) partir das representações que os alunos possuem dos conceitos matemáticos e dos processos escolares para organizar o desenvolvimento das abordagens durante o curso;
- b) construir uma visão global dos conteúdos de maneira teoricamente significativa para o aluno. (p.4)

Assim, as diretrizes curriculares devem servir para auxiliar na estrutura modular do curso para que haja um melhor aproveitamento dos conteúdos já ministrados e proporcionar uma formação inicial adequada aos futuros profissionais da educação.

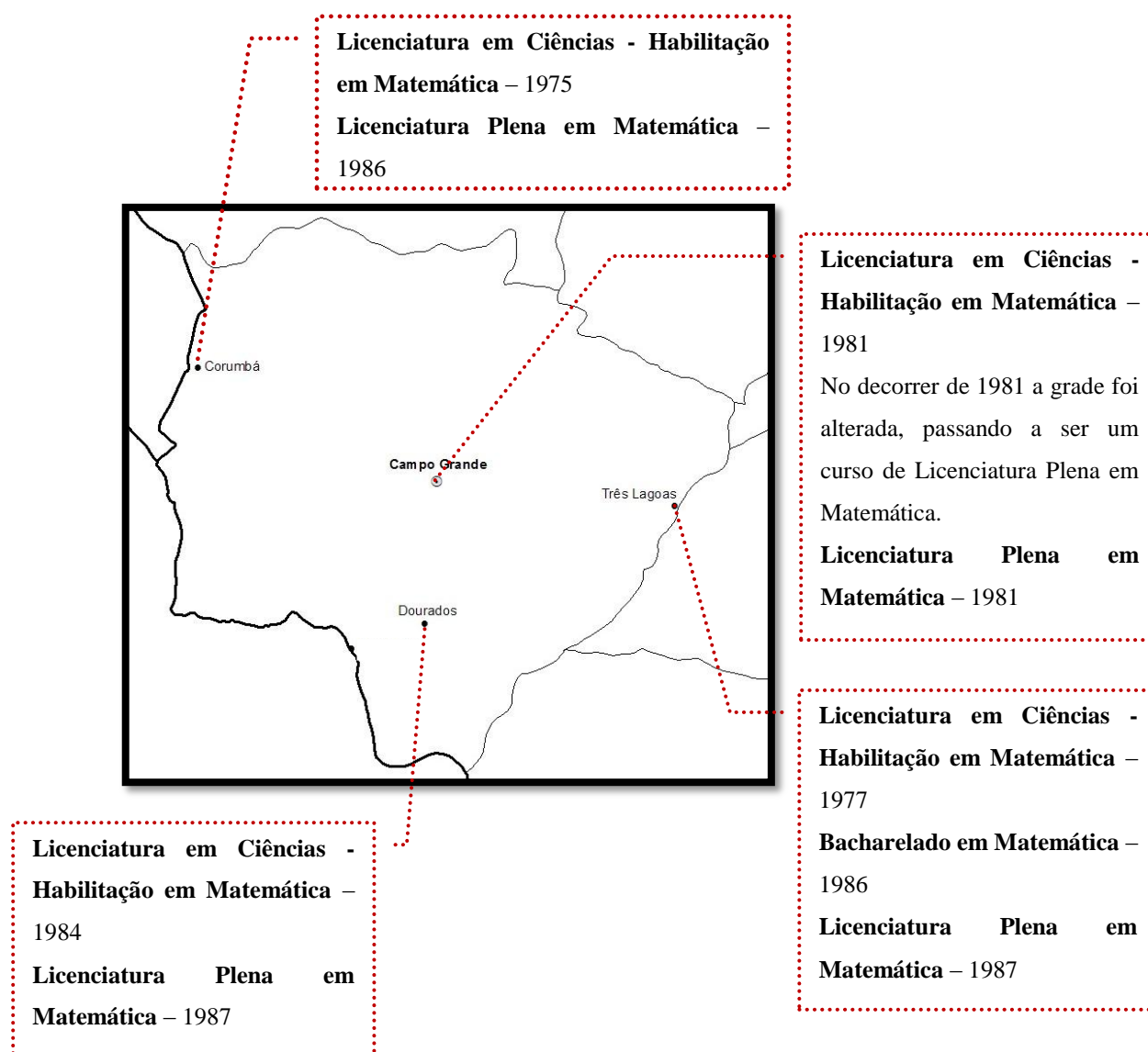
Na tentativa de propor aos futuros professores de Matemática uma formação padrão, que os tornem capazes de desempenhar o papel de um professor, foi necessário, na década de 1960 a construção de uma grade curricular com disciplinas que auxiliassem em sua formação, ou seja, houve a necessidade de criar uma grade curricular comum entre as inúmeras instituições que oferecem os cursos de formação de professores de Matemática, o Currículo Mínimo.

O primeiro curso de Matemática oferecido no sul do estado de Mato Grosso foi no município de Corumbá¹³³ em 1975 e, posteriormente, em Campo Grande em 1981. Em Dourados, o primeiro o curso de formação de professores em Matemática instalou-se a partir de 1984 com o curso de Ciências com Habilitação em Matemática, sendo proposto pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, segundo a resolução nº 25/83. Essa Resolução foi assinada pelo então presidente do Conselho Edgar Zardo. A comissão de Ensino determinou que a grade curricular do curso de Ciências com Habilitação em Matemática fosse a mesma nos três campi: Corumbá¹³⁴, Dourados e Três Lagoas.

¹³³ Inicialmente pelo Instituto Superior de Pedagogia, posteriormente, com a federalização, em 1979 tornou-se parte da FUFMS – Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

¹³⁴ O curso de Ciências com Habilitação em Matemática foi implantada em Corumbá pelo Instituto Superior de Pedagogia, após a divisão do estado, se tornou um centro Pedagógico- Campus da FUFMS de Corumbá.

Figura 12 - Mapeamento dos cursos de Formação de professores de Matemática nas décadas¹³⁵ de 1970 e 1980.



FONTE: COC – Campo Grande e CDR- Dourados.

A grade curricular para as Licenciaturas em Ciências com Habilitação em Matemática¹³⁶ entrou em vigor a partir da data da publicação das Resoluções nº 25/83 e 050/83 da COEPE.

¹³⁵ A delimitação temporal deve-se a busca pela criação de um cenário para a criação e estruturação do curso de formação de professores de Matemática de Dourados.

¹³⁶ Durante o desenvolvimento da pesquisa encontramos alguns documentos referentes ao curso de Licenciatura curta em Ciências com Habilitação em Matemática. As nomenclaturas que eram utilizadas para se referirem ao curso de Ciências com Habilitação em Matemática ou Licenciatura de 1º Grau em Ciências com Habilitação em Matemática, eram assim representadas. Sendo esse curso o responsável pela formação dos professores que irão ministrar aulas para os alunos do 1º grau, atualmente, 9º ano.

Estas resoluções determinaram que a grade curricular do curso de Ciências com Habilitação em Matemática dos campi da UFMS de Três Lagoas, Corumbá e Dourados, fosse definida como:

Tabela 10 - Primeira grade curricular do curso de Ciências com Habilitação em Matemática

Disciplinas	Semestres								H/A	CRÉD.
	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º		
Formação Básica:										
Comunicação e expressão I-II	60	45	-	-	-	-	-	-	105	07
Introdução à Metodologia Científica	60	-	-	-	-	-	-	-	60	04
Educação Física I-II-III-IV	30	30	-	-	-	30	30	-	120	08
Estudo de Problemas Brasileiros I-II	-	-	-	30	30	-	-	-	60	04
Currículo Mínimo:										
Fundamentos da Matemática I-II	90	75	-	-	-	-	-	-	165	11
Vetores e Geometria Analítica	-	-	60	-	-	-	-	-	60	04
Cálculo I-II-III-IV	-	-	-	45	60	90	90	-	285	04
Estatística I-II	-	-	-	-	60	-	60	-	120	08
Desenho Geométrico I-II	-	-	45	-	-	60	-	-	105	07
Álgebra I-II	-	-	-	-	-	60	60	-	120	08
Álgebra Linear	-	-	-	-	-	60	-	-	60	04
Geometria Euclidiana	-	-	-	-	-	60	-	-	60	04
Geometria Diferencial	-	-	-	-	-	-	-	60	60	04
Geometria Descritiva	-	-	-	-	-	-	60	-	60	04
Equações Diferenciais	-	-	-	-	-	-	-	60	60	04
Programação Linear	-	-	-	-	-	-	60	-	60	04
Variáveis Complexas	-	-	-	-	-	-	-	60	60	04
Calculo Numérico	-	-	-	-	-	-	-	60	60	04
Análise Real	-	-	-	-	-	-	-	90	90	08
Física I-II	-	60	60	-	-	-	-	-	120	08
Física Geral e Experimental I-II	-	-	-	60	60	-	-	-	120	08
Química Geral I-II	60	60	-	-	-	-	-	-	120	08
Química Inorgânica	-	-	-	60	-	-	-	-	60	04
Química Orgânica	-	-	-	-	60	-	-	-	60	04
Elementos da Geologia I-II	-	-	-	60	60	-	-	-	120	08
Biologia Geral I-II-III	60	60	45	-	-	-	-	-	165	11
Botânica I-II	-	60	60	-	-	-	-	-	120	08
Zoologia I-II	-	-	60	60	-	-	-	-	120	08
Ecologia Geral	-	-	-	45	-	-	-	-	45	03
Formação Pedagógica:										
Psicologia da Educação I-II	60	45	-	-	-	-	-	-	105	07
Didática I-II	-	-	45	45	-	-	-	-	90	06
Prática de Ensino de Ciências I-II (sob	-	-	-	30	75	-	-	-	105	07

a forma de Estágio Supervisionado)										
Prática de Ensino de Matemática (sob forma de Estágio Supervisionado)	-	-	-	-	-	-	-	60	60	04
Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau I	-	-	45	-	-	-	-	-	45	03
Estrutura e Funcionamento do Ensino de 2º Grau I	-	-	-	-	-	45	-	-	45	03
SUB-TOTAIS	420	435	420	435	405	405	360	390	3270	210

FONTE: Arquivos do COC – UFMS /Campo Grande.

A primeira grade curricular proposta no curso de Ciências com Habilitação em Matemática era composta por 35 disciplinas distribuídas em três blocos: Formação básica, Currículo Mínimo e Formação pedagógica. A disposição nesses blocos ocorrida da seguinte maneira, 11,428% com disciplinas de formação básica, 17,14% em disciplinas pedagógicas e 71,42% composta pelas disciplinas do currículo mínimo que estão presentes em todos os cursos de habilitação em Matemática.

Essa foi a grade curricular do curso de Ciências com Habilitação em Matemática utilizada durante os seis anos em que o curso permaneceu na instituição. Isso é evidente quando observarmos a grade proposta no primeiro processo seletivo realizado pela UFMS de Dourados para o ingresso dos estudantes no curso de Ciências com Habilitação em Matemática em 1983. (para que os estudantes ingressassem no ano letivo de 1984)

A partir de 1987 não existiu mais o vestibular para ingressar no curso de Ciências com Habilitação em Matemática, pois houve a extinção deste curso para a implantação da Licenciatura em Matemática. Com a aprovação da implantação do curso de Licenciatura em Matemática da UFMS, campus de Dourados, pela Resolução nº 074/85 da COEPE (de 19 de novembro de 1985), o curso iniciou seu ano letivo a partir de 1987. Assim, em 1986, foi realizado o primeiro vestibular para a seleção dos estudantes que iriam cursar a Licenciatura em Matemática.

Com esta mudança da Habilitação para a Licenciatura, se tornou necessária a construção de uma nova grade curricular que favorecesse a formação dos futuros professores, ou seja, era necessário uma grade curricular mais específica. Neste sentido, foram realizadas reuniões com os professores do corpo docente da instituição de Dourados, na tentativa de criar uma grade que possibilitasse uma formação adequada para os futuros professores de Matemática que poderiam

ou não¹³⁷, auxiliar no desenvolvimento educacional da região e que considerasse as indicações do currículo mínimo.

Na tese de Martins-Salandim (2012) foram discutidas algumas informações sobre o currículo mínimo encontradas na revista Documenta¹³⁸. As disciplinas que se tornaram parte da grade do currículo mínimo, a partir de 1962, para os cursos de Licenciaturas Plena em Matemática foram escolhidas por meio da Lei Diretrizes e Bases 4024/61 e pelo Conselho Federal de Educação no Parecer 292/62. Assim, a criação do primeiro currículo mínimo para o curso de Licenciatura Plena em Matemática foi composta por oito disciplinas, sendo:

1. Desenho Geométrico e Geometria Descritiva
2. Fundamentos de Matemática Elementar
3. Física Geral
4. Cálculo Diferencial e Integral
5. Geometria Analítica
6. Álgebra
7. Cálculo Numérico
8. Matérias pedagógicas de acôrdo com o Parecer n.o 292
(CFE, DOCUMENTA 10, 1962 p.85-86, *apud* MARTINS-SALANDIM, 2012, p. 259)

Esse currículo mínimo foi proposto para auxiliar no desenvolvimento dos cursos de Licenciatura em Matemática do Brasil, sendo que 1/8 da carga horária total do curso foi destinada para a formação pedagógica que foi composta pelas disciplinas de Psicologia da Educação, Elementos de Administração Escolar, Didática e Prática de Ensino sob forma de Estágio Supervisionado.

Em virtude da grande quantidade de instituições públicas e privadas que oferecem o curso de Licenciatura em Matemática, a “padronização” do currículo possibilitou o trânsito de vários estudantes entre as universidades pelo país, pois todos os cursos de Licenciatura em Matemática do Brasil possuem, impreterivelmente, em sua grade curricular as disciplinas do currículo mínimo, diferenciando-se somente pelas disciplinas optativas escolhidas pelas instituições.

Nesse sentido, a construção da grade curricular do curso de Matemática de Dourados não fugiu da estrutura curricular proposta pelo Parecer 292/62. Dourados está localizado em uma

¹³⁷ Durante a realização da pesquisa, tive a oportunidade de conversar informalmente com várias pessoas. Muitos afirmaram que algumas pessoas que frequentaram e concluíram o curso de formação de professores de Matemática da UFMS- Campus de Dourados não seguiram a profissão. Atualmente estão trabalhando nos bancos, na polícia e muitos abriram suas próprias empresas.

¹³⁸ Uma revista que publicava atas, resoluções e decisões sobre a educação encontrada e analisada pela professora e pesquisadora doutora Maria Ednéia Martins-Salandim. Em Dourados encontrei a revista Documenta organizada pela UFMS, sendo utilizada como meio de publicação de atas, resoluções e Comunicação interna de todos os Campi da UFMS.

região marginal de Mato Grosso do Sul, e como o curso de Matemática já era oferecido na sede da UFMS de Campo Grande as mesmas grades curriculares foram utilizadas para o curso de Dourados.

Não foi diferente para os demais cursos que foram implantados posteriormente ao de Campo Grande. Sendo esta a cidade polo das demais instituições, havia influência direta¹³⁹ na orientação/estruturação dos cursos de Corumbá, Três Lagoas, Ponta Porã, Aquidauana, Paranaíba e Dourados, durante os anos em que faziam parte da UFMS¹⁴⁰.

O processo de construção da grade curricular do curso de Licenciatura em Matemática do campus de Dourados não era decidido somente pelos seus professores. Considerando que o curso de Licenciatura em Matemática estava implantado em vários campi da UFMS, que mobilizaram a mesma grade curricular, se tornou necessário um consenso entre os responsáveis de todos os campi nas tomadas de decisões referentes a essa grade.

Não era uma situação muito simples de se resolver, visto que cada grupo de professores buscava uma grade curricular que favorecesse seu campus. Em entrevista, Odival Faccenda, relatou em poucas palavras o quão era difícil decidir uma grade curricular que satisfizesse a todos:

[...] eu lembro que o currículo dos cursos da UFMS que eram homônimos¹⁴¹, todos tinham que ter o mesmo currículo. A briga era muito grande entre os campus da federal que queriam um currículo mais flexível para atender as necessidades do ensino básico. E Campo Grande não, eles queriam formar estudantes para fazer o mestrado. Então, essa polarização existia, pois, não podíamos fazer um currículo diferente, então as mudanças curriculares sempre eram uma guerra. E eu lembro que na época o coordenador mudou a estrutura curricular, onde se colocou muitas disciplinas básicas no currículo do primeiro ano, seguindo os conteúdos básicos do segundo grau, como Geometria, Fundamentos da Matemática, e no primeiro ano os alunos só viam os conteúdos básicos. Mas nós tivemos essa mudança por uma pressão nossa. E Três Lagoas, Corumbá se uniam com Campo Grande. Conseguiu mudar, mas foi por pouco tempo. Essa mudança ficou mais ou menos uns dois ou três anos, só que Campo Grande conseguiu reverter, e só que eles revertem e olha só o que eles fizeram, colocaram um currículo que deve estar até hoje, flexibilizaram o conteúdo, eles colocaram Fundamentos dentro do Cálculo. (Entrevista realizada em 25/11/2012)

¹³⁹ Como Campo Grande era sede da Reitoria da UFMS, as reuniões que aconteciam entre os campi para decidir alguns assuntos, por exemplo, a construção da grade curricular do curso de Matemática, as reuniões eram realizadas em Campo Grande fazendo-se presentes os campi de Corumbá, Dourados e Três Lagoas.

¹⁴⁰ Dentre todos os campi citados anteriormente, somente o campus de Dourados não continuou sendo UFMS, atualmente é intitulada como Universidade Federal da Grande Dourados- UFGD.

¹⁴¹ São cursos que possuem o mesmo nome, neste caso, a mesma grade curricular, aparados pela resolução Nº 010/84 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Faccenda também relata sua opinião sobre a grade curricular do curso e como eram realizadas as tomadas de decisões referentes à grade curricular, visto que, segundo a professora Ana Maria Sampaio Domingues, os professores realizavam reuniões entre o corpo docente existente na instituição para sugerir algumas disciplinas que poderiam ser ministrados como disciplinas optativas na instituição. Assim, os professores representantes de cada campus levantariam as sugestões já discutidas com o corpo docente de suas instituições e, na tentativa de decidir quais as disciplinas iriam compor a grade curricular do curso de Licenciatura em Matemática, todos os representantes se reuniam em Campo Grande,

As primeiras grades curriculares da graduação eram muito rígidas e não estariam atingindo o objetivo do curso, por isso foi levantada por Dourados e Corumbá que a grade deveria ser reformulada, pois existe uma grande diferença na composição do corpo docente das cidades de Campo Grande, Dourados, Corumbá e Três Lagoas. Sendo que Campo Grande e Três Lagoas possuíam mais mestres e doutores, em Corumbá e Dourados somente um mestre e graduados. Então, em nosso ponto de vista deveria haver uma reformulação na grade curricular do curso de Matemática de Corumbá e Dourados. Essas reuniões compostas por uma comissão de cada instituição, duravam algumas vezes o dia inteiro, mas essas reuniões pedagógicas eram que quase quinzenalmente, semanalmente, dependendo da semana. Eram realizadas em Campo Grande com essas condições, porque o curso era o mesmo. (Entrevista realizada com Ana Maria Sampaio Domingues em 05/11/2012)

As discussões entre os professores de cada campus da UFMS era em propor e decidir quais as disciplinas optativas contemplariam a grade curricular do curso de Matemática, pois as escolhas eram feitas de acordo com o corpo docente presente no campus. Neste sentido Luiz Antônio da Silva relata que:

Basicamente fazíamos uma estrutura curricular conforme a disponibilidade do corpo docente que tínhamos, a gente adaptou ao máximo a nossa realidade do quadro docente, mas, sem fugir do que havia na estrutura do curso de Campo Grande, pois nos serviu de modelo. Nas disciplinas optativas foram sendo moldadas conforme o corpo docente que a gente tinha lá na época. A grade curricular era construída com a ajuda de todos os professores e ao final sendo de comum acordo entre as instituições, mas, não com toda essa flexibilidade, com esse livre arbítrio para se fazer o que quisesse, porque tudo isso tem que ser aprovado. (Entrevista realizada em 08/04/2013)

Ana Maria Sampaio Domingues afirma que havia pouca autonomia do campus em propor uma grade curricular de acordo com o corpo docente existente, pois:

[...] as sugestões que nós dávamos eram quais as disciplinas optativas que nós iríamos oferecer em Dourados, pois algumas vezes nós não oferecíamos as mesmas disciplinas optativas que Campo Grande, mas as disciplinas obrigatórias elas eram as mesmas, tanto é que se o aluno fosse transferido de

Dourados para Campo Grande não tinha que fazer adaptação, pois a grade era uma só. (Entrevista realizada em 05/11/2012)

Durante as entrevista percebemos que não havia liberdade nas escolhas das disciplinas que iriam compor a grade curricular dos cursos de Matemática da FUFMS¹⁴². E observando a primeira grade do curso de Matemática da FUFMS, do campus de Campo Grande em 1981 e 1984, as disciplinas propostas são muito semelhantes à grade do curso de Ciências com Habilitação em Matemática de 1984 propostas para o campus de Dourados. Inicialmente, a primeira grade do curso de Matemática de Campo Grande era composta por disciplinas voltadas para um curso de Ciências com Habilitação em Matemática. Notamos que houve a implantação e a extinção de algumas disciplinas na área da Matemática, Biologia, Física, Química, Português e Metodologias de pesquisa no decorrer dos anos de 1981 a 1984 no curso de Licenciatura Matemática de Campo Grande.

Em relação às grades propostas ao curso de Licenciatura em Matemática, em Campo Grande em 1981 e em Dourados 1987, notamos que as disciplinas encontradas na grade curricular do curso de Dourados possuíam disciplinas comuns em relação ao de Campo Grande, mas eram constituídas basicamente pelas disciplinas do currículo mínimo. Além das disciplinas dispostas no currículo mínimo, a grade de disciplinas de Campo Grande era mais voltada para a Matemática, abordando outras disciplinas que não estavam presentes na grade curricular de Dourados, como: Matemática I e II, Espaços Métricos, Geometria Diferencial, Variáveis Complexas, Processamento de Dados, Método Matemático de Física, Biologia e Química.

A estrutura do curso de Matemática em Dourados foi aprovada pela Resolução N° 008/86 – Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da FUFMS, considerando os termos do Processo n° 10100/85:

[...]

Art. 2° - Aprovar a Estrutura Curricular, em anexo para o curso de Matemática, Licenciatura Plena, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Art. 3° - O curso de Matemática, Licenciatura Plena, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em respeito as normas superiores pertinentes a integralização curricular, obedecerá aos seguintes indicativos:

1. TEMPO ÚTIL:
 - 1.1 Tempo útil CFE: 2.200 horas
 - 1.2 Tempo útil UFMS: 2.565 horas
2. INTEGRALIZAÇÃO ANUAL:
 - 2.1 Limite mínimo: 03 anos

¹⁴² Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - FUFMS.

- 2.2 Limite máximo : 07 anos
3. INTEGRALIZAÇÃO SEMESTRAL:
- 3.1 Limite mínimo: 195 horas – 13 créditos
- 3.2 Limite máximo: 435 horas – 29 créditos. (p.1)

Em decorrência a esta resolução, segue abaixo a grade curricular utilizada pelo campus de Dourados em seu primeiro ano de funcionamento enquanto Licenciatura.

Tabela 11- Primeira grade curricular do curso de Licenciatura em Matemática

Disciplinas	Semestres								CRED.	C/H
	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII		
1-Complementar Obrigatória										
<i>1.1 Formação Geral</i>										
Comunicação e Expressão II	60	45	-	-	-	-	-	-	07	105
Introdução à Metodologia Científica	60	-	-	-	-	-	-	-	04	60
<i>1.2-Formação Profissional</i>										
Probabilidade e Estatística	-	-	-	-	-	60	-	-	04	60
Análise Real	-	-	-	-	-	-	90	-	06	90
Programador Linear	-	-	-	-	-	-	-	60	04	60
2-Obrigatórias por Legislação Especificas										
Estudo de Problemas Brasileiros	-	-	-	-	-	-	30	30	04	60
Educação Física I-II-III-IV	30	30	30	30	-	-	-	-	08	120
3 - Currículo Mínimo										
Desenho geométrico e Geometria Descritiva	-	-	-	-	-	-	90	-	06	90
Geometria I-II	-	-	-	-	-	60	60	-	08	120
História e Desenvolvimento da Matemática	-	-	-	60	-	-	-	-	04	60
Cálculo I-II-III	90	90	90	-	-	-	-	-	18	270
Equações Diferenciais	-	-	-	-	-	-	-	60	04	60
Vetores e Geometria Analítica	75	-	-	-	-	-	-	-	05	75
Álgebra I-II	-	-	-	90	90	-	-	-	12	180
Álgebra Linear	-	-	-	-	90	-	-	-	06	90
Introdução a Ciências da Computação	-	60	-	-	-	-	-	-	04	60
Cálculo Numérico	-	-	60	-	-	-	-	-	04	60
Física I-II	-	-	90	90	-	-	-	-	12	180
Laboratório da Física I-II	-	-	30	30	-	-	-	-	04	60
4 - Formação Pedagógico										
Psicologia da Educação I-II	-	60	45	-	-	-	-	-	07	105
Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau I	-	-	-	45	-	-	-	-	03	45
Estrutura e Funcionamento do Ensino de 2º Grau I	-	-	-	-	45	-	-	-	03	45
Didática I-II	-	-	-	-	45	45	-	-	06	90
Prática de Ensino de Matemática I-II (sob a formação de Estágio Supervisionado)	-	-	-	-	-	90	90	-	12	180
5 - Complementar Optativa										

Optativa	-	-	-	-	60	-	-	-	04	60
Optativa	-	-	-	-	-	60	-	-	04	60
Optativa	-	-	-	-	-	-	-	60	04	60
Optativa	-	-	-	-	-	-	-	60	04	60
Total									171	2565

FONTE: Centro de Documento da UFGD – Unidade I

As Grades curriculares que eram publicadas nas Resoluções ou nos Boletins de Serviço não especificavam quais eram as disciplinas optativas ministradas no curso de Licenciatura em Matemática do Campus de Dourados. No entanto, existia uma pequena lista de disciplinas que poderiam ser escolhidas como “Complementar Optativa” pelos professores que foi publicada em anexo à Resolução nº 008/86.

Tabela 12 - Lista das Disciplinas Optativas

Matérias	Disciplinas	HA	CR	Pré-requisitos
Matemática Pura	Variáveis Complexas	60	04	Cálculo III
	Espaços Métricos	60	04	Cálculo III
	Cálculo Avançado	60	04	Cálculo III
	Tópico de Álgebra	60	04	Álgebra II
	Geometria Diferencial	60	04	Cálculo III
	Álgebra	60	04	Álgebra II
Matemática Aplicada	Análise Numérica	60	04	Cálculo Numérico
	Pesquisa Operacional	60	04	Sem pré-requisito
	Estatística não Paramétrica	60	04	Probabilidade e Estatística
	Teoria da Amostragem	60	04	Probabilidade e Estatística
	Estatística Experimental	60	04	Probabilidade e Estatística
	Inferência Estatística	60	04	Probabilidade e Estatística
	Análise de Regressão	60	04	Probabilidade e Estatística
Física III	60	04	Física II e Laboratório de Física II	
Computação	Introdução a Linguagem Pascal	60	04	Introdução à Ciências da Computação
	Estrutura de Dados	60	04	Introdução à Ciências da Computação

	Programa Comercial	60	04	Introdução à Ciências da Computação
Matemática	Introdução à Teoria dos Números	60	04	Álgebra I
	Teoria dos Conjuntos	60	04	Sem pré-requisito
	Complemento de Matemática Elementar	60	04	Sem pré-requisito
	Tópicos de Geometria	60	04	Geometria I
Educação	Filosofia da Educação I	60	04	Sem pré-requisito
	Filosofia da Educação II	60	04	Filosofia da Educação I
	Filosofia da Educação III	60	04	Filosofia da Educação II
	Sociologia Geral	60	04	Sem pré-requisito
	Sociologia da Educação I	60	04	Sociologia Geral
	História da Educação I	60	04	Sem pré-requisito
	História da Educação II	60	04	História da Educação I

FONTE : Arquivo da COC – UFMS/Campo Grande

Dentre essas disciplinas acima descritas, os professores deveriam decidir por apenas quatro disciplinas, a cada turma, que iriam compor a grade curricular do curso.

Podemos destacar alterações significativas na grade curricular das Licenciaturas em Matemática - UFMS que ocorreram em 1990, a partir da reunião realizada nos dias 21 e 28 de novembro de 1989, através da Ata da 85ª reunião Ordinária do Conselho de Centro da Universidade de Dourados. Decidiu-se em conjunto pela semestralização das disciplinas oferecidas no curso. Uma das justificativas para essa mudança, segundo a Ata 85ª (1989):

Nova semestralização do curso de Matemática. A coordenação do Curso de Matemática encaminhou, a este conselho, nova semestralização para o curso de Matemática a partir de 1990, depois de ter sido aprovada pelo colegiado do curso. **A alteração da semestralização tem por objetivo resolver certos problemas de falta de base do 2º Grau.** A mesma foi aprovada por unanimidade. (p. 04, grifo nosso)

Em virtude dessa necessidade de melhorar a formação dos futuros professores de Matemática da FUFMS, tornando-se necessárias algumas alterações nas disposições e nas disciplinas ministradas, podemos observar a grade curricular anexada à Resolução nº 018/90 – CC/CEUD, 05 de janeiro de 1990:

Tabela 13 – A Primeira grade com disciplinas semestrais

Disciplinas		CH	CR	Pré-requisito
1º Semestre	Comunicação e Expressão I	60	04	Sem pré-requisito
	Introdução à Metodologia Científica	60	04	Sem pré-requisito
	Estudo de Problemas Brasileiros	30	02	Sem pré-requisito
	Educação Física I	30	02	Sem pré-requisito
	Geometria I	60	04	Sem pré-requisito
	Psicologia do Desenvolvimento	60	04	Sem pré-requisito
	Optativa (Complementos da Matemática Elementar)	60	04	Sem pré-requisito
	Total	360	24	
2º Semestre	Comunicação e expressão II	45	03	Comunicação e Expressão I
	Estudos de Problemas Brasileiros II	30	02	Sem pré-requisito
	Educação Física II	30	02	Sem pré-requisito
	Geometria II	60	04	Geometria I
	Cálculo I	90	06	Sem pré-requisito
	Vetores e Geometria Analítica	75	05	Sem pré-requisito
	Psicologia da Aprendizagem	45	03	Psicologia do Desenvolvimento
	Total	375	25	
3º semestre	Probabilidade e Estatística	60	04	Cálculo I
	Cálculo II	90	06	Cálculo I
	Álgebra	90	06	Sem pré-requisito
	Total	240	16	
4º semestre	Cálculo III	90	06	Cálculo II
	Álgebra II	90	06	Álgebra I
	Álgebra Linear	90	06	Vetores e Geometria Analítica
	Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Graus	60	04	Sem pré-requisito
	Total	330	22	
5º semestre	Análise Real	90	06	Cálculo II
	Equações Diferenciais	60	04	Cálculo II

	Física I	90	06	Sem pré-requisito
	Laboratório de Física I	30	02	Sem pré-requisito
	Fundamentos de Didática	75	05	Psicologia do Desenvolvimento
	Total	345	23	
6º semestre	Desenho Geométrico e Geometria Descritiva	90	06	Sem pré-requisito
	Introdução à Ciências da Computação	60	04	Sem pré-requisito
	Física II	90	06	Física I
	Laboratório de Física II	30	02	Laboratório de Física I
	Total	270	18	
7º semestre	Programação Linear	60	04	Álgebra Linear
	História e Desenvolvimento da Matemática	60	04	Sem pré-requisito
	Cálculo Numérico	60	04	Vetores e Geometria Analítica
	Prática de Ensino de Matemática I (sob a forma de estágio supervisionado)	90	06	Fundamentos da Didática
	Optativa	60	04	
	Total	330	22	
8º semestre	Prática de Ensino de Matemática II (sob a forma de Estágio Supervisionado)	90	06	Prática de Ensino de Matemática I (Sob a forma de Estágio Supervisionado)
	Optativa	60	04	
	Optativa	60	04	
	Total	210	14	
Total Geral		2460	164	

FONTE: Centro de documentação da COC- UFMS/ Campo Grande.

Outras mudanças ocorreram ainda no início da década de 1990 com o objetivo de solucionar algumas dificuldades encontradas na formação dos futuros professores em meados de 1992. Neste sentido, foi publicado no Boletim de Serviços no dia 22 de dezembro a nova grade curricular aprovada para o curso de Licenciatura Plena de Matemática dos campi do CCET, CEUC, CEUD e CEUL, pela a Resolução N° 099, de 18 de dezembro de 1992, que resolve:

[...] Art. 3º - O curso de Matemática – Licenciatura Plena em respeito às normas superiores pertinentes a integralização curricular obedecerá aos seguintes indicativos:

- 1- TEMPO ÚTIL:
 - 1.1 Tempo Útil CFE: 2.200 horas
 - 1.2 Tempo Útil UFMS: 2.794 horas
- 2- NÚMEROS DE ANOS:
 - 2.1 Mínimo UFMS: 4 anos
 - 2.2 Máximo CFE: 7 anos

Art. 4º - Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, com seus efeitos a partir do início do ano letivo de 1993, quando ficarão revogadas a Resolução nº 017/91 COEPE e demais disposições em contrário. (p. 1)

Então, a partir desta data (ano letivo de 1993) entra em vigor a nova grade curricular do curso de Licenciatura em Matemática em todos os campi da Fundação, com disciplinas anuais:

Tabela 14 - Grade Curricular utilizada a parti de 1993

Série	Disciplinas	D		Carga Horária		
		A	S	T	P	Total
1ª	Fundamentos de Calculo I	x		204		204
	Vetores e Geometria Analítica	x		136		136
	Fundamentos de Matemática Elementar	x		136		136
	Geometria	x		136		136
	SUBTOTAL					612
Série	Disciplinas	D		Carga Horária		
		A	S	T	P	Total
2ª	Fundamentos de Cálculo II	x		204		204
	Álgebra I	x		204		204
	Introdução a Álgebra Linear e Aplicações	x		136		136
	Introdução à Ciências da Computação	x		68		68
	Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Graus	x		80		80
	Estudos de Problemas Brasileiros	x		60		60
	SUBTOTAL					752
Série	Disciplinas	D		Carga Horária		
		A	S	T	P	Total
3ª	Cálculo Numérico	x		68		68
	Mecânica e Termodinâmica	x		204		204
	Fundamentos de Didática	x		80		80

	Análise Combinatória e Estatística	x		136		136
	Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem	x		80		80
	Educação Física	x			80	80
	Complementar Optativa	x				136
SUBTOTAL				784		
Série	Disciplinas	D		Carga Horária		
		A	S	T	P	Total
4 ^a	Introdução a Análise Real	x		136		204
	Desenho Geométrico e Geometria Descritiva	x		102		102
	Prática de Ensino em Matemática no 1º e 2º Graus (sob forma de Estágio Supervisionado)	x		68	136	204
	Trabalho de Conclusão de Curso	x			60	
	Complementar Optativa	x				136
	SUBTOTAL				646	
TOTAL GERAL				2.794		

FONTE: Centro de documentação da COC- UFMS/ Campo Grande.

As grades curriculares dispostas durante o desenvolvimento de nossa análise possibilitou observar a semelhança entre as disciplinas e suas disposições desde a sua criação. As mudanças mais significativas que ocorreram na grade curricular foram em relação às disposições das disciplinas: semestrais ou anuais. Na tentativa de compor uma grade que melhor auxiliasse na formação dos futuros professores de matemática no estado de Mato Grosso do Sul, as alterações foram realizadas em decisões de comum acordo entre os docentes.

Em relação às mudanças que ocorreram na grade curricular do curso de Licenciatura em Matemática do campus de Dourados em 1990, comparativamente com a primeira grade implantada, diferencia-se basicamente três disciplinas pedagógicas: Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia da Aprendizagem e Fundamentos da Didática, essas disciplinas estão presentes na grade curricular de 1990.

Em respeito às normas superiores pertinentes à integralização curricular dos cursos de Licenciatura em Matemática dos campi da FUFMS, uma nova alteração na grade foi implantada para o ano letivo de 1993, sendo aprovada no ano anterior. As mudanças apresentadas nas grades curriculares tinham como objetivo a integralização da grade e tornar as disciplinas semestrais em

anuais, pois a composição das disciplinas nos campi foram as mesmas, após a mudança realizada em 1992, alterando somente as disposições das disciplinas na grade curricular do curso.

5. A MIGRAÇÃO COMO EIXO CONDUTOR: O NASCIMENTO DE UM CURSO DE MATEMÁTICA

Algumas considerações: migrantes e estabelecidos na estruturação de um curso de Matemática.

O rápido crescimento populacional em algumas regiões pode ser explicado pelo processo migratório que atinge grande parte do Brasil e do mundo. Essa movimentação da população para um local distinto de sua cidade natal, o torna migrante. Segundo Souza (1980), a “migração interna” é “um processo social resultante de mudanças estruturais de um determinado país, que provocam o deslocamento horizontal de pessoas de todas as classes sociais, que, por razões diversas, deixam o seu município de nascimento”.

Esse fluxo populacional pode ser observado a partir da variação da evolução do número de migrantes no Brasil apresentado na tabela abaixo.

Tabela 15 - Evolução do número de migrantes no Brasil 1940/1980

Década	Migração interna (milhões)	População brasileira (milhões)	Migração interna população brasileira (%)
1940	3,4	41.165.289	8,5
1950	5,2	51.941767	10,3
1960	12,5	70.070.457	18,2
1970	49,5	93.139.037	31,7
1980	40,0	119.070.865	33,6

FONTE: SANTOS, R.B. As migrações no Brasil. São Paulo: Scipione. 1997.

Desde a década de 1940, o Brasil registrava uma considerável taxa migratória interna. Com o passar do tempo, esse movimento se intensificou em várias regiões do país, impulsionado por distintas razões. De acordo com Souza (1980) e Amorim (2012) podemos classificá-las em cinco tipos: razões sociais, culturais, políticas, econômicas ou familiares.

Notamos que grande parte da migração que ocorre dentro do Brasil é impulsionada pelo processo migratório econômico. Trata-se de uma população determinada em buscar melhores

condições de vida e que, composta em sua maioria por jovens adultos, se coloca em movimento por uma possibilidade de conseguir o sustento financeiro.

Em meados de 1930 a 1945, período do primeiro mandato de Getúlio Vargas, o Brasil sofreu mudanças significativas no contexto socioeconômico. Devido à grande extensão territorial do país, Getúlio Vargas buscou solucionar os “vazios” populacionais das regiões norte e centro-oeste incentivando o deslocamento da população mais carente e/ou produtores rurais que, em sua maioria, eram advindos da região sul e sudeste, para desbravar e povoar as regiões interioranas do país. O governo ofertou terras férteis e baratas para atrair uma maior massa populacional que se fixasse no interior do país, povoando as fronteiras secas e, assim, contribuindo com a movimentação financeira e produtora de grãos. Esse movimento de deslocamento e incentivo à migração interna para as regiões centro-oeste e norte do país ficou conhecido como a Marcha para o Oeste.

Figura 13 - Migração interna no Brasil

1940/1950

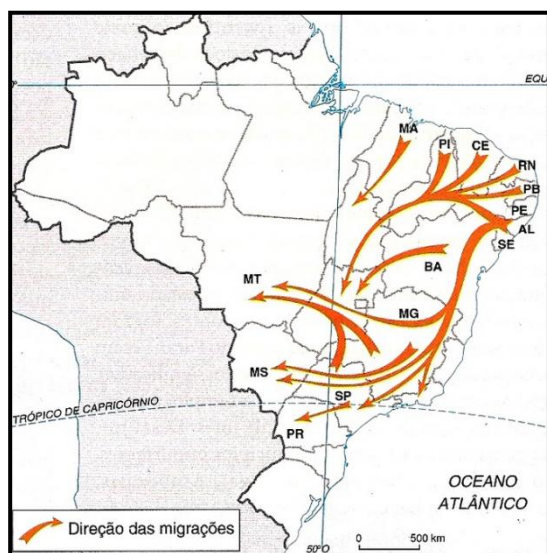
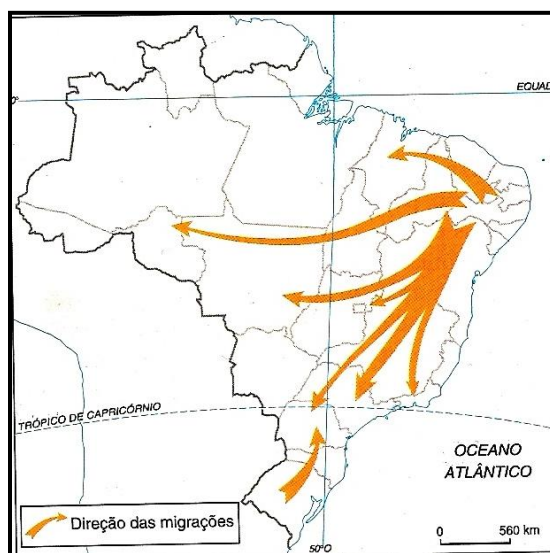


Figura 14 - Migração interna no Brasil
1950/1960



FONTE: <http://marcosbau.com.br/geobrasil-2/imigracao-e-migracao-no-brasil/>

Figura 135 - Migração interna no Brasil 1970/1980



FONTE: http://www.unificado.com.br/novo/vestibularzh/PC_1-8-12.pdf

Nos mapas acima podemos observar o fluxo migratório nas regiões do Brasil. A região Centro-Oeste recebeu um grande massa populacional advinda das regiões nordeste e sudeste do país. Esse fluxo foi impulsionado por incentivo financeiro oferecido pelo governo, na tentativa de povoar a região de fronteira seca, razão já ressaltada anteriormente quando discutido o movimento migratório de modo geral. Segundo Santos (1997) um dos incentivos foi a:

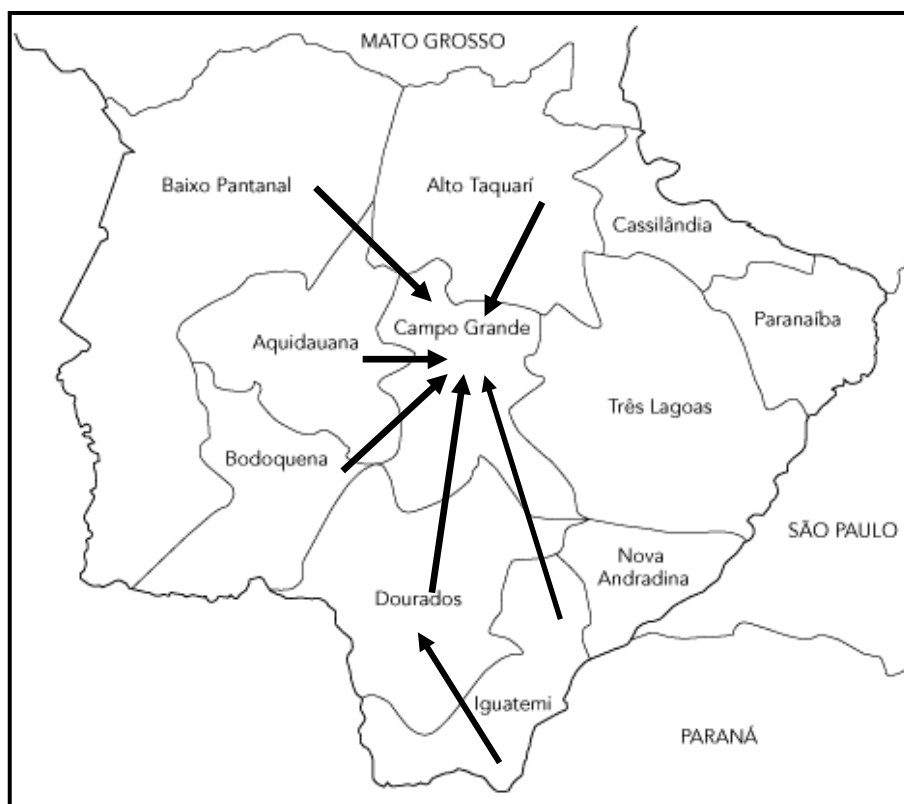
[...] doação de terras, de sementes, assistência técnica, facilidades para a obtenção de financiamentos bancários, etc. Criam-se, assim, as chamadas **frentes de expansão**. Os imigrantes que se deslocam para essas áreas novas funcionam como “desbravadores”, desencadeadores das transformações econômicas pretendidas, após o que novos grupos tenderão a deslocar-se “espontaneamente” para esses lugares. (p.53)

Nesse sentido, essas terras se tornaram atração para empresas ou grandes produtores, que almejavam a posse desses terrenos que foram “desbravados” pela população migrante em busca por melhores condições financeiras. Em qualquer tempo havia a possibilidade de desalojar esses primeiros desbravadores, colocando-os novamente em movimento e encaminhando as terras já cuidadas para novos tipos de migrantes. Ibid (1997) observa que a

[...] migração interna é ativada pela expulsão dos pequenos produtores agrícolas, provocado pela grande concentração da propriedade de terra ocorrida no Brasil. Concomitantemente, há, também, grande retalhamento da pequena propriedade. Parece contraditório, mas não é. Ao mesmo tempo em que diminui o número de grandes propriedades, como o aumento da quantidade de terras em menos mãos, a pequena propriedade tornou-se cada vez menor. (p.51)

Devido a essa concentração de propriedades, a modernização da produção agroindustrial em meados de 1980, e por serem expulsos de suas propriedades, muitos migraram para os centros urbanos (êxodo rural) na tentativa de conseguir um emprego. Assim, a quantidade de migrantes que procuravam terras férteis e baratas diminuiu, e a busca por uma oportunidade de emprego nos centros urbanos aumentou nas décadas seguintes.

Figura 146 - Principais Fluxos de Migração Intraestadual em Mato Grosso do Sul 1980/1991



FONTE: CUNHA, J.M.P. da. A Migração no Centro-Oeste Brasileiro no Período 1970/1996: o esgotamento de um Processo de Ocupação. Campinas: Núcleo de estudos de ocupação/ UNICAMP. 2002.

Esse processo de migração para os centros urbanos resultou em uma maior procura por saúde, alimentação e educação. Por causa do rápido aumento populacional dos centros urbanos, os governantes não estavam preparados para oferecerem os serviços solicitados pela sociedade. Outro fator que não colaborava para resolver a situação em que o estado se encontrava era a qualificação da população, a maioria possuía baixo índice de escolaridade.

Desta forma, a população da região da Grande Dourados não tinha um quantitativo/qualitativo que pudesse assumir a responsabilidade pela formação dos novos profissionais, visto que já existia uma escassez de professores para lecionar no ensino básico. Assim, seria impossível desenvolver qualquer curso em nível superior utilizando somente a mão de obra existente na região. Neste sentido, o processo migratório vem ao encontro da formação de novos profissionais, trazendo para a Grande Dourados pessoas com formação em nível superior específica, advindos de distintas regiões do Brasil, e possibilitando a criação e o desenvolvimento do curso de Matemática aqui estudado.

Analisando o corpo docente do curso de Ciências com Habilitação em Matemática que foi implantado em 1984 e, posteriormente, em 1987 o curso de Licenciatura Plena em Matemática, a presença de professores advindos de outras regiões era significativa. Durante os dez anos de estudo do primeiro curso de formação de professores de Matemática de Dourados, apenas dois dos professores pertencentes ao corpo docente eram naturais de Dourados, os demais (ressaltando um fluxo secundário não aparente dos mapas apresentados anteriormente) eram de São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio Janeiro, mais especificamente das instituições: Universidade do Estado da Guanabara, Faculdade de Filosofia de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Federal de Santa Maria e Faculdade Porto Alegrense de Educação de Ciências e Letras.

A urgência de um curso de formação de professores em Dourados traz consigo a emergência que já vem sendo apontada em algumas pesquisas do GHOEM e do HEMEP. Um indicativo desse quadro é o caso particular da contratação dos professores concursados para o Ensino Básico, Abramo Loro Neto (graduado em Física) e Ana Maria Sampaio Domingues (graduada em Matemática), que foram convidados e tiveram sua contratação alterada para professores titulares do antigo Centro Pedagógico da cidade. Essa mudança de nível básico para o nível superior foi uma iniciativa tomada pelo prefeito de Dourados, na tentativa de compor de forma rápida um corpo docente qualificado a exercer o papel de formadores de futuros professores. Visto que, no estado havia uma escassez de professores com nível superior em distintas áreas de conhecimento. Esses professores, Abramo e Ana também são migrantes, a contratação desses professores foi alvo de crítica de docentes concursados posteriormente.

A maioria dos professores que fez parte do corpo docente do curso de Matemática dos períodos de 1984 a 1993 concordou em deixar registrado seu depoimento sobre sua passagem na instituição, no período em que atuou no curso de Matemática. Esses professores relataram a grande dificuldade em permanecer na instituição devido à falta de infraestrutura no município, o

que, por um lado, provocou uma instabilidade no corpo docente por conta da migração de docentes para a capital do estado e, por outro, contribuiu para a formação de um núcleo interessado em estruturar e colaborar para com a formação de professores de matemática.

Na região marginal de Mato Grosso que viria a ganhar força, desmembrar-se e se estabelecer como Mato Grosso do Sul, novos centros e novas margens se colocam a cada tema eleito. No que se refere à educação e infraestrutura urbana, Campo Grande se destaca e busca se impor. Especificamente quanto à formação de professores de matemática, é evidente a busca por padronizar os cursos do interior segundo os princípios e marcas do curso da capital. Desse modo, os vestígios de resistência encontrados nos depoimentos aqui construídos delineiam uma postura política de fortalecimento de uma região marginal, mas que, aos olhos da população das outras cidades que ajudam a compor a Grande Dourados, tinha papel central.

Apesar dessa postura política influenciar em mudanças significativas na formação de professores de matemática em Dourados, ainda existia uma maior concentração de mestres e/ou doutores no campus de Campo Grande. Essa caracterização, muito reforçada por alguns depoimentos, além de caracterizar a direção de um fluxo migratório que afetava diretamente a educação no interior de Mato Grosso do Sul, ressalta a conquista (de um grupo de docentes composto por graduados e por um único mestre) do reconhecimento do MEC em suas avaliações para catalogar o desenvolvimento dos cursos oferecidos na instituição.

A própria postura historiográfica assumida neste trabalho - que nos leva a perceber que mediante os “mesmos” estímulos elaboramos construções diferentes por sermos atravessados por nossa subjetividade, nossas experiências de vida - nos permite entender que o esforço da FUFMS em padronizar o currículo dos cursos de formação de professores de Matemática não resultou, necessariamente, na padronização da formação que efetivamente ocorria. Os objetivos e ênfases de formação (de um professor para o ensino básico, ou de um pesquisador), as metodologias de ensino (responsáveis por colocar o aluno não somente frente a uma situação de aprendizagem do conteúdo, mas de um modo de ver e ensinar o conteúdo), entre outros fatores, diferenciam os cursos oferecidos em cada campus. Essas singularidades evidenciadas nas textualizações, dão pistas ao leitor de que a formação inicial desse corpo docente (maioria composta por graduados em diferentes instituições e estados do país) traz suas marcas para a formação de professores de matemática em Dourados e justifica a migração como um eixo possível para articular as temáticas exploradas neste trabalho.

Desta forma, pudemos construir uma versão histórica plausível sobre o processo de formação de professores do primeiro curso de Matemática em Dourados, oferecido pela UFMS. Nesse sentido, buscamos compreender as movimentações políticas, sociais e econômicas que influenciaram a implantação deste curso. Observamos que a migração ocorrida em meados de 1960, auge do aumento populacional no sul do estado de Mato Grosso, influenciou diretamente as mudanças na infraestrutura do estado, em particular na educação. Com o aumento de crianças, o município de Dourados teve que ampliar seu ensino básico.

A tarefa de criar novas escolas não seria o único problema que o estado deveria resolver, além disso, deveria solucionar a falta de professores em diferentes áreas. O governo buscou sanar a escassez de professores com a implantação de Centros Pedagógicos em Dourados, oferecendo curso em nível superior, inicialmente, os cursos de Letras e Estudos Sociais. Com o passar do tempo, novos cursos foram implantados e nota-se que o corpo docente responsável pela formação dos futuros professores em Mato Grosso do Sul era formado por professores concursados que vieram de outros estados, professores migrantes.

O curso de Matemática foi implantado como Habilitação no curso de Ciências e, posteriormente, em 1987 foi implantada a Licenciatura Plena em Matemática. O curso sofre várias mudanças no corpo docente e em sua grade curricular durante os seus quase trinta anos de existência.

A migração teve um papel muito importante para o desenvolvimento da região da Grande Dourados e, principalmente, foi uma das responsáveis pelos avanços adquiridos na educação básica e no nível superior.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **História: a arte de inventar o passado - Ensaio de teoria da história**. 1. ed. Bauru: EDUSC, 2007. v. 1000. 254 p.

AMORIM, C. **Migração**. 2012. Disponível em: http://www.unificado.com.br/novo/vestibularzh/PC_1-8-12.pdf. Acessado em: 12 de dezembro de 2013.

BARROS, J.D. **Espaço e Tempo – Territórios do Historiador**. Disponível em: http://www.arq.ufsc.br/urbanismo5/artigos/artigos_bja.pdf. Acesso em: 28 de dezembro de 2012.

BITTAR, M. **Mato Grosso do Sul a construção de um estado: Regionalismo e divisionismo no sul de Mato Grosso**. Campo grande: UFMS.V.1. 2009.b.

BITTAR, M. **Mato Grosso do Sul a construção de um estado: Poder político e elites dirigentes sul-mato-grossense**. Campo grande: UFMS.V.2. 2009.a.

BLOCH, M. **Apologia da História ou O ofício de Historiador**. Tradução: André Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOLÍVAR, A.; DOMINGO, J.; FERNÁNDEZ, M. **La investigación biográfico-narrativa em educación: enfoque y metodología**. Madrid, La Muralla, 2002.

BRASIL. **PROJETO DE CRIAÇÃO E IMPLANTAÇÃO**: Aprovado pelo Conselho de Campus do Campus de Dourados da UFMS Resolução nº 261/03-CC/CPDO de 22/08/2003 e alterado pela Resolução nº 100-CC/CPDO de 27/05/2004. 2004. Disponível em: <http://www.ufgd.edu.br/sobre/projeto-criacao-ufgd.pdf>. Acesso em: 10 de dezembro de 2012.

CAMPESTRINI, H.; GUIMARÃES, A.V. **História de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Gráfica e Papelaria Brasília Ltda. 1995.

CARLI, M.A.F. **Dourados e a democratização da terra: povoamento da Colônia Agrícola Municipal de Dourados (1946-1956)**. Dourados: Editora da UFGD. 2008.

CARVALHO, R.C.de. **As migrações nas cidades médias de Minas Gerais e seus impactos no crescimento e na composição por sexo e idade da população no período 1980-2010**. Disponível em: www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/AMSA-96PJ7Q/disserta_o_rodrigo_coelho_de_carvalho.pdf?sequence=1. Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional Faculdade de Ciências Econômicas – UFMG. Acessado em: 13 de dezembro de 2013.

CRIPPA, G.; SOUZA, W.E.R.de. **Limites e Contribuições da História Oral: A Memória e a História nas Interseções Entre o Individual e o Coletivo**. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum23_dos06_souza-crippa.pdf. Acesso em: 15 de dezembro de 2012.

CUNHA, J.M.P da. **A Migração no Centro-Oeste Brasileiro no período 1970-90: o esgotamento de um processo de ocupação.** Campinas : Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, 2002.

CURY, F. G. **Uma narrativa sobre a formação de professores de Matemática em Goiás.** Rio Claro, 2007. 201f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro(SP), 2007.

CURY, F. G. **Uma Formação de Professores de Matemática e das Instituições Formadoras do Estado do Tocantins.** Rio Claro, 2011. 201f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro(SP), 2011.

DELGADO, L. de A. N. **História oral: memória, tempos, identidades.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DOCUMENTA. **Mato Grosso do Sul: Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, V. 13, mar./1986.**

Encontro de professores dos Cursos de Licenciatura e de Disciplinas comuns aos Cursos de Graduação da UFMS, 1984. Relatório Geral. Campo Grande-MS, UFMS/imprensa Universitária. P.118. 1985.

FERNANDES, D.N. **Sobre A Formação do Professor de Matemática no Maranhão: Cartas para uma Cartografia Possível.** Rio Claro, 2011. 289f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro(SP), 2011.

FERNANDES, D.N.; MARTINS-SALANDIM, M.E.; GARNICA, A.V.M. **A Formação de Professores de Matemática no Brasil: de temas possíveis e do tratamento da periodização na produção de um grupo de pesquisa.** Disponível em: http://www.apm.pt/files/177852_c50_4dd7a32ef0676.pdf. Acessado em: 8 de agosto de 2012.

FERREIRA. E.F. **Licenciatura de Curta Duração: Solução Emergencial ou Definitiva?.** 1983. Disponível em: http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/3/licenciatura_de_curta_duracao.pdf. Acessado em: 09/12/2013.

GARNICA, A.V.M. **História Oral e Educação Matemática: do inventário à regulação.** ZETETIKÉ, Campinas, v.11, n.19, p. 9-55, 2003.

_____. **A História Oral como recurso para a pesquisa em Educação Matemática: um estudo do caso brasileiro.** 2005. Disponível em http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/fdm/estudos_de_caso.htm. Acesso em 19 de outubro de 2012.

_____. **História Oral e Educação Matemática: um inventário.** Revista Pesquisa Qualitativa. Bauru, SP: Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos. Ano 2. n°1.2006.

_____. **Presentificando ausências: a formação e atuação dos professores de Matemática.** 2010. Disponível em:<

http://www.fae.ufmg.br/endipe/livros/Livro_5.PDF> acessado em: 3 de abril de 2013.

_____. **Para uma concepção de História e Historiografia.** 2010. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/MATEMATICA/Artigo_Vicente7.pdf. Acesso em: 29 de novembro de 2012.

GARNICA, A.V.M.; BORBA, M. **A Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática.** Disponível em: http://www.rc.unesp.br/gpimem/downloads/artigos/borba/borba-minicurso_a-pesquisa-qualitativa-em-em.pdf. Acesso em: 15 de dezembro de 2012.

GARNICA, A.V.M.; SOUZA, L.A. de. **Elementos de História da Educação Matemática.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GRESSLER, L.A.; SWENSSON, L.J. **Aspctos Históricos do Povoamento e da Colonização do estado de Mato Grosso do Sul:** Destaque especial ao município de Dourados. Estado: L.A. Gressler, 1988.

HILDEBRANDO, C.; GUIMARÃES, A.V.; **História de Mato Grosso do Sul.** Campo Grande: Brasília Ltda. 1995.

MARTINS-SALANDIM, M.E. **A Interiorização dos cursos de Matemática no Estado de São Paulo:** um Exame da Década de 1960. Rio Claro, 2012. 379f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2012.

MATO GROSSO. **Relatório da Universidade Estadual de Mato Grosso:** Centro Pedagógico de Dourados. Dourados/MT. Centro de Documentação Regional. p.11. 1966.

_____. **Relatório do Centro Pedagógico de Dourados.** Dispõe sobre a descrição do Centro Pedagógico de Dourados, sendo propriedade da Universidade Estadual de Mato Grosso. Dourados, p.7, 1973.

MATO GROSSO DO SUL. **Boletim.** Nº 42, de 27 de setembro a 03 de outubro de 1982. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, p.1, 1983.

_____. **Resolução nº 050, de 22 de setembro de 1983.** Dispõe sobre o pronunciamento favorável pelo oferecimento da Habilitação em Matemática no curso de Ciências do Centro Universitário de Dourados. Campo Grande, p.1, 1983.

_____. **Resolução nº 074, de 19 de novembro de 1985.** Dispõe sobre o anúncio favorável pela extinção do Curso de Ciências com Habilitação em Matemática no Centro Universitário de Dourados, a partir de 1987. Pronunciando-se favorável pela implantação do curso de Licenciatura plena em matemática a partir de 1987. Processo 6694/85. Campo Grande, p.1, 1985.

_____. **Resolução nº 007, de 20 de janeiro de 1986.** Dispõe sobre a unificação dos ementários das disciplinas comuns na estrutura curricular dos diversos cursos da UFMS, visando à racionalização dos meios existentes e dos recursos humanos disponíveis na instituição. Campo Grande, p.2, 1986.

_____. **Resolução nº 008, de 20 de janeiro de 1986.** Dispõe sobre a aprovação da estrutura curricular dos cursos de Licenciatura Plena em Matemática da Universidade federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, p.2, 1986.

_____. Ministério da Educação. **Perfil das Instituições de Ensino Superior de Mato Grosso do Sul.** Delegacia do MEC. p.31.1987.

_____. **Ata nº 53, de 21 e 28 de novembro de 1989.** Dispõe sobre nova semestralização da estrutura curricular dos cursos de Licenciatura Plena em Matemática da Universidade federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, p.7, 1989.

_____. **Resolução nº 018, de 05 de fevereiro de 1990.** Dispõe sobre a aprovação da semestralização da estrutura curricular dos cursos de Licenciatura Plena em Matemática do Centro Universitário de Dourados. Dourados, p.1, 1990.

_____. **Resolução nº 099, de 18 de dezembro de 1992.** Dispõe sobre a aprovação da nova estrutura curricular dos cursos de Licenciatura Plena em Matemática da Universidade federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, p.1, 1992.

MEIHY, J.C.S.B., **Manual de História Oral.** São Paulo: Loyola, 2005.

MEIHY, J.C.S.B.; HOLANDA, F. **História Oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Contexto. 2011.

MIGUEL, A.; MIORIM, M. A. **História na Educação Matemática.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004

MORO, N.D. **TRABALHADORES MIGRANTES E TRABALHADORES LOCAIS: a questão dos discursos sobre o “outro ” no sul de mato grosso nas décadas de 1960-1970.** Projeto História, São Paulo, n.33, p. 351-363, dez. 2006.

Tratamento da Periodização na Produção de um Grupo de Pesquisa. Disponível em: http://www.apm.pt/files/177852_C50_4dd7a32ef0676.pdf. Acesso em: 14 de dezembro de 2012.

O que tem sido a formação inicial dos professores de Matemática. Cap. 3. p. 1-41. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde.../capitulo3.pdf. Acesso em: 11 de abril de 2013.

PAVÃO, E. S. da. **Formação, Estrutura e Dinâmica da Economia do Mato Grosso do Sul no Contexto das Transformações da Economia Brasileira.** 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/102209/225391.pdf?sequence=1>. Acessado em: 02 de Dezembro de 2013.

PONTE, J.P.da. **A vertente profissional da formação inicial de professores de matemática.** SBM: Educação Matemática em Revista, Nº 11A, pp. 3-8. (revista da Sociedade Brasileira de Educação Matemática). 2002.

RIBEIRO, O. **Três décadas de separação: A divisão de Mato Grosso ainda não apagou todos os traços da história das duas regiões separadas há 32 anos.** 2009. Disponível em: <http://www.rdmonline.com.br/TNX/conteudo.php?sid=45&cid=825>. Acessado em: 12 de agosto de 2012.

SANTOS, R.B. **As migrações no Brasil.** São Paulo: Scipione. p.69. 1997.

SAVIANI, D. **Breves Considerações sobre Fontes para A História da Educação.** Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/22e/art5_22e.pdf. Acesso em: 27 de dezembro 2012.

SILVA, W.A.da. **Mato Grosso do Sul: imigração e cultura regional.** Disponível em: <http://www.geomundo.com.br/mato-grosso-do-sul-50122.htm>. 2006. Acessa em: 14 de dezembro de 2012.

SOUZA, I. **Migrações internas no Brasil.** Vozes: Petrópolis/RJ. 1980.

SOUZA, L. A. de. **Trilhas na construção de versões históricas sobre um grupo escolar.** Rio Claro, 2011. 420 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2011.

SOUZA, L.A; FERNANDES, D.N.; MARTINS-SALANDIM, E.M. **História Oral em Educação Matemática:** contribuições para um referencial metodológico. Disponível em:http://www.editora.ufrj.br/revistas/humanasesociais/rch/rch32_n2/4_ci%20hum%20e%20soc%20v32%20n2%20Historia%20oral%20em%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 10 de Dezembro de 2012.

VALENTE, W.R.. **História da educação Matemática:** Considerações sobre suas Potencialidades na Formação do Professor de Matemática. Bolema, Rio Claro (SP), v. 23, nº 35A, p. 123 a 136, 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/bolema/article/viewFile/3735/3145>. Acesso em: 12 de dezembro de 2012.

Sites acessados:

www.ghoem.com. Última consulta em 14 de Dezembro de 2013.

www.ufgd.edu.br. Última consulta em 05 de Janeiro de 2014.

www.uems.br. Última consulta em 29 de Outubro de 2013.

www.ufms.br. Última consulta em 20 de Dezembro de 2013.

www.rc.unesp.br. Última consulta em 07 de Janeiro de 2014.

APÊNDICE

A - Roteiro da entrevista

Entrevista realizada em ___/___/___

Peça a professora para se apresentar: nome completo e data de nascimento

1. Professor fale um pouco sobre sua formação

- o que levou a fazer o curso
- onde se formou
- quando iniciou/terminou
- como foi sua formação

2. Fale um pouco do seu vínculo com a Universidade

- o que levou a vir a Dourados
- como se deu o vínculo
- início / término

3. Regência e participação (fala um pouco sobre suas atividades dentro do curso de Matemática da UFMS)

- início / término
- disciplinas lecionadas
- as instalações (sala de informática, os equipamentos utilizados durante as aulas, biblioteca)
- já lecionou? Onde(lugar)? Durante quanto tempo.
- a grade curricular onde se formou ou lecionou influenciou em qualquer aspecto a grade da FUFMS?

4. Como e por que foi implementado a Habilitação em Matemática

- como era estruturada
- quem eram os professores envolvidos
- como era a grade curricular
- como era a procura
- antes da habilitação onde eram formados os professores de Matemática do ensino básico de Dourados

5. Mudança dentro do curso em relação à habilitação e licenciatura

- como se encontrava o ambiente político na época da mudança
- como se deu o processo de passagem do curso de ciências com habilitação para a licenciatura em Matemática?
- quem estava envolvido?
- que desafios enfrentaram na elaboração do currículo, do projeto pedagógico e da formação do grupo de professores?

6. Conte como foi organizado o curso de Matemática

- período do curso
- grade currículo (quem pensou em estruturar a grade do curso, de onde essas pessoas vieram, você notou alguma influencia do lugar que essas pessoas se formaram na elaboração da grade curricular)
- o currículo mínimo teve alguma relação para a elaboração do currículo do curso
- divisão de carga horária
- livros adotados
- Existia alguma relação com o curso de Campo Grande
- como era o estágio da habilitação e da licenciatura

7. Fale um pouco como era o ambiente dentro do curso de Matemática

- relação entre os professores
- relação entre os alunos
- relação entre alunos e professores
- existia monitoria para os alunos
- como era a procura pelo curso?
- os alunos entravam com muitas dificuldades?
- Índice de evasão

8. Comente um pouco sobre o ambiente externo e interno em relação ao curso de Matemática

- em relação aos alunos que se formaram, eles atendiam a demanda de professores de Matemática da região?
- como era o cenário político da região, isso afetou a criação e o desenvolvimento do curso?
- o curso teve alguma influencia política?

B - Unidades de Significado

Corpo Docente	
Manzine	<ul style="list-style-type: none"> - Oriundo da família Manzine da cidade de Matão, interior do estado de São Paulo. - Fez Licenciatura em Matemática em 1973 pela Faculdade de Filosofia de Ciências e Letras de Araraquara. - Veio ao sul de Mato Grosso para prestar concurso, devido ao incentivo de amigos que já haviam se mudado para o estado. - Ressalta nomes de colegas de trabalho no curso de Matemática em Dourados: Odival Faccenda (seu referencial como professor), Valdir Brasil, Edmir Ribeiro Terra, Odailton José da Cruz, Luiz Antonio da Silva, Arno Langue, Vera Faria e a Ana Maria Sampaio Domingues. - Considera que a maioria dos professores na faculdade em Dourados é de fora do estado, e que o processo de migração para Mato Grosso do Sul ainda é constante, principalmente dos estados de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.
Abramo	<ul style="list-style-type: none"> - Nasceu em Três de Maio no Rio Grande do Sul, em 14 de agosto de 1945. - Iniciou seus estudos em Escola Normal Rural no interior do município de Três de Maio. Fez o ginásio e foi servir o exército em 1964. Depois, cursou o curso científico no colégio CEFET de Arajú, em Santo Ângelo Rio Grande do Sul. - Em 1970, fez o curso de física na Universidade Federal de Santa Maria. - Participou de diversos projetos Rondon em Boa Vista- Roraima, prestando serviço na área de Educação, pois a universidade Federal

	<p>de Santa Maria tinha um campus avançado neste estado.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Em Dourados, começou a trabalhar no ensino do primeiro ao segundo grau, em 1974, no Colégio Estadual João Paulo dos Reis Veloso. Lecionou disciplinas como física, química e, no primeiro e segundo graus, de Matemática. - Afirma que, com a criação dos cursos superiores, vieram professores de vários estados do Brasil, como São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Minas Gerais. - Considera que os professores migrantes trouxeram uma bagagem de distintas universidades, contribuindo para uma diversidade cultural e de conhecimentos muito boa. - Lembra-se dos professores do tempo do curso de Ciência com Habilitação em Matemática: Ana Maria Sampaio Domingues, Vera Messias Faria Neto e Arno Lange. - Veio com a família para Dourados com a expectativa de encontrar as terras que muitas pessoas diziam ser férteis e baratas. - A grande região de Dourados era inexplorada, havia a pecuária na região, mas a agricultura só existia nas colônias, nas terras de mata. - Muita gente que possuía somente o segundo grau, estava dando aulas de química, física, Matemática e de português, pois não havia professores na região. Afirma que até em Campo Grande não havia profissionais qualificados.
Faccenda	<ul style="list-style-type: none"> - Nasceu em Sarandi- RS. - Fez graduação em Licenciatura Plena em Matemática pela Faculdade de Educação Ciências e Letras em Porto Alegre de 1974 a 1978. - Em 1979 ingressou no mestrado em Estatística na UNICAMP.

	<ul style="list-style-type: none"> - De 1993 a 1996 fez doutorado em Engenharia Agrícola na UNESP de Botucatu . - Em 2010 fez pós-doutorado em Educação pela UNICAMP. - Trabalhou na educação básica por seis anos em Porto Alegre (escolas públicas e particulares). - Lecionou nos cursos de graduação na Universidade Regional Integrada de Erechim – URI por seis anos, coordenando um projeto de nível nacional, envolvendo técnicas de ensino e aprendizagem em Matemática para auxiliar os futuros professores e os professores de todas as escolas próximas ao município de Erechim. - Considera ter assumido um papel de liderança dentro do grupo de professores a partir de 1988. - Como a URI não aceitou seu afastamento para estudos, optou pro prestar concurso no estado de Mato Grosso do Sul para a UFMS.
Ana Maria	<ul style="list-style-type: none"> - Nasceu em Carangolas, no estado de Minas Gerais em janeiro de 1949. - Sempre estudou na cidade do Rio de Janeiro, tendo feito faculdade (concluiu em 1971) na antiga universidade do Estado da Guanabara no curso de Licenciatura Plena em Matemática. - Veio para Dourados em dezembro de 1971, pois se casou com alguém da região. - Em janeiro de 1972 ingressou no Ensino da Matemática em Dourados. Na Universidade Estadual de Mato Grosso, ingressou em fevereiro de 1975 para dar aula no curso de Licenciatura Curta em Ciências. - Fez dois cursos de pós-graduação, um em Metodologia do Ensino

	<p>Superior, pela Universidade Estadual de Londrina, e uma especialização em Matemática na UFMS em 1982.</p> <p>- Na década de 1980 não tinha mão de obra qualificada em qualquer área, as faculdades e as universidades tinham, então, um papel de grande importância para o desenvolvimento da cidade.</p>
Faccenda/Manzine	<p>- A cidade era horrível, pois era só aquela terra vermelha. As casas eram sujas. (Faccenda)</p> <p>- Quando chegaram em Dourados a cidade estava estagnada, tendo alguns impulsos no setor agropecuário. Mais recentemente as usinas sucroalcooleiras e as agroindústrias deram um impulso muito significativo de modo que considera Dourados uma cidade média já se aproximando de uma cidade grande.</p> <p>- A universidade se instalou nesse meio e contribuiu muito com o nível cultural, fazendo uma verdadeira revolução na região. (Faccenda)</p> <p>- Não havia, em Dourados, naquele tempo, mão de obra qualificada. (Manzine)</p>
Currículo	
Manzine	<p>- Lecionou, na UFMS, disciplinas como Análise, Cálculo Diferencial e Integral e Álgebra Linear.</p> <p>- Praticamente não participou da estruturação da proposta curricular da Licenciatura em Matemática, pois quando chegou ela já estava pronta. Apesar disso, propôs alterações como o número de horas e o conteúdo das disciplinas, no sentido de adaptar melhor as condições de aula.</p>
Abramo	<p>- Trabalhou com a disciplina de Física dentro do curso de Ciências curta, ingressando assim na universidade Estadual de Mato Grosso.</p>

	<ul style="list-style-type: none"> - Não nega a existência de influências do curso de Campo Grande. - Seguiam o currículo mínimo estabelecido pelo MEC.
Faccenda	<ul style="list-style-type: none"> - As grades curriculares eram postas constantemente em revisão. Considera que as primeiras grades curriculares da graduação eram muito rígidas e não atingia o objetivo do curso.
Ana Maria	<ul style="list-style-type: none"> - Os professores apenas elaboravam sugestões, pois seguiam o currículo mínimo e quem decidia qualquer alteração era o Conselho de Ensino e Pesquisa e a Pró-reitoria de ensino da UFMS. - Ministrou disciplinas como Prática de Ensino da Matemática, Complementos da Matemática Elementar (seu foco, pois trabalhava com os calouros uma revisão dos conteúdos de Matemática), Geometria Analítica, Cálculo Diferencial Integral.
Faccenda/Manzine	<ul style="list-style-type: none"> - Todos os cursos de mesmo tipo da UFMS tinham o mesmo currículo. Existia briga entre os cursos (principalmente, do interior) por um currículo mais flexível às necessidades regionais.(Faccenda) - No primeiro ano da Licenciatura em Matemática, a grade curricular envolvia conteúdos básicos do segundo grau: Geometria, Fundamentos da Matemática, só viam os conteúdos básicos. Campo Grande conseguiu reverter isso, instituindo um currículo único e flexibilizando o conteúdo. Dentro do Cálculo, por exemplo, passou-se a abordar Fundamentos. (Faccenda)
Estruturação do Curso	
Manzine	<ul style="list-style-type: none"> - Afirma haver somente lousa, xerox e retro projetor como tecnologias para auxiliar nas aulas. A biblioteca sempre foi insuficiente.

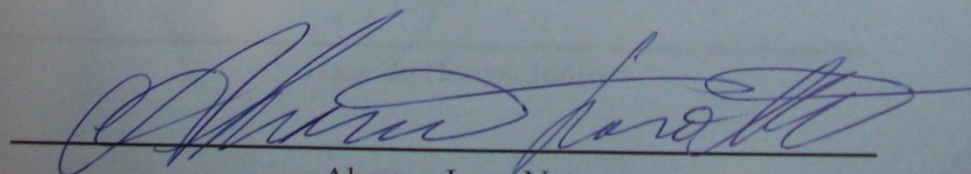
Abramo	<p>- A biblioteca não era muito boa. Empréstava livros seus para os alunos. Os professores faziam os pedidos dos livros, mas a instituição comprava poucos títulos e exemplares. Havia pouco investimento e a biblioteca trabalhava com o mínimo exigido pelo MEC. Muitos professores emprestavam seus livros aos alunos. Os professores vestiam a camisa do curso por amor e não somente pelo pagamento.</p>
Faccenda	<p>- Dourados sempre teve problemas em fixar professores com titulação, porque era muito isolado dos grandes centros. Considera que hoje essa situação mudou.</p> <p>- Acredita que houve uma influência política na criação inicial do curso de Matemática.</p> <p>- Utilizava as salas de informática para que os alunos praticassem os conteúdos de Cálculo Numérico. Fora isso, era giz e lousa.</p> <p>- A biblioteca era boa, não podendo haver reclamações. Os livros básicos e de consulta existiram lá até pouco tempo.</p>
Ana Maria	<p>- Os cursos sempre que foram criados em Dourados a partir da necessidade da comunidade. O município de Dourados estava crescendo, e assim aumentava o número de escolas, tornando crítica a falta de professores na área de Matemática.</p> <p>- Na época só tinha retroprojeter, que não era muito usado pela professora, a não ser em aulas de Prática de Ensino (para a qual, às vezes, usava material didático confeccionado por ela ou pelos alunos). Na aula de Matemática usava mais o quadro e o giz.</p>
Faccenda/Manzine	<p>- O curso de formação de professores de Matemática foi criado e implantado para suprir as necessidades de mão de obra especializada na região de Dourados, de professores do ensino básico. (Manzine)</p>

	<p>- Quando abria concurso e se inscrevia um cara com mestrado ou doutorado, Campo Grande ficava com todos. Considera, assim, que os bons professores, ou teoricamente os mais qualificados, iam para Campo Grande e os menos capacitados ficavam nos outros centros. (Faccenda)</p>
--	--

C - Carta de Cessão

Carta Cessão de Direitos

Eu, Abramo Loro Neto , declaro ceder à Tiaki Cintia Togura Faoro, RG 1147086, sem quaisquer restrições, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 6 de agosto de 2012, e também, os direitos sobre a transcrição e a textualização do referido registro oral.



Abramo Loro Neto

Carta Cessão de Direitos

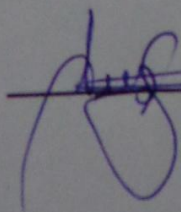
Eu, Ana Maria Sampaio Domingues , declaro ceder à Tiaki Cintia Togura Faoro, RG 1147086, sem quaisquer restrições, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 5 de novembro de 2012, e também, os direitos sobre a transcrição e a textualização do referido registro oral.

Ana Maria Sampaio Domingues

Ana Maria Sampaio Domingues

Carta Cessão de Direitos

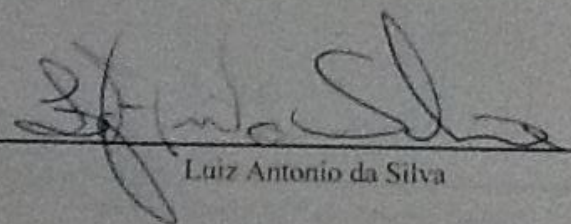
Eu, Luiz Gonzaga Manzine, declaro ceder à Tiaki Cintia Togura Faoro, RG 1147086, sem quaisquer restrições, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 23 de julho de 2012 e 25 de novembro de 2012, e também, os direitos sobre a transcrição e a textualização do referido registro oral.



Luiz Gonzaga Manzine

Carta Cessão de Direitos

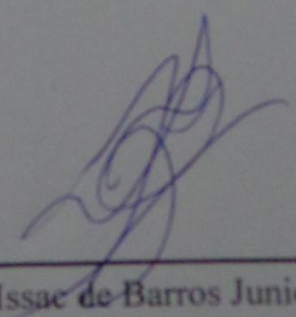
Eu, Luiz Antonio da Silva, declaro ceder à Tiaki Cintia Togura Faoro, RG 1147086, sem quaisquer restrições, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 08 de abril de 2013, e também, os direitos sobre a transcrição e a textualização do referido registro oral.



Luiz Antonio da Silva

Carta Cessão de Direitos

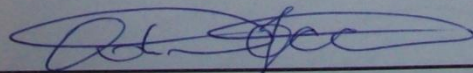
Eu, Issac de Barros Junior, declaro ceder à Tiaki Cintia Togura Faoro, RG 1147086, sem quaisquer restrições, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 13 de dezembro de 2012, e também, os direitos sobre a transcrição e a textualização do referido registro oral.



Issac de Barros Junior

Carta Cessão de Direitos

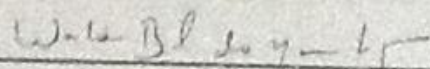
Eu, Odival Faccenda , declaro ceder à Tiaki Cintia Togura Faoro, RG 1147086, sem quaisquer restrições, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 30 de outubro de 2012 e 25 de novembro de 2012, e também, os direitos sobre a transcrição e a textualização do referido registro oral.



Odival Faccenda

Carta Cessão de Direitos

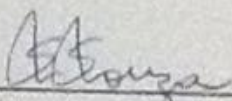
Eu, Waldir Brasil do Nascimento Junior, declaro ceder à Tiaki Cintia Togura Faoro, RG 1147086, sem quaisquer restrições, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi 08 de abril de 2013, e também, os direitos sobre a transcrição e a textualização do referido registro oral.



Waldir Brasil do Nascimento Junior

Carta Cessão de Direitos

Eu, Sidnei Azevedo de Souza , declaro ceder à Tiaki Cintia Togura Faoro, RG 1147086, sem quaisquer restrições, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 06 de março de 2013, e também, os direitos sobre a transcrição e a textualização do referido registro oral.




Sidnei Azevedo de Souza

Carta Cessão de Direitos

Eu, Edmir Ribeiro Terra, declaro ceder à Tiaki Cintia Togura Faoro, RG 1147086, sem quaisquer restrições, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 29 de setembro de 2012, e também, os direitos sobre a transcrição e a textualização do referido registro oral.

Dourados, MS, 20 de Dezembro de 2.013



Prof. Me. Edmir Ribeiro Terra

D - Transcrição da entrevista

Issac de Barros Junior

T- Doutor Issac, eu gostaria de ouvir o seu ponto de vista, em relação a cidade de Dourados. Eu vi alguns artigos seus, acho que foi no site do Jornal Progresso, né, que o Senhor escreveu, sobre a cidade de Dourados. Eu não me recordo a data, eu conversei com a sua secretária, ela me falou que o Senhor escreve várias coisas sobre Mato Grosso do Sul...sobre Dourados e sobre as regiões. Perguntei se o Senhor era formado em História? e ela comentou que o senhor gostava muito de escrever sobre isso, aí eu perguntei se tinha algum livro que o Senhor utilizava né pra escrever, ela contou que disse não, é tudo há... a memória do Senhor, que seu empregado escrevia que tudo guardava na memória. Ah... Eu queria que o Senhor contasse alguma coisa, como se deu essas, essas memórias do Senhor, é o que o Senhor escreve né, eu queria saber um pouco mais? De conhece-las.

I – Bem... Inicialmente, eu queria dizer o seguinte, eu não tenho formação de história...

T- Hanra

I – Eu tenho formação em Comunicação Social, sou jornalista de formação, e Advogado Militante da Comarca... todavia, durante meio século vamos dizer assim, cinquenta anos aí. Pelo fato da minha família, ser uma família de desbravadores. Eu sempre busquei interar a historia não Dourados, mas toda a nossa história regional. Essas, minhas pesquisas, foram publicada em diversos jornais do Estados, fazendo com que há, chamasse atenção, do instituto histórico Sul-Mato grossense...

T- humhum

I – Ao qual pertenco agora...e até uma vez eu disse a eles, que achava interessante isso, visto que não tinha nenhuma formação, em História. Eu tenho um ponto de vista, aonde dizem que a historia humana exata, eu digo que a historia da humana exata é como alguém mentirosa, ela não é pesquisada. Dourados é um caso de história forjada, que nós precisamos trazer a Luz da verdade, mesmo depois do transcurso de um século ou quase outro meio século.

T- humhum

I – Porque existem erros na Historia de Dourados contos na Historia de Dourados, praticamente quando terminou a Guerra do Paraguai em 1870. Fazendo amizade com Joaquim Murtinho, um

gaúcho de Porto Alegre, empreendedor, fornecedor do Exército Brasileiro na Guerra do Paraguai. Teve também Tomas Laranjeiras, ele se interessou em fazer algumas arrendamento no sul de Mato grosso, Mato Grosso Uno.

T- humhum

I – E esse Senhor teve a oportunidade de conseguir junto ao Governo Imperial uma concessão especial para explorar a mata nativa formado em ervas, por que? porque Tomas veio para Mato Grosso do Sul fez essas medições era gaúcho, conhecia a Erva Mate. Ele viu que a Erva Mate Nativa aqui era muito grande, então unido ao Então Ministro da Fazenda Joaquim Murinho, eles formaram a sociedade e se chamou Empresa Mate Laranjeira de Importação e Exportação, alias eles escreveram ate em espanhol “Impotacion e expotacin”. E o Tomas começou a fazer então, hã, fazendo com que a nossa soberania Nacional que terminava a Guerra do Paraguai. Uma coisa tem que ser bem estabelecida, quem nos levou a soberania Nacional aqui nesse Território aonde já foi Paraguai, foi gaúcho, essas entradas de gaúchos, essas entradas de Sulinas asseguraram a soberania Nacional, elas foram iniciadas justamente com Tomas Laranjeiras, esse homem falava fluentemente o espanhol e o guarani, fazendo que fizesse grande amizade com os Índios da Tribo Teys, e os Teys é com os quais tinha amizade, facilitaram varias entrada pois eles conheciam esses caminhos e em 1890 meu avô então rapazinho, foi encontrado lá uma cidade Argentina, Santo Tomas. E... ali ele, se ofereceu para trabalhar em uma caravana de Tomas Laranjeiras. Então meu avô o Izidro Pedroso foi domador de cavalo, com essa condição aos dezesseis anos de 1890, ele foi formado mais um da equipe de caravana do Tomas Laranjeiras. Meu avô numa daquelas domas, ele sofreu um acidente nesse acidente ele foi muito bem cuidado, numa senhora da cor negra e ele já era abolicionista por tradição por pai era Tenente Coronel Xarrú lá era todos faragato, eles eram por meu avô por tradição abolicionista, e isso fez com que ele ficasse mais abolicionista do que nunca. E durante toda sua vida jamais permitiu que chamasse ninguém da cor negra de preto. Era mais um estilo de vida que ele tomou, tanto que no dia que ele faleceu 23 de abril de 1924, ele solicitou a um dos meus tios um pouco antes de morrer, que na hora ele queria ser conduzido na ultima hora, ele queria ser conduzido por homens somente da mão da epiderme negra, essa foi a ultima vontade do meu avô, foi inclusive respeitada mesmo porque quando o cemitério, hoje chamado cemitério Santo Antonio uma serie que criou o cemitério. Ele pediu que reservasse aquela carga municipalizada para enterrar o cadáver, que ali colocasses pessoas com epiderme negra sem nada deles cobrar. E infelizmente município sabe como é?

T- É.

I – não cumprindo esses dispositivos tratados com meu avô e mesmo assim e foi construído uma capela para meu avô. E nessa capela foi construído uma Saga. E todos negros daquela época e fizeram pela sua higienizaria com meu avô e não foram poucos, são todos do mesmo ossaria que estava meu avô, que foram depositadas no mesmo local.

E agora vamos em relação, vamos deixar um pouquinho meu avô de lado me empolgo falar do meu avô, que do passado o ecologista e monarquista. Ecologista nem sabia o que era ecologia mas era ecologista...

T- risos

I – Ele queria preservar tudo que era verde ele não gostava de...

T- Desmatamento

I - Dessas depredações, desmatamento que esses povo fazem...Hora eu vou conta uma coisa que é um assunto delicado que estou abordando inclusive num artigo que ainda não foi publicado, que traz inclusive testemunho da filha de Marcelino Jose Pires Martins. Marcelino Jose Pires Martins, ele é um cidadão que veio da região Sul, eu não sei precisão o certo porque os dados histórico que eu pesquisei ora diz que nasceu em um lugar ora diz que nasceu em outro. Esse povo do século XIX não tinha o costume de buscar documentar certos fatos alias justamente por isso que a historia de Dourados é mal contada, Marcelino Pires que ficou conhecido, ele chegou em Maracajú para trabalhar para um cidadão, e lá conheceu dona Eulária Pires com treze anos de idade. Naquele tempo vamos dizer que a mulher o casamento, a mulher casava jovem ainda ela se casou, tinha dezesseis anos quando se casou com Marcelino Pires e Marcelino já tinha seus vinte e seis anos. Ele se mudaram em Coronel Santa Teresinha que hoje é conhecido com município de Itaporã, ali ele fez duas colheitas, e nessas colheitas de café que ele era agricultor, ele não conseguiu colher porque a geada matou e o que ocorreu Marcelino mudou-se com toda família para um povoado que estava nascendo cujo o nome era Dourados e aqui chegando ele requereu para que tenha Grenol ele se apossou.

T- humhum

I – porque quase todos eram guerreiros e posseiros. Ele pegou e se apossou numa faixa de terra no qual ele deu nome Fazenda Alvorada, por sua vez tinha outro posseiro chamado Joaquim Teixeira Alves, que se apossou numa outra área de terra onde qual deu o nome de Fazenda

Cabeceira Alta. Eles se preocupavam com nomes e fazer posses mas não tinha domínio não tinha escrituras não passavam de posseiros...

T- Documentos.

I – não havia documentação legal nenhuma. Essa posse de Marcelino Pires, começava ali onde era o Jardim Alvorada, Parque Alvorada...

T- Parque...

I – aquela região toda e estendia onde é Praça Antonio João aqui era o centro da confusão...

T- risos

I – a suposta posse de Joaquim Teixeira Alves, vinha também na mesma direção, e isso fez com criasse uma rinha, entre Marcelino Pires e Joaquim Teixeira Alves. Existe uma lenda que Marcelino Pires, mandou assassinar o Joaquim Teixeira Alves. Eu te pergunto como? E que Joaquim Teixeira Alves morreu em 1920 assassinado evidente, mas Marcelino Pires morreu doença em 1915...

T- morreu antes...

I –nunca vi um defunto mandar matar alguém cinco anos depois...

T- risos. Isso é verdade.

I – Isso é uma das bobagens. Se o povoado já existia e já havia uma serie de construção a base de sapé então Marcelino Pires não é realmente o verdadeiro fundador de Dourados. Há um comentário que eu coloco em âmbito legal, é o seguinte dizem que Marcelino Pires doou uma faixa de terra para ser povoado em Dourados...

T- risos

I – pergunto-lhe como advogado? Desde quando uma pessoa pode doar alguma coisa...

T- risos

I – Ele não tem domínio como ele vai doar alguma coisa. E outro fato mais, mais interessante que acho tudo isso aí, que eu tenho questionado já que Marcelino Pires doou essas terras para seu futuro município, este documento, documento muito importante histórico, eu já pesquisei em todos os cartórios possíveis e imaginários que existia na região que ainda existe e eu não consegui encontrar este documento de doação...

T- exista

I – portanto este documento de doação se você me permite eu estou afirmando que não existe. Dourados na verdade foi fundada por pessoas que caminantes errantes, tropeiros, eles foram fazendo isso uma espécie de troncamento eles começaram a erguer um povoado e assim as primeiras casa quem foi construiu aqui dentro no período do povoado foi General Pereira de Araujo que era carpinteiro ele construiu não uma mas as cinco primeira de casa de madeira foi ele que construiu. Então quem começou a erguer o povoado, foi esse General Pereira de Araujo. Um outro fato, que todo mundo comenta que eu acho uma grande injustiça, sou oficial da reserva e eu tenho pesquisado os anais do exercito a veracidade de alguns fatos, o Tenente Antonio João Ribeiro que não passava de subtenente, ele era de Ipotoné e veio para cá forte dos Dourados fica lá perto, este forte chamava de Fortes do Dourados porque o Rio Dourados passava nos fundo.

T- humhum

I – então o sub- tenente Antonio João Ribeiro com os seu soldados resolvera enfrentar 300 paraguaios. Há duas versões no período militar e provavelmente ele tivesse no meio de fogo porque ele ingeria bebida alcoólica porque seria um ato de loucura ou ele resolveu mesmo fazer o que fez só que ele queria dizer o seguinte que o tenente Antonio João Ribeiro, ele tinha uma formação primeiro ano do curso primário vamos dizer assim, ele sabia assinar o nome dele, como é que o tenente Antonio João Ribeiro pode escrever uma carta, sei que morro mas o sangue dos meus companheiros servirá de protesto solene contra os invasores do solo de minha Pátria, quem escreveu isso aí foi o Tuné, o Visconde Tuné, é que costumava escrever como repórter, que costumava relatar todas coisa da guerra do Paraguai.

Este tenente Antonio João Ribeiro até então irregular, morreu 300 km daqui, nunca esteve em Dourados,então absurdo colocar-se lá...

T- risos

I - No Brasão do Município terra de Antonio João Ribeiro, porque a terra Antonio João Ribeiro é Ipoconé. E o Antonio João quando faleceu nem existia Dourados de projeto. Essa historia das três padroeiras, também não tem nada oficial, porque Dourados sempre foi Dourados. As três padroeiras é uma coisa bem até simplória, que envolve um pouco de misticismo. A colônia Paraguai criou é uma espécie de adoração, outro grupo criou a Nossa Senhora Conceição e outro criou Nossa Senhora Aparecida que é lá na Vila São Pedro. Era tanto Nossa Senhora nesta

Historia, quando alguém perguntava para alguém você vai aonde? Eu vou lá ao lado das três padroeiras. Mas nunca foi o nome oficial, sempre foi Dourados. Outro ato injusto que se faz, e esse, eu posso dizer com base nos documentos, é, coronel...é ... como é o nome dele, veja nome daquela rua do cemitério, Coronel Ponciano Pereira de Matos...

T- Ponciano

I – Logo Coronel Ponciano Pereira de Matos, ele tenente, o prefeito de Ponta Porã e Dourados naquela época pertencia e toda essa faixa litoral pertencia ao município de Ponta Porã. E então prefeito, Ponciano Pereira de Matos, foi ele o autor que criou o distrito de Dourados, esta documentado não tem jeito. Eu nem vou discutir uma coisa que é problema que vivo em choque, porque eu tenho que ficar ou com o documentos ou com conversa fiada, e prefiro ficar com o documento. Para ficar com a prova do documental ocorre um pequeno problema, Dourados foi é, elevada a Município pelo então intendente Governador Doutor Mario Correia da Costa dia 23 de dezembro 1935 e o prefeito João Vicente Ferreira foi nomeado 24 dezembro de 1935. Isso prova documental incontestado. Eu quero crer que algum imbecil, por razões comercial que resolveu mudar esta data para 20 de dezembro. Dourados não foi, Dourados não foi, é por que Dourados, diz o decreto esse decreto entra rigor na data da sua publicação, a data da publicação do decreto 23 de dezembro 1935, assinado então Governador Mario Correia da Costa, neste dia o Município de Dourados. Dia 24 nomearam o prefeito, mas eu quero crer e com as proximidade das festa de final de ano, o comercio resolveu dar uma passada de mão legal aí ...

T- risos

I – E mudaram a data inclusive da fundação do município, ou seja, festeja se a data da fundação do município de Dourados no dia errado. E dá-se o nome ao fundador de Dourados, para um cidadão que se chegou no povoado como já existia. E ignora-se aquele que realmente, politicamente criou primeiro distrito. O distrito foi a célula mátria que levou a criação do município e inclusive foi o coronel Ponciano Pereira de Matos, que impediu para então Governador Mario Correia da Costa, então entende-se de Ponta Porã o prefeito, qualquer coisa pediu... como ele há...aquele distrito...eu já fiz aquele virar distrito. Então vamos formar o município depende do decreto do senhor, só que infelizmente o coronel Ponciano Pereira de Matos faleceu 6 meses antes, da data do desmembramento essa faixa territorial e consequentemente ele não pode ver prevalecer aquele sonho por ele acalentado por tantos anos. Então há muita injustiça e eu as vezes até sou aconselhado a não ficar tocando nessas feridas, eu

tento dizer o seguinte, ó minha família esta aqui há 130 anos, eu sou dessedente de desbravadores, eu conheci a historia de Dourados, contados pelos próprios. Tenho pesquisa de 50 anos e tenho provas documentais, então jamais vou me curvar diante de determinadas besteiras, como essa de criar na Picadinha, um Quilombo. Esse cidadão, que dizia que era filho de escravo Desidério. Meu avô, meu avô era espécie de referencia de abolicionista. Meu avo foi compadre de Desidério, aquele que se chamava de compadre Desidério. dos três primeiros filhos de Desidério e meu avô deu a ideia para o Desidério ir ate Nioaque requerer essas terras, que na época ficava na boca quicara. E essas terras e depois com o tempo com morte passou para os filhos e aí foram só...aí né, não tem quilombo, primeiro Desidério não era escravo, entendeu? (rs) porque ele já nasceu na lei do ventre livre, então ele já nasceu livre, era boiadeiro e agora tem essa besteira de quilombola de não sei o que mais. Uma coisa que eu sempre defendo e que tem me custado caro, eu tenho dito o seguinte, nós temos que colocar na cabeça que nós somos aqui os intrusos e os visitantes, quem estavam aqui antes eram os índios. Portanto ao meu ver, qualquer discussão de terras passa pelos índios, que infelizmente eram nômades, não eram pessoas voltadas para o interesse comercial e cultural, eram pessoas que habitavam por um tempo o local, saiam com o tempo e migravam para outro local. Então eu acho que temos que ver, inclusive, que as terras que os índios ocupam são terras da união. Então os fazendeiros estão brigando com a União, agora não é fazendo violência, matando querendo se impor pelo direito da força que vai conseguir alguma coisa, nos precisamos usar a força do direito, sermos sensatos, eu já paguei um preço muito caro de tomar certas posições, mas vou continuar tendo essa posição, porque eu acho que qualquer discussão sobre direito de propriedade, passa antes mais nada pelo nossos serviços. Dourados foi uma cidade que passou por um período violento, nós tivemos duas, três coisa importante em Dourados. A primeira imigração pós guerra do Paraguai, no século XIX, uma segunda imigração nos anos 30, foram aqueles revolucionários pessoas ligados a Waldomiro do Amaral, seu Waldomiro do Amaral era engenheiro Agrônomo e inclusive Capitão do exercito, povo do Getulio Vargas. Aqueles militares ligados a Getulio Vargas vieram para cá. Inclusive tinha de Getulio Vargas da família que mora em Ponta Porã. E esta foi a segunda imigração e foi muito boa para Dourados. Houve uma terceira imigração esta em 41, na chamada Rumo a Oeste, Caminho Rumo Oeste. É onde chegam os Nordestino, digam de passagem estes realmente como dizem o caboclo pegaram o cabo do mata burro porque foram eles, que realmente pegaram no serviço pesado para fazerem 27 município que estão aí. Outra ingratidão se faz com os nordestinos, quer se entregar hoje certos progressos a lavoura mecanizada, mas ela começou em

69, ou seja, quando a lavoura mecanizada, na ultima imigração gaucha ou sulina porque não é gaucha já veio de Paranaense, Catarinense e já foi Sulina. Esta ultima imigração contribuiu para desenvolvimento para cidade de Dourados inevitavelmente, ela apenas acabou de encerrar aquele circulo de exploração o grande desenvolvimento de Dourados, começou a ser notado no ano 51, basta que você pegue o numero primeiro do Jornal Progresso, você vai encontrar alguma coisa a respeito disso em manchete. Quero crer que finalmente Dourados se tornando uma cidade polo o município no modelo do INCRA que foi diante muitos anos pela sorte eu acho uma sorte, é, qualquer região se beneficia com a cultura porque no instante que as Universidade começaram a se instalou em Dourados começamos a dar uma nova direção a Dourados, eu vou bancar o divisionista de cara, já vou dizer o seguinte eu acho se Campo Grande continuar fazendo política Morena, ignorar nosso potência regional, nos podemos perfeitamente nascer um novo estado como Mato Grosso do Sul aqui uma capital em Dourados já que Campo Grande sempre quis que o Estado chamasse Campo Grande Capital Campo Grande então que eles por lá, estou pregando neste instante que nos temos suficiêcia de poder econômico de população para formar um estado na União.Então é isso que eu vejo esta caminhada Douradense. Mais Algo que eu possa esclarecer.

T- Eu queria que o Senhor comenta-se também esse período do desmembramento do Estado, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul é que o Senhor estava no Estado nesta época né?

I – Eu nasci em Dourados

T- permaneceu esse tempo doto em Dourados?

I – Eu só sair de Dourados por razoes de estudo estive fora alguns anos de estudo. Mas principalmente neste ano da divisão, eu era chefe de gabinete do prefeito José Murilo neste ano eu também pude acompanhar vários passos e momento da divisão do estado. É isso sonho que vem sendo incrementado desde a época em que houve a revolução constitucionalista Paulista de 32, quando doutor tentou aqui Mato Grosso não deu certo porque na época da Revolução Constitucionalista, só ficou o Polo de Mato Grosso brigando com o resto Brasil e acabou e morreu por ali. Mas o que ocorre o norte de Mato Grosso, quando nasceu, nasceu com vontade de explorar garimpo era outra espécie de cultura e acabava de misturar cafuzo e mameluco e até criaram um sotaque engraçado que você escuta das pessoas cuiabano. E já no Mato Grosso colonizado por mineiros, paulista, gaucho, catarinense, paranaense e goiano. Este Mato Grosso, este lado do Sul aqui, começou a produzir muito mais economicamente mais continuava sendo

desprezado como se não fizesse parte, só existia o norte de Mato Grosso e isso foi criando animo divisionista e 77 no então Presidente Ernesto Gêiser, que era descendente de alemães, era luterano não tava mais, pouco se lixando para dar satisfação para a igreja católica que era contra a divisão, eu não porque eu não entendo nada disso e aí ocorreu o seguinte em 77 o estado dividiu houberam assim grandes confusões. Doutor Pedro Pedrossian queria e porque queria ser o primeiro Governador, para entrar em acordo de jeito nenhum com outra facção que não queria como governador e isso acabou fazendo com que presidente Ernesto Gêiser nomeasse o chefe DONS Departamento Nacional de Obras Elemento, um gaúcho chamado Amorim Costa que seria o primeiro governador do Estado. Entretanto o Doutor Pedro Pedrossian não se deu vencido tratou de candidatar para Senador e como Senador da República e começou uma nova pressão e essa nova pressão e seus direitos políticos não impediam que ele fosse o Governador de Mato Grosso do Sul, o que ele fez buscou em outros companheiros deles um de confiança que era Marcelo Miranda prefeito de Campo Grande que coseguisse o Governador nomeasse Marcelo Miranda Soares Governador de Mato Grosso do Sul, mas de repente Marcelo Miranda Soares começou a achar líder demais e o Pedrossian novamente começou a conspiração desta feita o governo teve que afastar este funcionário de carreira e esse entre que durava essa confusão então presidente da assembleia legislativa deputado Gomes Machado foi governador interino do estado. E acabou vindo doutor Pedro Pedrossian sendo Governador ele conseguiu...

T- Ele eleito né

I – não, ele primeiro foi nomeado...

T- ah! Ele foi eleito

I – depois ele foi eleito governador. Doutor Pedro Pedrossian governou os dois juntos ele foi governador três vezes. Ele tinha sim uma vontade de ser governador eterno e isso irritava seus contrários da política eles perpetuavam o poder mas ele foi um excelente governador. Diga de passagem eu vou até tomar liberdade sem ofensa a ninguém no meu ponto de vista Doutor Pedro Pedrossian foi o maior governador que nós já tivemos, como ele não só nos colocou no mapa no avanço social e econômico deu uma nova face para este Mato Grosso um e depois para Mato Grosso do Sul. Doutor Pedro sempre foi um homem voltado para agricultura e para a necessidade de se criar adversidade, eu acho que todo povo que se preocupa com cultura e segurança pública esta se preocupando com o desenvolvimento.

T- ahh olha, o curso de Matemática, vou falar um pouco mais sobre o curso de Matemática...

I – Pois não.

T- É o tema, objeto da minha pesquisa, ele se instalou aqui no Estado Mato Grosso do Sul, em Dourados em 87...

I – Perfeitamente.

T- è então, esse movimento que trouxeram vários professores de fora, tinha uma questão política, tinha um confronto político aqui dentro do Estado, relacionada a Faculdade? Senhor sabe?

I – Pelo contrario minha jovem...

T- não.

I – eu como fui, eu sou do tempo que agente fazia, cinco anos de primário, quatro anos de ginásio e três anos de científico e cinco de faculdade. Mas aconteceu o seguinte problema da Matemática, foi um problema curricular escolares, para mim a Matemática foi sempre um terror nos tempos de estudante, nunca foi muito simpático a Matemática então o que aconteceu ao criar o curso não se preocupou com uma coisa professor, quem vai administrar, quem vai dar esse curso. Então foi criada duas situação, uma política para pegar pessoas despreparada e a outra política que tinha os olhos voltado para o futuro, para conhecer a cidade esta buscou metodologia paulista em diversos locais principalmente no interior paulista, é esses mestres acho que acertaram, acredito nessa área muita gente esteja se destacando, então você me perguntou se houve um problema político, não houve. Político é um problema e sempre dá problema e eles por sua vez querendo proteger os apaziguados despreparados e haviam aqueles com visão do futuro e tinha pessoas realmente preparados para funções e exercer a função do Professor

T- A Cho que é só, porque nesse período da década de 80 não teve esses conflito políticos inexpressivos, né, ou teve?

I – Os conflitos políticos deixaram de existir em um determinado período como você esta falando, porque determinadas liderança foram envelhecendo e as jovens liderança chegando a maturidade eles não tinham esses ranços do colonismo tudo isso, essas bobagens hoje não existe mais, é que havia por exemplos a historia falando é do partido tal, se o cara era do partido BDP era partido do doutor Getulio Vargas trabalhista e se era do ADM você lembrava da outra situação, então havia assim, eram muito partidárias isso criou uma espécie de colonialismo que levou muitos anos a se desfazer e nesse período aí nós nos livramos políticas na única forma que cosegue se livra de um político que eu conheço, a única forma de salutar se livrar determinados

políticos isso foi morrendo e aí foram acabando essas lideranças então houve um período de serenidade, onde falou mais técnico.

T- Buscava mais o progresso da cidade.

I – Exatamente o lado técnico que queria mais o progresso não só cidade mas para toda região como tinha interesse de fazer as coisas bem feitas tem que ser, e foi um período excelente, por que esse período contribuiu muito para o nosso desenvolvimento, muito mais que os políticos vamos nos dizer em cinquenta anos fazendo politicagem.

T- Como o senhor estava na década de 80 aqui na cidade, como era a cidade? Já havia vários, o centro comercial já existia. E eram a população era grande ou já estava crescendo neste período, a economia como era, a política...de maneira geral.

I – Ora...Dourados de 80, vamos dizer que era uma cidade, simplória, pacata e tranquila de interior e todas as pessoas se conheciam, eu vou dizer que toda a região aqui somando todo mundo devíamos estar por volta de com todo mundo não só Dourados 50 mil habitante. Todo mundo da região se conhecia com todo mundo. De repente nos anos 80 começou a vim um êxodo muito grande e praticamente de 80 a 90 a população de Dourados triplicou e 90 a 2000 duplicou e se hoje o IBJE fizesse como deveria ser feito, eu tenho a impressão que a população é ainda maior eu não entendo muito de Matemática eu já disse a você mas matematicamente é meio esquisito, Dourados tem 190 mil eleitores e 200 mil habitantes não parece estranho, então somente 10 mil não vota. Tenho impressão que a população é ainda maior e o IBJE não esta fazendo senso com seria ser feito, eu pergunto para muita gente, houve um senso recente, o senso procurou você? Não. Já vou afirmar no meu escritório ninguém recebeu a visita do senso. Eu tenho impressão que o senso não esta de acordo com a realidade, a mim me parece que Dourados esta chegando na faixa de 400 mil habitantes.

T- Será.

I – Sim senhora, pode me dizer que daqui uns anos alguém vai me dar razão, se você fazer um estudo da economia, veja a do veículo quantos temos em Dourados, temos 45 mil veículos rodando diariamente dentro das cidades carros nas cidades e mais 30 mil veículo que na cidade que rodam entendeu e fora isso temos 40 mil motoqueiros. Se for juntar motoqueiro, motorista você já vê a população montada em Dourados vai ser muito maior que a população que anda a pé. Esse senso de Dourados esta errado, alias coisa errada em Dourados é o que mais tem, eu estou

apontando mais uma falha que eu vejo eu pretendo estou escrevendo uma matéria que sairá no dia 20 que não vai agradar muito, porque estou provando que A+B estou fazendo o que vocês fazem nas ciências exatas eu tenho que mostrar histórias ela tem que ser exatas ela não pode vim, fingida pela falsidade, em Dourados infelizmente que esta ocorrendo neste momento é isso. Temos um fundador que não fundou, temos uma data de aniversário errada para festejar...

T- O que não é.

I - Queremos dar valor no desenvolvimento da cidade, desprezando aqueles realmente que são responsáveis com desenvolvimento, temos mais uma, você que é dessa área se quiser fazer uma pesquisa eu queria dizer o seguinte eu vou dar exemplo próprio da minha família, eu tenho duas tias que não faziam o o no fundo do copo e ambas são nomes de escolas, eu considero um absurdo, uma heresia, nome de escola tem nome de pessoas ligadas a educação e que Dourados não faz isso, se dá nome aqui de qualquer Mané você coloca, essa é uma realidade. Eu vou te falar, porque é uma coisa da minha família, só vou falar um nome da minha tinha Ramona da Silva Pedroso era analfabeta, ANALFABETA, e é um nome de uma escola e isso eu acho isso um insulto ao bom senso! Ao lado do cemitério ficava na fazenda Coqueiro, e ao lado tinha um casarão bem grande. Tia Ramona se casou com Salviano Pedroso, eu falo que sou parente de rua, bairro, esquina,...e ela residiu por muitos anos naquele local. E depois ela se mudou para mais a frente, que hoje é o bairro Izidro Pedroso. Parte daquelas terras foram doadas, mas não é onde hoje está localizada a escola. E eu vou te fala um negócio, como é que se dá um nome para o aeroporto de um cidadão que nem deve ter conhecido um avião, toda a sua vida andou a cavalo e a carreta e num deve ter conhecido uma aeronave. E o nome dele está lá no aeroporto, não é estranho? Mas vou te falar, o que salvou os japoneses que vieram no Kasato Naruko foram as tradições. Você não vai encontra na cidade de Londrina nenhum nome fora do lugar, as escolas receberam os nomes de pessoas que estava ligadas a educação. Ma metrópole que teve a mão de obra nissei japonesa, virou aquela cidade fenomenal. Lá você não encontra nome em lugar errado, nada no lugar errado. Eu não sei que cultura é essa que relutamos aqui em Dourados que colocamos nomes errados em determinados lugares, as vezes eu brinco, será que isso não tem um pouco da cultura do Paraguai. Isso é um absurdo, certas honrarias que são feitas na cidade. Essa avenida Marcelino Pires deveria chamar Coronel Ponciano de Matos, Joaquim Teixeira Alvez, por que? A troco de que?

A única que tem o nome merecidamente é a rua chamada de Deputado doutor Weimar Gonçalves Torres. O que tem a ver chamar as ruas de Joaquim Teixeira Alves e Marcelino Pires, a única coisa que eles fizeram para ajudar a população, nem é ajuda, mas o que sabiam fazer era brigar um com o outro, se você encontrar alguma coisa eu vou ter que tirar o chapéu para você. Pois em cinquenta anos de pesquisa eu não encontrei nada que eles tenham feito para ajudar a população. A rua Toshinobu Katayama, eu um dia acabei fazendo graça para a família Noko, vocês não estão querendo que cora alguns nome Noko por ai né, porque estava ocorrendo alguns desentendimentos entre a população. Mas caso não colocasse esse nome, era um insulto para com a cidade de Dourados. Um dia eu fui em um discurso, por a mis b, eu acabei convivendo em uma beira da fogueira de vaidades que deveriam colocar o nome do primeiro migrante japonês a ter chegado na cidade.


Eu pensei em contar da mudança de nomes. Mas ai vamos melindrar em muitas famílias, eu prefiro a me ater a dignidade do silencio. (risos)

T - Doutor Issac eu agradeço a atenção. Obrigada.

I – Que nada. Eu quem agradeço. Se precisar estarei aqui.

ANEXO

A - Relatório Organizado pela UEMT.


 Governo do Estado de Mato Grosso
 SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
 UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO
 CENTRO PEDAGÓGICO DE DOURADOS
 Caixa Postal, 322 - 78800 - Dourados

RELATÓRIO

I - Nome do Estabelecimento
CENTRO PEDAGÓGICO DE DOURADOS

II - Sede
Dourados - Estado de Mato Grosso
Endereço - Rua João Rosa Goes s/n

III - Propriedade e Entidade Mantenedora
O Estabelecimento é de propriedade da Universidade Estadual de Mato Grosso, que o mantém.

IV - Histórico do Estabelecimento

Com a implantação da reforma administrativa, a partir de 1966, o governo do Estado de Mato Grosso, deu início a um processo de reestruturação e de criação de novas entidades administrativas que viessem atender as exigências e as solicitações de uma sociedade em período de transição, de mudança de sua estrutura sócio-econômica.

O crescimento econômico do Estado de Mato Grosso, principalmente no sul, fruto de expansionismo paulista e gaúcho, arrancou a economia mato-grossense da fase de subsistência para integrá-la na economia de mercado.

O avanço da fronteira agrícola em direção ao Oeste, criando áreas agrícolas de notável importância, como a região da grande Dourados, propiciou um movimento populacional intenso, fazendo com que houvesse diversificação de produção estadual, criação de pequeno merca-

Instituída pelo Dec. Est. n.º 1072 de 31-I-1970, criada pela Lei Est. 2947, de 16-IX-69
 Autorizada pelo Dec. Fed. n.º 67.464, de 4-XI-1970
 Cursos de Farmácia e Odontologia reconhecidos pelo Dec. Fed. n.º 67.383, de 15-X-1970



Governo do Estado de Mato Grosso
 SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
 UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO
 CENTRO PEDAGÓGICO DE DOURADOS
 Caixa Postal, 322 - 79800 - Dourados

do interno, introdução de novas técnicas, novos costumes e hábitos.

O crescimento econômico traz a criação de novas necessidades, entre elas a de formação de mão de obra especializada ou semi-especializada.

Face a isto, a administração estadual, consciente do extraordinário papel que representa a educação no processo desenvolvimentista, criou a Universidade Estadual de Mato Grosso, objetivando atender as reais necessidades e as exigências de nosso desenvolvimento sócio-econômico. Assim, através da Lei nº 2.972, de 02 de janeiro de 1970, que dispõe sobre a reestruturação e as diretrizes do Ensino Superior do Estado de Mato Grosso, dentre os vários Centros integrantes da UEMT, foi criado o Centro Pedagógico de Dourados, cujos primeiros exames vestibulares foram realizados nos dias 27 e 28 de março de 1971. As aulas foram iniciadas no dia 5 de abril do mesmo ano, para os Cursos de Letras e de Estudos Sociais, autorizados pelo Egrégio Conselho Estadual de Educação através da Resolução nº 10 de 26 de fevereiro de 1971.

V - Finalidade do Centro Pedagógico de Dourados:

- a) o desenvolvimento e a promoção da cultura por meio do ensino e da pesquisa;
- b) a formação de pessoal apto ao exercício da investigação filosófica, científica, artística, literária e tecnológica, bem como ao exercício do magistério das atividades profissionais intermediárias de grau de mercado de trabalho.



Governo do Estado de Mato Grosso
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO
CENTRO PEDAGÓGICO DE DOURADOS
Caixa Postal, 322 - 78800 - Dourados

- c) a prestação de serviço ao poder público e à comunidade
d) a elevação do nível técnico do corpo docente das escolas de 1º e 2º graus.

VI - O funcionamento do Curso de Ciências virá atender, sem dúvida, uma das maiores necessidades do nosso ensino, não só em Dourados e região, mas em todo o nosso Estado. É justamente nessa área, que se encontra o maior deficit de professor qualificado. Para comprovar isto, fizemos um levantamento no município de Dourados, nas cidades da jurisdição da Delegacia Regional de Ensino de Dourados (Itaporã, Caarapó, Naviraí, Rio Brilhante e Maracajú), bem como nas que se localizam nas jurisdições das Delegacias de Ensino de Fátima - do Sul e Ponta Porã que abrangem a região da grande Dourados, cujos dados estão representados nos quadros I, II e III abaixo:

Quadro I: Realidade dos professores do município de Dourados (Zona Urbana e Rural)

Disciplinas	Licen. Curta	Licenc. Especifica	Cades	Curso Superior	Sem nenhuma Formação	Total
Ciências	1	1	1	1	2	6
Matemática	2	1	-	3	6	12
Desenho	2	-	1	1	2	6
Física	-	-	1	1	1	3
Química	-	1	1	-	-	2
Biologia	-	1	-	-	-	1
Total	5	4	4	6	11	30



Governo do Estado de Mato Grosso
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO
CENTRO PEDAGÓGICO DE DOURADOS
Caixa Postal, 322 - 78000 - Dourados

Quadro II: Realidade dos professores da jurisdição da Delegacia Regional de Ensino de Dourados (Itaporã, Caarapó, Naviraí, Rio Brilhante e Maracajú)

Disciplinas	Licenciatura Curta	Licenciatura Específica	Cades	Curso Superior	Sem nenhuma Formação	Total
Ciências	-	-	3	-	7	10
Matemática	-	-	1	2	12	15
Desenho	-	-	-	-	5	5
Física	-	-	-	-	1	1
Química	-	-	-	-	-	-
Biologia	-	-	-	-	-	-
Total	-	-	4	2	25	31

Quadro III: Realidade dos professores da jurisdição das Delegacias Regionais de Ensino de Ponta Porã e Fátima do Sul

Disciplinas	Licenciatura Curta	Licenciatura Específica	Cades	Curso Superior	Sem nenhuma Formação	Total
Ciências	1	2	7	4	29	43
Matemática	-	2	2	7	34	45
Desenho	2	-	2	4	14	22
Física	-	-	1	1	3	5
Química	-	1	1	2	2	6
Biologia	-	1	-	-	-	1
Total	3	6	13	18	82	122

VII - Clientela:

Estão concluindo o 2º grau, no município de Dourados, no corrente ano, 203 alunos, assim distribuídos:

Instituída pelo Dec. Est. n.º 1.072 de 31-1-1970, criada pela Lei Est. 2.947, de 16-IX-69
Autorizada pelo Dec. Fed. n.º 67.484, de 4-XI-1970
Cursos de Farmácia e Odontologia reconhecidos pelo Dec. Fed. n.º 67.383, de 15-X-1970



Governo do Estado de Mato Grosso
 SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
 UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO
 CENTRO PEDAGÓGICO DE DOURADOS
 Caixa Postal, 322 - 78800 - Dourados

1 - Colégio Estadual "Presidente Vargas":Curso Científico-51	
2 - Centro Educacional "Menodora Fialho de Figueredo": Curso Normal - 25	25
3 - Centro Educacional "Osvaldo Cruz" Escola Normal "Olavo Bilac" 30	30
Escola Técnicas de Comércio "Santos Dumont" 74	74
4 - Colégio Imaculada Conceição:Curso Normal 23	23
	<u>203</u>
	Total: 203

Um grande número está concluindo o 2º grau nos municípios - de Fátima do Sul, Ponta Porã, Maracajú e Rio Brilhante. Além disto, existe, na comunidade, um elevado número de pessoas - que estão há muito aguardando o funcionamento do Curso de Ciências, dentre os quais se incluem os leigos que ministram aulas, nesta área.

Podemos citar ainda, vários ex-alunos do C.P.D. que, tendo prestado exame vestibulares para Letras, Estudos Sociais ou História, evadiram-se, após frequentarem alguns meses de aula, justificando que desejavam frequentar o Curso de Ciências.

VIII - Organização Administrativa

São órgãos da administração do C.P.D.

a) Diretoria

b) Conselho Departamental.

A Diretoria, órgão executivo encarregado de dirigir e coordenar as atividades do Centro será exercida pelo - Diretor e Vice-Diretor, nomeados pelo Reitor nas condições - estabelecidas pelo Estatuto da UEMT e terão atribuições específicas definidas pelo Regimento Geral da UEMT e pelo regimento do C.P.D.

O Conselho Departamental é o órgão deliberativo



Governo do Estado de Mato Grosso
 SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
 UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO
 CENTRO PEDAGÓGICO DE DOURADOS
 Caixa Postal, 322 - 79800 - Dourados

01 Deliberação

... e consultivo do Centro em matéria administrativa, financeira e didático-científica, sendo composto pelos seguintes membros:

- a) Diretor, como seu presidente
- b) Vice Diretor
- c) Os Chefes de Departamentos
- d) Um representante do Corpo discente

O C.P.D., de acordo com o Regimento Geral da UEMT, possui os seguintes Departamentos:

- 01 - Departamento de Educação (DED)
- 02 - Departamento de Comunicação e Expressão (DCE)
- 03 - Departamento de Ciências (DCI)
- 04 - Departamento de Estudos Sociais (DSO)

Destes, apenas o Departamento de Ciências (DCI) não está funcionando.

Os Departamentos compreendem disciplinas afins e congregam os docentes para os objetivos comuns de ensino e pesquisa (Art.57-Reg.G.UEMT).

Os Departamentos são dirigidos por um chefe eleito, em lista tríplice, entre seus professores, com mandato de dois anos, indicados pelo Diretor e designado pelo Reitor (Art.58 do RG.da UEMT)

IX - Curso e Vagas

Para o ano de 1974, pretendemos oferecer 40 vagas para o Curso de Ciências.

X - Localização:

- a) O prédio está situado a rua João Rosa Goes s/n.



Governo do Estado de Mato Grosso
 SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
 UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO
 CENTRO PEDAGÓGICO DE DOURADOS
 Caixa Postal, 322 - 78800 - Dourados

b) Salubridade

Ambiente saudável, isento de poeira, emanações mal cheirosas, água estagnada, lixo acumulado e que satisfaz integralmente às condições exigidas pela saúde pública.

c) Ausência de ruídos

Face à localização do prédio central em terreno de grande área, o silêncio reinante forma ambiente adequado ao trabalho escolar. Independente disso, os corredores e salas de aulas são revestidos de material à prova de ruído.

d) Causas perturbadoras de atenção

Instalações que não possibilitam a interferência de influências perturbadoras de atenção do estudante, afastado de fábricas, de casas de diversão, parques e amplificadores de som.

e) Natureza e Permeabilidade de terreno

Terreno natural, que permite escoamento fácil e rápido das águas por seu declive discreto, permeabilidade normal - consequentemente, a sua contaminação.

f) Regularidade do terreno

Terreno que apresenta, em sua área total, regularidade suficientemente plano e integralmente protegido contra erosão

g) Sistema de Esgôto e abastecimento d'Água; Rede Elétrica

O prédio possui uma rede de esgoto de acordo com o adotado no município.

As instalações sanitárias são de primeira qualidade, destinadas em separado, a homens e mulheres.

O abastecimento de água é feito por meio de ligação ao sistema de distribuição da cidade. A água recebida num reservatório subterrâneo com capacidade para 20.000 litros é em seguida bombeada para uma caixa d'água com capacidade de 10.000 litros. Possui instalações elétricas perfeitas.



Governo do Estado de Mato Grosso
 SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
 UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO
 CENTRO PEDAGÓGICO DE DOURADOS
 Caixa Postal, 322 - 79800 - Dourados

- h) O prédio foi especialmente construído para estabelecimento de ensino, de acôrdio com as exigências modernas.
- i) Situação
- Construção bem orientada y tendo as 4 faces limitando com logradouros públicos.
- j) Material de Construção
- O imóvel é de estrutura de concreto-armado, com acabamento de primeira qualidade.
- k) Entradas
- O edifício possui a sua entrada principal que passa pelo bloco administrativo e uma lateral que dá acesso ao auditório, Diretório Acadêmico e demais dependências do prédio.
- l) Salas de Aula
- O estabelecimento possui um total de 8 salas de aulas comuns, e mais 3 salas especiais para aulas e práticas de laboratórios.
- m) Isolamento
- As divisões abafam convenientemente e satisfatôriamente os uidos das imediações, pois foram construídas com este objetivo.
- n) Lousas
- As lousas são fixas na parede, na largura da sala.
- o) O prédio possui um bloco destinado a administração, subdividido em Secretaria, Biblioteca, sala de professores, Departamentos, Gabinete do Diretor, almoxarifado, arquivos, banheiros, etc.
- p) Existe um moderno auditório, com entrada independente, com capacidade para 420 pessoas.
- q) Em frente ao auditório localisa-se uma cantina e torllets



Governo do Estado de Mato Grosso
 SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
 UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO
 CENTRO PEDAGÓGICO DE DOURADOS
 Caixa Postal, 322 - 79600 - Dourados

- r) Sala destinada ao Diretório Acadêmico
 s) Na parte interna do prédio existe uma moderna piscina com vestiário e uma quadra de esporte de salão.

XI - Laboratório

Objetivando o funcionamento do Curso de Ciências, que é uma das velhas aspirações da nossa juventude, e uma das maiores necessidades, do nosso ensino, adquirimos os materiais necessários, inclusive reagentes, para a montagem dos laboratórios de física, química e biologia. Orientados por professores e técnicos no assunto, remetemos às firmas especializadas a relação de materiais, solicitando que nos fosse fornecido o preço (dos materiais), bem como as condições de pagamento. De posse das cartas-respostas, após a análise das mesmas, optamos pela proposta da firma Ecibra Equipamentos científicos do Brasil S.A., cuja relação, dos materiais adquiridos, segue anexo.

Esclarecemos que este Centro Pedagógico possui três salas próprias para laboratórios, anexo as quais existem mais três destinadas as aulas práticas e armários para depositar os reagentes.

XII - Biblioteca

Além dos livros, revistas e periódicos, que já vinham servindo aos cursos já ministrados neste Centro, tais como Estudos Sociais, Letras e História, adquirimos os livros destinados ao Curso de Ciências, cuja relação segue anexa.

XIII - Materiais pertencentes ao Centro Pedagógico de Dourados.

Mimeógrafo Rex-Rotary

Máquina Copiadora Thermo-Fax

Projektor de Slid - Marca Projefix Li.

Instituída pelo Dec. Est. n.º 1.072 de 21-1-1970, criada pela Lei Est. 2.947, de 16-IX-69
 Autorizada pelo Dec. Fed. n.º 67.484, de 4-XI-1970
 Cursos de Farmácia e Odontologia reconhecidos pelo Dec. Fed. n.º 67.583, de 15-X-1970



Governo do Estado de Mato Grosso
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO
CENTRO PEDAGÓGICO DE DOURADOS
Caixa Postal, 322 - 78800 - Dourados

Projeto Sonoro 16 mm - Marca Compost

Laboratório de confecção de slides

Lousas fixas nas salas de aula

Biblioteca - Relação bibliográfica anexa

Slides referentes a várias disciplinas

Pentagrama

Retro-Projeto

Flanelógrafo

Tela desmontável (para slide)

XIV - Corpo Docente

Professor Messias Faria Neto - Química e Física

Professora Ana Maria Sampaio Domingues - Matemática e Desenho Geométrico

Ítório Rodrigues da Silva - Ciências Biológicas. /

Declaração

Declaramos para os devidos fins e para que possa -
produzir os seus efeitos legais que, além dos professores
acima citados, temos na comunidade douradense os professo-
res Nelson Ortega Ortiz, licenciado em Biologia pela USP; a
professora Vera Lucia Bugeste Luciano, licenciada em Mate-
mática pela Faculdade de Ciências e Letras de Arapongas, Es-
tado do Paraná; o professor Blásius Rachor, licenciado em
História Natural, pela Faculdade de Filosofia da Pontifi-
cia Universidade Católica do Estado do Rio Grande do Sul.

Os Currículos dos professores acima estão sendo or-
ganizados, e os remeteremos com a maior urgência possível -
ao Conselho Estadual de Educação.

Instituída pelo Dec. Est. n.º 1.072 de 31-1-1970, criada pela Lei Est. 2.947, de 16-IX-69
Autorizada pelo Dec. Fed. n.º 67.484, de 4-XI-1970
Cursos de Farmácia e Odontologia reconhecidos pelo Dec. Fed. n.º 67.383, de 15-X-1970

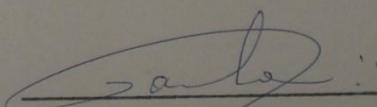


Governo do Estado de Mato Grosso
 SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
 UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO
 CENTRO PEDAGÓGICO DE DOURADOS
 Caixa Postal, 322 - 79000 - Dourados

A disciplina Elementos de geologia será ministrada por um professor do Departamento de Estudos Sociais, licenciado em Geografia.

As demais disciplinas constantes da Estrutura Curricular do Curso de Ciências serão ministradas pelos professores, pertencentes aos Departamentos de Estudos Sociais Letras e de Educação, cujos currículos foram aprovados pelo Egrégio Conselho Estadual de Educação, tais como:

Kiyoshi Rachi - Parecer nº 26/A - de 26/02/71
 Izaura Higa - Parecer nº 05/72 - de 05/01/72
 Lori Alice Gressler - Parecer nº 35/72 - de 22/03/72
 Mário Luiz Alves - Parecer nº 061/72 - CESU
 Zonir Freitas Tetila - Parecer nº 35/72 de 22/03/72
 Antonio Alves de Miranda - Parecer nº 061/72 - CESU
 Mário Geraldini - Parecer nº 061/72 - CESU
 Jorge João Faccin - Parecer nº 061/72 - CESU
 Generosa Cortez de Lucena - Parecer nº 061/72 - CESU.


 Dr. Milton José de Paula
 Diretor do CPD.

XV - Conselho de Ensino e pesquisa da UEMT.

Na sua primeira reunião em 26/x/73, o Conselho de Ensino e Pesquisa da UEMT, de acordo com o artigo 39, letra C, do Regimento Geral da UEMT, pronunciou favoravelmente ao funcionamento do Curso de Ciências, no C.P.D, já para 1974.

B – Resolução 074/85 - COEPE

RESOLUÇÃO 074/85 - CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

(Processo 6694/85)

O Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em reunião realizada no dia 19 de novembro de 1985 e considerando o artigo 8º, item I das Normas Regimentais Temporárias/UFMS e a Resolução nº 10/84 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão,

RESOLVE:

Art. 1º - Pronunciar-se favorável a extinção do Curso de Ciências: a) Licenciatura de 1º Grau e b) Habilitação em Matemática, do Centro Universitário de Dourados, a partir de 1987.

PARÁGRAFO ÚNICO - Aos alunos que ingressaram e ingressarão até o ano de 1986 fica garantido o direito à conclusão da licenciatura de 1º Grau e a Habilitação em Matemática.

Art. 2º - Pronunciar-se favorável à implantação, a partir de 1987, do Curso de Matemática, no Centro Universitário de Dourados/UFMS, no período diurno, com 20 (vinte) vagas anuais.

Art. 3º - O Curso adotará a estrutura curricular aprovada e regulamentada pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, através da Resolução 024/84-COEPE para o Curso de Matemática (Licenciatura Plena).

Art. 4º - Esta Resolução entra em vigor nesta data, revogadas as disposições em contrário.

Campo Grande-MS, 19 de novembro de 1985.

Hércules Maymone
HÉRCULES MAYMONE
PRESIDENTE EM EXERCÍCIO

*Revogada pela Resolução
nº 10/85 - COEPE*

**C – A primeira Grade Curricular do Curso de Licenciatura em Matemática da UFMS –
Campo Grande 1981**

Disciplinas	CH
Álgebra I	60
Álgebra II	60
Álgebra III	75
Álgebra Linear I	60
Álgebra Linear II	90
Aritmética e Álgebra Elementares	90
Matemática I	60
Matemática II	60
Análise Real	90
Cálculo I	90
Cálculo II	90
Cálculo III	90
Cálculo Numérico	60
Equações Diferenciais e ordinárias	90
Espaços métricos (optativa)	60
Variáveis complexas	90
Desenho geométrico	60
Fundamentos de geometria	60
Geometria descritiva	60
Geometria diferencial	90
Vetores e geometria analítica	90
Probabilidade e estatística I	90
Probabilidade e estatística II	60
Métodos matemáticos da física	60
História da matemática	30
Didática I	60
Didática II	60
Psicologia da educação I	60

Psicologia da educação II	45
Prática de ensino de matemática I	90
Prática de ensino de matemática II	60
Instrumentação para o ensino de matemática	90
Estr. e Func. Do 1º e 2º graus I	45
Estr. e Func. Do 1º e 2º graus II	45
Estudos de problemas brasileiros I	30
Estudos de problemas brasileiros II	30
Física geral I	60
Física geral II	90
Física geral III	90
Laboratório de física I	30
Laboratório de física II	30
Laboratório de física III	30
Educação física I	30
Educação física II	30
Educação física III	30
Educação física IV	30
Programação linear (optativa)	60
Processamento de dados	60
Métodos e técnicas de pesquisa	60
Biologia I	60
Química I	60
Língua portuguesa	60